

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS



**TENDÊNCIAS NO DESBASTE DAS
COLEÇÕES DE PERIÓDICOS IMPRESSOS
NAS BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS:
um estudo comparativo das estratégias adotadas
no Brasil e em Portugal.**

Gabriela Xavier da Silva

Dissertação orientada pelo Prof. Doutor Jorge Manuel Rias Revez, especialmente elaborada para a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Documentação e Informação

2021

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS



**TENDÊNCIAS NO DESBASTE DAS
COLEÇÕES DE PERIÓDICOS IMPRESSOS
NAS BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS:
um estudo comparativo das estratégias adotadas
no Brasil e em Portugal.**

Gabriela Xavier da Silva

Dissertação orientada pelo Prof. Doutor Jorge Manuel Rias Revez
especialmente elaborada para a obtenção do grau de Mestre em
Ciências da Documentação e Informação

2021

S586t

Silva, Gabriela Xavier da

Tendências no desbaste das coleções de periódicos impressos nas bibliotecas universitárias : um estudo comparativo das estratégias adotadas no Brasil e em Portugal / Gabriela Xavier da Silva. – 2021.

182 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Curso de Mestrado em Ciências da Documentação e Informação, Lisboa, 2021.

Orientação: Prof. Dr. Jorge Manuel Rias Revez.

1. Biblioteca universitária. 2. Desbaste da coleção. 3. Periódico impresso. 4. Estratégias de desbaste. 5. Gestão da coleção. I. Título.

CDU 025.2

RESUMO

O desbaste é uma atividade fundamental na gestão das coleções das bibliotecas universitárias. As mudanças sociais, em decorrência das tecnologias, trouxeram desafios para as coleções de periódicos impressos. A literatura destaca que este tipo de material tem sido preferido para o desbaste, por ocupar um grande espaço físico, necessário para outros fins, e em virtude da sua acessibilidade no formato digital, o que tem acarretado a baixa utilização dos volumes impressos. Neste contexto, entende-se o desbaste como um processo que poderá, a partir da avaliação do item, resultar no descarte ou remanejamento do título. Este estudo tem por objetivo identificar e comparar as razões que levam ao desbaste, e as estratégias que estão a ser adotadas pelas bibliotecas universitárias, no Brasil e em Portugal, para o desbaste da coleção de periódicos impressos. Caracteriza-se como uma investigação exploratória, na qual utilizou-se de relatos disponíveis na literatura para identificar as razões e as estratégias de desbaste, e do questionário para coleta dos dados junto de 118 bibliotecas. Os resultados mostram as razões para o desbaste, tipificadas em catalizadora e em secundárias, e as estratégias relacionadas com a forma como o desbaste ocorre e com as decisões tomadas na destinação dos itens. Conclui-se que as motivações para o desbaste são semelhantes, sendo a falta de espaço físico a principal razão que leva à ação de desbaste. Quanto às estratégias aferidas na literatura e nas bibliotecas investigadas, também são semelhantes, contudo, distinguem-se pelo tipo de item que está a ser desbastado. Percebe-se que, no Brasil, as coleções são trabalhadas de modo mais cooperativo entre as bibliotecas de uma mesma universidade, enquanto em Portugal, as decisões, em geral, são individuais, em cada biblioteca. Desta forma, o estudo atingiu os objetivos propostos, ainda que a construção do questionário, embasado na literatura, não tenha permitido conhecer as especificidades das bibliotecas investigadas e tenha tornado as respostas homogêneas, resultando em uma análise comparativa generalista.

PALAVRAS-CHAVE

Bibliotecas universitárias. Desbaste da coleção. Periódicos impressos. Estratégias de desbaste. Gestão de coleções. Brasil. Portugal.

ABSTRACT

Weeding is a fundamental activity in the collections management of university libraries. Social changes, as a result of technologies, have brought challenges to print journal collections. The literature highlights that this type of material has been preferred for weeding, as it occupies a large physical space, necessary for other purposes, and because of its accessibility in digital format, which has resulted in the low use of printed volumes. In this context, weeding is understood as a process that may be based on the evaluation of the item, resulting in the withdrawal or transfer of the title. This study aims to identify and compare the reasons that lead to weeding, and the strategies that are being adopted by university libraries, in Brazil and Portugal, for weeding the collection of printed journals. It is characterized as an exploratory investigation, in which reports available in the literature were used to identify the reasons and strategies for weeding, and the questionnaire to collect data from 118 libraries. The results show the reasons for weeding, typified in catalyst and secondary, and the strategies related to how weeding occurs and with the decisions taken in the destination of the items. We conclude that the motivations for weeding are similar, with the lack of physical space being the main reason for the weeding action. As for the strategies measured in the literature and in the investigated libraries, they are also similar, however, they are distinguished by the type of item that is weeding. It is noticed that, in Brazil, the collections are worked in a more cooperative way between the libraries of the same university, while in Portugal, the decisions, in general, are individual, in each library. In this way, the study reached the proposed objectives, although the construction of the questionnaire, based on the literature, did not allow us to know the specificities of the investigated libraries and made the answers homogeneous, resulting in a generalist comparative analysis.

KEYWORDS

University libraries. Weeding. Weeding strategies. Printed journals. Collection management. Brazil. Portugal.

DEDICATÓRIA

A minha mãe, Maria de Lourdes, por sempre me fazer seguir em frente.

A Júnia e ao Washington, por serem o suporte que tornam o caminho mais fácil.

AGRADECIMENTOS

Como diz a canção “a sós ninguém está sozinho, é caminhando que se faz o caminho¹”, por seguir nesse caminho, que depende em parte de nós mesmo e que não chegaríamos a lugar algum sem a ajuda, compreensão e apoio dos que estão a nossa volta, agradeço a todos que de alguma forma contribuíram para a conclusão desta dissertação.

Ao professor Doutor Jorge Manuel Rias Revez, por aceitar a orientação e tornar simples tudo que me parecia confuso, pela disponibilidade e diligência.

Ao coordenador do curso professor Doutor Carlos Guardado da Silva, pelos instigantes questionamentos no decorrer do curso, disponibilidade e apoio nesse percurso.

A todos os professores pela partilha de conhecimento.

Aos colegas de curso, companheiros ao longo desta jornada.

A todos que contribuíram no pré teste do questionário e aos que participaram da pesquisa, a conclusão deste estudo não seria possível sem vocês.

Ao Pedro pela amizade, por integra nosso trio de trabalho e sempre estar aberto às discussões.

A Raquel pela amizade, pelo companheirismo e por estar sempre disponível para tudo o que eu precisasse estando tão longe de casa.

Aos meus amigos pelo apoio e disposição sempre que solicitados.

A minha família, Maria de Lourdes, Antonio, Júnia e Washington por sempre me apoiaram e serem a base para qualquer caminho que eu decida seguir.

¹ Enquanto houver sol - Titãs

*“Papai, me compra a Biblioteca internacional de Obras Célebres.
São só 24 volumes encadernados em percalina verde [...]
Segue a Biblioteca pelo trem-de-ferro,
fino caixote de alumínio e pinho.
Termina o ramal, o burro de carga vai levando tamanho universo.
Chega cheirando a papel novo, mata de pinheiros toda verde.
Sou o mais rico menino destas redondezas...”*

(Biblioteca verde - Carlos Drummond de Andrade)

SUMÁRIO

RESUMO	i
ABSTRACT	ii
DEDICATÓRIA.....	iii
AGRADECIMENTOS	iv
LISTA DE SIGLAS	ix
ÍNDICE DE FIGURAS	xi
ÍNDICE DE QUADROS	xii
ÍNDICE DE TABELAS	xiii
INTRODUÇÃO.....	1
1. O DESBASTE DAS COLEÇÕES DE PERIÓDICOS IMPRESSOS NAS BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS	4
1.1. Gestão e desenvolvimento de coleção	6
1.2. Desbaste	11
1.2.1. O termo	11
1.2.2. O conceito.....	14
1.2.3. O processo	18
1.3. A prática do desbaste nas bibliotecas	20
1.3.1. Os critérios para o desbaste	20
1.3.2. O dilema do bibliotecário	23
1.3.3. Tempos de desbaste	25
1.4. A coleção de periódicos impressos	27
1.5. Razões para o desbaste da coleção de periódicos impressos	33
1.6. Estratégias adotadas no desbaste de periódicos impressos	39
2. METODOLOGIA.....	47
2.1. Justificativa e problemática	47
2.2. Objetivos	49
2.3. Caracterização do estudo	49
2.4. Amostra do estudo	51
2.5. Coleta de informação	54
2.6. Análise bibliográfica e de conteúdo.....	57
2.7. Inquérito por questionário.....	58
2.8. Análise dos dados	65

3. ANÁLISE DOS DADOS SOBRE AS COLEÇÕES DE PERIÓDICOS NAS BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS	67
3.1. Caracterização da amostra	67
3.2. Coleção de periódicos nas bibliotecas universitárias no Brasil e em Portugal	69
3.2.1. Aferição de uso das coleções.....	70
3.2.2. O tamanho das coleções impressas.....	73
3.2.3. Assinatura de periódicos.....	75
3.2.4. A inclusão de fascículos recebidos por doação e/ou permuta	83
3.2.5. A política	85
3.2.6. A biblioteca já realizou algum desbaste da coleção de periódicos impressos?	87
3.3. Razões para o desbaste	92
3.4. Estratégias de desbaste.....	100
3.4.1. Nas bibliotecas universitárias do Brasil	105
3.4.2. Nas bibliotecas universitárias de Portugal.....	107
3.5. Aferição das hipóteses formuladas sobre o desbaste	108
4. ANÁLISE COMPARATIVA DO DESBASTE DA COLEÇÃO DE PERIÓDICOS IMPRESSOS, NO BRASIL E EM PORTUGAL.....	110
4.1. Razões para o desbaste	110
4.2. Estratégias de desbaste.....	115
CONCLUSÃO.....	122
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	126
GLOSSÁRIO.....	133
APÊNDICE A – Lista das bibliotecas selecionadas.....	135
APÊNDICE B - Questionário.....	142
APÊNDICE C – Respostas sobre o controle de uso da coleção.....	151
APÊNDICE D – Respostas à Questão 12.....	156
APÊNDICE E – Respostas à Questão 17	159
APÊNDICE F – Respostas à Questão 18	160
APÊNDICE G – Respostas à Questão 28.....	161
APÊNDICE H – Respostas às Questões 29a. e 30a.	163
APÊNDICE I – Respostas à Questão 31	166
APÊNDICE J – Respostas à Questão 35	167
APÊNDICE K – Respostas à Questão 36.....	169

APÊNDICE L – Respostas à Questão 37	170
APÊNDICE M – Respostas às Questões 38 e 38a.	171

LISTA DE SIGLAS

ARWU	Academic Ranking of World Universities
B-on	Biblioteca do Conhecimento Online
BU	Biblioteca Universitária
CCN	Catálogo Coletivo Nacional
CREW	Continuous Review, Evaluation, and Weeding
DNA	Deoxyribonucleic Acid
FEBAB	Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas de Informação e Instituições
IC	Conceito Institucional
IGC	Índice Geral de Cursos
JSTOR	Journal Storage
LISA	Library and Information Science Abstracts
LISTA	Library, Information Science & Technology
ODLIS	Online Dictionary for Library and Information Science
PAAP	Programa de Apoio à Aquisição de Periódicos
QEQ	Quadro Europeu de Qualificações
QNQ	Quadro Nacional de Qualificações
RCAAP	Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal
SciELO	Scientific Electronic Library Online
STEPP	Supporting Transition and Education through Planning and Partnerships
UA	Universidade de Aveiro
UC	Universidade de Coimbra
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
ULisboa	Universidade de Lisboa

UMinho	Universidade do Minho
UNESP	Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UPorto	Universidade do Porto
USP	Universidade de São Paulo
VHS	Video Home System
WEST	Western Regional Storage Trust
WRLC	Washington Research Library Consortium

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Fluxo do processo de desbaste.....	20
Figura 2 - Print screem da página do ARWU 2020.....	53
Figura 3 - Gráfico quantitativo de resposta do questionário	63
Figura 4 -Gráfico do quantitativo de respostas das bibliotecas por universidade	68
Figura 5 - Quantitativo de resposta sobre o controle de uso da coleção de periódicos. .	71
Figura 6 - Gráficos do quantitativo de respostas das bibliotecas sobre a realização de assinatura	76
Figura 7 - Gráfico do quantitativo de respostas por universidades sobre a biblioteca já ter realizado o desbaste.....	88
Figura 8 - Gráfico do ano indicado pelas bibliotecas para o primeiro desbaste executado.	90
Figura 9 - Gráfico de indicação da contribuição das razões para a execução do desbaste.	99

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 - Definições de desbaste	17
Quadro 2 - Estratégias adotadas no desbaste da coleção de periódicos impressos	46

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Motivações para o desbaste da coleção de periódicos impressos	37
Tabela 2 - Relação total de bibliotecas e selecionada por universidade.....	54
Tabela 3 - Distribuição das respostas obtidas por país.....	68
Tabela 4 – Quantitativo de resposta sobre a forma de controle de uso da coleção por país	73
Tabela 5 - Estimativa de títulos e fascículos das coleções de periódicos nas bibliotecas universitárias.....	74
Tabela 6 - Razões pelas quais a biblioteca não tem assinaturas identificadas na Questão 12.....	77
Tabela 7 - Ano ou período de interrupção das assinaturas nas Bibliotecas universitárias	78
Tabela 8 - Informações descritas na Questão 14	79
Tabela 9 - Indicação do formato das assinaturas	80
Tabela 10 - Motivos para realizar as assinaturas em formato impresso e digital.....	81
Tabela 11 - Forma de realizar as assinaturas indicado pelas universidades.....	82
Tabela 12 - Motivos pelos quais as bibliotecas não incluem os fascículos de doação/permuta na coleção.....	83
Tabela 13 - Quantitativo de respostas sobre as bibliotecas integrarem um programa de preservação	84
Tabela 14 - Quantitativo de respostas sobre as bibliotecas terem uma política	85
Tabela 15 - Resultados sobre a política abordar os critérios e tomada de decisões sobre o desbaste dos periódicos	86
Tabela 16 - Quantitativo de respostas sobre a política abordar a questão da retenção e manutenção dos periódicos.....	86
Tabela 17 - Quantitativo de resposta a pergunta sobre a biblioteca executar atividades que podem desencadear o desbaste	91
Tabela 18 - Identificação da razão que levou as bibliotecas efetivamente ao desbaste .	93
Tabela 19 - Destinação do espaço físico liberado pelo desbaste da coleção de periódico	95
Tabela 20 - Respostas indicativas da necessidade de espaço e da atividade que motivou o desbaste.....	96
Tabela 21 - Formas de realizar o desbaste.....	101
Tabela 22 - Quantitativo de respostas a questão sobre a destinação dos itens remanejados.....	102
Tabela 23 - Destinação dos volumes descartados	103
Tabela 24 - Razões secundárias para o desbaste	113
Tabela 25 - Grau de contribuição das razões para a execução do desbaste.....	114

INTRODUÇÃO

A sociedade muda constantemente e isso se reflete na forma como a informação é armazenada, acessada e transmitida. Por séculos, uma enciclopédia representou um universo de conhecimento, objeto de desejo, sinônimo de *status*, a melhor forma de ter acesso ao imenso e vasto conhecimento do mundo, compilada em apenas alguns volumes, que hoje resumimos a digitar seis letras no navegador *Google*. Passamos por uma mudança drástica, proporcionada por um rápido avanço tecnológico, que impactou diretamente as coleções das bibliotecas.

As bibliotecas universitárias, no intuito de dar suporte as pesquisas, têm a demanda de adquirir os títulos de periódicos científicos, que trazem em seus volumes o conteúdo mais recente. Desde a publicação do primeiro periódico científico, o *Journal de Sçavans*, em 1665, as publicações periódicas começaram a se expandir e, conseqüentemente, as bibliotecas começaram a adquirir cada vez mais publicações. A tecnologia evoluiu, a sociedade, os usuários e as publicações periódicas adaptaram-se a ela. As coleções de periódicos tornam-se subutilizadas, o usuário não consulta mais os densos *abstracts* para encontrar o material que necessita e, eventualmente, não consulta os vários volumes das coleções de periódicos disponíveis nas estantes, pois estão disponíveis em bases de dados *online*, que desde que subscritas pela biblioteca, podem ser acessadas em qualquer lugar.

No momento atual, existe uma preferência por parte dos usuários pelos formatos digitais. A biblioteca tem-se adaptado e se reconstruído para satisfazer as demandas de uma sociedade cada dia mais voltada a tecnologia, e em que o espaço físico disponível em suas instalações tem-se tornado escasso. Torna-se um problema à gestão das coleções os volumes de vasto conhecimento, como as obras de referências e uma vasta coleção com muitos volumes de periódicos impressos. Assim as bibliotecas universitárias têm optado por desbastar as coleções de periódicos impressos quando possuem o acesso aos volumes em equivalente no formato digital, que as leva a ganhar espaço para outras demandas e a atende atual preferência dos usuários, sem deixar de proporcionar o acesso ao conteúdo das publicações.

Diante deste cenário, nos propomos a investigar o desbaste das coleções de periódicos impressos, tendo como objetivo conhecer as estratégias adotadas pelas

bibliotecas universitárias, no Brasil e em Portugal, no desbaste dessas coleções. Assim, nos questionamos: *que estratégias as bibliotecas universitárias públicas do Brasil e de Portugal estão desenvolvendo no desbaste de suas coleções de periódicos impressos?* Para responder a pergunta de partida e alcançar o objetivo geral, colocamos quatro objetivos específicos: localizar na literatura as motivações e as estratégias que vêm sendo adotadas pelas bibliotecas universitárias para o desbaste das coleções de periódicos impressos; identificar quais as razões e as estratégias que as bibliotecas universitárias brasileiras e portuguesas estão adotando no desbaste de suas coleções de periódicos impressos; comparar os resultados obtidos com os verificados na literatura; e aferir quais são as semelhanças e as diferenças entre as práticas adotadas nas bibliotecas brasileiras e portuguesas.

Iniciamos este trabalho com a revisão da literatura, em que buscamos compreender as diferenças entre a gestão e o desenvolvimento da coleção, uma vez que os termos são empregados em simultâneo e colocados como sinônimos. Abordamos o desbaste em três perspectivas: o termo, o conceito e o processo, apresentando suas variações e inconsistências. Na prática do desbaste nas bibliotecas, levantamos os critérios, a forma como as bibliotecas trabalham a execução do desbaste, e as questões que servem de obstáculos para os bibliotecários evitarem realizá-lo. Ao entramos na questão das coleções de periódicos impresso, contextualizamos sua atual situação nas bibliotecas e discutimos e categorizamos as motivações e as estratégias indicadas na literatura para o desbaste.

Na metodologia, traçamos a trilha que seguimos para a execução deste estudo, mostrando o porquê de ser uma pesquisa necessária e os problemas enfrentados pelas bibliotecas universitárias em relação a coleção de periódicos. Realizamos o enquadramento do estudo como exploratório de abordagem mista, à luz do pragmatismo. Prosseguimos com a apresentação da amostra selecionada para o estudo empírico e as técnicas adotadas na coleta de informação bibliográfica e de conteúdo. Relatamos como ocorreu a formulação, aplicação do pré teste e do questionário, e finalizamos o capítulo com a descrição do procedimento adotado na análise dos dados coletados.

Seguimos com um panorama da situação das coleções de periódicos impressos nas bibliotecas universitárias do Brasil e de Portugal, apresentando e analisando os cinco blocos de questões formuladas no inquérito. Iniciando pela caracterização dos participantes que colaboraram, preenchendo o formulário, abordamos os dados

fornecidos sobre as coleções de suas bibliotecas quanto a seu uso, a sua dimensão, a situação das assinaturas, dos fascículos recebidos por doação e permuta, a participação da biblioteca em programas voltados à preservação, as questões relacionadas com a política de diretrizes para a coleção de periódicos e a aferição das bibliotecas em que o desbaste da coleção de periódicos já ocorreu. Dando sequência com a identificação das razões e estratégias adotadas em cada um dos países, é avaliada a validade das hipóteses levantadas.

No capítulo quatro, analisamos, de modo comparativo, os dados identificados na literatura com os dados informados pelos indivíduos que representam as bibliotecas do Brasil e de Portugal. Narramos as semelhanças e divergências encontradas nas razões para o desbaste e estratégias adotadas em sua execução. Por fim, apresentamos na conclusão a resposta à pergunta de partida, aferimos o cumprimento dos objetivos, nos quais identificamos as razões para o desbaste e as estratégias adotadas no processo, na literatura, no Brasil e em Portugal. Analisamos os dados de forma comparativa, verificando que as razões e estratégias adotadas são semelhantes, ocorrendo distinções pontuais quanto ao tipo de item que está a ser desbastado, a forma como o processo é conduzido e os critérios adotados.

1. O DESBASTE DAS COLEÇÕES DE PERIÓDICOS IMPRESSOS NAS BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS

As bibliotecas são instituições colecionadoras. As suas coleções são construídas conforme a sua comunidade de usuários, a sua tipologia e a instituição às quais estão vinculadas. Assim, a atividade de desbaste da coleção, parte integrante do processo de desenvolvimento de uma coleção, constitui-se como prática fundamental para garantir que uma coleção se mantenha dinâmica, atualizada e satisfatória para os seus usuários.

Nas bibliotecas universitárias, as coleções desenvolvem-se com o objetivo principal de atender à comunidade acadêmica, estando estritamente vinculada as demandas do tripé do ensino, pesquisa e extensão, que se caracterizam como os pilares que sustentam o ensino superior. Tyckoson (2014, p. 60) define as instituições acadêmicas, como as escolas, as faculdades e as universidades que concedem grau acima do nível médio ou secundário, e podem ser públicas, privadas, com ou sem fins lucrativos. Para Cunha e Cavalcanti (2008, p. 53), uma biblioteca universitária é aquela que é “mantida por uma instituição de ensino superior e que atende às necessidades de informação dos corpos docente, discente e administrativo”. Entendemos que as bibliotecas universitárias são parte integrante do sistema que é uma universidade, considerando como tal, as bibliotecas centrais das universidades, bem como, as setoriais de faculdades, institutos e escolas que têm como intuito dar suporte ao ensino superior.

Numa universidade, a biblioteca encarrega-se de formar, desenvolver e fazer a gestão de algo tão complexo como a coleção. Conyers (2019, p. 1) argumenta que as coleções acadêmicas precisam corresponder aos padrões de credenciamento do ensino superior, pois são mantidas para atender a comunidade acadêmica e, por isso, devem garantir a cobertura adequada a todas as disciplinas ofertadas.

Na definição de Johnson (2014, p. 503, tradução nossa) a coleção é “um grupo de materiais reunidos por uma biblioteca ou indivíduo”, prosseguindo com a afirmação de que os materiais que constituem as coleções das bibliotecas podem ser “físicos, mantidos pela biblioteca, e recursos digitais (locais e *online*), selecionados e organizados pela biblioteca”. O início deste conceito, provavelmente, permanecerá válido por mais tempo, mas quanto aos materiais que formam a coleção, a questão dos itens serem ou não

mantidos pela biblioteca, e selecionados e organizados por elas, são pontos em que podemos claramente antever a metamorfose pela qual a coleção vem passando.

Um exemplo é a questão da propriedade, a ideia de o item pertencer e integrar a coleção da biblioteca, ocupando um espaço físico em uma determinada instituição, vem sendo, dia após dia, desconstruída. Na visão de Lankes (2011), as bibliotecas estão perdendo a posse dos materiais mais utilizados de suas coleções, por meio de assinaturas de bases de dados, de determinado título e/ou serviços de *streaming* para *e-books*; paulatinamente, as bibliotecas vêm desistindo de ter a propriedade sob um item para dar acesso à comunidade.

Seguindo a linha das mudanças, que afetam a coleção e os materiais que a compõem, além da questão da propriedade, San José Montano (2014, p. 91) as respalda em fatores como: a alteração da origem dos materiais, tal como o licenciamento, aquisições em consórcios e o surgimento dos repositórios institucionais que permitem “criar, manter e salvaguardar o capital econômico e institucional”; a composição dos materiais, o papel deixa de ser meio prioritário dos itens, incluindo-se objetos eletrônicos, digitais e digitalizados; o volume e a diversidade de materiais, com novos recursos as bibliotecas ampliaram o conteúdo disponibilizado, seja por acesso a repositórios e/ou pacotes de bases de dados. Desta forma, San José Montano (2011, p. 339, tradução nossa) expõe que o conceito tradicional dado a coleção, que remete a materiais tangíveis e ocupando um espaço físico não mais se aplica a realidade das bibliotecas universitárias e redefine coleção como “a soma dos materiais constituído por conteúdos e recursos informacionais que é gerenciado (selecionado, adquirido, avaliado, conservado, preservado, compilado, preparado, criado, organizado, rotulado, digitalizado, planejado e disponibilizado) por profissionais da informação e dirigido à comunidade universitária”.

Estas questões nos levam à complexidade inerente à gestão da coleção, que envolve todas as atividades relacionadas com o desenvolvimento, a formação e a manutenção das coleções.

1.1. Gestão e desenvolvimento de coleção

Não nos prenderemos muito às partes que compõem a gestão e o desenvolvimento de coleções e sua complexidade, uma vez que o foco deste estudo é o desbaste. Contudo, entende-se que é relevante introduzir o conceito, algumas de suas inconsistências e o processo que o abarca. Começamos pelas atividades de gestão, desenvolvimento e formação da coleção. Apesar de não haver muita diferenciação entre estas atividades na literatura, é comumente tratada por gestão e desenvolvimento da coleção, desenvolvimento e formação de coleção ou *collection development and management*. Buscamos compreender e evidenciar algumas das *nuances* que distinguem estes termos em sua aplicação às coleções.

Antes da concepção do termo desenvolvimento de coleções, empregava-se o termo seleção, o que em si era o foco do processo; mesmo hoje ainda é uma das partes mais trabalhadas dentro da temática. Segundo Johnson (2009, p. 1), na década de 60 do século XX, o termo ‘desenvolvimento de coleções’ passa a ser utilizado para substituir o termo ‘seleção’, até então empregue para referir-se aos processos que abordavam as coleções nas bibliotecas. O novo termo era mais amplo, não tratava apenas da seleção, pois abordava diversas questões que, conseqüentemente, já ocorriam nas bibliotecas ou que precisavam ser incluídos, como a política de seleção e sua coordenação com o processo, a avaliação e a análise da comunidade e da coleção. Entretanto, o termo ainda não era abrangente o suficiente e, na década de 80, é cunhado o termo ‘gestão da coleção’, que incluiria as atividades relacionadas com a manutenção da coleção, como as questões ligadas ao desbaste, à preservação e à atribuição da responsabilidade das práticas adotadas. Contudo, a autora afirma que os termos têm sido empregues como sinônimos, sendo o facto corroborado na literatura. Santos (2011, p. 8) afirma que os termos são utilizados em simultâneo e como sinônimos, e Díaz Jatuf (2011, p. 7) realiza um estudo sobre o uso da terminologia e aponta a importância de definir o contexto de uso de um ou do outro termo.

O termo formação que por vezes acompanha o desenvolvimento, pode ser entendido como uma tradução para o termo “*building*”, uma vez que este é colocado por Johnson (2014, p. 1, tradução nossa) como alternativa ao desenvolvimento, quando se refere a *development or building*, ao definir o desenvolvimento de coleção como o

processo de “desenvolver ou construir a coleção da biblioteca em resposta às prioridades institucionais e às necessidades e interesses da comunidade ou dos usuários”. Esta compreensão concretizou-se, pois autores como Miranda (2017, p. 40) e Pinheiro (2017, p. 27) fundamentam seus trabalhos na obra da autora e fazem uso do termo ‘formação’. Contudo, o uso do termo formação vem sendo utilizado há mais tempo, como em Vergueiro (1987, p. 194, 1993, p. 20), ao abordar as coleções como temática incluída nos currículos de biblioteconomia, na década de 80, no Brasil, por meio da disciplina ‘Formação e desenvolvimento de coleções’. Esta era considerada uma matéria técnica, em que se incluíam conteúdos relacionados à seleção, à aquisição e à avaliação, à preservação e à expansão da biblioteca. O programa da disciplina foi criticado por Vergueiro (1987, p. 196), pois focava-se nas técnicas e não possibilitaria aos futuros bibliotecários perceber o desenvolvimento de coleções como um processo.

A perspectiva do desenvolvimento de coleções como um processo foi colocada por Evans (1979, p. 28). Na época, o autor buscava clarificar a ideia do desenvolvimento de coleção e utiliza a *Encyclopaedia of Library and Information Science* para esclarecer que o termo ‘*collection building*’, aqui entendido como formação da coleção, envolve a seleção e a aquisição quando se inicia uma coleção, o que raramente ocorre. Então, faz-se a interpretação de que o termo, provavelmente, se referia à manutenção de uma coleção já existente, o que ocorreria por meio de um desenvolvimento planejado e sistemático. Entende-se que o termo formação da coleção era uma terminologia empregada para descrever as atividades de seleção e de aquisição de materiais e que, apesar de o termo desenvolvimento de coleções estar em uso desde os anos 60, a expressão ‘*collection building*’ não caiu em desuso. Sendo utilizada em publicações recentes, quando a temática é um dos processos, como observado no artigo de Barstrow *et al.* (2016), que trata da implantação de um modelo de seleção centralizado para as Bibliotecas da *University of Wyoming*, e em McCaslin (2013), que trabalha a questão da aquisição de *e-books* para a biblioteca do *California Institute of Technology*. Assim, presumimos que a formação da coleção é uma parte componente do desenvolvimento de coleções.

No que se refere ao desenvolvimento de coleção, Weitzel (2013, p. 19) definiu-o como “o processo composto por seis etapas interdependentes: estudo de comunidade, política de seleção, seleção, aquisição, avaliação, desbastamento incluindo o descarte”. Compreende-se que é uma definição restrigente no âmbito das políticas, contudo, a autora aborda a importância da elaboração da política para cada um dos processos. Assim,

entende-se que esta limitação se relaciona com os autores utilizados na sustentação da definição, pois Vergueiro (1989) e Evans (2000) apresentam um modelo de desenvolvimento de coleção em que apenas é inclusa a política de seleção. No caso de Vergueiro (1989), compreende-se que na época da publicação, que abordava a percepção de Evans em uma publicação de 1979, a questão da seleção ainda era mais tradicional e tinha um reconhecimento maior. Entretanto, no que se refere a Evans (2000, p. 69), o autor reconhece que existe o uso indiscriminado dos termos ‘política de desenvolvimento de coleção’, ‘política de seleção’ e ‘política de aquisição’, destacando que dadas as suas funções são documentos distintos. Seguindo uma linha de pensamento mais estratégico, Evans (2000, p. 15) apresenta, também, o desenvolvimento de coleção como o “processo de identificar os pontos fortes e fracos da coleção de uma biblioteca, em termos de necessidades dos usuários e recursos da comunidade, e tentar corrigir os pontos fracos existentes”, colocando-o como o processo que atende as necessidades de informação dos usuários, de modo oportuno e econômico, com os recursos informacionais disponíveis (Evans, 2000, p. 16; Evans & Saponaro, 2012, p. 22, tradução nossa).

No entanto, percebe-se que o entendimento de gestão e desenvolvimento de coleção está em mutação, dado que Evans e Saponaro (2012, p. 22, tradução nossa) passam a abordar a gestão da coleção como algo além do processo de desenvolver coleções. Assim, defendem que a gestão de coleção é um processo universal das bibliotecas, com um escopo mais amplo, mantendo a finalidade de atender às necessidades da comunidade, diferenciando-se por incluir elementos como a “preservação de longo prazo, os aspectos legais para os usuários acessarem aos materiais e os esforços colaborativos com terceiros para fornecer o acesso mais econômico possível”. Estes são elementos que podemos caracterizar como decorrentes das mudanças tecnológicas e sociais, que estão causando impacto nas ações das bibliotecas e que, conseqüentemente, seriam incorporados ao processo.

De um outro ponto de vista, Disher (2014, p. 2) aponta que o desenvolvimento de coleção passa à gestão de coleções quando as bibliotecas identificaram que existia a necessidade de determinar suas prioridades, metas, objetivos e público para, desta forma, continuarem a ser uma instituição essencial à sociedade. Assinala a questão-chave e para a qual ainda não conseguimos uma solução: o que distingue a gestão da coleção do desenvolvimento de coleções e quais as responsabilidades que cabem a cada uma das partes. Considera que os bibliotecários tendem a entender que a gestão é o guarda-chuva

para todas as atividades relacionadas ao gerenciamento da biblioteca, sob o qual os processos são criados e desenvolvidos. Na mesma perspectiva, Weitzel (2013, p. 20) também usa a comparação com o guarda-chuva, que tudo abarca, mas para explicar o desenvolvimento de coleções. Colocando-a como coerente, pois, elucida “conceitualmente a relação do processo e política de desenvolvimento de coleções com suas respectivas etapas, bem como a relação de interdependência entre elas”, sendo as etapas formadas pelo processo e política que, em conjunto, definem o desenvolvimento de coleções (Weitzel, 2013, p. 21). Entretanto, não deixa claro, justamente, como ocorrem as relações e a interdependência das etapas, visto que cada uma é ilustrada como uma ponta do guarda-chuva.

Johnson (2014, p. 193, tradução nossa) também adota a comparação com o guarda-chuva, colocando a gestão da coleção como o termo abrangente, que engloba “todas as decisões tomadas depois que um item passa a fazer parte da coleção”. Entende-se que a perspectiva colocada pela autora restringe o termo gestão da coleção, colocando-o após a realização das atividades de seleção e aquisição, processos compreendidos como prévios à inclusão na coleção. A sua obra evidencia esta ideia, pois no capítulo sobre o desenvolvimento da coleção trata das questões relacionadas com a seleção, a aquisição, a avaliação e a comunidade. No capítulo que aborda a gestão da coleção, o foco se relaciona com questões ligadas à manutenção da coleção, como o desbaste e a preservação. A própria autora admite que, apesar de colocar a gestão como termo abrangente, a obra distingue os dois, sem apresentar uma justificativa ou os critérios para esta delimitação (P. Johnson, 2014). Percebemos que a distinção ocorre pela prática de dividir as atividades de formação das atividades de manutenção da coleção, mas entendemos que ambas são partes que compõem o desenvolvimento de coleções.

A analogia do guarda-chuva, tal como os termos gestão e desenvolvimento de coleções, precisam de ser colocados de uma forma clara no contexto das coleções das bibliotecas. Na busca de um entendimento para estas questões, procurou-se perceber como se aplica a analogia do guarda-chuva, fora da perspectiva da Ciência da Informação. Neste sentido, identificou-se que a comparação foi adotada por Imai (1986) para representar o que significa a filosofia do *Kaizen* ou melhoria contínua, que é colocado simbolicamente como o guarda-chuva que está sobre todas as técnicas que visam a melhoria da produção. O *Kaizen*, como um guarda-chuva, tem por debaixo técnicas e procedimentos que trabalham harmoniosamente para possibilitar a melhoria contínua.

Uma das limitações em utilizar tal analogia para os processos que envolvem as coleções nas bibliotecas está, justamente, em não conseguirmos definir os limites da gestão e do desenvolvimento de coleção, o que dá a entender que se utiliza a analogia por esta representar um conceito amplo, mas diferente do colocado de baixo do guarda-chuva por Imai (1986), pois não temos definidas as técnicas e os processos que suportam uma gestão harmoniosa da coleção.

Para clarificar as diferenças entre gestão e desenvolvimento, buscamos uma conceituação na área da administração. Hino (2009, p. 118), ao abordar o modelo de gestão da *Toyota*, afirma que a gestão é composta por duas partes, uma que faz o sistema funcionar e a outra que gera os produtos, ou seja, “um sistema de negócio ou gestão é composto por dois subsistemas: um sistema das funções de gestão, que faz a organização funcionar, e um sistema das funções de produção, que gera produtos”. Um ponto relevante sobre a gestão na *Toyota* é a importância dada ao processo de documentação ou registro do conhecimento organizacional. Comparando o processo de documentação à genética, Hino (2009, p. 55) refere que “os procedimentos gravados/registrados são os genes e os documentos em si são o DNA”, ou seja, os documentos registrados são o que permite a transmissão do conhecimento entre as gerações e que proporciona a evolução, como consequências das mudanças do ambiente. Se essa postura fosse inserida na gestão da coleção, serviria de subsídio para as tomadas de decisão, principalmente pelas mudanças que, certamente, ocorrem nas políticas adotadas pelas bibliotecas.

Seguindo a perspectiva de gestão de Hino (2009), juntamente com a analogia do guarda-chuva de Imai (1986), Disher (2014), Johnson (2014) e Weitzel (2013), e com a interpretação dada à gestão de coleções e ao processo de desenvolvimento de coleções por Evans e Saponaro (2012), entendemos que a gestão da coleção é a parte superior do guarda-chuva, que abriga as funções de gestão e o desenvolvimento da coleção (função de produção). A função de gestão pode incluir a elaboração da(s) política(s), dos regulamentos, das normas e procedimentos, a angariação e a coordenação dos recursos (humanos, tecnológicos, orçamentários, etc.), as questões relacionadas com a preservação da coleção, o acesso, o direito autoral, a ética, a liberdade intelectual, a comunidade e demais processos e diretrizes que fazem a organização funcionar. Como função de gerar produtos, temos o desenvolvimento de coleções, que engloba as tarefas que, de facto, levam a coleção a ser formada: a seleção, a aquisição, a avaliação e o desbaste.

Em suma, compreende-se a gestão de coleções como um termo que abrange todas as atividades relacionadas com as coleções e que se caracteriza como uma prática administrativa, que envolve as atividades ligadas a função de gestão e ao desenvolvimento da coleção. Por sua vez, o desenvolvimento de coleção é um processo dinâmico e contínuo, que envolve as atividades de seleção, a aquisição, a avaliação e o desbaste, que serão executados em conformidade com as diretrizes estabelecidas na(s) política(s), de acordo como as normas e os procedimentos definidos, com vista a atingir os objetivos aos quais a coleção serve.

1.2. Desbaste

O desbaste, em tese, é uma atividade aplicada à rotina de todos os tipos de biblioteca, com o objetivo de se ter uma coleção atual, ativa e útil à sua comunidade de usuários. Na prática, é uma atividade realizada de modo apático ou sobre demanda imediata. É uma tarefa temida pelos bibliotecários, uma vez que pode resultar na retirada definitiva de itens da sua coleção. O contexto que envolve o desbaste caracteriza-se por inconsistência, tanto no que tange ao termo, como ao conceito e ao processo em si.

1.2.1. O termo

Quanto à terminologia que ronda o desbaste, no âmbito da língua inglesa, percebe-se que há uma pluralidade de termos como *deaccession*, *deselection*, *negative selection*, *retirement*, *reverse selection*, *selection in inverse*, *weeding*. Esta situação é corroborada por vários autores, entre eles, Johnson (2009, p. 155) e Tycoson (2014, p. 62) que afirmam ocorrer na literatura a utilização de vários termos sinônimos a *weeding*. No que se refere a outras variações do termo no âmbito do idioma inglês, Póvoa (2008, p. 20) indica que o termo preferido na Austrália é o *deselection* e que, no Reino Unido, o processo é nomeado de *stock relegation*.

Apesar da diversidade de termos, constata-se que os mais utilizados são *weeding* e *deselection*. O *thesaurus* da base *Library, Information Science & Technology* (LISTA) remete o termo *weeding*, por meio do *Used for*, para os termos preferidos ‘*deselection of*

library materials’ ou ‘*discarding of books, periodicals, etc.*’. No que se refere ao uso desses termos, Evans e Saponaro (2012, p. 148) afirmam que ambos têm o mesmo sentido, estando o termo *weeding* obsoleto e sucedido por *deselection*, destacando, contudo, que *weeding* permanece em uso. Neste aspecto, percebe-se o uso contínuo dos termos em simultâneo, de que são exemplos Held (2018), McHale *et al.* (2017), e Thomas e Shouse (2012), que fazem uso de ambos os termos nas palavras-chaves e no texto de seus artigos, apesar de se compreender pelo facto de usarem linguagem natural. Da mesma forma, ocorre a nomeação de partes de publicação com uso dos termos como sinônimos, “*what is deselection/weeding?*” ou “*Deselection – Weeding*”, como adotam Evans e Saponaro (2005, p. 296, 2012, p. 148).

Não foi possível distinguir com exatidão quando o termo *deselection* começou a ser aplicado na literatura, mas deduz-se que começa a ser utilizado entre o fim da década de 70 e a década de 80 do século XX. A primeira utilização da palavra *deselection* encontrada foi no artigo de Rice (1977), no qual a autora faz menção a ‘*collection deselection*’, a ‘*deselection project*’ e a ‘*deselection*’. Contudo, não há como afirmar que o termo se disseminou após esta data, uma vez que, na obra de Evans (1979), não é possível encontrar no texto e nas referências nenhuma menção à palavra *deselection*. Na publicação de Slote (1997), localiza-se nas referências, apenas um artigo de 1982 que menciona o termo. Presume-se que *weeding* é o termo mais antigo, e que o termo *deselection* passa a ser empregue esporadicamente após meados da década de 70.

Na língua portuguesa não se encontra uma diversidade de termos, pois as palavras utilizadas reduzem-se a dois termos com um mesmo radical: desbaste e desbastamento. Entretanto, identifica-se uma confusão conceitual na aplicação de outros termos como abate, descarte, eliminação, remoção e remanejamento.

Os termos ‘desbaste’ ou ‘desbastamento’, adotado no português do Brasil, seguem claramente uma tradução do termo *weeding* adotado por Evans (1979) e traduzido por Vergueiro (1987, p. 196) como ‘desbastamento’, colocando-o apenas entre as atividades componentes do desenvolvimento de coleção, sem defini-lo. Entretanto, em sua obra de 1989, o “Desenvolvimento de coleções”, o autor conceitua e aborda os aspectos envolvendo o desbaste, sendo a obra que dissemina o tema no Brasil, e uma das mais citadas na temática do desenvolvimento de coleções. Silva *et al.* (2012, p. 50), ao investigarem a questão do desbastamento nas bibliotecas universitárias, apontam que “as discussões na literatura circundam sempre as mesmas obras”. Antes da publicação de

Vergueiro (1989), prevalecia o uso da palavra descarte, sendo por vezes o termo empregue com o conceito aplicado ao desbaste, como veremos adiante.

Mayrink (1984, p. 109) menciona que Figueiredo (1982) faz uso do termo desbastamento ao traduzir de Evans (1979), mas não se verificou nenhuma menção aos termos ‘desbaste’, ‘desbastamento’, ‘descarte’, etc., e nem mesmo referência a Evans. Acreditando-se ser um erro de referência, buscou-se localizar a outra obra da autora citada por Mayrink (1984), mas há apenas breve uso das palavras ‘descarte’. Desta maneira, entende-se que o termo ‘desbastamento’ resulta de uma tradução, foi introduzida por Vergueiro, e vem sendo utilizada na literatura brasileira, uma vez que o próprio Mayrink (1984, p. 109) faz uso do termo ‘expurgo’ como tradução de *weeding*.

No português de Portugal prevalece a utilização do termo ‘desbaste’, compreendendo-se que sua origem, tal como no português do Brasil, advém do termo *weeding*. Este entendimento decorre do facto de as definições do termo, encontradas na produção portuguesa, virem de obras em que os autores têm o termo como preferido (Ferreira, 2018, p. 34; Póvoa, 2008, p. 18). A título de exemplo, Póvoa (2008, p. 18), ao definir o termo, adota a transcrição “desbaste ou *weeding*”. Ao investigar a temática do desbaste, Faísca (2010) faz um panorama sobre o tema e constata que a bibliografia nacional sobre o desbaste é escassa e, quando encontrada, refere-se a bibliografia estrangeira, dando destaque ao uso de publicações em inglês e francês, salientando respectivamente os termos *weeding* e *désheber*.

Ainda na questão da ambiguidade, observa-se que, ao fazer-se uso apenas do termo desbaste/desbastamento ou *weeding* em bases de dados multidisciplinares, ocorre alta revocação nos resultados obtidos, pois a maioria dos documentos recuperados abordam temas relacionados com a horticultura, a biologia, a agricultura, entre outras áreas, dificultando a busca de publicações sobre o tema. Neste sentido, identifica-se que a relação das atividades de desbaste da coleção com o desbastamento das plantas, sendo fácil localizar autores que fazem comparação da coleção da biblioteca com uma árvore ou jardim, que precisa de ser podado para que cresça saudável (Disher, 2014, p. 86; Evans & Saponaro, 2012, p. 149; Lee, 2009, p. 129; Póvoa, 2008, p. 21; Vergueiro, 1989, p. 74).

1.2.2. O conceito

Apesar da falta de padrão no uso da terminologia, encontra-se na literatura uma consciência sobre este facto, mas o mesmo não se aplica ao conceito de desbaste, pois verifica-se que não existe consistência no sentido aplicado aos termos utilizados. Como exemplo, podemos verificar que Evans e Saponaro (2012, p. 24; 148–149) afirmam que o processo de descarte, aqui usando o termo *withdrawal*, possui diversos rótulos sendo o *weeding* (desbaste) o mais antigo deles. Contudo, ao abordarem o desbaste por *deselection* – *weeding*, os autores colocam o descarte (*withdraw/withdrawal*) e o armazenamento (*storage*) como uma consequência da atividade de desbaste (*deselection*). Por sua vez, Johnson (2014, p. 193), utiliza a palavra *weeding* para designar o processo que resultará na transferência (*transfer*) ou no descarte (*withdrawal*) de uma obra, embora a autora faça uma diferenciação, no glossário do livro, quanto ao termo *deselection*, associando-o à identificação das assinaturas dos periódicos para cancelamento e ao termo *withdrawal* por meio da remissiva ‘ver também’ (P. Johnson, 2014, p. 507).

Dando sentido semelhante a *deselection*, o *Online Dictionary for Library and Information Science* – ODLIS (Reitz, 2004) conceitua o termo em duas vertentes: uma para periódicos, referindo-se ao cancelamento das assinaturas; outra para coleção de livros e materiais não impressos, atribuindo a mesma definição de *weeding*, que, no ODLIS, tem seu significado restringido a um processo de análise dos itens, que levará ao descarte permanente (*withdrawal*). Contradizendo as definições de *deselection*, no que se refere à coleção de periódicos, Nisonger (1998, p. 64) explica que o desbaste (*deselection*) subdivide-se em três ações: o cancelamento (*cancellation*), a rescisão das assinaturas; o descarte (*weeding*), que trata da remoção definitiva dos fascículos do acervo, descarte (*disposal*) ou transferência para outra biblioteca; e o remanejamento (*relegation to remote storage*), referindo-se à remoção dos volumes para um local de menor acesso.

Apesar da confusão conceitual atribuída aos termos, é possível perceber que o desbaste, entendido como *deselection* ou *weeding*, caracteriza-se como a ação de descarte ou remanejamento de um item, não correspondendo o termo *deselection* ao cancelamento. Quanto ao cancelamento de uma assinatura, não se compreende como uma ação que, por si só, levará ao desbaste, visto que se refere aos fascículos futuros que ainda não foram integrados a coleção. Entretanto, se o cancelamento estiver alinhado com os critérios de

desbaste, conseqüentemente acarretará o descarte ou remanejamento dos volumes existentes na biblioteca.

No Brasil, verifica-se que o termo ‘desbastamento’ passa a ser utilizado após 1989. O termo preferido anteriormente era descarte, como o conceito aplicado ao desbaste, como se verifica na definição de Miranda (1981) que, além de se referir à retirada permanente dos itens do acervo, levanta a questão de as bibliotecas manterem em armazenamento os itens descartados. Colocando de uma forma clara essa perspectiva do descarte, Alonso (1988, p. 292) define-o como a atividade de seleção negativa que “pode resultar em remanejamento, doação ou permuta, venda ou eliminação”. Podemos notar que o uso do termo descarte vinha, por vezes, sendo utilizado com o sentido mais amplo do desbaste, uma vez que, este sim, resulta no remanejamento ou descarte.

Assim, em 1989, Vergueiro introduz a ideia do desbaste, não apenas como a eliminação permanente de uma obra da biblioteca, mas como uma atividade necessária para a manutenção da coleção, no qual a avaliação das obras resultará em ações distintas, reunidas no conceito de desbastamento:

Vai significar muitas coisas: às vezes, a retirada total e definitiva da coleção (o descarte); outras, o deslocamento para locais de menor acesso, onde os materiais serão acomodados mais compactamente a fim de que, embora conservados fisicamente, ocupem o menor espaço possível (o remanejamento); em outras ocasiões, ainda, a retirada do material se dá pela necessidade de recuperá-lo fisicamente, para melhor atendimento à demanda (a conservação) (Vergueiro, 1989, p. 74).

Em outra perspectiva, Maciel e Mendonça (2006, p. 25) apresentam uma definição em que diferenciam os termos ‘desbastamento’ e ‘descarte’, abordando-os como atividades distintas, em que o desbaste se caracteriza pelo remanejamento para local de menor acesso e o descarte como eliminação permanente.

No *Dicionário de biblioteconomia e arquivologia* (Cunha & Cavalcanti, 2008, p. 118), encontra-se a entrada “Desbaste do acervo => descarte”. Para definir descarte, os autores apresentam vários termos em inglês, considerados sinônimos, incluindo *deselection*, *weeding* e *withdrawal*, seguido pela definição dada por Buo (p. 161 como citado em Cunha & Cavalcanti, 2008, grifo nosso): "operação que consiste em **separar** ou **retirar** do acervo de uma biblioteca, os documentos supérfluos, antiquados ou que não se acham em condições de uso. Os documentos retirados devem ser registrados no inventário, como baixas no acervo". Repara-se que, na própria definição, faz-se a

distinção de duas ações: “separar ou retirar”. Isto leva à verificação de três tipos de descarte: a “retirada das estantes e passagem para a reserva”, a “retirada do acervo e doação” e a “destruição (eliminação)”, sendo o último igualado ao termo ‘abate’. Percebemos que a definição apresentada por Cunha e Cavalcanti (2008, p. 118), apesar de centrada no termo descarte, não se caracteriza no todo como tal, pois a operação de separar e passar obras para uma ‘reserva’, pode ser entendida como remanejamento, que é uma das atividades-fim do desbaste.

Mesmo havendo uma maior ocorrência dos termos ‘desbastamento’ e ‘desbaste’ na literatura brasileira, o termo descarte não caiu em desuso; no decorrer dos anos afere-se seu emprego contínuo ao referir-se ao próprio descarte ou ao desbaste.

Destacando que, na atualidade, ainda há uma grande inconsistência na utilização dos termos, Silva *et al.* (2018), que titulam o trabalho como descarte, afirmam tratar do desbastamento, fazendo uso do termo ‘remanejamento’ para remoção permanente de obras da biblioteca, quando se procede com a doação a outras instituições. O mesmo desentendimento conceitual surge em Rodrigues e Barros (2018, p. 111), apesar das autoras destacarem a necessidade de diferenciar os termos ‘desbaste’ e ‘descarte’, fazendo uso da definição de Maciel e Mendonça (2006), seguido pela exposição das diretrizes para descarte definidas por Alonso (1988), que adota para descarte uma definição que seria melhor atribuída ao desbaste. Finalizam o assunto desbastamento e descarte apropriando-se de duas citações inseridas por Silva *et al.* (2012); sendo uma delas a de desbastamento colocada por Evans (1979), que Rodrigues e Barros (2018, p. 111) referem como “uma prática de transferência do acervo”, ressaltando que o autor citado se refere a “descarte ou transferência”; e a outra, uma perspectiva de Roger, em que o descarte é colocado como uma função útil às bibliotecas, referindo-se ao “descarte ou o remanejamento” como a “remoção de materiais desatualizados, obsoletos ou desgastados” (Roger, 2007 como citado em M. R. Silva *et al.*, 2012, p. 59). Não sendo apresentada por nenhum dos autores, Silva *et al.* (2012) e Rodrigues e Barros (2018, p. 111), a destinação dada os itens removidos, o que distingue a prática de descarte e a da transferência, dentro da atividade de desbaste.

Em ambos os casos, observa-se que os autores utilizam as obras de Vergueiro (1987, 1989) e Weitzel (2013), que seguem uma linha de pensamento em que o desbastamento é tido como uma ação que irá resultar no remanejamento ou descarte. De certa maneira, nota-se que as definições identificadas na literatura para o desbaste e/ou o

descarte têm o conceito aplicado como convém ao trabalho, sem haver preocupação em distinção dos termos envolvidos nas definições. Entretanto, entende-se que esta utilização se torna possível, dada a ambiguidade com que as definições são colocadas ou a imprecisão na interpretação da literatura.

Em Portugal, apura-se uma maior consistência ao definir o conceito de ‘desbaste’. Póvoa (2008, p. 18), Santos (2011, p. 30) e Ferreira (2018, p. 34) entendem-no como a atividade que poderá decorrer no remanejamento (para coleções internas ou armazenamento externo) ou descarte (abate, doação, venda), notando-se aqui a influência de Johnson (2014, p. 194, tradução nossa), que, ao referir-se às destinações dos materiais retirados da coleção ativa, aponta a possibilidade de transferência (remanejamento) “para outro local dentro da biblioteca ou sistema de biblioteca, ou para armazenamento” ou, ainda, “podem ser descartados, colocados à venda ou doados a outras organizações”. Do ponto de vista técnico, a *Política de gestão e desenvolvimento de coleções* da Biblioteca da Universidade Portucalense (2014, p. 10), ao invés de titular a seção como desbaste, faz uso dos termos “remoção e abate de documentos”, entendendo-se por remoção o remanejamento das obras para outro local e por abate o descarte, dando-se as mesmas destinações acima citadas. Afere-se que, tal como exposto por Faísca (2010, p. 22), a dificuldade em localizar literatura específica sobre o tema do desbaste, não apenas em Portugal, mas de uma maneira geral, torna necessário recorrer a temática mais ampla da gestão e do desenvolvimento de coleções.

Diante do exposto, compreendemos que, apesar das adversidades, o desbaste é uma atividade maior que apenas o descarte, o abate ou o expurgo, pois consiste em uma avaliação, título a título, seguindo critérios estabelecidos em uma política, que resultará em manter o item na mesma localização, no remanejamento ou no descarte da obra. Neste sentido, destacamos no Quadro 1, algumas definições para o desbaste:

Quadro 1 - Definições de desbaste

Autores	Definição
Figueiredo (1993, p. 64)	Desbastamento (<i>prunning/weeding/de-selection</i>) - processo de extrair títulos ou partes da coleção, quer para remanejamento, quer para descarte.
Lancaster (1996, p. 115)	Desbaste [...] decidir sobre quais os livros que devem ser transferidos para um depósito menos acessível ou

Autores	Definição
Weitzel (2013, p. 66)	que devam ser retirados completamente da biblioteca. O desbastamento [...] apresenta-se como um conceito agregador de outros dois subprocessos: remanejamento e descarte desencadeados a partir dos problemas identificados no processo de avaliação de coleções em relação a cada item – um a um.
Johnson (2014, p. 193)	<i>Weeding is the process of removing materials from the active collection for withdrawal or transfer.</i>

Fonte: Elaborado pela autora

1.2.3. O processo

A partir do entendimento do termo desbaste, como parte do processo de desenvolvimento de coleção, foi possível identificá-lo na literatura em três perspectivas: como a atividade de remoção definitiva das obras da coleção, como parte do processo de avaliação e como uma parte do desenvolvimento de coleções.

Na visão de Tyckoson (2014, p. 62), o desbaste caracteriza-se unicamente como a retirada permanente de itens da coleção. O autor defende que o remanejamento não se caracteriza como desbaste (*weeding*), pois o item em questão continuará a fazer parte da coleção da biblioteca. Afere-se que o autor faz aplicação do termo *weeding* atribuindo-lhe o significado do que para Johnson (2014) seria o *withdrawal*, ou seja, como o sinônimo de descarte. Nessa visão, o processo de desbaste consiste na tomada de decisão apenas sobre descartar ou não uma obra da coleção.

A avaliação é a parte do processo que irá determinar a condição em que a coleção de uma biblioteca se encontra, enquanto há autores para quem o desbaste é parte integrante da avaliação. Esse é o pensamento adotado por Nelson *et al.* (2020, p. 3), o de não fazer distinção entre a avaliação e o desbaste (*weeding*), podendo a avaliação/desbaste resultar em três ações: o descarte, a remoção para o depósito local ou manter o item no acervo. Considerando o processo de desenvolvimento de coleções, é como se uma parte do processo fosse mesclada a outra, tendo-se uma perspectiva de que, quando se procede com a avaliação da coleção, realiza-se simultaneamente a avaliação do item e a tomada de decisão sobre a sua destinação, ou seja, a avaliação e o desbaste são colocados como

um processo único. Evans e Saponaro (2012, p. 24) seguem essa mesma linha de pensamento, explicando que a avaliação tem vários propósitos externos e internos, como aumentar o financiamento da biblioteca, aferir se as demandas da comunidade são sanadas e o desgaste da coleção. Os materiais da coleção têm uma vida útil finita, estabelecendo-se uma relação entre a motivação para a avaliação e a finalidade de liberar espaço, o que leva à realização do desgaste.

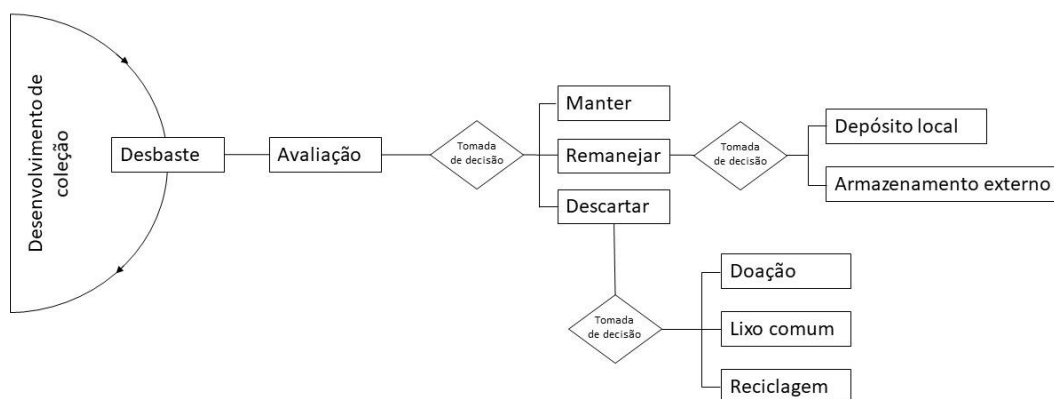
Considerando que um item, após entrar em circulação, perde com o tempo sua função original na coleção da biblioteca, decorrendo no processo de avaliação da coleção a tomada de decisão quanto a necessidade de desgaste da coleção. Após a decisão, Evans (2000, p. 19) e Evans e Saponaro (2005, p. 10) enunciam que o desgaste consiste na “atividade de examinar itens na biblioteca e determinar seu valor atual para a coleção dessa biblioteca”. O desgaste consiste em uma avaliação e uma atividade interna da biblioteca, mas era tratado como uma parte que compõe o processo de desenvolvimento de coleções, subsequente à avaliação. Nessa mesma vertente Weitzel (2013) aborda a avaliação como uma atividade de planejamento e diagnóstico da coleção, que possibilita identificar as obras sem uso; o que levará ao processo de desgaste, no qual ocorrerá o “ajuste do acervo as necessidades da comunidade e a missão institucional” (Weitzel, 2013, p. 65).

Tanto no desgaste como um processo ou como um subprocesso da avaliação, a tomada de decisão quanto ao item resulta na manutenção do item, em remanejá-lo ou descartá-lo. A diferença, por mais sutil que seja, consiste no desgaste ser ou não parte da avaliação; de qualquer maneira ele integra o desenvolvimento de coleções. Não existem, contudo, explicações claras para justificá-lo como parte da avaliação ou como consequência da avaliação. Além destas três interpretações sobre o processo de desgaste, Johnson (2014) e Disher (2014) integram o desgaste (*weeding*) como parte da atividade de manutenção da coleção.

Nota-se que, mesmo que a terminologia, os conceitos e os processos não tenham uma definição consensual, envolvem três conceitos principais; o desgaste, descarte e remanejamento. Assim, entende-se que o desgaste é uma parte componente do processo de desenvolvimento de coleções, resultante de uma necessidade identificada no processo de avaliação da coleção e não integrante ou sinônimo dessa etapa do processo. Esta confusão na aplicação do termo, ao referir-se à atividade executada, ocorre devido ao facto de que o desgaste em si também constitui uma avaliação, item a item, da qual

resultará a decisão de manter o item na coleção, descartá-lo ou remanejá-lo. A Figura 1 representa o fluxo do processo de desbaste.

Figura 1 - Fluxo do processo de desbaste



Fonte: Elaborado pela autora

1.3. A prática do desbaste nas bibliotecas

Como e quando realizar o desbaste? A execução desse processo, além de sofrer com a escassez habitual de pessoal, também passa por resistência por parte dos bibliotecários e pelo julgamento e a comoção da comunidade por crerem que os materiais possuem valor apenas por estarem impressos. Além da possível indicação de critérios gerais a se seguir, é necessário que a biblioteca saiba quais foram os critérios utilizados na seleção do item, bem como os que estão sendo aplicados atualmente, para tomar uma decisão adequada para a sua coleção.

1.3.1. Os critérios para o desbaste

Entre os critérios para a seleção e os critérios para o desbaste existe uma relação congênere: as características que tornam um item elegível para compor a coleção, também podem levá-lo a ser desbastado, por deixar de possuir tais características. Para Larson (2012, p. 17) e Evans e Saponaro (2012, p. 148), a seleção e o desbaste de materiais são

atividades semelhantes, pois ambos são necessários para a eficácia do desenvolvimento de coleções e utilizam o mesmo tipo de critérios para inserir ou remover um item.

Não existe consenso na literatura sobre os critérios a serem adotados para o desbaste. No entanto, a utilização, o estado de conservação, a atualidade e a pertinência do item em avaliação, são indicações comuns e critérios gerais para a tomada de decisão sobre o desbaste. Na visão de Larson (2012, p. 18), todos os fatores devem ser considerados durante a avaliação de desbaste, incluindo o retorno sobre a utilização e a pertinência das obras selecionadas, as necessidades e as demandas da comunidade, se existe material mais adequado e se há orçamento para a sua aquisição, a relação entre um item e os demais que abordam o mesmo assunto dentro da coleção, a cooperação entre bibliotecas e a possibilidade do usuário ter acesso a outras bibliotecas próximas, o papel da biblioteca como centro de memória local, a possível utilização futura do item, a disponibilização de informações mais atuais na *internet* e a possibilidade de conseguir o item emprestado em outra biblioteca.

Para Evans e Saponaro (2012, p. 154, tradução nossa), o desbaste é executado em conciliação com as demais etapas do desenvolvimento de coleções. Destaca como principais critérios os seguintes pontos: “os objetivos da biblioteca, a disponibilidade de fundos para a aquisição de novos títulos, a relação de um livro em particular com outros sobre esse assunto, o grau em que a biblioteca funciona como um arquivo e a potencial utilidade futura de um item”. Os autores afirmam que existem três categorias de critérios de desbaste: as condições físicas, os qualitativos e os quantitativos. Quanto às condições físicas, observam que um material desgastado pelo uso, raramente é remanejado ou descartado; normalmente esse critério aplica-se às publicações de baixa qualidade. No que se refere à aplicação dos critérios qualitativos, afirmam não se tratar de um método eficaz, uma vez que depende do ponto de vista do indivíduo que faz a avaliação, sendo mais rápido e barato realizar o desbaste com base nos dados de uso. Os critérios quantitativos prendem-se com à questão do espaço ocupado pelos volumes, destacando que, apesar de os critérios para desbaste das monografias poderem ser aplicados aos periódicos, a quantidade de volumes e o custo associado a essas coleções podem ser fatores decisivos para o desbaste (Evans & Saponaro, 2012, p. 155).

Disher (2014) propõe para o desbaste os seguintes critérios: a condição física, o uso, materiais desatualizados, substituição por edições recentes, duplicidade do item, materiais triviais e irrelevantes, preocupação com o espaço disponível para o crescimento

da coleção e o equilíbrio. Sugere fazer considerações sobre a coleção com base nos assuntos, por meio da Classificação Decimal de Dewey, se essa for utilizada pela biblioteca, e a aquisição de uma ferramenta para análise da coleção, que pode gerar relatórios que darão suporte às decisões a serem tomadas. Destaca-se o critério de equilíbrio, pois a aquisição de obras sobre o mesmo assunto, com pontos de vista diferentes, implica que o desbaste deve levar em conta se o descarte da obra irá quebrar esse equilíbrio.

Quanto aos critérios para o desbaste da coleção de periódicos, Larson (2012, p. 21) faz cinco apontamentos: (1) uso corrente, se são poucos os fascículos que continuam sendo utilizados após cinco anos da publicação; (2) interesse na circulação de fascículos mais antigos, se a biblioteca empresta estes volumes e se os usuários têm interesse em requisitá-los; (3) se o fascículo está indexado nos índices padrões da área; (4) se existe a disponibilidade de texto completo em banco de dados online e se os usuários terão acesso; e (5) se há espaço disponível na biblioteca para armazenamento das edições mais antigas. Podemos entender que estes pontos, mesmo referindo-se aos periódicos, não deixam de ser aplicados a todos os materiais que compõem o acervo, visto que se resumem à atualidade, utilização, possibilidade de localização, acesso ao item e à questão do espaço físico disponível.

No entanto, Matlak (2010, p. 172), ao fazer um estudo sobre o julgamento do bibliotecário para o desbaste das coleções de periódicos antigos, na área das Ciências Sociais, indica as seguintes diretrizes para o desbaste: a relevância para o currículo, a ausência de evidência de uso, o valor econômico e arquivístico dos itens, se existe cópia digital de qualidade armazenada e disponível ou uma cópia em outra biblioteca, e a obsolescência (determinada pela idade das publicações, através de análises de citações e pela falta de indexação do título). Dentre esses motivos, o autor destaca a idade da publicação e o seu uso, que são proporcionalmente opostos: quanto mais antigo o fascículo, menor a probabilidade de uso.

Sobre a diversidade dos critérios encontrados para o desbaste, Johnson (2014, p. 197) anota que andam em consonância com os da seleção, e que dependem da biblioteca, pois irão variar conforme a área temática, o formato e a comunidade a ser atendida. Assim, justifica não existir uma lista padrão de critérios, tanto para desbaste como para seleção. A autora coloca os critérios em forma de perguntas a serem sanadas, dando foco a três perguntas principais, colocadas em relação ao item avaliado: “Foi usado? “Está úmido,

sujo ou danificado? Está desatualizado?”. São colocadas pela autora mais doze questões para aferir a pertinência do item e tomar a melhor decisão sobre o desbaste. Tal como as três questões principais, as 12 perguntas seguintes alinham-se com os critérios indicados pelos autores supracitados. É relevante destacar a indagação de Johnson (2014, p. 197) quanto ao acesso: “Está disponível e facilmente acessível em outro lugar?”, pois este pode ser um ponto importante, que diminuirá o peso emocional do desbaste para os bibliotecários. Larson (2012, p. 18) recomenda que seja realizada busca pelo item em avaliação em catálogo e/ou base de dados de outras bibliotecas para aferir se o item pode ser localizado e, eventualmente, solicitado o acesso, o empréstimo ou uma cópia. Essa prática dará ao bibliotecário a segurança para descartar os itens menos utilizados da coleção.

1.3.2. O dilema do bibliotecário

Por diferentes motivos, a possibilidade do descarte assusta os bibliotecários. Retirar algo permanentemente da coleção pode ser entendido como um erro, quer no processo de seleção, quer pelo descarte de um item que ainda é útil aos usuários. É reiterada a ideia de que ‘e se, algum dia alguém precisar daquele material’ e, por esse motivo, devem encontrar-se alternativas, outras maneiras de acessar uma cópia, se a obra vier a ser requisitada. É evidente que a comunidade poderá julgar estas decisões de desbaste, principalmente se acarretar o descarte, tornando as decisões sobre o desbaste uma das mais difíceis do processo de desenvolvimento de coleções. A literatura sobre descarte evidencia comentários relacionados com a insegurança que o bibliotecário tem em realizá-lo. É pertinente a afirmação de Kremer e Caldeira (1997, p. 112) de que “praticamente todos os bibliotecários gostam de comprar livros e, quando é necessário fazer descarte, a maioria costuma ficar bastante relutante”. Podemos entender o motivo, de acordo com Evans e Saponaro (2012, p. 152) que, ao abordarem as barreiras existentes ao desbaste, afirmam que aprendemos a ter grande respeito pelos recursos impressos, o que nos faz ter receio de nos desfazermos deles. Algumas razões de cunho psicológico, para evitarem o descarte, são: “a falta de tempo, a procrastinação, o medo de cometer um erro, preocupação em ser chamado de “*book burner*” e a preocupação em lidar com a oposição ao projeto” (Evans & Saponaro, 2012, p. 153, tradução nossa).

Além dos motivos de causa emocional, como a pressão por falta de tempo, o desagrado da comunidade, a ‘sacralidade da coleção’ e o risco de desfazer-se de um material ainda necessário, Slote (1997) escreve que pode haver, por parte da biblioteca, a posição de dar ‘ênfase aos números’, mesmo cientes de que uma coleção grande não é necessariamente uma coleção de qualidade, embora a quantidade seja considerada um critério válido na prestação de contas aos superiores. Refere-se, ainda, os ‘critérios conflitantes’ que abordam duas vertentes: a primeira são os critérios difíceis de serem aplicados ou conflitantes, entre o que a biblioteca julga ‘bom’ e o que interessa ao usuário; a segunda, liga-se ao lado psicológico do profissional, ou seja, descartar aquilo que outrora foi considerado pertinente ser inserido na coleção.

Parece haver consenso que o processo de desbaste envolve a questão emocional do profissional bibliotecário. Disher (2014, p. 88, tradução nossa) refere que “aparentemente, há mais razões para não desbastar, do que para desbastar”. A autora aponta alguns equívocos no que se refere ao processo de desbaste e apresenta algumas razões habitualmente utilizadas para evitar o descarte e as contra-argumenta. Assim, ao abordar a falta de tempo, afirma que se a coleção não passa por um desbaste há anos, a primeira vez irá demorar mais. Planejar a atividade e realizá-la de maneira uniforme a tornará menos demorada. Quanto à necessidade de fazer um julgamento, é normal isso deixar o bibliotecário desconfortável, porque no primeiro julgamento, na seleção, pode ter-se cometido um erro. Destacando que ninguém gosta de admitir os erros, mas é com eles que se aprende, o entendimento do que faz um livro ter saída, e outro não, é o que garantirá a melhoria das seleções futuras. Se o desbaste é prejudicial à coleção, a autora argumenta que este é um pensamento relacionado com a ideia errada de que quantidade é igual a qualidade, e que ao retirar o material inútil da coleção proporcionará melhor acesso dos usuários à coleção. Quanto ao receio do profissional em descartar algo que pode vir a ser necessário ou valioso, no primeiro caso, o material está ocupando espaço e desvalorizando a coleção, e se o item for mesmo necessário pode ser conseguido em outra biblioteca. No segundo, esclarece que os procedimentos de uma biblioteca, como carimbagem e etiquetagem, quase garantem que uma obra perca as características que lhe atribuíram valor. Se, ainda assim, o item pode ser valioso, pode-se recorrer à medida adotada por algumas bibliotecas e vendê-lo, por exemplo, no *eBay*. Para finalizar, perante a crença de que “é errado jogar livros fora”, contrapõe que “também é errado guardar material na esperança de que às vezes possamos usá-lo”, sugerindo algumas opções de

destinação para o material descartado, como doação, venda e reciclagem. Não deve prevalecer a preocupação em descartar livros que não estão beneficiando a coleção, pois não fará diferença se estão nas prateleiras ou no lixo (Disher, 2014, p. 89, tradução nossa).

Percebemos que as razões que levam os bibliotecários a não desbastar estão ligados ao julgamento social que a comunidade irá fazer daquela biblioteca, e isso desencadeará diversos fatores emocionais que tornarão o desbaste, principalmente o descarte, uma tarefa a ser procrastinada e temida.

O desenvolvimento tecnológico tem impactado na forma como as coleções são vistas pelos usuários, o que pode evitar um julgamento negativo por parte da comunidade quando o bibliotecário propuser um desbaste. O estudo de Sammonds e Housewright (2011) exemplifica bem esta alteração, pois os autores relatam que a perspectiva dos professores nas universidades americanas vem alterando-se. A pesquisa realizada sistematicamente, desde os anos 2000, indica uma maior aceitação dos recursos eletrônicos. É ainda detectado o receio por parte dos usuários em uma substituição massiva das coleções de periódicos impressos pelo eletrônicos, e verifica-se que a importância atribuída à preservação da coleção impressa vem diminuindo. Além da ‘aprovação’ da comunidade, a difusão dos projetos de preservação de cópias impressas e de digitalização contribui para que os bibliotecários se sintam mais seguros no descarte de um título, uma vez que sabem da existência de uma cópia que, se necessária, poderá ser acessada. É possível ter uma noção desse impacto quando Reeves e Schmidt (2011) relatam a remoção de praticamente toda a coleção de periódicos para um depósito de armazenamento externo, sustentando essa tomada de decisão no facto de ter acesso a bases de *backfiles* e repositórios de conteúdo de periódicos *on-line* confiáveis, como o JSTOR (*Journal Storage*), e na constatação do maior uso e preferência dos usuários pela versão eletrônica.

1.3.3. Tempos de desbaste

A coleção foi avaliada e agora a questão é quando será feito o desbaste. Verificamos aqui duas indicações: a primeira é na realização do inventário e/ou em períodos determinados; a segunda é por meio de um processo contínuo de avaliação da coleção.

A ideia de que o desbaste deve ser realizado em períodos de menor movimento, ou quando a biblioteca está fechada ou mobilizada para um inventário, parece pertinente em vista do quão trabalhoso é a sua execução e a necessidade de envolver vários integrantes da equipe da biblioteca. Seguindo essa perspectiva, Vergueiro (1989, p. 30) indica que a época do inventário é um momento pertinente para realizar a avaliação da coleção e, conseqüentemente, as atividades relacionadas ao desbaste. Já Dina (2015, p. 42), ao abordar o desbaste para as bibliotecas jurídicas, indica que este deve ser realizado durante as férias escolares e em períodos de menor movimento. Destacando que cada biblioteca adotará critérios e procedimentos diferentes, deverá indicar-se as etapas e as funções que cada profissional ou equipe irá executar.

Outra maneira de realizar o desbaste é por meio de projetos para execução do processo. Essa atividade é planejada quando há a necessidade de uma ação rápida, normalmente tendo como gatilho a necessidade de liberar espaço físico na biblioteca. A título de exemplo, vemos o caso da *Millsaps-Wilson Library*, que teve a demanda de desocupar uma ala da biblioteca para ceder espaço ao corpo docente. Foi então elaborado um projeto para desbastar as coleções e remover o laboratório de informática, que ocupavam espaço (Grant, 2016).

O desbaste dentro de um ciclo de trabalho contínuo é proposto no método CREW (*Continuous Review, Evaluation, and Weeding*). O método integra os processos do desenvolvimento de coleção em uma rotina que garante que os serviços sejam realizados de modo eficaz. Torna mais fácil fazer o desbaste de materiais desatualizados e/ou não utilizados, permite a identificação de lacunas existentes na coleção. A partir do momento em que o material entra em uso, ele entra em processo de inventário e de manutenção na proposta do CREW, pelo qual é possível identificar quando a “vida útil” do item termina. O CREW permite detectar, por meio da avaliação contínua, quando o material deve ser desbastado e gera subsídios para os processos de aquisição e de seleção, por meio de “informações sobre os atuais pontos fortes, fracos, lacunas e pontos de saturação da coleção, que o bibliotecário pode utilizar para outra rodada de Seleção e Aquisição” (Larson, 2012, p. 13, tradução nossa).

1.4. A coleção de periódicos impressos

Os vários materiais que uma biblioteca disponibiliza aos seus usuários formam sua coleção, que pode incluir livros, multimídias, mapas etc. De modo simples, temos uma coleção quando reunimos itens com uma mesma finalidade, como em uma biblioteca que agrega os materiais que atendem a sua comunidade de usuários, ou de uma mesma natureza, como uma coleção de selos, de tampinhas e as subcoleções das bibliotecas, coleção de multimídias, coleção de mapas etc. A coleção de periódicos caracteriza-se como uma subcoleção formada por periódicos, que são publicações contínuas, com intervalos determinados, sob um mesmo título. Na língua inglesa, conforme colocado por Nisonger (1998, p. 1) e Johnson (2014, p. 147), ocorre o uso inconsistente dos termos *serials* e *periodicals*. Evans e Saponaro (2005, p. 121) acrescentam os termos *magazine* e *journals*, e afirmam que, apesar do uso impreciso e em simultâneo dos quatro termos, esse mal entendido não representa perda significativa. Mesmo que distintos, são termos semelhantes e por isso permitem o uso de modo intercambiável, entretanto percebemos que os termos têm entre si uma certa hierarquia.

O termo mais amplo, seriado, refere-se a uma publicação em partes sucessivas, normalmente em intervalos regulares, com algum tipo de numeração e com término indeterminado. Seguido por periódicos, que são publicações em série com um título distinto, com numeração contínua, em intervalos determinados, no qual cada fascículo contém contribuição de vários autores, em que o conteúdo publicado é controlado por um editor ou conselho editorial (Evans & Saponaro, 2005, p. 121; P. Johnson, 2014). Na definição apresentada por Evans e Saponaro (2005, p. 121, 2012, p. 189), os *journals* e as revistas são ambos considerados periódicos; sendo o primeiro, uma publicação que aborda assuntos de interesse atual para um segmento de público mais restrito (pesquisadores e acadêmicos); e as revistas normalmente contém uma coleção de artigos, histórias, poemas, etc., destinado a um público geral de leitores.

As definições aplicam-se também ao português: no Dicionário de biblioteconomia e arquivologia, o termo seriado remete a publicações seriadas que é definido como publicações que são editadas em “fascículos sucessivos, contendo indicação numérica ou cronológica, em regra, com a intenção de continuidade indefinida. As revistas especializadas, os jornais, os anuários (relatórios e almanaques), os periódicos em geral,

as memórias, atas e relatórios de entidades coletivas são publicações seriadas” (Cunha & Cavalcanti, 2008, p. 303). Os termos seguem o mesmo conceito do termo em inglês. No entanto, vê-se um uso mais consistente do termo periódicos na literatura em português, a título de exemplo, a terminologia “coleção de periódicos” é adotada por Miranda (2016) e Pinheiro (2017), da mesma forma que “publicações periódicas” ou simplesmente “periódicos”, como utilizado por Ferreira (2018).

Conforme explicado por Nisonger (1998, p. 2, tradução nossa), as variações quanto ao entendimento e utilização dos termos seriado e periódicos podem depender do contexto em que os termos são aplicados, bem como variar conforme a época, país, autor, biblioteca, etc. O autor apresenta quatro entendimentos sobre a relação entre esses termos, são eles: “1. Eles são sinônimos”; “2. Os periódicos são um subconjunto das publicações seriadas”; “3. Os seriados são um subconjunto dos periódicos”; “4. Periódicos e seriados são fenômenos mutuamente exclusivos”.

Diante do exposto, entenderemos a coleção de periódicos em duas perspectivas: a primeira, formada pelos volumes sob um mesmo título; e a segunda, como coleção formada pelas coleções de vários títulos que compõem o acervo na biblioteca, ou seja, uma subcoleção da biblioteca em que são reunidas as publicações seriadas. Assim, mesmo havendo uma sutil diferença que possibilita a distinção entre seriados e periódicos, sendo o primeiro abrangente a distintos tipos de publicações com fascículos contínuos e que engloba os periódicos, que se restringe aos *journals* acadêmicos e as revistas e jornais ou *newspapers* de assuntos gerais. Verifica-se que os termos são aplicados como sinônimos, conforme convém à biblioteca.

A relação das bibliotecas universitárias com a coleção de periódicos impressos é afetuosa e árdua. Os periódicos são um material imprescindível para o desenvolvimento das pesquisas nas universidades e representam um alto custo para as bibliotecas. Conforme explicam Evans e Saponaro (2005, p. 120), os periódicos são uma fonte primária crucial para as coleções, por trazerem a informação mais recente sobre um determinado tema, contudo representam uma despesa contínua para as bibliotecas. À medida que a sociedade se desenvolveu e estabeleceu novas áreas de conhecimento, surgiram uma gama alargada de títulos de periódicos acadêmicos. A ligação dos periódicos com a academia é salientada por Nisonger (1998, p. 20), que relata que o aumento das publicações periódicas está estreitamente relacionado com a ampliação do

número de universidades, entre os séculos XVII e XIX, e a intensificação das disciplinas em áreas especializadas no século XX.

Björk (2017, p. 103) lembra a proliferação das publicações periódicas decorrida após a segunda guerra mundial, em consequência do crescente financiamento dos governos para pesquisas e para o ensino superior. Gera-se um aumento na demanda por veículos de comunicação, os periódicos científicos, e na participação dos editores científicos comerciais no mercado. É esse o ponto de partida de um grande desafio às bibliotecas na gestão das coleções de periódicos. Na década de 70, o grande número de publicações e a pressão sob as bibliotecas para sua aquisição, foram fatores ocorridos em simultâneo com a “enorme espiral inflacionária dos anos 70” (Segal, 1986, p. 26, tradução nossa), que levaram ao aumento do preço das assinaturas, o que daria início à crise dos periódicos, na década de 80. As bibliotecas acadêmicas tornaram-se incapazes de conseguir financiamento para manter todas as suas assinaturas, devido aos preços exorbitantes praticados pelas editoras científicas. Quanto à hiperinflação no valor das assinaturas de periódicos, Glazier e Spratt (2016, p. 327) apontam que, entre 1986 e 2000, os preços tiveram um aumento de 226%. A crise ainda perdurava, quando em meados da década de 90, a *World Wide Web*, tornou-se uma tecnologia mais acessível e as editoras iniciaram o desenvolvimento de suas plataformas *web* (Björk, 2017, p. 103). Isto trouxe para as coleções de periódicos impressos a maior adversidade à sua existência, a sua versão em formato eletrônico. Os editores desenvolveram o “grande negócio” de agregação e acesso a pacotes de publicações, o que provocou nas bibliotecas a discussão entre dar o acesso ou ter a posse do item.

Provavelmente, nenhum material que compõe o acervo das bibliotecas terá passado por uma mudança de uso tão significativa quanto a coleção de periódicos. O desenvolvimento tecnológico trouxe aos artigos o imediatismo desejado e a rapidez almejada para a comunicação científica. Os periódicos eram, e ainda o são, as publicações que possuíam o conteúdo mais atual sobre determinada área do conhecimento, a diferença é que não se precisa mais esperar para serem publicados ou sofrerem por atrasos de impressão. O formato digital permite que o fascículo seja publicado com antecedência, dando-nos acesso a ‘publicações futuras’ quando o título em questão tem a sua periodicidade contínua, ou no caso das que mantêm a impressão dos fascículos, com a publicação da versão eletrônica primeiro (*early publication*).

Como consequência, a propriedade dos periódicos deixa de ser uma prioridade das bibliotecas que, por décadas, adquiriram e mantiveram os fascículos em suas coleções. Conforme referem Schonfeld e Housewright (2009), as bibliotecas estão a perder a afeição pelas suas coleções locais, em detrimento de coleções compartilhadas e a priorização do acesso. No início deste dilema, Daniel Greenstein afirmou que “os usuários estão nos dizendo que tudo resume-se a acesso e as bibliotecas têm tudo a ver com a propriedade, e isso é um problema. [Os usuários] estão nos dizendo que o lugar não importa”. Para Greenstein, a questão em torno do acesso e da propriedade nas bibliotecas está relacionada com uma profunda transformação cultural nos hábitos dos usuários. Este foi um dos fatores que levaram as bibliotecas a uma mudança de paradigma, pois a informação deixa de ser coletada e armazenada em um lugar: a biblioteca passa a fornecê-la de forma ampla através de recursos eletrônicos (Greenstein como citado em Carlson, 2002, tradução nossa).

O impacto da preferência dos usuários para a decisão de deixar de ter a posse dos volumes pelas bibliotecas, é notado na pesquisa realizada por Kaplan *et al.* (2006, p. E-200, tradução nossa), que deixa claro que a prioridade das bibliotecas é dar o acesso ao conteúdo dos periódicos, ao invés de adquirir a assinatura dos volumes impressos. Os autores interrogam bibliotecários se “conceito de ‘acesso em vez de propriedade’ teria um papel mais importante nas políticas de desenvolvimento de coleção”, dada a situação financeira escassa, que impossibilita a manutenção das assinaturas em ambos os formatos, impresso e eletrônico. Dos participantes, 93% optaram pela afirmação de que sim, o “acesso em vez de propriedade desempenharia um papel cada vez mais importante” (Kaplan *et al.*, 2006, p. 391). Percebemos que a relação das bibliotecas com a propriedade dos materiais alterou-se, sobretudo com a coleção de periódicos impressos, que deixou de ser essencial. Esta é uma questão mais profunda, pois não se trata apenas de as bibliotecas renunciarem à ‘perpetuidade’ de um bem adquirido e disponível em sua coleção. Relaciona-se com as mudanças sociais perante a tecnologia e seu impacto nas bibliotecas, que tem alterado as funções e os conceitos relativos a essa instituição secular.

Tal como a propriedade, perde-se o arcabouço epistêmico das coleções de periódicos, onde entra a função da biblioteca de selecionar e organizar as coleções, quando se adquire um pacote de títulos, por assinatura anual, bianual..., em um dos oligopólios editoriais que são os produtores e/ou os agregadores destas publicações. O bibliotecário não participa da formulação dos critérios para formação destas coleções, e

nem mesmo toma conhecimento deles. Bem como não tem o controle dos títulos, que compõem as coleções adquiridas em pacotes (Moghaddam & Moballegghi, 2007, p. 223). Assim, as bibliotecas não desenvolvem as coleções agregadas, apenas as adquirem de modo passivo, com a intenção de conseguir sanar as necessidades da comunidade. Por vezes, tem de adquirir títulos isolados para atender demandas acadêmicas, pela não inclusão ou a incerteza de manutenção do título na coleção no pacote adquirido.

Dessa forma, a posse do item, a maneira de dar acesso e o uso dos periódicos, são questões em torno da coleção de periódicos impressos que vêm mostrando-se contraditórias com as adotadas habitualmente para as monografias. Para Dubicki (2008, p. 132), há uma resistência por parte das bibliotecas para o desbaste das monografias. Enquanto que as coleções de periódicos impressos estão a ser arduamente desbastadas, de uma maneira geral, por via de projetos motivados pela liberação de espaço, conforme constatado nos relatos de Grant (2016), Rogers (2015), Huhn e Harland (2014) e que remanejaram e/ou descartaram parte dos periódicos, desocupando o local que abrigava os volumes para cedê-lo a novas áreas de estudo, para aliviar o problema de falta de espaço, entre outros fins. Ao comparar o processo de desbaste de periódicos e monografias, Dubicki (2008, p. 133) relata que o desbaste das monografias requer um esforço mais complexo, enquanto o desbaste da coleção de periódicos é fundamentado sobretudo no facto de ter o acesso à coleção completa em meio eletrônico.

Diante de uma vasta coleção de periódicos em seu acervo, que atualmente é pouco utilizada pelos usuários, as bibliotecas universitárias buscam compreender se existe necessidade de manter seus volumes de periódicos impressos. Nesse cenário, Schonfeld e Housewright (2009) entenderam que se tinha a necessidade de preservação do conteúdo intelectual armazenado nos periódicos impressos, dada a onda de desbaste destas coleções em consequência da percepção, por parte das bibliotecas acadêmicas, das desvantagens de sobreposição das coleções de periódicos em diversas bibliotecas locais. A questão colocada pelos autores é se os periódicos, o objeto em si, tem algum valor. Levando ao que pode ser retirado das coleções com responsabilidade, de modo a garantir o acesso da informação. No relatório não é apresentada uma defesa para manter as coleções de periódicos impressos, mas um panorama da situação das coleções nas bibliotecas, considerando a tecnologia disponível e as questões de preservação digital. Entendendo-se que as publicações impressas precisam ser preservadas pelo período em que forem necessárias, apontam seis justificativas identificadas na comunidade bibliotecária para a

preservação da coleção de um título impresso, são elas: corrigir os erros de digitalização, a utilização de padrões e/ou práticas de digitalização inadequados, a preservação digital, a confiabilidade de acesso, a necessidade acadêmica e a política do campus.

A razão para preservar os impressos para correção dos erros de digitalização é que pode haver erros durante o processo e na qualidade dos arquivos digitalizados, mesmo em projetos com controle rigoroso. Destacando-se a necessidade de transparências dos padrões de qualidade aplicada aos projetos de digitalização desenvolvidos e o problema da confusão entre uma digitalização para acesso e a digitalização para preservação. A transparência do processo é que dirá aos bibliotecários se aquela digitalização é de qualidade e segura, o que irá assegurar a confiança para proceder com a remoção de suas cópias impressas. Ter uma cópia segura consiste na adoção de soluções orientadas para preservação digital que estejam disponíveis, as quais nem sempre são aplicadas aos arquivos digitalizados e acarreta a perda do conteúdo armazenado. Desta forma, manter as cópias impressas está relacionado, também, com a falta de aplicação de medidas para preservação digital. Quanto às práticas e padrões de digitalização inadequados, refere-se ao facto de que pode surgir uma técnica ou tecnologia que permita uma melhor qualidade da digitalização. Aponta-se que, com a tecnologia disponível, a qualidade de uma imagem digitalizada ainda não é a mesma de uma imagem impressa. A questão da qualidade das imagens digitalizadas influencia as outras duas justificativas; a necessidade acadêmica, que normalmente restringe-se ao acesso das imagens e, parcialmente, à política dos campos, que se refere à resistência e aos questionamentos do corpo docente quanto à remoção dos volumes, sendo mais inflexíveis quando a coleção atende a cursos em que a utilização das imagens é relevante. Por fim, na confiabilidade de acesso, as bibliotecas precisam dispor das tecnologias que permitam aos usuários o acesso à versão digital e terão que garantir orçamento para manter as licenças (Schonfeld & Housewright, 2009).

No entendimento de Schonfeld e Housewright (2009, p. 15, tradução nossa), manter as cópias impressas será necessário enquanto existir essas adversidades, não sendo as bibliotecas e as instituições que desenvolvem os projetos de digitalização, capazes de determinar ao certo por quanto tempo será necessário mantê-las. Surge o desafio de decidir “entre quais materiais podem sofrer uma redução controlada e os que devem permanecer com a sobreposição generalizada”.

As mudanças profundas que as publicações periódicas têm sofrido decorrem do contexto social em que a natureza da informação e o papel das bibliotecas acadêmicas se

alteraram. As bibliotecas são instituições colecionadoras, na qual as coleções são formadas conforme as necessidades da comunidade de usuários. A prática do desbaste aplica-se bem às coleções de periódicos, pois, nem tudo que está impresso precisa ser mantido, as bibliotecas selecionam o que lhes é de interesse manter, não tendo esse interesse a característica de perpétuo. Buscaremos, assim, compreender as motivações e as estratégias que são utilizadas no desbaste das coleções de periódicos.

1.5. Razões para o desbaste da coleção de periódicos impressos

O desbaste pode ser entendido como um processo importante, transversal a todas as bibliotecas, ao mesmo tempo que é tido como uma prática receosa, evitada e classificada como de baixa prioridade. Tyckoson (2014, p. 66) expõe que, apesar de o desbaste ser visto como um bem comum, na prática a atividade é relegada e taxada como prioridade secundária ou terciária nas bibliotecas acadêmicas. Procuramos, então, compreender quais as razões ou as motivações que movem os bibliotecários a tomarem a opção de realizar o desbaste da coleção.

Há unanimidade na literatura quanto à gestão do espaço físico da biblioteca como uma das motivações para o desbaste. Para Slote (1997, p. 3), o crescimento da coleção, associado à escassez de espaço e aos custos para a manutenção dos materiais na coleção circulante, são razões suficientes para promover um vigoroso desbaste da coleção. A economia de espaço acentua-se perante a falta de orçamento para construção de novos edifícios e/ou a ampliação das bibliotecas. Johnson (2014, p. 195) e Evans e Saponaro (2012, p. 148) apontam o armazenamento externo para guarda dos volumes com baixo uso, o que resolve o problema da falta de espaço, permite o uso eficiente da coleção, torna a coleção mais atrativa, facilita o manuseio pelos usuários e a sua manutenção. Por outras palavras, o desbaste contribui para melhorar o serviço prestado pelas bibliotecas e a usabilidade da coleção.

Por mais óbvio que pareça, acatar as decisões documentadas nas políticas é uma das razões para desbastar a coleção, como as políticas de retenção, principalmente para materiais de vida útil curta, como anuários, diretórios e periódicos. Segundo Tyckoson

(2014, p. 67), o desbaste devido a decisões registradas nas políticas é uma prática comum nas instituições de ensino.

Outro ponto é a obsolescência, a qual Tycoson (2014, p. 67) remete especificamente para o fim da vida útil de materiais em outros formatos que não sejam impressos, como microformas, VHS, discos de vinil, entre outros. Afirma que algumas bibliotecas podem buscar transferir o conteúdo para outros formatos ou manter esses itens na coleção, mas bibliotecas destinadas ao ensino e pesquisa costumam descartá-los.

Diante do exposto, identificamos os seguintes motivos que levam as bibliotecas a realizarem o descarte: as decisões das políticas, a gestão do espaço físico, a manutenção da coleção, o acesso do usuário à coleção, a obsolescência e a atratividade da coleção.

Matlak (2010, p. 172, tradução nossa) afirma que a “literatura sobre o desbaste concentra-se nas experiências práticas dos bibliotecários” e tem a função de aconselhar os profissionais a tomar decisões e a superar o medo do processo. Assim, no que tange às razões para o desbaste das coleções de periódicos impressos, aferimos, por meio de artigos de estudos de caso e relatos de experiência, nos últimos onze anos (2010-2020), que se focam na necessidade de espaço físico, no pouco uso das coleções impressas, na preferência do usuário pelo formato digital e na possibilidade de o documento ser recuperado (acesso a *backfiles*, projetos de armazenamento de cópias impressas, solicitação a outra biblioteca).

Liberar espaço destaca-se como razão para o desbaste. Os motivos para precisar do espaço ocupado pelas coleções de periódicos são variados. No caso da *Kraemer Family Library*, foi detectada a demanda por assentos na biblioteca, que deu origem a um projeto e levou à remoção de mais de 50% dos periódicos, sendo a área livre convertida em um espaço colaborativo para os estudantes (Glazier & Spratt, 2016). Na *American University Library*, Reeves e Schmidt (2011), precisavam de espaço para alocar os livros novos, e a constatação de que mais de 90% da coleção não estava sendo utilizada, levou à decisão de remanejamento da coleção para o armazenamento externo.

Além das razões pertinentes para a própria biblioteca, por vezes, a liberação do espaço é solicitada pela instituição mantenedora, que pretende utilizar o espaço para outras atividades acadêmicas. Como relata Thomas e Shouse (2012), o desbaste de praticamente toda a coleção de periódicos da *Joyner Library* decorreu de um pedido, da administração da Universidade, de um espaço para abrigar um projeto de apoio a alunos.

Esse grande desbaste, também foi motivado pelo facto de, em contrapartida, terem sido alocados recursos para a compra dos arquivos de *backfile* eletrônico das coleções, que é mais uma das razões que viabiliza o desbaste das coleções de periódicos.

Ter uma cópia digital ou impressa, que possa ser acessada, é a segurança que os bibliotecários precisam e que motiva o desbaste, sem o medo de proceder com o descarte. Nesse sentido, Glazier e Spratt (2016, p. 327) afirmam que iniciativas como o JSTOR e *ProQuest Periodicals Archive* dão subsídio para as bibliotecas considerarem a remoção dos periódicos impressos da coleção. Quanto à questão da preferência do usuário pela versão digital e o baixo uso dos periódicos impressos, são motivos relacionados e que se interligam também com a possibilidade de se conseguir recuperar uma cópia do documento e a desocupação do espaço.

As exceções às motivações acima expostas são o caso da *Stephen B. Luce Library*, em que o desbaste da coleção de periódicos ocorreu em consequência da implementação de um projeto para recuperação dos periódicos com o objetivo de instituir o controle bibliográfico da coleção, preservar o material histórico e otimizar a coleção, pois, a coleção havia sido formada sem critérios de seleção concretos (Williams, 2012); e o caso da *Ralph Brown Draughon Library*, em que a razão que levou ao desbaste foi a necessidade de reduzir o trabalho dispensado com as coleções impressas. Constatando a baixa utilização e a inclinação dos usuários para a utilização da versão digital, optou-se por reduzir a causa do trabalho, afinal “a maneira mais lógica de reduzir o tempo gasto em recursos impressos é simplesmente reduzir seu número” (Sullenger, 2010, p. 20, tradução nossa).

Entre as razões inicialmente indicadas como motivadoras do desbaste, aferimos que apenas a questão de liberar espaço se aplica diretamente aos relatos analisados. Indiretamente, a questão da preferência dos usuários pela versão digital, que pode facilitar o acesso a coleção; e a obsolescência dos periódicos no formato impresso, que na visão de Tyckoson (2014), promove a sua substituição nas bibliotecas vinculadas a instituições de ensino superior.

Desta forma, conseguimos categorizar as razões para desbaste em dois tipos; o primeiro é o que realmente leva a biblioteca a executar a ação de desbaste, uma vez que constatamos que as bibliotecas têm mantido as coleções de periódicos, de forma intencional, praticamente inertes. As bibliotecas têm optado pela substituição das assinaturas impressas pelas digitais, o que reduziu o crescimento das coleções

consideravelmente (Huhn & Harland, 2014, p. 49; Martin *et al.*, 2013, p. 26; Sullenger, 2010, p. 19). Nesse sentido, Conyers (2019, p. 2) relata que a biblioteca da *LaGuardia Community College*, não realizava o desbaste da coleção de periódicos, antes da reforma que o impulsionou, pois, a biblioteca ainda tinha espaço disponível; entretanto eram feitos esforços para manter a coleção praticamente estática. O segundo, são condições favoráveis, ou seja, os fatores que contribuem para que a motivação principal possa ser executada. Aqui, tal como acima constatado, o fator chave é o avanço tecnológico que além de dar o suporte necessário, alterou de modo significativo o ambiente ao passo de permitir esse tipo de mudança. A Tabela 1 exemplifica as razões principais, ou seja, o catalisador que impulsionou o desbaste da coleção, e as secundárias, que possibilitaram o desbaste.

Apesar de liberar espaço ser a razão mais descrita, podemos entendê-la como consequência da evolução tecnológica, que proporciona a existência das publicações em formato digital, a possibilidade de adquirir arquivos de *backfiles* eletrônicos, a criação de repositórios digitais e, conseqüentemente, do armazenamento externo. A preferência dos usuários pelo formato digital é também o resultado de uma cultura digital, a que a informação contida nos periódicos impressos não é alheia.

Tabela 1 - Motivações para o desbaste da coleção de periódicos impressos

Motivação para o desbaste da coleção de periódicos impressos					
	Principal		Secundárias		
Conyer (2019)	Reforma- Espaço físico	Acesso a publicação online.	Disponibilidade do título em outras bibliotecas.	O periódico não atender a um programa de curso da faculdade.	
Glazier <i>et al.</i> (2016)	Espaço físico-Espaço de estudo.	Acesso perpétuo as publicações no formato digital.			
Grant (2016)	Espaço físico- Alocar escritórios para os docentes.	Acesso perpétuo as publicações pelo JSTOR.	Disponibilidade do título em outras bibliotecas.	Títulos que não apoiam mais os cursos da instituição.	Títulos disponíveis online.
Huhn e Harland (2014)	Espaço físico-Espaço de estudo.	Aquisição de <i>backfiles</i> eletrônicos com acesso perpétuo.	Preferência dos usuários pelo conteúdo de periódicos eletrônicos.	Acesso perpétuo a periódicos eletrônicos por meio de consórcio.	
Rais <i>et al.</i> (2010)	Espaço físico-Espaço para Arquivos e coleções especiais.	A preferência do usuário pelo material <i>online</i>	Periódicos eletrônicos com acesso perpétuo.	Estatísticas de uso da coleção.	
Reeves e Schmidt (2011)	Espaço físico-Alocação da coleção de monografias.	Acesso a repositórios de conteúdo de periódicos <i>online</i> confiáveis	Aquisição de <i>backfiles</i> eletrônicos com acesso perpétuo.	Preferência do usuário pelo material eletrônico.	Possibilidade de armazenamento externo da coleção.
Rogers (2015)	Espaço físico-Aliviar problemas de espaço na biblioteca.	Participação em programas que garante que uma cópia impressa será preservada.	Aquisição ou acesso a <i>backfiles</i> eletrônicos com acesso perpétuo.		

Motivação para o desbaste da coleção de periódicos impressos

	<i>Principal</i>	<i>Secundárias</i>		
Sullenger (2010)	Reforma – Troca dos carpetes.	Reduzir o trabalho dispensado as publicações impressas.	Baixa usabilidade da coleção.	Preferência do usuário pelo material digital.
Thomas e Shouse (2012)	Espaço físico-Abrigar o projeto STEPP - <i>Supporting Transition and Education through Planning and Partnerships</i> .	Fascículos com acesso disponíveis em <i>backfiles</i> eletrônicos.		
Williams (2012)	Projeto de recuperação dos periódicos (Objetivos: Instituir o controle bibliográfico da coleção, preservar o material histórico e otimizar coleção).	O título estar disponível em outra biblioteca.	O periódico esta disponível na versão online	

Fonte: Elaborado pela autora

1.6. Estratégias adotadas no desbaste de periódicos impressos

A forma como executamos as ações para alcançarmos os resultados almejados, o planejamento até chegar a um objetivo, são considerados como uma estratégia, uma estratégia operacional ou um planejamento estratégico. Baker (2004, p. 2, tradução nossa) diz que a estratégia “é o resultado de alguma forma de planejamento”. Desenvolvendo mais o conceito, Johnson *et al.* (2011, p. 25) afirmam que estratégia é “a orientação e o alcance de uma organização a longo prazo, que conquista vantagens num ambiente inconstante por meio da configuração de recursos e competências com o intuito de atender às expectativas dos *stakeholders*”.

A estratégia é um termo difícil de definir, conforme expõem Mintzberg *et al.* (2007, p. 24), “a palavra estratégia há tempos vem sendo usada implicitamente de diferentes maneiras”, e consideram que o reconhecimento das variantes do termo é um benefício para o entendimento deste campo. Assim, a administração estratégica tornou-se uma disciplina acadêmica, que desde a década de 80 cresceu de forma rápida e se estabeleceu como um campo independente, com literatura vasta, suas próprias publicações e conferências. Perante as diversas facetas deste campo, a "administração estratégica é comumente descrita como girando em torno de fases distintas de formulação, implementação e controle, executadas em etapas quase em cascata" (Mintzberg *et al.*, 2010, p. 33).

A estratégia pode ser abordada por diversos ângulos, como apresentam Mintzberg *et al.* (2007, 2010): a estratégia pode ser utilizada como um plano, quando anterior às ações; desenvolve-se de modo consciente; fornece diretrizes para execução de ações que irão direcionar a organização. Como plano, as estratégias podem ser específicas, gerais ou um pretexto, uma manobra para um objetivo determinado. Outra maneira de se compreender a estratégia é como um padrão, quando há uma coerência nas ações ao longo do tempo. A estratégia como plano indica as intenções futuras, o que se pretende fazer, e estratégia como padrão refere-se ao que se realiza. Ao abordar a estratégia como uma posição, explicam que é o lugar ocupado pela organização em um determinado ambiente, o seu nicho de mercado; e que pode ser complementada com a estratégia como uma perspectiva, que é a imagem, a ideia compartilhada sobre uma organização. Como exemplo, Mintzberg *et al.* (2010, p. 27) apresentam o caso de quando *McDonald's*

começou a ofertar o *Egg McMuffin*, inserindo-se no mercado do café da manhã, ocorreu uma mudança de posição ao oferecer um novo produto, para um novo mercado. Mas sua perspectiva se manteve, “a maneira do *McDonald's*”, apesar de ser ‘novo’ o produto não deixou em momento nenhum de representar o conceito que temos da empresa, ou seja, sua imagem. Assim, Mintzberg *et al.* (2007, p. 28) dizem que a estratégia como posição pode ser mutável, enquanto a estratégia como perspectiva é praticamente imutável. A estratégia ainda pode ser entendida como algo deliberado ou emergente. Deliberado quando as estratégias traçadas como plano são plenamente implementadas, e as estratégias emergentes são as que ocorrem no decorrer de uma ação; foram tomadas decisões que, com o tempo, tomaram coerência e converteram-se em um padrão (Mintzberg *et al.*, 2007).

Para Johnson *et al.* (2011) as estratégias dentro das organizações ocorrem de modo variado e podem ser classificadas em níveis conforme sua abrangência e hierarquia. São identificados, de forma básica, pelo menos três níveis de estratégia: o superior ou corporativo, nesse nível tomar-se-ão decisões e adotar-se-ão estratégias considerando a organização para as demais estratégias; O segundo nível ou de negócio, também conhecido como estratégia competitiva, refere-se às medidas tomadas em relação às unidades estratégicas em um determinado mercado, seja de produto ou serviços; esse nível “refere-se a como competir de forma bem-sucedida num mercado específico”. No terceiro nível ou operacional, concretizam-se as estratégias corporativas e de negócio, ou seja, é como as estratégias aplicadas aos recursos, processos e pessoal são executadas (G. Johnson *et al.*, 2011, p. 29–30).

Em outra perspectiva, Porter (2009, p. 54), ao responder à questão “o que é estratégia?”, diz que é “adotar posicionamento exclusivo e valioso, envolvendo um conjunto de atividades diferentes”. A estratégia é abordada aqui no campo da competitividade de mercado, ou seja, escolhas deliberadas de um *mix* de atividades que irão gerar valor. A competitividade se dá por meio de posicionamentos estratégicos que podem surgir de três fontes, são elas: a variedade, a necessidade e o acesso. Assim, o posicionamento baseado na variedade está relacionado com a escolha por um tipo de produto ou serviço. O posicionamento que tem a necessidade como suporte é orientado para um determinado grupo de clientes. O posicionamento baseado no acesso fundamenta-se na segmentação dos clientes, significa que ocorre de acordo com as diferenças de determinado nicho, por exemplo, se optar pelo posicionamento geográfico,

a forma de acesso a um cliente em uma determinada região ou de áreas urbanas ou rurais, ocorre de forma distinta (Porter, 2009). No caso do desbaste da coleção de periódicos nas bibliotecas, vemos que os três tipos de posicionamentos podem ser enquadrados; se a biblioteca se basear na variedade pode optar por oferecer apenas os periódicos em versão digital; se focar nas necessidades dos usuários, pode optar por manter a coleção impressa apenas os títulos que tem consulta mais frequente; com base no acesso, pode optar por desbastar apenas as coleções que atendem aos cursos de graduação ou selecionar coleções de determinada área do conhecimento. Visto que Porter (2009, p. 47) explica que são posicionamentos que se excluem e se sobrepõem de forma mútua, são todos aplicados ao desbaste da coleção de periódicos impressos, dependendo das decisões adotadas pelas bibliotecas.

Entretanto, percebemos que a aplicação de estratégias ao desbaste de coleções é, de facto, fraca, pois não estabelecemos grandes planos estratégicos para o desbastamento. No entendimento clássico de estratégia como atividades militares-diplomáticas, são consideradas um plano amplo para alcançar um objetivo, sendo elas “declarações prévias para orientar a ação ou como resultados posteriores de um comportamento real” (Mintzberg *et al.*, 2007, p. 30). Tal como apresentada por Sun Tzu (2013), uma estratégia militar envolve mais do que apenas ações isoladas, há a necessidade de avaliar a situação, conhecer os pontos fortes e fracos, dispor de táticas, traçar manobras, utilizar espiões, sendo que tudo pode ser adaptado “à infinita variedade de circunstâncias” (Sun Tzu, 2013, p. 43). Vemos, assim, que os princípios básicos da estratégia eram aplicados desde a Antiguidade, sendo estas as bases encontradas nas múltiplas divisões da estratégia moderna (Mintzberg *et al.*, 2007, p. 30).

Nessa perspectiva clássica, o que entendemos como mais próximo a uma estratégia para o desbaste nas bibliotecas é o modelo CREW, desenvolvido por Segal (1986, p. 29) para o desbaste da coleção monográfica e que também oferece possibilidades viáveis aos periódicos. O modelo é trabalhado por Larson (2012), que apesar de incluir os periódicos em alguns pontos do manual, não dá um grande foco no tratamento destas coleções. No manual, percebemos as várias táticas empregadas para que o desbaste seja executado de modo frequente. Além do modelo em si ser uma tática, a da realização do processo contínuo de revisão, avaliação e desbaste, há exemplos de critérios a serem utilizados. São apresentados 10 passos a serem seguidos para o desbaste, a aplicação do CREW a diversas coleções como a de referência, materiais infantis, E-

books. A aplicação do método gera informações estratégicas sobre o processo, seus pontos fortes, fracos e de saturação da coleção. Apesar de o modelo ser citado na literatura como um método para o desbaste da coleção por Johnson (2014, p. 196), Disher (2014, p. 93), Evans e Saponaro (2012, p. 150), e seu critério discutido por Demas e Miller (2012, p. 182), dentro de um contexto de coleções colaborativas, não encontramos relatos da aplicação do modelo ao desbaste às coleções de periódicos.

Do ponto de vista da Ciência da Informação, Cunha e Cavalcante (2008, p. 158) utilizam uma definição próxima ao conceito típico dado a estratégia, como uma “técnica de utilização dos recursos disponíveis visando a obtenção de um resultado determinado”. Para Baker (2004), as estratégias surgem em razão de algum tipo de desafio, como as demandas dos usuários. É feita a distinção de estratégia como planejamento e operacional com definições semelhantes às colocadas por Mintzberg *et al.* (2007, 2010) para estratégia como plano e padrão. Baker (2004, p. 3, tradução nossa) afirma que “uma estratégia que não impulsiona e facilita mudanças e melhorias é de pouca utilidade” e destaca a importância da harmonia entre as estratégias de gestão e as operacionais, “a estratégia deve coordenar as várias operações que são realizadas, seja como atividades em andamento ou como projetos finitos, a fim de garantir que todos estejam contribuindo para a missão abrangente da organização”. Entendemos que as definições aplicadas à estratégia no âmbito da Ciência da Informação são as adotadas, de um modo geral, para o termo, sendo esse passível de desdobramentos múltiplos para atender os domínios estudados, como a informação estratégica, o planejamento estratégico e as estratégias adotadas nos processos e serviços da biblioteca.

Assim, visto que a estratégia é entendida conforme a abordagem intencionada e, de acordo com o posicionamento da biblioteca, adotamos o entendimento de estratégia em um padrão e em terceiro nível. Como padrão, pretendemos identificar as ações realizadas em relação ao desbaste ao longo do tempo, sem distinção entre as estratégias deliberadas ou planejadas, e as estratégias que emergiram das atividades rotineiras da biblioteca no tratamento das coleções de periódicos. Classificamos em terceiro nível em razão de entendermos que, no primeiro nível, engloba toda a biblioteca, como uma organização; no segundo nível, atribui-se as distintas unidades da biblioteca e seu posicionamento em cada setor, gestão da coleção, processamento técnico, circulação etc.; e o terceiro nível, o qual diz respeito as estratégias operacionais e que, portanto, aplica-se à atividade de desbaste.

Em outras palavras, consideraremos como estratégia as medidas adotadas pelas bibliotecas universitárias para concretizar o processo de desbaste. Buscamos identificar na literatura as estratégias adotadas no desbaste das coleções de periódicos impressos, levando em consideração as três ações possíveis no decorrer do processo: manter, remanejar ou descartar, que podem ser executadas após avaliação e a tomada de decisão sobre um determinado título da coleção de periódicos.

Na literatura, percebemos que, em alguns casos, os autores trabalham a estratégia relacionada com a coleção. Conyers (2019) propõe-se a explorar estratégias relacionadas com as políticas de desenvolvimento de coleção e as diretrizes para retenção dos periódicos impressos. No mesmo sentido, Kaplan *et al.* (2006, p. 392) recomendam que as estratégias para desenvolvimento de coleções das bibliotecas sejam repensadas e Martins *et al.* (2013, p. 227) referem-se ao facto de as bibliotecas da Universidade do Arizona não terem estratégias para orientar o crescimento da coleção. Nestes três casos, entendemos a estratégia como um plano, visto que se relacionam com questões que devem ser abordadas na(s) política(s) que envolvem a gestão da coleção. Ao abordar a questão da preservação, Maiorana *et al.* (2019) apropriam-se do termo com interpretações distintas: como um plano, no que trata das políticas de desenvolvimento de coleções colaborativas e das estratégias de preservação em grande escala. Aplicam estratégia de modo operacional, ao referirem-se à distribuição de microformas. Posicionam-se de forma estratégica no que tange a ampliar o acesso e a reduzir os custos do compartilhamento das coleções, sugerindo um movimento cooperativo dos envolvidos para mitigar os riscos do serviço e uma possível perda de valor do compromisso de retenção firmado.

Nos artigos de estudo de caso e nos que relatam experiências das bibliotecas com o desbaste da coleção de periódicos, conseguimos identificar dois tipos de estratégias: o primeiro, relacionado com a forma como o desbaste ocorre, ligado ao período do processo e objetivo da ação; o segundo tem a ver com as tomadas de decisão quanto à destinação dos títulos.

Quanto ao primeiro tipo de estratégia, constatamos dois padrões: o desbaste pontual, conforme critérios de descarte e/ou retenção; e o desbaste massivo, intencionando o descarte. Ambos estão relacionados com o período que as bibliotecas procedem ao desbaste, ainda que o pontual ocorra em períodos específicos, tendo em consideração os critérios definidos, ou quando o período de retenção definido na política

é finalizado. Para a aplicação dessa estratégia, julgamos ser necessário que a biblioteca estabeleça as diretrizes para descarte e/ou retenção da coleção de periódicos impressos. Nesse sentido, Conyers (2019) determina o tempo da retenção para tipos de publicação, que vão desde um mês, para jornais diários, a dez anos, para periódicos acadêmicos. Já Huhn e Harland (2014) optam por critérios heterogêneos para retenção: cinco anos para publicações correntes, dez anos para publicações de belas artes e retenção perpétua a coleções locais do Canadá. Apesar de identificados esses dois casos, a questão de ser um desbaste pontual foi inferida, pois ambos surgiram de projetos de desbaste intenso da coleção de periódicos impressos, na qual houve a definição de período de retenção. Conyers (2019) utilizou critérios de retenção para avaliar os títulos e eliminar 40% da coleção de periódicos e Huhn e Harland (2014) descartaram aproximadamente seis mil pés lineares² da coleção de periódicos, ao eliminar os títulos que tinham equivalente eletrônico ao quais a biblioteca tinha acesso perpétuo. Definiu-se como uma estratégia adotada para o desbaste, pois, pressupõe-se, que, a partir do fim desses projetos de desbaste massivo, a coleção passará pontualmente por desbaste conforme definido.

A segunda estratégia relacionada com a forma como o desbaste ocorre é o desbaste massivo intencionando o descarte, uma vez que as bibliotecas têm a intenção de eliminar a coleção, para liberar o espaço de modo rápido. Tal como Conyers (2019) e Huhn e Harland (2014), outros autores relatam a utilização da estratégia quando tem o mesmo objetivo. Notamos que, o recurso essencial para possibilitar essa estratégia é as bibliotecas terem a coleção na versão eletrônica, com o acesso perpétuo através dos editores ou do JSTOR (Glazier & Spratt, 2016; Grant, 2016; Thomas & Shouse, 2012). Seguindo a linha de garantir o acesso, Rogers (2015) acrescenta ter acesso aos volumes impressos preservados pelo *Western Regional Storage Trust* (WEST).

Nas estratégias relacionadas com o tipo de tomada de decisão quanto a destinação das coleções categorizamo-las em três possibilidades: o remanejamento para local na própria biblioteca, o remanejamento para local na própria instituição e a remoção da coleção para armazenamento externo compartilhado e/ou arquivo ou repositório de impressão e/ou para projetos ou programas de preservação compartilhada.

As duas primeiras estratégias identificadas abordam o remanejamento, sendo a diferença o local de armazenamento: no primeiro, o remanejamento ocorre para um

² Aproximadamente 1828.800m²

depósito, uma coleção ou local de acesso restrito dentro da própria biblioteca. Nessa perspectiva, Reeves e Schmidt (2011) optaram por manter as coleções de periódicos de artes, remanejando-os e integrando-os com a coleção de monografias, formando uma coleção de artes visuais. Sullenger (2010) remanejou as coleções de periódicos, completas, encerradas e acessíveis online, para uma coleção de acesso restrito. De modo semelhante, Thomas e Shouse (2012) remanejaram para estantes compactas, em coleção de acesso fechado, as coleções com assinatura encerradas e as que possuíam volumes mal digitalizados. No segundo caso, o remanejamento se dá para um local dentro dos domínios da instituição mantenedora da biblioteca, como relatado por Huhn e Harland (2014), que remanejaram determinadas coleções da *Webster Library* para *Vanier Library*, onde foram instaladas estantes compactas para esse fim.

A terceira estratégia implica a remoção das coleções. Quanto ao uso do termo remoção, optamos por utilizá-lo visto que, nos casos específicos, as coleções foram retiradas de forma permanente da biblioteca, a posse dos volumes foi transferida ao projeto de armazenamento ou preservação compartilhada, mas, entretanto, ainda podem ser acessados pela biblioteca. Não sendo um descarte, no qual se perde o acesso àquele item, os volumes constam como disponíveis na coleção compartilhada. Da mesma forma, entendemos não se caracterizar como um remanejamento, uma vez que implica em recursos e participação de terceiros. Assim, essa estratégia implica liberar o espaço, ao mesmo tempo que se garante o acesso aos volumes impressos. O que diferenciou a remoção descrita por Reeves e Schmidt (2011) da estratégia de desbaste massivo intencionando o descarte, foi que, apesar de ter a intenção de liberar o espaço, com a remoção de praticamente toda a coleção, o projeto previa o envio da coleção para a instalação de armazenamento do *Washington Research Library Consortium* (WRLC). Utilizando a mesma estratégia, Rogers (2015) removeu volumes da coleção, que foram enviados para completar as coleções que compõem o arquivo compartilhado de periódicos impressos da WEST.

Observamos que o desbaste pode ser compreendido como uma tática quando o plano estratégico está relacionado com a coleção de periódicos. Williams (2012) desenvolveu um projeto no qual a intenção primordial não era o desbaste e, sim, a recuperação da coleção de periódicos. Contudo, para atingir o objetivo principal, a coleção passou por avaliação e, conseqüentemente, resultou no desbaste. Diante do

exposto, o Quadro 2 mostra as cinco estratégias identificadas aplicadas ao desbaste das coleções de periódicos.

Quadro 2 - Estratégias adotadas no desbaste da coleção de periódicos impressos

Estratégia	Descrição
Desbaste pontual conforme critérios de descarte e/ou retenção	A biblioteca estabelece os critério de descarte e/ou de retenção das coleções por tipo de publicação, por área do conhecimento etc. O desbaste é realizado de modo pontual, no inventário ou período determinado, em que são removidos os fascículos que o tempo de retenção expirou.
Desbaste massivo intencionando o descarte	Estabelece-se os critérios a serem utilizados no desbaste, procede com a avaliação título a título da coleção com a intenção de descarte de uma grande quantidade de volumes. Normalmente desenvolve-se um projeto para essas atividades.
Remanejamento para local na própria instituição	Remanejar os volumes selecionados no desbastamento para um depósito ou outras bibliotecas que pertençam a mesma universidade.
Remanejamento para local na própria biblioteca	A biblioteca opta por manter determinada coleção e a remaneja para outro local nas instalações da própria biblioteca, uma outra coleção, um depósito, local de acesso mais restrito etc.
Remoção da coleção para armazenamento externo compartilhado e/ou arquivo ou repositório de impressão e/ou para projetos ou programas de preservação compartilhada	A coleção é removida da biblioteca em caráter definitivo, contudo, ainda compõe uma coleção acessível à biblioteca, uma vez que está em uma coleção compartilhada em um programa/projeto do qual a biblioteca é integrante.

Fonte: Elaborado pela autora

Quanto às estratégias apontadas, verifica-se que podem ser utilizadas, de modo concomitante, para garantir que o objetivo de desbaste da coleção de periódicos impressos seja satisfatório. Corrobora-se a ideia de que não existe apenas um tipo de estratégia, sendo a mais adequada a que se concilia com as demais estratégias envolvidas no processo. Assim, as estratégias relacionadas com a forma em que o desbaste ocorre, podem ser tipificadas em estratégias de padrão, por enquadrarem-se em ações decorridas em um período, tornando-se um procedimento, principalmente a estratégia de desbaste pontual, conforme os critérios de retenção. As estratégias que envolvem a tomada de decisão, quanto a destinação dos títulos, classificam-se como estratégias operacionais por estarem estritamente relacionadas à realização da atividade de desbaste.

2. METODOLOGIA

O interesse deste estudo é identificar e comparar as estratégias, que estão sendo empregadas, no desbaste das coleções de periódicos impressos nas bibliotecas universitárias, pretendendo-se agora fundamentar e esclarecer o caminho metodológico que tomamos. Seguimos a premissa de Campenhoudt *et al.* (2019, p. 28) de que, para realizar uma investigação, é necessário um método, isto é, “por um lado, devem ser respeitados certos princípios gerais do trabalho científico; por outro lado, devem distinguir-se e pôr em prática de forma coerente as diferentes etapas do procedimento”.

2.1. Justificativa e problemática

Ao trabalhar com a coleção de periódicos em uma biblioteca universitária percebe-se a influência que o desenvolvimento tecnológico tem sobre o acervo, a baixa usabilidade e a descontinuidade das coleções, por estarem disponíveis *on-line*, com acesso gratuito ou via assinatura, ou ainda, devido ao cancelamento dos fascículos impressos pelos editores. Os tempos mudaram, mesmo não vivenciando o período em que estas grandes coleções davam *status* às bibliotecas e às universidades, compreende-se o papel importante que elas desempenharam em sua época. Mais do que o *status*, ter uma coleção de *Biological abstracts* ou *Chemical abstracts* significava dar acesso à informação sobre determinado campo da ciência e ao desenvolvimento das pesquisas nas universidades.

Atualmente, conseguimos fazer muito mais em muito menos tempo, as bases de dados eletrônicas nos permitem realizar pesquisas rápidas e com maior facilidade do que consultar os volumes em papel. Diante desta nova realidade, questiona-se qual o destino destas coleções. Por sua especificidade, são coleções grandes, existem títulos que publicam os fascículos em periodicidade mensal ou quinzenal, o que acarreta muitos volumes e um extenso espaço ocupado. Essa é uma das razões que tornam as coleções de periódicos tão atraentes, quando a questão é liberar espaço nas bibliotecas. Ao eliminar uma coleção pode-se ganhar espaço livre em várias estantes ou até mesmo corredores inteiros. Percebe-se que o motivo desta ‘preferência’ está estreitamente condicionado à

comunidade de usuários e ao seu padrão de uso. Em decorrência da inserção da tecnologia no nosso dia a dia, os formatos digitais/eletrônicos ganharam a preferência para as publicações periódicas e dos usuários, culminando na baixa usabilidade das coleções de periódicos impressos. Entende-se, assim, que um estudo referente ao desbaste das coleções de periódicos é pertinente ao atual contexto em que se inserem as bibliotecas universitárias.

Sobre a temática, o desbaste de coleções não se caracteriza como o tema mais discutido no que tange ao desenvolvimento de coleções, em comparação com a seleção e a aquisição, que recebem maior destaque. O universo a ser explorado é vasto: a etimologia, o conceito, a política, a formação dos critérios, o seu lugar no processo de desenvolvimento de coleções, etc. Dentre as hipóteses, optamos por abordar a questão das estratégias que as bibliotecas universitárias estão a adotar no desbaste das coleções de periódicos impressos. A falta de literatura nesta perspectiva é um indicativo de um vazio nesse campo. A escolha do tipo de coleção justifica-se, pois, tal como constatado, quando uma biblioteca se depara com a necessidade de liberar espaço, a preferência se dá por dois tipos de coleções: a de periódicos e/ou a de obras de referência.

Colocamos então a questão que nos propomos a responder com esse estudo: *que estratégias as bibliotecas universitárias públicas do Brasil e de Portugal estão desenvolvendo no desbaste de suas coleções de periódicos impressos?*

Na literatura internacional, encontram-se artigos a relatar os motivos que levam as bibliotecas a procederem com o desbaste dessas coleções, e as táticas e as decisões envolvidas no processo, que nos permite identificar as estratégias adotadas. Contudo, na produção científica localizada, do Brasil e de Portugal, não se identificou tais relatos com menção às motivações e às estratégias adotadas no desbaste das coleções de periódicos impressos, levando a duas hipóteses: a primeira é a de que as coleções de periódicos das bibliotecas universitárias dos países referidos, ao contrário do fenômeno indicado na literatura internacional, não estão a ser desbastadas; e a segunda, é que o desbaste tem ocorrido, mas não há, no contexto destes países, o hábito desse tipo de procedimento resultar em algum tipo de comunicação científica.

Desta maneira, esperamos contribuir para estudos futuros, que venham a abordar o tema do desbaste, bem como para o conhecimento que pode interessar à comunidade de bibliotecários, apontando as estratégias que estão sendo adotadas pelas bibliotecas universitárias no Brasil e em Portugal.

2.2. Objetivos

A investigação tem como objetivo conhecer as estratégias adotadas pelas bibliotecas universitárias, no Brasil e em Portugal, no desbaste das coleções de periódicos impressos. Para alcançar esse objetivo, definem-se quatro objetivos específicos:

- 1) Localizar na literatura as motivações e as estratégias que vêm sendo adotadas pelas bibliotecas universitárias para o desbaste das coleções de periódicos impressos;
- 2) Identificar quais as razões e as estratégias que as bibliotecas universitárias brasileiras e portuguesas estão adotando no desbaste de suas coleções de periódicos impressos;
- 3) Comparar os resultados obtidos com os verificados na literatura;
- 4) Aferir quais são as semelhanças e as diferenças entre as práticas adotadas nas bibliotecas brasileiras e portuguesas.

2.3. Caracterização do estudo

Para o desenvolvimento desse estudo adota-se uma abordagem mista ou de métodos mistos, em que se utiliza uma combinação de teorias, métodos, análises e instrumentos, tanto de cunho quantitativo, como qualitativo. Sendo definida por Creswell e Plano Clark como:

Uma abordagem da investigação que combina ou associa as formas qualitativa e quantitativa. Envolve suposições filosóficas, o uso de abordagens qualitativas e quantitativas e a mistura das duas abordagens em um estudo. Por isso, é mais do que uma simples coleta e análise dos dois tipos de dados; envolve também o uso das duas abordagens em conjunto, de modo que a força geral de um estudo seja maior do que a da pesquisa qualitativa ou quantitativa isolada. (Creswell & Plano Clark, 2007 como citado em Creswell, 2010, p. 27)

Molina-Azorin (2010, p. 35, tradução nossa) apresenta alguns benefícios da utilização dos métodos mistos, sendo eles: “responder a questões de pesquisa que outras metodologias não podem”, uma vez que “permite ao pesquisador gerar e verificar simultaneamente a teoria no mesmo estudo” e fornecer “inferências mais fortes”.

Dentro dessa abordagem, essa investigação enquadra-se como exploratória, uma vez que não se identificou na pesquisa bibliográfica um estudo que se refira às estratégias de desbaste aplicadas à coleção de periódicos. Buscamos desta forma “explorar um tópico porque as variáveis são desconhecidas e estabelecer a extensão em que os resultados detalhados de alguns participantes se generalizam para uma população” (Creswell & Plano Clark, 2013, p. 141).

Conforme explica Flick (2013, p. 77), a maior parte dos estudos empíricos envolve a seleção de uma amostra para continuação dos estudos. Visto a impossibilidade de trabalhar com toda a população de bibliotecas universitárias, do Brasil e de Portugal, delimitou-se a amostra de modo intencional. No que se refere à escolha dos métodos de coleta de dados, entende-se a análise bibliográfica e de conteúdo como pertinente para identificar as motivações e as estratégias descritas na literatura e dar o subsídio para a construção do questionário. O inquérito por questionário permite representar a percepção do investigador através de um modelo de análise, que possibilitará “medir e/ou compreender um determinado fenômeno social” (Campenhoudt *et al.*, 2019, p. 256). Enquadra-se como propício a um estudo exploratório, pois facilita a recolha de informação e a padronização das questões.

Diante do exposto, este estudo enquadra-se dentro de uma abordagem mista, sendo então pertinente que sua fundamentação se dê no âmbito do pragmatismo. No entendimento de Creswell e Plano Clark (2013, p. 51), “o pragmatismo é normalmente associado com a pesquisa de métodos mistos”. De acordo com Creswell (2010), o paradigma pragmático busca compreender o problema em seu contexto social a partir de ações e consequências em determinada situação. Isto aplica-se a esse estudo, pois entende-se que as motivações identificadas para o desbaste da coleção de periódicos impressos têm ocorrido em consequência das mudanças sociais e da auto-percepção da biblioteca nesse novo contexto.

Creswell (2010, p. 29) indica quatro elementos componentes de uma concepção pragmática: as “consequências das ações”, ser “concentrada no problema”, “pluralista” e ser “orientada para a prática do mundo”. Na explicação de Creswell e Plano Clark (2013, p. 51), “o foco está nas consequências da pesquisa, na importância fundamental da questão formulada, em vez de nos métodos, e no uso de múltiplos métodos de coleta de dados para informar os problemas que estão sendo estudados. Portanto, é pluralista e orientado para “o que funciona” e para a prática”.

Quanto à execução de uma pesquisa, Revez (2019, p. 221) explica que, para Creswell (2015), o desenho do processo de recolha e análise dos dados pode ocorrer de três formas: o convergente, em que os dados quantitativos e qualitativos são coletados e analisados de modo separado, para que se possa realizar a sua comparação; o sequencial explicativo, em que se inicia com a recolha, análise e observação dos dados quantitativos, em seguida coleta e analisa os dados qualitativos, com o objetivo de entender os resultados encontrados com os dados quantitativos a partir das informações extraídas da análise qualitativa; e o sequencial exploratório, em que se procede com a recolha e análise dos dados qualitativos, que subsidiará a formulação de um instrumento quantitativo, que ao ser aplicado ou testado permitirá explorar determinado contexto.

Neste estudo, a pesquisa, apesar de se tratar de uma análise comparativa, não ocorreu a possibilidade de um desenho convergente, pois, para ter acesso aos dados a serem analisados, seria necessário formularmos um instrumento para coletar as informações sobre o desbaste nas bibliotecas do Brasil e de Portugal. Da mesma forma, não há dados quantitativos sobre o desbaste da coleção de periódicos impressos para que pudéssemos utilizar e traçar um processo sequencial explicativo. Assim, seguimos, em parte, com o desenho sequencial exploratório, em que recolhemos os dados qualitativos através da pesquisa bibliográfica e da análise de conteúdo, que fundamentaram a construção do questionário. Entretanto, compreender o processo de desbaste nas bibliotecas, na tentativa de traçar as estratégias que estão sendo utilizadas, exigiram que o inquérito fosse formulado incluindo questões que resultariam em dados, tanto de cunho quantitativo, como qualitativos. Desta maneira, é um instrumento formulado para responder aos objetivos desta pesquisa.

2.4. Amostra do estudo

A amostra deste estudo caracteriza-se como intencional, pois, necessariamente, os integrantes do grupo selecionado precisam de ter um conhecimento prévio sobre as atividades de desenvolvimento da coleção na biblioteca e sobre o processo de desbaste na sua instituição. Assim, a amostra “exemplificará propositadamente um grupo de pessoas que pode melhor informar o pesquisador sobre o problema de pesquisa que está em exame” (Creswell, 2014, p. 122).

A delimitação geográfica foi definida ao optar por um estudo comparativo entre bibliotecas no Brasil e em Portugal. Simultaneamente, entendeu-se a impossibilidade de estudar toda a população, ou seja, todas as bibliotecas universitárias desses países. A restrição iniciou-se com a seleção das instituições de ensino superior público: 331 (Pública municipal, estadual e federal) no Brasil e 37 em Portugal (Público e Público Militar e Policial). Na busca por restringir o grupo, verificaram-se indicadores de qualidade utilizados, como: o Índice Geral de Cursos da instituição (IGC) e o Conceito Institucional (CI), o Quadro Nacional de Qualificações (QNQ) e o Quadro Europeu de Qualificações (QEQ) (Brasil, 2020; Portugal, 2020). Não conseguindo encontrar uma forma pertinente de trabalhar em simultâneo com os dados dos indicadores aplicados em ambos os países, para reduzir a amostra, decidiu-se por utilizar um *ranking* internacional de classificação das universidades. Conforme refere Pagell (2014), os rankings são focados na produção de pesquisa, e podem ser utilizados como um indicador de responsabilidade de pesquisa por parte de órgão de financiamento, da mesma forma que possibilita às universidades tomar decisões estratégicas para melhorar sua posição em determinado *ranking*. Afirmando que não existe uma classificação correta, os *rankings* utilizam várias metodologias para classificar as universidades. Contudo, ao selecionarmos um *ranking*, os critérios utilizados terão o mesmo padrão para delimitar a amostra em cada país.

Assim, selecionamos o *Academic Ranking of World Universities* (ARWU), popularmente conhecido como *ranking* de Shanghai. Esse *ranking* surgiu da iniciativa da *Shanghai Jiao Tong University*, que pretendia aferir a disparidade entre as universidades chinesas e as demais universidades mundiais (Liu & Cheng, 2005). Conforme explica Docampo (2013, p. 568), o ARWU tornou-se um *ranking* popular entre as instituições acadêmicas por utilizar dados concretos, sem subjetividade e passíveis de aferição pelo público em geral; os indicadores utilizados consideram a produção científica, a excelência individual, através de prêmios de prestígio, e o número de citações. Atualmente, o ARWU é produzido por uma organização independente, a *Shanghai Ranking Consultancy*, e publica em seu *ranking* as universidades classificadas até a posição de número mil. Como critério de classificação, são utilizados os seguintes indicadores: as universidades que tenham ex-alunos e funcionários vencedores do Prêmio Nobel e/ou medalha *Fields*; pesquisadores com grande número de citações, classificados pelo *Science Citation Index-*

Expanded e pelo *Social Science Citation Index*; e o número de publicações na *Nature* ou na *Science* (Shanghai Ranking Consultancy, 2020).

Optamos por utilizar as cinco primeiras instituições classificadas no ARWU 2020 em cada um dos países, conforme ilustrado na Figura 2, para selecionar as universidades nas quais as bibliotecas poderão ser parte da amostra, são elas: Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade de Lisboa (ULisboa), Universidade do Porto (UPorto), Universidade do Minho (UMinho), Universidade de Aveiro (UA) e Universidade de Coimbra (UC).

Figura 2 - Print screen da página do ARWU 2020

Academic Ranking of World Universities 2020				Academic Ranking of World Universities 2020			
Top 1000				Top 1000			
World Rank	Institution*	By location	National/Regional Rank	World Rank	Institution*	By location	National/Regional Rank
101-150	University of Sao Paulo	Brazil	1	151-200	University of Lisbon	Portugal	1
301-400	UNESP	Brazil	2-3	301-400	University of Porto	Portugal	2
301-400	University of Campinas	Brazil	2-3	401-500	University of Minho	Portugal	3
401-500	Federal University of Minas Gerais	Brazil	4-6	501-600	University of Aveiro	Portugal	4-5
401-500	Federal University of Rio de Janeiro	Brazil	4-6	501-600	University of Coimbra	Portugal	4-5

Fonte: *Academic Ranking of World Universities (2020)*

Com as universidades definidas, procedeu-se à identificação das bibliotecas, tendo um total de 292 bibliotecas, das quais, inicialmente, foram selecionadas 230 por compreender que se tratam de bibliotecas universitárias ligadas ao ensino e à pesquisa (ver Apêndice A). Ao dar início à aplicação do questionário, a amostra foi reduzida para 218, dado que fomos informados pelos respondentes que algumas das bibliotecas previamente selecionadas enquadram-se nos critérios de exclusão a seguir descritos. As bibliotecas excluídas são bibliotecas que pertencem ao sistema de bibliotecas das universidades, mas que não se enquadram no conceito de universitárias, pois, atendem ao ensino fundamental, ao técnico ou são coleções destinadas à extensão, que atendem a comunidade em geral. Também foram excluídas as bibliotecas que têm a finalidade de

gestão do sistema, as bibliotecas destinadas a obras raras e especiais, as dos museus, de núcleos e de centros relacionados a grupos de pesquisa específicos e as relacionadas com atividades administrativas. Na Tabela 2, vemos o número total de bibliotecas identificadas em cada universidade e as elegíveis para o estudo.

Tabela 2 - Relação total de bibliotecas e selecionada por universidade

Universidades no Brasil	Bibliotecas Existentes	Bibliotecas Selecionadas	Universidades em Portugal	Bibliotecas Existentes	Bibliotecas Selecionadas
USP	66	45	ULisboa	23	19
UNESP	33	31	UPorto	18	15
UNICAMP	30	20	UMinho	26	15
UFMG	27	21	UA (Aveiro)	7	1
UFRJ	44	38	UC (Coimbra)	18	13
Total	200	155		92	63

Fonte: Elaborado pela autora com os dados coletados no site das universidades e dos sistemas de bibliotecas

Apesar de nos propormos a aplicar o inquérito às bibliotecas selecionadas, acreditamos que podemos ter algumas dificuldades na recolha dos dados. Tal como colocado por Creswell (2014, p. 123), durante o percurso podem ocorrer algumas das chamadas “dificuldades do campo”, aqui identificadas como: não ter retorno dos questionários e a recusa dos participantes selecionados em participar do estudo. No primeiro caso, intenciona-se solicitar periodicamente, dentro do prazo estipulado, que as bibliotecas identificadas como não respondentes, até aquele momento, participem da pesquisa; e no segundo caso, buscaremos compreender junto da instituição os motivos em recusar fornecer as informações solicitadas via questionário e, se possível, adotar procedimentos para adequar a pesquisa às soluções propostas. No caso de inviabilidade, recorreremos à próxima universidade listada no *ranking* ARWU 2020.

2.5. Coleta de informação

A coleta de informação para este estudo iniciou-se com uma primeira pesquisa realizada na base de dados *Library, Information Science and Technology Abstracts* (LISTA), em 16 de outubro de 2019. Esta base, tal como a LISA, são bases específicas e

relevantes da Ciência da Informação, o que justifica plenamente a sua utilização. Utilizaram-se expressões de pesquisa simples, combinando os termos selecionados por meio dos operadores booleanos “and” e “or”. Formaram-se assim as seguintes expressões: “*Periodicals collections*” or “*Serials collections*” and “*University libraries*” or “*Academic libraries*” and “*print collections*”, que resultou em um total de 103 resultados. Após a verificação de algum destes termos no título, nas palavras-chave e no breve resumo visualizado nos resultados, foram selecionados 11 artigos, entre os quais, oito abordavam a temática pertinente ao estudo.

Quanto à verificação da terminologia empregada em inglês, utilizou-se o *thesaurus* disponível na base de dados LISTA para verificar qual o termo preferido referente ao desbaste, sendo indicado o termo *deselection*. No *thesaurus* da base *Library and Information Science Abstracts* (LISA) não ocorre a menção à palavra *deselection*, apenas a indicação de *weeding*. Realizou-se, em ambas as bases, a busca, no dia 16 de outubro de 2020, pelo termo *deselection*, obtendo-se como resultado 376 publicações na LISA e 206 na LISTA. Ao ordenar os resultados pelo ano mais antigo verifica-se, em ambas as bases, que o artigo mais antigo é de 1977. No caso da LISTA o primeiro artigo indexado tem o ano de 1970, mas ao acessar a publicação verifica-se que a data correta é 1978. Constata-se que, apesar de a LISA não possuir o termo *deselection* em seu *thesaurus*, a busca foi mais precisa, pois o primeiro artigo localizado faz uso do termo no texto, enquanto na LISTA a verificação deu-se apenas ao terceiro artigo localizado, sendo esse o mesmo encontrado em primeiro na LISA, a saber; “*The development of working collections in university libraries*” de Rice (1977).

No que se refere ao uso da terminologia em português do Brasil, em consulta ao ‘Dicionário de Termos’ da base PERI (Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2010), no dia 17 de outubro de 2020, verificaram-se as publicações indexadas dentro da temática de desbaste e descarte, tendo-se localizado os seguintes termos: desbastamento, desbaste, descartadas, descartado, descartados, descartam, descartando, descartar, descartável, descarte, descarte de livros, descarte de materiais bibliogr., descarte de material e descarte-biblioteca escolar.

Todos os resultados encontrados para cada termo foram copiados para uma planilha *Microsoft Excel*. Após a exclusão das publicações duplicadas, obteve-se um total de 54 resultados. Procedeu-se com a análise dos títulos, selecionando-se os que tinham temática relacionada ao desenvolvimento de coleção e que possuíam um termo

relacionado ao desbaste no título, o que reduziu os resultados a 11 títulos, dos quais nove tinham o termo descarte, um o termo desbastamento e um o termo expurgo.

No portal Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal (RCAAP), utilizou-se a busca avançada por assunto, no dia 18 de outubro de 2020, para executar uma pesquisa com os termos desbaste, desbastamento e descarte, limitando a pesquisa apenas a Portugal. Obtiveram-se 654.080 resultados, mas como não foi possível restringir os resultados a uma quantidade exequível para análise, optou-se por alterar a busca para o termo mais amplo, uma vez que o desenvolvimento e a gestão de coleção não se aplicam a diversas áreas do conhecimento como desbaste e desbastamento. Em uma segunda tentativa, utilizou-se a expressão “colec* E desenvolvimento OU gestão”, com a intenção de recuperar publicações indexadas com as várias grafias para o termo coleção, contudo obteve-se um retorno de 1115 documentos. Tal como na pesquisa anterior, não houve a disponibilização de filtros que pudessem reduzir a quantidade de resultados encontrados. Assim, optou-se por utilizar a seguinte expressão na pesquisa “colecç* E desenvolvimento OU gestão” obtendo-se 238 resultados que, refinados pelos assuntos ‘coleções’ e a opção de acesso aberto, reduziu-se os resultados a 117 respostas. Observa-se que, por assunto, também era possível selecionar a opção ‘coleção’, com 83 resultados, contudo, ao selecionar as duas opções, o retorno foi reduzido a dois resultados. Visto que já havia retornado resultados com títulos mais relevantes para a temática, optou-se por refinar os resultados pelos dois termos, separadamente, e optando-se por utilizar o resultado encontrado com o termo ‘coleções’. Eliminou-se a possibilidade de utilização do termo ‘coleção’, pois os títulos apresentados na primeira página de resultados referiam-se a obras referentes a arquivologia, museologia e ciências biológicas. Após análise dos resultados apresentados, selecionaram-se cinco títulos, nos quais se localizaram os seguintes termos; abate, desbaste, eliminação e remoção.

Dando continuidade às pesquisas relacionadas com as coleções de periódicos e o desbaste, pesquisou-se a base de dados LISTA, no dia 9 de novembro de 2020, na qual foi utilizada, na busca avançada, a expressão: (*weeding or deselection*) and *serials*. Com uma resposta inicial de 735, após selecionar o período de 2010 a 2020, o resultado foi reduzido para 265. Inicialmente, a pesquisa foi realizada com cada um dos termos separados em uma caixa de texto, ligados pelos operadores booleanos. Contudo, ao iniciar a inserção dos termos no campo de busca é oferecida a sugestão “*weeding or deselection*”, no mesmo campo. Seguindo essa sugestão e associando-a ao termo “*serial*” por meio do

operador *and*, em outro campo de busca, obtiveram-se 98 resultados que ao refinar pelo período de 2010 a 2020, se alcançou um retorno de 30 resultados. Optou-se por utilizar a segunda opção de pesquisa por apresentar um menor número de resultados, que poderia ser avaliado dentro do tempo previsto para realizar a pesquisa.

Como se pretendia recuperar artigos que tivessem como temática o desbaste das coleções de periódicos impressos, para identificar possíveis estratégias utilizadas, ao analisar os títulos, as palavras-chave e o resumo, que são visíveis na lista dos resultados, foram excluídos os artigos que tratavam de livros, de livros raros, da coleção de referência, de microformas, do cancelamento de assinatura de periódicos eletrônicos e os artigos que já havíamos acedido em consequência da pesquisa anterior. Obtiveram-se 13 resultados, dos quais, após uma análise mais detalhada, resultaram oito artigos. Cinco são relatos de experiência de bibliotecas universitárias no desbaste da coleção de periódicos impressos.

2.6. Análise bibliográfica e de conteúdo

As informações coletadas foram utilizadas como subsídio para realizar uma análise bibliográfica, que possibilitou a redação da revisão da literatura, e uma análise do conteúdo dos artigos de relato de experiência para identificar as razões e as estratégias, que vêm sendo adotadas pelas bibliotecas. Quanto à análise bibliográfica, Martins e Theóphilo (2016, p. 51) indicam que é uma estratégia de pesquisa fundamental, que permite construir a base teórica do estudo, na qual se procura conhecer, analisar, “explicar e discutir um assunto, tema ou problema com base em referências publicadas”. Sobre a análise de conteúdo, Campenhoudt *et al.* (2019, p. 323) afirmam que, nas ciências sociais, é proposta com a intenção de ter o conhecimento de um objeto que é “exterior a ele mesmo”, submetendo as informações recolhidas a um tratamento metódico, podendo agrupá-las, compará-las e relacioná-las ou organizá-las em uma estrutura que lhes dê sentido.

A análise de conteúdo foi utilizada para tentar condensar os dados, buscando categorizá-los de uma maneira uniforme, de modo que pudesse facilitar a interpretação. Para identificação das razões que levaram ao desbaste e as estratégias utilizadas,

analisaram-se artigos publicados entre 2010 e 2020, localizados na pesquisa bibliográfica. Assim, em *Microsoft Excel*, criaram-se planilhas com alguns pontos definidos, que buscavam identificar na leitura dos artigos de estudo de caso e dos relatos de experiências sobre o desbaste da coleção de periódicos: o motivo, o ano de início, o tipo de desbaste, as decisões tomadas com relação à coleção, as estratégias identificadas, as táticas, a destinação do descarte, se a biblioteca integra algum projeto de preservação de impressos, e outras observações. Isto possibilitou identificar as razões que levaram as bibliotecas ao desbaste e categorizá-las em principais e secundárias. Permitiu ainda a identificação dos dois tipos principais de estratégia, a forma pela qual o desbaste ocorre e as relacionadas às tomadas de decisão quanto à destinação dos títulos.

2.7. Inquérito por questionário

Para levantamento empírico dos dados, decidiu-se utilizar o inquérito por questionário, uma vez que esse instrumento possibilita a comparação entre os dados coletados, conforme menciona Flick (2013, p. 110), e “receber respostas comparáveis de todos os participantes”. Ainda, por ser adequado a esse estudo, permite verificar as práticas adotadas pela população no desbaste das coleções de periódicos impressos e ter uma melhor compreensão do tema a partir do ponto de vista dos indivíduos que compõem a amostra (Campenhoudt *et al.*, 2019, p. 257).

O questionário elaborado é composto por 41 questões (ver Apêndice B), em cinco blocos de perguntas: identificação, questões gerais sobre o desbaste, motivação, estratégias e hipótese. Constituído por questões fechadas ou objetivas (múltipla escolha e dicotômicas), semiabertas, abertas ou discursivas, e de escala. A diversidade tipológica das questões adotadas decorre do tipo de informação que se pretende recolher. As questões fechadas de múltipla escolha foram utilizadas para dados mensuráveis, como quantidade de exemplares na coleção, e nas que foi possível estabelecer opções, como destinação do remanejamento e do descarte. Buscaram-se opções de resposta gerais e inclusivas, como sugerido por Vieira (2009, p. 39). A maioria das questões de múltipla escolha são semiabertas, dado que a realidade das bibliotecas é distinta e as opções fornecidas podem não enquadrar a realidade do respondente, optando-se pela inclusão da opção ‘outros’, que pode assim ser preenchida.

As questões dicotômicas não são consideradas por Moreira (2004) como o formato mais adequado na atualidade, por dispormos de ferramentas que facilitam o tratamento dos dados recolhidos. Além de que a obrigatoriedade de escolha entre uma das duas opções pode desagradar ao respondente e, principalmente, pode reduzir as informações recolhidas. Utilizou-se esse tipo de questão para obter informações sobre a biblioteca e a coleção, como por exemplo, se há uma política ou se já realizou o desbaste, conduzindo os participantes conforme suas respostas, evitando que o inquirido se desgaste em questões que não se aplicam à realidade da sua biblioteca, enquadrando-se na recomendação de Moreira (2004, p. 183) de as utilizar apenas quando “a natureza da questão o imponha”. Quanto às questões com escala, foram empregues para identificar as motivações secundárias e o quanto elas influenciaram a decisão de desbaste da coleção. As opções da escala incluíram características das escalas numéricas e referenciadas. Numérica, uma vez que seleção será entre 1 e 4, entretanto, as extremidades não indicam exclusivamente o ‘grau de acordo’ entre o mínimo e o máximo. Atribui-se a cada uma das alternativas uma referência, que indica o grau de contribuição do item para a decisão do desbaste, o que as torna também referenciadas (Moreira, 2004).

Há consenso entre Vieira (2009, p. 53) e Moreira (2004, p. 124) que as questões fechadas facilitam a recolha e o tratamento dos dados, e seriam provavelmente o formato mais adequado a esse estudo, pois, uma de suas vantagens é que “permitem comparação” (Vieira, 2009, p. 59). Contudo, houve a necessidade de questões abertas para recolher informações específicas de cada biblioteca, como a quantidade de títulos na coleção e o período em que se deu a interrupção das assinaturas. Seus enunciados são objetivos, buscando evitar, tal como nas demais questões, a “ambiguidade e duplo sentido”, como orientado por Albarello (1997, p. 53) que, para esta tipologia, afirma que as respostas são livres e imprevisíveis. Esta liberdade de expressão dada ao respondente, pode, conforme Moreira (2004, p. 125), causar problemas ao investigador, que terá de desempenhar um “papel essencial na interpretação e confrontação” das diferentes respostas. Embora colocado como um problema, a interpretação das respostas pode ser a melhor solução para a identificação das estratégias praticadas pelas bibliotecas, pois, na revisão de literatura, elas foram detectadas através da análise de conteúdo dos artigos, após definirmos qual o entendimento de estratégia no contexto desta pesquisa.

Desta forma, o primeiro bloco de questões permitirá, tal como indicado, fazer a identificação das bibliotecas participantes. O segundo, busca caracterizar as coleções de

periódicos das bibliotecas universitárias e identificar se já foi realizado algum desbaste ou se há a intenção de realizá-lo, e se o realizou de acordo com critérios de desbaste e retenção estabelecidos em uma política, bem como responder à primeira hipótese. O terceiro bloco é constituído por quatro perguntas que visam identificar a razão principal do desbaste, as motivações secundárias e a intensidade da sua interferência na tomada de decisão, e buscar entender, no caso de indicarem a opção de falta de espaço físico, qual a destinação do espaço que levou ao desbaste.

No quarto bloco, as questões estão voltadas para o entendimento das estratégias utilizadas. São formuladas três questões que buscam identificar estratégias conforme as identificadas na literatura, assim, para as estratégias relacionadas com a forma como o desbaste ocorre, tenta-se identificar a maneira como o desbaste é ou foi executado. Para as estratégias relacionadas com a tomada de decisão quanto ao destino das coleções, perguntamos sobre a destinação das coleções remanejadas e descartadas. Na sequência, colocou-se uma questão discursiva, na qual se solicita ao participante uma breve descrição sobre o processo de desbaste em sua biblioteca. Com este relato espera-se identificar outras possíveis estratégias adotadas no contexto de cada país.

Com o quinto bloco pretende-se validar ou refutar a segunda hipótese, sendo constituído de três questões: a primeira, dicotômica (Sim/Não), que pretende aferir se o desbaste resultou em algum tipo de comunicação científica; a segunda, semiaberta, apresenta vários tipos de comunicação científica e um campo aberto, caso algum tipo não esteja representado; e a terceira, uma questão aberta, indaga sobre onde ocorreu a publicação do artigo, resumo etc.

Ao finalizar a elaboração das questões, o questionário foi formatado em um formulário do *Google*, a partir do qual se gerou um link para aplicação do pré-teste ou do teste piloto, que teve por objetivo identificar falhas, ambiguidades, falta de clareza na elaboração e no direcionamento das questões. Martins e Theóphilo (2016, p. 94) indicam que após elaborar o questionário, deve ser realizado um teste antes de aplicá-lo à amostra definitiva. Para os autores, proceder com a análise dos dados coletados no pré-teste “evidenciará possíveis falhas, inconsistências, complexidade de questões formuladas, ambiguidades, perguntas embaraçosas, linguagem inacessível etc”. Recomendam que a amostra tenha entre três e dez participantes e que após a análise e a identificação das falhas, o questionário seja devidamente reformulado.

Desta forma, a aplicação do pré-teste teve início no dia 26 de março de 2021, sendo finalizado no dia 1 de abril de 2021, data em que ocorreram as últimas respostas. O formulário foi enviado a oito bibliotecários, cujas bibliotecas atendem ao ensino superior. Destes, houve sete respondentes, dois de bibliotecas de Portugal e cinco de bibliotecas do Brasil; e um participante de Portugal retornou o *email* com sugestões, mas não realizou o envio do questionário preenchido. Buscou-se conseguir participantes de ambos os países dadas as diferenças culturais e no idioma, que podem interferir na forma de atuação e na nomenclatura utilizada pelas bibliotecas. Pediu-se aos participantes que avaliassem o questionário quanto à clareza e à pertinência das questões, abrindo-se a possibilidade de fazer observações e sugestões. Quatro dos participantes retornaram o *email* com sugestões e observações, que contribuíram para a reformulação e o acréscimo de algumas questões, a saber: incluir a opção ‘não tem como mensurar’ na questão oito, sobre a quantidade de exemplares; na questão nove a expressão ‘periódicos correntes’ não foi muito bem percebida; sugeriu-se que, nas questões 18 e 32, fosse possível selecionar mais de uma opção; sugeriu-se que a opção ‘não’ pudesse ser justificada e destacou que, na instituição, a compra de periódicos impressos não é mais autorizada na instituição.

Como resultado do pré-teste, algumas questões foram incluídas, expandidas e reformuladas. Na questão oito, além de incluir a opção ‘Não é possível mensurar’, inseriu-se mais três faixas de valores, pois identificou-se que uma biblioteca entendida como setorial, que atende a uma das faculdades de uma universidade, sinalizou possuir mais de 100 mil fascículos na coleção. Como a amostra abrange bibliotecas setoriais e centrais dentro da mesma universidade, entendeu-se que pode ocorrer uma biblioteca central possuir uma quantidade de títulos e fascículos maior do que a setorial, mas com os valores propostos anteriormente, se ambas possuírem uma coleção vasta, seriam classificadas em uma mesma estimativa de tamanho da coleção. Da mesma maneira, na questão 34 incluíram-se outras opções, que constavam na questão 31, que podem ter influenciado na decisão de desbaste, ajudando a identificar as motivações secundárias. A questão 31 foi reformulada na busca de clarificar ao participante, que visa que ele indique a razão que funcionou como catalisador para o início do processo de desbaste, para que assim possamos identificar a motivação principal. Nas questões 18, 36 e 40 a opção de formatação era ‘múltipla escolha’ e alterou-se para ‘caixa de seleção’ na qual o participante pode selecionar mais de uma opção.

Identificou-se que, apesar de um participante sinalizar que a biblioteca possui uma política formal, que aborda a coleção de periódicos e os critérios para o desbaste e/ou retenção das coleções, não houve a indicação de a biblioteca ter realizado um processo de desbaste. Contudo, o foco do estudo são as bibliotecas que já realizaram o desbaste, optando-se assim por não incluir questões referentes aos motivos das bibliotecas não realizarem o desbaste; por outro lado, subdividiu-se a questão 38, incluindo nova questão com um campo para descrição dos critérios utilizados no desbaste e/ou para retenção das coleções.

A aplicação do pré-teste contribuiu para a identificação de falhas, para reformulação, subdivisão e inclusão de questões, e para identificar termos e expressões que precisavam de ser alterados ou incluídos um sinônimo. Buscando desta forma alcançar o que se deseja ao aplicar um pré-teste, o “aprimoramento e o aumento da confiabilidade e validade, ou seja, garantias de que o instrumento se ajuste totalmente à finalidade da pesquisa” (Martins & Theóphilo, 2016, p. 94).

Para executar a pesquisa, optou-se por ter um formulário para cada universidade, pois, para gerar os desdobramentos e direcionamentos com o formulário do *Google*, o questionário, que tem 31 páginas, teria um acréscimo de mais 14, para incluir a opção país, universidade e a opção de seleção da biblioteca à qual o participante está vinculado. Assim, foram gerados dez formulários, cuja questão número três era distinta para cada universidade, em que se listaram as bibliotecas que intencionávamos que participassem da pesquisa (ver Apêndice A). A distribuição do questionário fez-se por endereços de *email*, que foram coletados durante o levantamento das bibliotecas existentes em cada universidade, através dos quais se encaminhou às bibliotecas um *link* para preenchimento do questionário, respeitante à sua universidade.

A pesquisa teve início no dia 12 de abril de 2021, tendo como previsão de término o dia 30 de abril de 2021. Neste período, a mensagem solicitando a colaboração dos bibliotecários para o preenchimento do questionário foi reenviada nos dias 19 e 26 de abril, com exceção das bibliotecas da UA e UMinho, por constatar que nenhuma das bibliotecas destas universidades haviam preenchido o formulário. No dia 26, a mensagem enviada a estes destinatários buscava saber se havia algum impedimento para participação na pesquisa ou se era necessário algum procedimento junto da instituição para solicitar autorização. No dia primeiro de maio, fez-se um levantamento das bibliotecas que haviam preenchido o formulário, em que se constatou a existência de 94 respostas, o que

corresponde a 43,12% das respostas esperadas. Optou-se por prorrogar o questionário até 16 de maio e reenviou-se a mensagem às bibliotecas que não haviam respondido ao questionário no dia 3 e 11 de maio de 2021, alcançando-se 118 respostas, que corresponde a 54.13% de retorno aos formulários enviados. O gráfico da Figura 3 mostra a quantidade total de respostas obtidas em cada semana em que o questionário esteve ativo. Observa-se que o maior número de respostas foi alcançado no primeiro e terceiro período, respetivamente 34 e 40 formulários preenchidos. A menor taxa de resposta ocorreu nas duas últimas semanas, em que se estendeu a coleta de respostas, obtendo-se um acréscimo total de 24 formulários respondidos no período de 3 a 16 de maio.

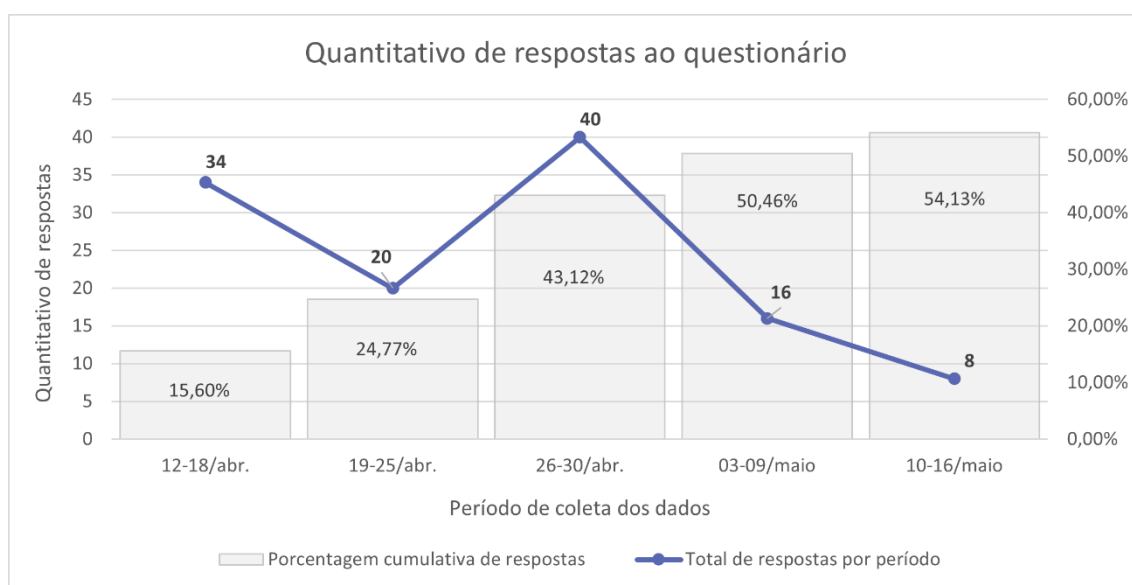


Figura 3 - Gráfico quantitativo de resposta do questionário

Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Durante a execução da pesquisa, recebemos *emails* justificando o não preenchimento do questionário por parte de algumas bibliotecas. Constatou-se que, mesmo sendo bibliotecas em instituições distintas, as razões para o não preenchimento do questionário dava-se em três situações: a primeira, em que a pessoa entendia que sua biblioteca não se enquadrava nos requisitos da população analisada, em que recebemos mensagens com justificativas como: a coleção de periódicos ter sido doada em sua integridade; o facto de a política de coleção não estar aprovada, mas as atividades seguem sendo realizadas conforme a proposta do documento; e que a coleção ainda não passou por desbaste. Nestes casos, entrámos em contato, pedindo que preenchessem o formulário, dado que as questões são direcionadas e que intencionamos também recolher

dados sobre as coleções. Na mensagem enviada às bibliotecas pedíamos que, mesmo que a biblioteca não tivesse uma coleção impressa de periódicos ou que não realizasse o desbaste, que acessassem ao formulário para registrar estas informações.

Na segunda situação, as mensagens informavam sobre o preenchimento do questionário por uma biblioteca e informavam que a resposta era válida para um conjunto de bibliotecas ou para todas as bibliotecas da universidade, pois os processos e decisões ocorrem de forma centralizada.

No terceiro caso, recebeu-se a informação que a coleção da biblioteca é formada por títulos históricos e antigos. Nestas duas últimas situações compreendeu-se que a justificativa para o não preenchimento é válidas, dado que outras bibliotecas em posição semelhante haviam sido excluídas da amostra. Identificada estas falhas ao selecionar as bibliotecas para responder ao inquérito, ajustou-se o número da amostra para participar da pesquisa, com uma redução de 12 bibliotecas. Ocorreu também uma biblioteca solicitar a cópia do questionário integral para avaliação e autorização de participação na pesquisa. Procedemos com o envio da cópia tal como mostrado no Apêndice B, dado que se entende que o conhecimento, por parte do respondente, de todas as questões não é um fator de interferência nos resultados obtidos.

No envio dos *emails*, deparámo-nos com alguns imprevistos, como na primeira semana, em que algumas mensagens retornaram com a seguinte indicação: ‘Sua mensagem não foi entregue a [email da biblioteca] porque o endereço não foi encontrado ou não pode receber mensagens’. Buscou-se no *site* das instituições outro endereço através do qual se pudesse entrar em contato com a biblioteca. Na identificação dos *emails* para a pesquisa, haviam-se recolhido os *emails* indicados pelas bibliotecas para contato. Na substituição, optou-se pelo *email* do setor responsável pela coleção ou o do responsável pela biblioteca. Nas duas últimas semanas, a mensagem foi enviada com a solicitação de confirmação de leitura, e percebeu-se que, em alguns casos, a confirmação retornava com a indicação de ‘Não lido’, tendo como corpo da mensagem a seguinte informação: ‘foi eliminada sem ser lida em [data, hora e local]’.

2.8. Análise dos dados

Conforme referem Creswell e Plano Clack (2013, p. 182), nos estudos de métodos mistos, a análise dos dados ocorre de forma separada por cada tipo de método ou podem-se adotar técnicas misturadas, ou seja, analisa-se “separadamente os dados quantitativos usando métodos quantitativos e os dados qualitativos usando métodos qualitativos. Também envolve analisar os dois conjuntos de informações usando técnicas que *misturem* os dados e resultados quantitativos e qualitativos”.

Assim, a análise dos dados recolhidos via questionário é feita de duas perspectivas: uma quantitativa, com a estatística descritiva, que é o processo de “organização, sumarização e descrição de um conjunto de dados” e que poderá dar origem a tabelas e gráficos, caso necessário, para clarificar o entendimento de alguns dos dados recolhidos (Martins & Theóphilo, 2016, p. 108); e a outra qualitativa, com a análise de conteúdo, que se dará de forma intensiva, uma vez que a informação recolhida estará direcionada ao tema de estudo, sendo uma informação na qual já se tem a “presença ou ausência de uma característica desejada” (Campenhoudt *et al.*, 2019, p. 325). Compreende-se que, durante a análise e a interpretação dos dados, ambas as visões terão influência sobre os dados, mas buscar-se-á obter dados concretos para dar aporte à comparação.

O método comparativo foi aplicado para analisar e sintetizar as similitudes e as diferenças existentes, entre os dados coletados por inquérito e os aferidos na literatura, bem como as comparações entre os dados de ambos os países (Goodrick, 2014, p. 1). Conforme mostram Schneider e Schmitt (1998, p. 49), com um raciocínio comparativo, podemos “descobrir regularidades, perceber deslocamentos e transformações, construir modelos e tipologias, identificando continuidades e descontinuidades, semelhanças e diferenças, e explicitando as determinações mais gerais que regem os fenômenos sociais”.

No que se refere ao tratamento dos dados coletados, com a aplicação do questionário, categorizou-se por país e por universidade, recebendo cada biblioteca respondente um código, composto pela sigla da universidade e o número sequencial conforme a ordem de registro das respostas. Os dados foram divididos em blocos, conforme a divisão do questionário, e trabalhou-se questão a questão, procedendo-se com a análise estatística e de conteúdo conforme o tipo de dados fornecidos pela questão.

Consideraram-se e ponderaram-se os dados em relação às questões adjacentes, principalmente nas que ocorriam direcionamentos. Isto viabilizou a caracterização da coleção, o levantamento das razões e a identificação das estratégias de desbaste em cada país. Deste modo, realizar-se-á o estudo comparativo, entre os dados coletados e as informações identificadas na literatura, e traçar-se-á o paralelo entre as semelhanças e as distinções das motivações e das estratégias adotadas pelas bibliotecas, no Brasil e em Portugal.

Durante a análise dos dados, notou-se que ocorreu uma falha no direcionamento da Questão 29. Independentemente da opção selecionada, o questionário deveria ter sido encerrado após esta questão, pois, na Questão 25, o participante havia selecionado a opção ‘Não’. Entretanto, na reformulação do questionário, não se colocou a indicação necessária para que isso ocorresse. Assim, identificamos oito participantes que fizeram esta opção, e que seguiram respondendo o questionário até o fim. Antes de prosseguir com a tabulação dos dados, avaliaram-se as respostas inseridas nas questões subsequentes, 30 a 41, para verificar se alguma resposta alterava, de forma significativa, os resultados. Constatámos que, apesar de informar não ter realizado o desbaste, a biblioteca da ULisboa_1 e 10, a da UNICAMP_3 e a da USP_6, pelo descrito na Questão 38 o vem executando. As bibliotecas da USP_15 e 23 estão a realizar estudos nesse sentido, tendo informado suas intenções para o desbaste. As bibliotecas da Ulisboa_7 e da UNESP_17, diferente das outras bibliotecas, não registraram informação na Questão 38, que é discursiva e nem utilizaram a opção ‘outros’ das questões 35 a 37 para fornecer informações, como as demais o fizeram. Contudo, responderam à Questão 32, que era um direcionamento da Questão 31, por selecionarem como razão para o desbaste a falta de espaço. Assim, subentendemos que haveria a intenção de desbaste, pois nas demais questões descritivas a respostas foram “xxx” e “nada”.

Aferimos também na resposta à Questão 27, que indagava sobre a intenção de realizar o desbaste, que há indicação, por parte de todas as bibliotecas, com exceção da UNESP_17, de vir a executar o desbaste. No caso da UNESP_17, avaliamos as respostas às questões objetivas e verificamos que as respostas se assemelham as dos demais participantes. Assim, entendemos que a inclusão destes dados não afetaria de forma negativa esse estudo e prosseguimos com a análise dos dados.

3. ANÁLISE DOS DADOS SOBRE AS COLEÇÕES DE PERIÓDICOS NAS BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS

As coleções de periódicos nas bibliotecas universitárias são estimuladas à mudança pelas épocas que percorrem. Desde o surgimento das publicações periódicas e da sua consolidação como ferramenta de comunicação científica, a sua inclusão como gênero na coleção das bibliotecas, conferiu-lhe, particularmente no ensino superior, uma importância ímpar. Se, durante décadas, foram instigadas pela proliferação das editoras científicas e dos títulos publicados, a falta de orçamento das bibliotecas para a sua aquisição e a escalada dos preços de assinatura, deu lugar a diferentes momentos de crise. No momento atual, há um novo conjunto de acontecimentos que interferem diretamente sobre essas coleções. As tecnologias contemporâneas e as correntes demandas dos usuários trazem às coleções de periódicos novos desafios.

Tal como proferiu Ranganathan (2009, p. 241) em sua quinta lei, “a biblioteca é um organismo em crescimento”. As publicações periódicas tornaram-se um exemplo concreto da premissa de que um “organismo em crescimento absorve matéria nova, elimina matéria antiga, muda de tamanho e assume novas aparências e formas”. As bibliotecas e as coleções de periódicos não pararam e nem pereceram, adaptaram-se aos desafios de cada época. Desta forma, seguimos com a caracterização das coleções de periódicos nas bibliotecas universitárias do Brasil e de Portugal. Para que possamos conhecer o contexto destas coleções, as quais julgamos estar a ser desbastadas, levantar as razões que levam as bibliotecas de cada país a realizarem o desbaste e identificar as estratégias que elas vêm aplicando no desbaste da coleção de periódicos impressos, para que possamos embasar a análise comparativa.

3.1. Caracterização da amostra

A amostra efetiva deste estudo é composta por 118 respostas ao questionário enviado às bibliotecas universitárias das cinco primeiras universidades classificadas no ranking ARWU 2020. A taxa de resposta foi de 54,13%, não se diferenciando do

percentual de retorno conseguido em cada país, que também ficaram na margem dos 50% (ver Tabela 3).

Tabela 3 - Distribuição das respostas obtidas por país

País	Bibliotecas selecionadas	Respostas obtidas	Porcentagem por país
Brasil	155	86	55,48%
Portugal	63	32	50,79%
Total	218	118	54,13%

Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

Ao aferirmos a distribuição de respondentes por universidade, constatamos que não ocorre de forma uniforme. Dado que o quantitativo de bibliotecas em cada universidade é uma variável com ampla discrepância, há uma diferença de 44 bibliotecas entre a UA e a USP. Sendo o mesmo averiguado entre as universidades no mesmo país, entre a UA e a UPorto a diferença é de 18 bibliotecas e entre a UFMG e a USP é de 24 bibliotecas. O gráfico da Figura 4 apresenta o quantitativo de bibliotecas selecionadas, a quantidade de respostas obtidas e a porcentagem de retorno em cada universidade.

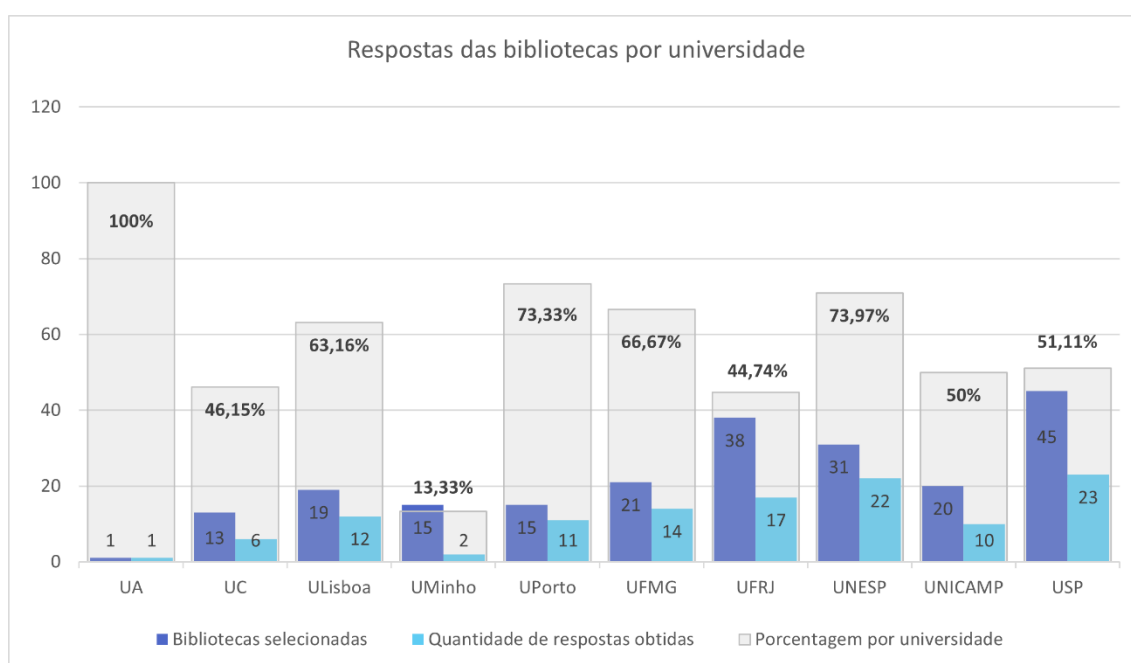


Figura 4 -Gráfico do quantitativo de respostas das bibliotecas por universidade

Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

Dos participantes, 115 afirmaram que a biblioteca possui ou já possuiu uma coleção de periódicos impressos, tornando-os aptos a participar da pesquisa. Três bibliotecas de universidades brasileiras optaram pela negativa, informando que nunca possuíram coleção de periódicos impressos. Na sequência, indagou-se a estes três respondentes em que ano a biblioteca foi fundada. As respostas informadas foram 2003, 2008 e 2016. Ao proceder com levantamento nos *sites* das bibliotecas, notou-se que, em algumas páginas *web*, ao tratar da coleção, a informação disponibilizada não era sobre a coleção de periódicos, e sim sobre bases de dados e/ou revistas eletrônicas ou digital. Inferiu-se que poderia haver bibliotecas que fossem estabelecidas em meados dos anos 2000, que talvez optassem por não adquirir coleção de periódicos em formato impresso. As transformações ocorridas pela popularização do uso da *World Wide Web* tiveram impacto direto nessas coleções, em razão de essa tecnologia ter modificado o mercado editorial científico (Björk, 2017), e as necessidades dos usuários, sobre as quais Greenstein, já em 2002, alertava quanto a preferência destes pelo acesso digital (Greenstein como citado em Carlson, 2002). Factos que, acrescidos da falta de espaço físico, contribuíram para que as bibliotecas removessem ou cogitassem proceder com a remoção de suas coleções de periódicos impressos (Schonfeld & Housewright, 2009, p. 5).

3.2. Coleção de periódicos nas bibliotecas universitárias no Brasil e em Portugal

O processo de desbaste é uma atividade que ocorre após as bibliotecas terem selecionado, adquirido itens e formado uma coleção. Buscar conhecer as razões e as estratégias adotadas pelas bibliotecas nesse processo, carecia de que as coleções fossem consideradas. Desta forma, procurámos estimar a condição das coleções nas bibliotecas que participaram da pesquisa. Considerámos, ao elaborar o questionário, alguns pontos que julgamos serem relevantes ao contexto, como verificar se as bibliotecas fazem o controle de uso dos títulos e o tamanho da coleção de periódicos, uma vez que a falta de uso e o espaço físico são fatores que podem levar ao desbaste; questões relacionadas com as assinaturas de títulos de periódicos, para compreender se continuam ou não a serem realizadas, se os periódicos impressos continuam a serem adquiridos e se os formatos

digitais têm sido priorizados; arguimos também sobre a inclusão, na coleção de fascículos, recebidos por doação e permuta, que tal como a realização de assinaturas, contribui para o aumento de itens nas coleções; outro ponto abordado foi a política de diretrizes para a gestão da coleção, em que se trata dos critérios para o desbaste e retenção das coleções de periódicos; questionámos a respeito da integração da biblioteca em programas de preservação, dado que é uma medida que pode apoiar as decisões relativas ao desbaste ou interferir para que um título não seja desbastado; e por fim, indagámos se a biblioteca realizou ou tem a intenção de realizar o desbaste da coleção de periódicos impressos.

Diante do exposto, avançamos com a apresentação e a análise das respostas dos 115 participantes ao segundo bloco de questões, 4 a 30.

3.2.1. Aferição de uso das coleções

A baixa utilização da coleção de periódicos impressos é apontada como uma das razões para o seu desbaste, mas a aferição de usabilidade destas coleções é difícil de determinar, pois são coleções que usualmente não circulam (Wald, 2015, como citado em Conyers, 2019, p. 2). Assim, diante do questionamento se a biblioteca realiza o controle, a estatística ou estudo de uso da coleção de periódicos impressos, 60.7% das bibliotecas selecionou a opção ‘Sim’ e 31.3% optou pelo ‘Não’. O gráfico da Figura 5 mostra o quantitativo de respostas total e por país.

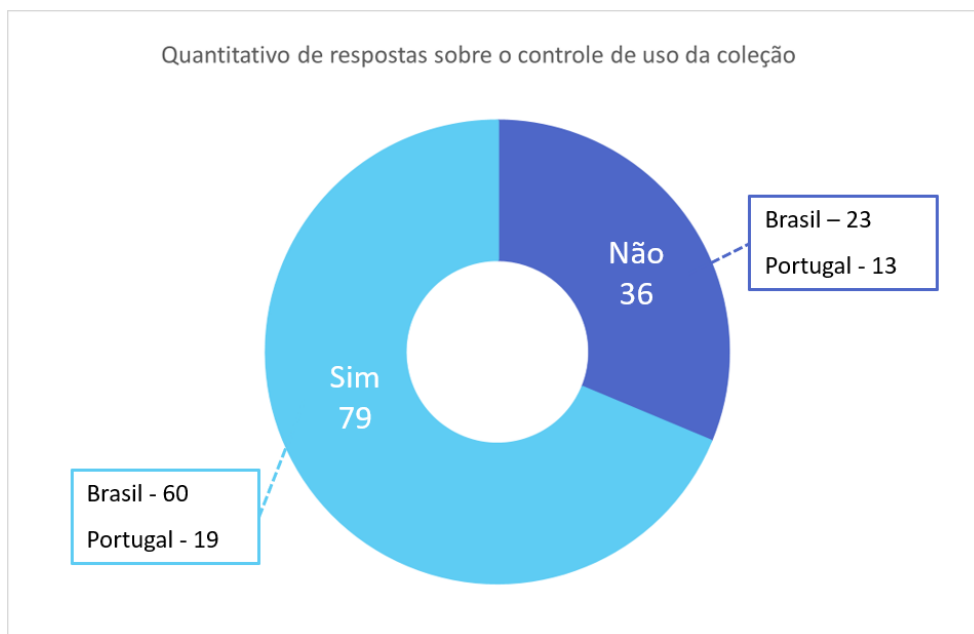


Figura 5 - Quantitativo de resposta sobre o controle de uso da coleção de periódicos.

Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

Entre as 79 respostas positivas, duas não foram validadas, pois em uma o respondente informou não fazer controle de uso ou de pedido dos periódicos. Na outra, a biblioteca UFMG_2 informa que a coleção foi transferida para a Biblioteca UFMG_6, e que esta realiza o controle de uso por meio do sistema de gerenciamento da biblioteca (ver Apêndice C). Entretanto, a unidade UFMG_6, afirmou não realizar o controle de uso da coleção.

Constatamos que as demais bibliotecas determinam a usabilidade da coleção de periódicos impressos através de três formas: pelo registro de uso local dos fascículos, pelo registro de empréstimo dos fascículos e pela combinação dos registros de uso local e de empréstimo. Entendemos como controle pelo registro de uso local dos fascículos, os que não têm o registro de empréstimo e são apenas consultados na própria biblioteca. Nesta categoria, incluímos as bibliotecas que mencionaram fazer o levantamento de forma manual, durante a arrumação, dos deixados nas salas de leitura ou sobre as mesas, dos retirados das estantes, etc.; das bibliotecas que relatam fazer a coleta do número dos fascículos consultados e inseri-los no *software* de gestão utilizado ou em planilhas. De forma bastante subjetiva, consideramos também informações como: diariamente, manual, coleta manual de dados, etc. por inferir que se trata do registro dos fascículos consultados em determinado período ou que os dados da consulta são registrados de forma manual.

No caso de bibliotecas como as da USP_10 e USP_23, entendeu-se referir ao controle de consulta, pois, a biblioteca USP_9 informa que o sistema de gerenciamento utilizado permite fazer o controle de empréstimos e os de consulta.

Na categoria controle pelo registro de empréstimo, incluímos as bibliotecas que efetivamente disseram emprestar os fascículos, e também as que, de alguma maneira, deram a entender que o fazem, como a biblioteca ULisboa_5, que informa ser mediante os registros de solicitação de consulta, a UFRJ_13, que diz ser pela referência do item, data de solicitação e solicitante, e as que informaram gerar o relatório pelo sistema. Nesse último caso, há o receio de que o relatório possa ser dos fascículos emprestados e dos consultados, já que há bibliotecas que relataram inserir no *software* utilizado pela biblioteca os fascículos consultados. Colocamos em uma terceira categoria as bibliotecas que descrevem controlar quer a consulta, quer o empréstimo dos fascículos. Chamamos a atenção para a biblioteca da UNESP_9, que além dos dados de consulta e empréstimo, inclui os dados de atendimento do Comut³ e da UNESP_14, que realiza a estatística dos empréstimos e as solicitações de fotocópias.

De certa forma, os dados contradizem a perspectiva de Wald colocada por Conyers (2019, p. 2), dado que mesmo em bibliotecas em que a coleção não é emprestada, realiza-se a estatística dos fascículos utilizados localmente. Por vezes, surgindo soluções criativas como a apontada pela biblioteca UNICAMP_4, em que solicitam aos usuários que depositem o *card* alocado no periódico utilizado em uma urna, sendo o registro realizado semanalmente pela contagem dos *cards*.

Assim, como demonstrado na Tabela 4, identificámos que, nas bibliotecas do Brasil e de Portugal, a forma mais utilizada, para o controle de uso da coleção de periódicos impressos, é por meio do registro de uso local. Não ocorrendo diferenças significativas nas bibliotecas do Brasil entre a controle pelo empréstimo e o pela combinação do registro de uso local e o de empréstimo. Enquanto nas bibliotecas de Portugal, o registro de empréstimos é a segunda forma mais utilizada para fazer o controle de uso dos periódicos impresso.

³ Programa de comutação bibliográfica no qual é possível solicitar a cópia de artigos, teses, anais de congresso, etc.

Tabela 4 – Quantitativo de resposta sobre a forma de controle de uso da coleção por país

Formas de controle de uso da coleção de periódicos	BU_Portugal	BU_Brasil	Total
Registro de uso local dos fascículos	8	25	33
Registro de empréstimo dos fascículos	6	15	21
Registro de uso local dos fascículos e empréstimos	1	16	17
Não foi possível determinar	3	3	6
Não realiza o controle	1	1	2

Fonte: Dados da Pesquisa (2021)

3.2.2. O tamanho das coleções impressas

Para dimensionar o tamanho das coleções, não encontramos um parâmetro, que estabeleça a quantidade de títulos ou fascículos, para determinar se uma coleção de periódicos impressos é de pequeno, médio ou grande porte. Entendemos que é um dado difícil de categorizar, uma vez que ter muitos títulos nem sempre significa uma coleção grande, da mesma forma que ter poucos títulos não implica necessariamente uma coleção pequena. Na literatura, quando há referência à coleção, em quantidade, percebemos que o número de títulos, volumes e fascículos são de um modo geral altos, mas, por exemplo, Conyers (2019, p. 2) refere-se à biblioteca da *LaGuardia Community College of the City University of New York* como uma pequena biblioteca acadêmica, e relata que, antes do descarte, a coleção tinha pouco mais de 1.200 títulos, reduzida em 40%, passando a aproximadamente 500 títulos. Por este exemplo, podemos perceber que não há uma proporção de títulos e volumes. Da mesma maneira, se considerarmos que Thomas e Shouse (2012, p. 92) precisavam remover cerca de 90 mil volumes de periódicos, que representavam apenas 10% da coleção, e que Reeves e Schmidt (2011, p. 413) apontaram que a coleção de periódicos da *American University Library* contava com 100 mil volumes em 2009, percebemos que o tamanho de uma coleção de periódicos é um conceito relativo, que depende da quantidade de títulos, volumes e principalmente da periodicidade de publicação.

O dimensionamento das coleções de periódicos não é o assunto mais relevante na literatura que aborda o desbaste, contudo, há um consenso que seus volumes ocupam um espaço considerável. Desta maneira, optamos por questionar e apresentar o quantitativo de títulos e fascículos das bibliotecas, dado que havíamos entendido que, caso a biblioteca tivesse o registro de sua coleção, no sistema de gerenciamento da biblioteca, poderia

fornecer um ou os dois dados. Os resultados sobre a quantidade de títulos foram diversos, recebemos quantitativos certos, estimados e detalhados (títulos correntes, não correntes, nacionais e estrangeiros), bem como a informação de que o inventário está a ser realizado, a impossibilidade de responder e que não possuem mais as coleções. Para o quantitativo de fascículos, havíamos estabelecido faixas de valores, mas durante a análise dos resultados optámos por determiná-las também para o quantitativo de títulos, dentro das quais classificamos as respostas obtidas, como mostrado na Tabela 5.

Das 115 respostas, conseguiu-se mensurar 109 para a quantidade de títulos. Percebe-se que mais de 80% das bibliotecas concentra-se nas cinco primeiras faixas estimativas estipuladas, entre 1 e 3000 títulos, tendo maior destaque os intervalos entre 1 e 250 e entre 501 e 1000 títulos, cada uma com 25 bibliotecas. Pouco mais de 10% afirma possuir uma coleção entre 3001 e 9000 títulos. Quanto aos fascículos, os resultados são mais dispersos, entre os ‘menos de 5 mil’ a 250 mil. A opção ‘menos de 5 mil’ é a mais selecionada pelas bibliotecas em Portugal, com 21,88%, e no Brasil a opção ‘de 10 a 50 mil’, com 25,30% das indicações. Observa-se que um número relevante de 18,26% declaram não ser possível mensurar a quantidade.

Tabela 5 - Estimativa de títulos e fascículos das coleções de periódicos nas bibliotecas universitárias

Quantidade:	BU_Portugal		BU_Brasil		Total	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
Títulos:						
1 a 250	6	20,69%	19	23,75%	25	22,94%
251 a 500	6	20,69%	10	12,50%	16	14,68%
501 a 1000	4	13,79%	21	26,25%	25	22,94%
1001 a 2000	3	10,34%	17	21,25%	20	18,35%
2001 a 3000	4	13,79%	7	8,75%	11	10,09%
3001 a 4000	3	10,34%	5	6,25%	8	7,34%
4001 a 5000	1	3,45%	1	1,25%	2	1,83%
5001 a 6000	1	3,45%	0	0%	1	0,92%
6001 a 7000	0	0%	0	0%	0	0,00%
7001 a 8000	0	0%	0	0%	0	0,00%
8001 a 9000	1	3,45%	0	0%	1	0,92%
Fascículos:	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
Menos de 5 mil	7	21,88%	19	22,89%	26	22,61%
De 5 a 10 mil	4	12,50%	7	8,43%	11	9,57%
De 10 a 50 mil	1	3,13%	21	25,30%	22	19,13%
De 50 a 100 mil	2	6,25%	14	16,87%	16	13,91%
De 100 a 250 mil	2	6,25%	10	12,05%	12	10,43%
De 250 a 500 mil	1	3,13%	5	6,02%	6	5,22%

Quantidade:	BU_Portugal		BU_Brasil		Total	
Mais de 500 mil	0	0,00%	1	1,20%	1	0,87%
Não é possível mensurar	15	46,88%	6	7,23%	21	18,26%

Fonte: Dados da Pesquisa (2021)

3.2.3. Assinatura de periódicos

Cancelar as assinaturas dos periódicos impressos pode ser uma forma de manter as coleções inertes, de economizar espaço, orçamento e o tempo dispensado no tratamento destas coleções. Estas são algumas das possibilidades criadas pelo contexto digital, no qual a sociedade está imersa. Convenientemente, possibilita alinhar o interesse da biblioteca e as demandas dos usuários, como diminuir o espaço direcionado aos volumes impressos com as assinaturas online. Nesse sentido, Thomas e Shouse (2012, p. 95) relatam que a substituição das assinaturas de impressos em detrimento do *online*, reduz o custo com as encadernações, o tempo despendido pela equipe e reduz o espaço ocupado. A decisão dos autores não foi tomada pelo favoritismo dos usuários face ao formato eletrônico e, sim, pela necessidade de espaço, ainda que vá ao encontro desta preferência. Combina-se, assim, a necessidade de espaços menores para a coleção física, com as demandas dos usuários pelo formato digital que, de acordo com Huhn e Harland (2014, p. 49), é uma preferência amplamente conhecida.

Perguntámos aos participantes da pesquisa se sua biblioteca tem assinaturas de periódicos vigentes. Em uma perspectiva geral, 54 responderam que ‘Não’, enquanto 61 disseram que ‘Sim’. Ao focarmos nos dados fornecidos pelas bibliotecas de cada país, notamos que, em Portugal, a grande maioria afirmou possuir assinaturas, com a opção ‘Sim’ tendo uma diferença de 14 indicações a mais do que a opção ‘Não’. Em contrapartida, no Brasil, a diferença entre uma opção e a outra cai para a metade, tendo a opção ‘Não’ sete indicações a mais do que a opção ‘Sim’ (Figura 6).

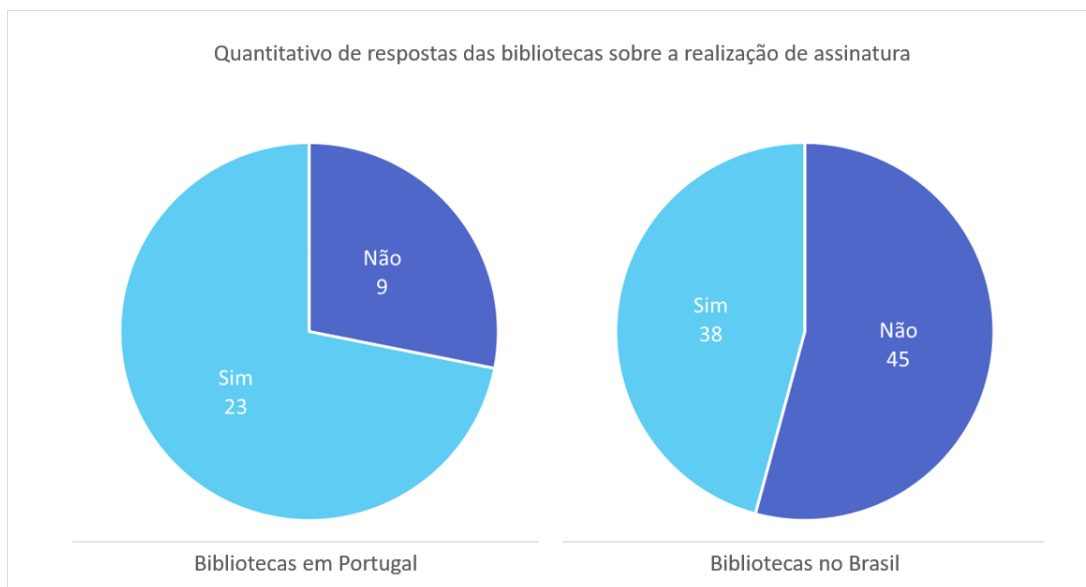


Figura 6 - Gráficos do quantitativo de respostas das bibliotecas sobre a realização de assinatura

Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

Partindo da premissa de que a biblioteca tem substituído as assinaturas impressas pelas digitais, a opção afirmativa estava mais propensa a ser indicada em ambos os países, contudo não foi o ocorrido. As bibliotecas, mesmo que sejam da mesma tipologia, são instituições que formam suas coleções conforme o contexto de sua comunidade e de acordo com fatores que influenciam seu ambiente. Percebemos que, no contexto das bibliotecas investigadas, ter o acesso ao formato digital tem uma grande influência nas suas coleções. Questionámos as bibliotecas apenas sobre as assinaturas, pois pretendíamos saber se a aquisição de periódicos por esse tipo de compra ocorria independente do formato. Houve participantes que responderam não realizar a assinatura, por priorizar-se a assinatura digital, online, de base de dados, etc., nos levando a inferir que elas fazem assinatura de periódicos. Dentre as principais causas que identificámos para as bibliotecas não realizarem assinaturas, é a falta de orçamento e ter acesso pela *B-on* ou pelo Portal de Periódicos da Capes, sendo indicados, de modo pontual, outros fatores que, no geral, estão relacionados com a tecnologia e o acesso digital (ver Apêndice D). Na Tabela 6, vemos os demais motivos identificados para as bibliotecas não efetuarem as assinaturas e o quantitativo de vezes que a razão foi indicada pelas bibliotecas em cada universidade.

Tabela 6 - Razões pelas quais a biblioteca não tem assinaturas identificadas na Questão 12

Universidade da biblioteca	Razões identificadas	Quantidade de vezes que a razão foi indicada
UC	<i>B-on</i>	1
ULisboa	Assinatura digital	1
UMinho	Falta de orçamento	1
UPorto	<i>B-on</i>	1
	Falta de orçamento	1
UFMG	Falta de orçamento	6
	Portal de periódicos da Capes	10
UFRJ	Acesso online	2
	Bases de dados	1
	Falta de espaço físico	1
	Falta de orçamento	5
	Não há demanda dos docentes	1
	Portal de periódicos da Capes	7
UNESP	Acesso online	1
	Assinatura digital	3
	Falta de orçamento	3
	Portal de periódicos da Capes	1
	Preferência do usuário	1
UNICAMP	Acesso online	1
	Bases de dados	1
	Falta de espaço físico	1
	Falta de orçamento	1
	Substituição pelos títulos eletrônicos	1
USP	Assinatura digital	2
	Falta de orçamento	1

Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

Além da identificação das razões, buscamos conhecer também o ano ou o período em que as bibliotecas interromperam suas assinaturas. Dentre as 54 bibliotecas que não têm assinaturas, 18 interromperam as assinaturas a partir de um ano específico e, em 36, as assinaturas foram interrompidas progressivamente. As datas informadas variam desde 1914 a 2020, não se conseguindo compreender se as assinaturas foram, de facto, encerradas em 1914, ou se foi um erro ao selecionar a data. Houve bibliotecas que informaram ter cancelado as assinaturas em um período e indicaram apenas um ano, o que compreendemos como ter sido interrompida a partir de um ano específico.

Tabela 7 - Ano ou período de interrupção das assinaturas nas Bibliotecas universitárias

Ano de interrupção das assinaturas	Bibliotecas	Período de interrupção das assinaturas	Bibliotecas
1914	ULisboa_6	1970-2010	UFRJ_15
1984	UFRJ_14	1995-2005	UFMG_13
1998	UFRJ_13	2000-2005	UFMG_11
2000	UFMG_6, UFMG_8, UFRJ_2, UFRJ_7	2000-2009	UFMG_10
2001	UFRJ_11	2000-2012	ULisboa_4
2002	UFRJ_10	2000-2015	UFRJ_3
2003	UNESP_6	2005-2018	UPorto_5
2004	UPorto_6	2008-2010	UMinho_2
2006	UFMG_7	2010-2015	UFRJ_1
2008	UFMG_1	2010-2016	UFRJ_8
2010	UFMG_2	2010-2019	UNESP_3
2013	UFRJ_12, UNICAMP_7	2010-2019	USP_15
2015	UNESP_22, UNICAMP_8	2013-2015	UFMG_14
2016	UNESP_2	2013-2017	UNESP_19
2018	ULisboa_11, USP_8	2017-2020	UNESP_17
2019	UFMG_5		

Não temos a informação. UMinho_1, UFMG_12, UFRJ_5, UNESP_8, USP_12

Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

Na Tabela 7, verificamos que, durante os anos 2000 intensificou-se o cancelamento das assinaturas, prosseguindo pela década de 2010. Ocorrem indícios de que a criação da *B-on* e do Portal de Periódicos da CAPES possam ter influenciado esta decisão. Como percebemos em afirmações como a da biblioteca da UC_2, “A maioria das assinaturas terminou com o nascimento da *B-on*” (ver Tabela 10) e da UFMG_1, “Desde que a Universidade passou a fazer parte do Portal de Periódicos Capes, não fazemos mais assinatura de periódicos” (ver Apêndice D). Pedimos para indicar o período em que ocorreu a interrupção das assinaturas, mas como o campo era descritivo obtivemos outras respostas, como observamos na Tabela 8. Constata-se que há bibliotecas que têm coleções de periódicos impressos, mas nunca tiveram assinaturas; que as datas

aproximadas informadas pelos participantes condizem com o exposto acima; que o trabalho remoto, posto pelo contexto da pandemia SARS-Cov-2, impossibilitou algumas respostas; e que as publicações em formato impresso têm diminuído e que as bibliotecas têm trabalhado no sentido de migrar as assinaturas para o formato eletrônico. Indo ao encontro do apurado por Sullenger (2010, p. 19), que afirma que, entre 2001 e 2008, as coleções impressas, da biblioteca em que atua, têm diminuído em decorrência da preferência pelas assinaturas apenas em formato online.

Tabela 8 - Informações descritas na Questão 14

Outras informações descritas na Questão 14: Indique o ano que deu início a interrupção das assinaturas e o ano em que a última assinatura foi interrompida: (ex: 2000-2010)	
UC_2	A maioria das assinaturas terminou com o nascimento da B-on
UP_11	Datas de início de assinaturas não tenho dados, de fim e em formato eletrônico 2014.
UFMG_3	Não é possível precisar quando se deu início a interrupção das assinaturas. A última assinatura foi interrompida em 2015.
UFMG_4	Sem possibilidade de consulta devido quarentena
UFMG_9	não sei precisar essa informação. Quando entrei em 2005 algumas já estavam sendo descontinuadas. Mas creio que já em 2010 já não tínhamos assinaturas correntes.
UFRJ_6	Não estava trabalhando, por tanto não sei informar.
UFRJ_9	Não tenho essa informação no momento. Está fisicamente na biblioteca as anotações.
UFRJ_16	Como estou em trabalho remoto, não tenho acesso ao arquivo. Mas acredito que tenham sido antes dos anos 2000.
UFRJ_17	Não tenho como precisar, anterior a minha gestão.
UNESP_18	Nunca houve assinaturas de periódicos impressos
UNICAMP_2	A redução de títulos de periódicos no formato impresso é reflexo do crescente número de publicações que estão migrando do formato impresso para o formato eletrônico, bem como a política de migração adotada pelo SBU, que foi intensificada em 2016 - 2020. Títulos
USP_20	O processo começou em 2002. Não lembro exatamente o ano do término da última assinatura,mas creio que foi por volta de 2008.

Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

Dos 61 participantes que informaram que as bibliotecas mantêm as assinaturas de periódicos, perguntámos a quantidade de títulos que assinam. Percebemos que 41 dos participantes informaram que as bibliotecas assinam menos de 100 títulos, sendo que as cinco que indicam assinaturas em maior número são: a UA_1 com 1105 títulos, a ULisboa_7 com cerca de 300 títulos, a UPorto_8 com 1696 assinaturas, a UNESP_12 com 618 títulos e a USP_21 com a assinatura de 525 títulos. Sete bibliotecas têm um quantitativo de assinaturas vigentes entre 100 e 200 títulos: UC_1, UPorto_10, UNESP_9, UNICAMP_1, USP_1, USP_4 e USP_11. A ULisboa_9 informa assinar pacotes dos editores, logo não consegue quantificar os títulos assinados e as bibliotecas da UNESP_1, USP_2, USP_5, USP_10 e USP_23 não sabem informar, pois as assinaturas são realizadas de forma centralizada.

Existe um direcionamento das bibliotecas em diminuir as publicações impressas e substituí-las pelo seu formato eletrônico, como o plano de gestão das coleções físicas apresentado por Martin *et al.* (2013, p. 230), que intenciona diminuir o número de impressos, por meio da aquisição de formatos digitais e participação em iniciativas como o WEST. No intuito de saber se as bibliotecas investigadas também estão propensas a esta mudança, questionámos em que formato as assinaturas de periódicos estão sendo realizadas. Aferimos que 24,59% das bibliotecas realiza assinaturas apenas em formato digital e 13,11% indica que as assinaturas são em formato impresso. Enquanto a maioria, 62,30% dos participantes, opta pela aquisição nos dois formatos (Tabela 9).

Tabela 9 - Indicação do formato das assinaturas

Opções de resposta	BU_Portugal		BU_Brasil		Total	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
Impressa	3	13,04%	5	13,55%	8	13,11%
Digital	4	17,39%	11	28,94%	15	24,59%
Impressa e digital	16	69,57%	22	57,89%	38	62,30%

Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

Ao questionarmos porque realizam as assinaturas em ambos os formatos, 50% dos participantes informa que o título das assinaturas impressas não tem a versão em formato digital. As assinaturas de títulos sem acesso perpétuo garantido ainda são um ponto polêmico, como colocado por Huhn e Harland (2014, p. 51), por causa da incerteza na segurança de acesso, caso ocorra o cancelamento ou transferência do periódico para outro editor. Vemos que 6,52% realiza a assinatura digital independentemente da garantia do

acesso perpétuo, sendo o percentual das bibliotecas, que preferem realizar a assinatura impressa, um pouco menor, 4,35%. Apenas um participante informou que a biblioteca realiza a assinatura de todos os títulos nos dois formatos (Tabela 10).

Tabela 10 - Motivos para realizar as assinaturas em formato impresso e digital

Opções de resposta	BU_Portugal		BU_Brasil		Total	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
Realizamos a assinatura de todos os títulos no formato impresso e digital.	0	0%	1	3,85%	1	2,17%
Assinamos em formato impresso apenas os títulos que não têm versão digital.	11	55%	12	46,15%	23	50%
Realizamos a assinatura digital independente da garantia de acesso perpétuo.	1	5%	2	7,69%	3	6,52%
Procedemos com a assinatura do formato digital quando temos a garantia do acesso perpétuo, quando não optamos pela versão impressa do título.	2	10%	0	0%	2	4,35%
Outros	6	30%	11	42,31%	17	36,96%

Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

Com os esclarecimentos obtidos pela opção 'Outros', com o segundo maior percentual de indicação, 36,96%, percebemos que o tipo de formato pode estar vinculado ao custo da assinatura, como indicado pela biblioteca da UC_4 e da USP_2. Ao mesmo tempo, há editores cujo modelo de negócio oferecido proporciona o acesso ao conteúdo de forma concomitante, impresso e digital como relata a USP_6. No mesmo sentido, a UPorto_2 afirma que existe a questão da perda do acesso ao digital e que não há grande variação de valor para assinar ambos os formatos. Vemos também que há bibliotecas que assinam o impresso por falta da opção digital, como a ULisboa_8 e a USP_1, que informam que a “editora não dá alternativa” e que a cultura de assinar o formato impresso, até recentemente, era muito forte. Outras razões colocadas foram o editor não fornecer o acesso multiusuário, da publicação possuir embargo e a suspensão das assinaturas impressas quando o periódico passa a estar disponível em formato online (ver Apêndice E). Diante do exposto, podemos inferir que as bibliotecas estão propensas a substituir o formato impresso pelo formato digital, havendo ainda alguns barreiras como a de nem

todos os títulos estarem disponíveis em formato digital e/ou com o acesso multiusuário. Paralelamente, notamos que há bibliotecas que, quando a disponibilidade do editor, orçamento e, provavelmente, local físico disponível para armazenamento se reúnem, optam por manter os periódicos nos dois formatos.

Quanto à forma pela qual as assinaturas são realizadas, as bibliotecas costumam utilizar mais de uma maneira, conforme seus interesses, sendo a aquisição título a título e o consórcio entre bibliotecas da mesma universidade as duas formas mais selecionadas, respectivamente 22 e 21 indicações. A aquisição de pacotes dos editores foi indicada por 15 participantes. Como constatado por Black (1999, como citado em Dubicki, 2005, p. 13) a compra dos títulos individuais tem um custo maior do que a aquisição dos pacotes que os editores fornecem, embora esse serviço nem sempre responde às necessidades da biblioteca (Tabela 11), justificando o uso concomitante de ambas as formas de assinatura.

Tabela 11 - Forma de realizar as assinaturas indicado pelas universidades

Opções de resposta	BU_Portugal				BU_Brasil			Total	
	UA	UC	ULisboa	UPorto	UNESP	UNICAMP	USP	Quant.	%
Título a título.	1	2	3	4	5	3	4	22	27,85%
Adquire a assinatura de um pacote de títulos dos editores.	1	3	3	1	2	3	2	15	18,99%
Participamos de consórcio com outras bibliotecas da nossa universidade para adquirir pacotes de títulos dos editores.	0	1	4	3	0	1	12	21	26,58%
Participamos de consórcio com bibliotecas de outras instituições para adquirir pacotes de títulos dos editores.	1	0	2	0	1	2	1	7	8,86%
Outros	0	0	2	2	5	1	4	14	17,72%

Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

A formação de consórcios, seja entre bibliotecas na mesma instituição, ou fora dela, é uma maneira de ter mais recursos, diminuir os custos e aumentar o poder de negociação das bibliotecas com os editores. Podem ser fatores que contribuem para o desbaste da coleção de periódicos impressos, quando a avaliação inclui o descarte ou remanejamento de volumes com sobreposição em formato digital. Tal como relatam Glazier e Spratt (2016, p. 327), além da decisão de aumentar a aquisição de *backfiles* eletrônicos, resolveram por depender mais dos recursos compartilhados, entre as

bibliotecas da *University of Colorado System* e do *Colorado Alliance consortium*, para diminuir o espaço ocupado pela coleção de periódicos. Em 17.72% das respostas descritas na opção ‘Outros’, notamos que a iniciativa de centralizar e compartilhar as assinaturas de periódicos, bases de dados e aquisição de pacotes fornecidos pelos editores, é uma prática comum às universidades que têm bibliotecas setoriais. Tal como as bibliotecas da Universidade do Porto, que informam sobre a assinatura de bases de dados pela universidade e as bibliotecas da UNESP e UNICAMP, em que as assinaturas ficam a cargo da Coordenadoria Geral de Bibliotecas e da Biblioteca Central (ver Apêndice F).

3.2.4. A inclusão de fascículos recebidos por doação e/ou permuta

Compreende-se que a falta de espaço físico tem sido um agravante para o crescimento das coleções e que o formato impresso vem sendo substituído pelo digital. Indagámos se as bibliotecas têm incluído nas coleções os fascículos que recebem por doação e ou permuta. Contrariando a tendência de desfazer dos fascículos impressos, a maioria das respostas foram positivas, 101 participantes selecionaram a opção ‘Sim’, sendo 26 bibliotecas em Portugal e 75 no Brasil. Nas 14 respostas negativas, verificamos que as razões para não serem inseridos estão relacionadas com a falta de interesse por parte da biblioteca, pela falta de espaço e pela questão de não serem utilizados (ver Tabela 12). Como notamos na resposta da ULisboa_6 e da UFRJ_14, que informaram não incluir as doações e permutas, a inclusão dos fascículos pode ocorrer apenas na condição de completar as coleções, o que justificaria a elevada taxa de respostas afirmativas.

Tabela 12 - Motivos pelos quais as bibliotecas não incluem os fascículos de doação/permuta na coleção

20. Por qual razão a biblioteca não inclui os fascículos de doação e /ou permuta?	
ULisboa_6	Na doação, incluímos os n°s em falta
ULisboa_8	Porque não nos interessa aumentar a coleção de periódicos em formato impresso
ULisboa_11	Para além da falta de espaço, verificámos que não há solicitação por parte dos utilizadores
UPorto_6	São apenas consultados esporadicamente

20. Por qual razão a biblioteca não inclui os fascículos de doação e /ou permuta?

UPorto_9	Nunca foi necessário.
UFMG_2	não é de interesse da instituição termos periódicos impressos
UFRJ_1	Quando recebemos deixamos disponíveis para leitura e depois deixamos disponíveis para doação. Não temos espaço e nem interesse em manter coleção de periódicos impressos quando os mesmos estão disponíveis online.
UFRJ_3	Praticamente não recebemos doações de periódicos
UFRJ_8	Como dito em questão anterior, não temos espaço para acomodá-los.
UFRJ_14	Somente incluímos fascículos que fazem parte da coleção.
UNICAMP_2	Direcionamos para as Bibliotecas Seccionais do SBU.
UNICAMP_8	Por política da universidade, não adquirimos mais periódicos impressos por limite de espaço de armazenagem
USP_15	Não há espaço no acervo.

Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

Um dos motivos que pode levar as bibliotecas a incluir e manter fascículos impressos, recebidos por doação, é que estes materiais podem ter acordos de retenção ou serem integrantes de coleções cooperativas (Martin *et al.*, 2013, p. 234). Dos respondentes, 24 afirmaram que sua biblioteca tem algum tipo de acordo de preservação ou é depositária de um título de periódico e os outros 91 responderam que ‘Não’ (ver Tabela 13).

Tabela 13 - Quantitativo de respostas sobre as bibliotecas integrarem um programa de preservação

Opções de resposta	BU_Portugal		BU_Brasil		Total	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
Não	24	75%	67	80,72%	91	79,13%
Sim	8	25%	16	19,28%	24	20,87%

Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

O resultado contraria as expectativas, uma vez que na literatura encontram-se relatos de desbaste e descarte massivo das coleções de periódicos impressos, mantendo-se os títulos ou fascículos que fazem parte de um acordo colaborativo ou de preservação. Tal como efetuado por Huhn e Harland (2014, p. 52), que automaticamente excluíram do projeto de desbaste os 300 títulos de periódicos impressos, por integrarem o plano de preservação de publicações seriadas da *Conférence des recteurs et principaux des universités du Québec*. Não se conseguiu localizar, no Brasil e em Portugal, projetos de

preservação de periódicos impressos como o WEST, WRLC ou programas de preservação compartilhada, em que se tem um acordo para preservação das coleções entre as bibliotecas integrantes (Maiorana *et al.*, 2019). Presumiu-se que as bibliotecas poderiam ser depositárias de publicações de instituições de pesquisa ou associação, tal como ocorre com as bibliotecas da *Auburn University*, que integram um consórcio que funciona como repositório de impressões, e a biblioteca recebe e preserva os volumes de publicações da *Association of Computing Machinery* (Sullenger, 2010).

3.2.5. A política

Estabelecer as diretrizes que irão reger a coleção, na forma de uma política, é indispensável para as bibliotecas. Para Evans e Saponaro (2005, p. 49), a política funciona como um plano que direciona a formação e a manutenção da coleção. É o documento que irá abordar quais os critérios a serem aplicados no desbaste da coleção de periódicos. Assim, pedimos aos respondentes que sinalizassem se sua biblioteca tem uma política ou documento formal sobre as diretrizes para a gestão da coleção. Constatamos que 60,87% das bibliotecas não tem uma política, sendo a opção ‘Não’ a mais selecionada em ambos os países (Tabela 14).

Tabela 14 - Quantitativo de respostas sobre as bibliotecas terem uma política

Opções de resposta	BU_Portugal		BU_Brasil		Total	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
Não	22	68,75%	48	57,83%	70	60,87%
Sim	10	31,25%	35	42,17%	45	39,13%

Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

Aos 45 participantes que indicaram ter uma política, perguntámos se o documento trata da coleção de periódicos, dos critérios e das tomadas de decisões sobre seu desbaste. Aferimos que 24.44% diz que ‘Não’ e 75.56% opta pelo ‘Sim’, dos quais 57.78% afirma que a política aborda a coleção de periódicos, enquanto que 17.78% diz que o documento não traz os critérios e as tomadas de decisão quanto ao desbaste dos periódicos (Tabela 15).

Tabela 15 - Resultados sobre a política abordar os critérios e tomada de decisões sobre o desbaste dos periódicos

Opções de resposta	BU_Portugal		BU_Brasil		Total	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
Não	4	40%	7	20%	11	24,44%
Sim, aborda a coleção de periódicos	4	40%	22	62,86%	26	57,78%
Sim, mas não traz os critérios e as tomadas de decisão quanto ao seu desbaste	2	20%	6	7,14%	8	17,78%

Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

Os periódicos formam uma coleção especial nas bibliotecas universitárias e os critérios empregues para a coleção monográfica não devem ser aplicados a esses materiais. Conyers (2019, p. 2) afirma que mesmo que a política da biblioteca possua critérios satisfatórios para o desbaste da coleção monográfica, esta não é adequada para decidir sobre o descarte e/ou retenção dos periódicos, uma vez que os propósitos são distintos. Ao questionarmos, especificamente, se no documento de política existem critérios para retenção e manutenção da coleção de periódicos impressos, obtivemos 18 respostas negativas e 27 positivas (Tabela 16).

Tabela 16 - Quantitativo de respostas sobre a política abordar a questão da retenção e manutenção dos periódicos

Opções de resposta	BU_Portugal		BU_Brasil		Total	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
Não	5	50%	13	37,14%	18	40%
Sim	5	50%	22	62,86%	27	60%

Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

Compararam-se as respostas positivas sobre a política abordar os critérios e a tomada de decisões sobre o desbaste dos periódicos (Tabela 15), com os resultados sobre a política tratar de questões sobre a retenção e a manutenção dos periódicos. Observamos que as quatro bibliotecas, em Portugal, que selecionaram a opção “Sim, aborda a coleção de periódicos”, também afirmaram que a política aborda os critérios de retenção e manutenção. Nas 22 bibliotecas do Brasil que optaram pela mesma afirmativa, ao serem questionadas sobre a política incluir os critérios sobre retenção e manutenção, 19 optaram pelo ‘Sim’ e três selecionaram a opção ‘Não’.

Para a afirmativa “Sim, mas não traz os critérios e as tomadas de decisão quanto ao seu desbaste”, verificamos que nos dois respondentes de Portugal que fizeram esta

opção, um afirmou que a política da biblioteca também trata dos critérios de retenção e manutenção e o outro negou que a política os aborde. Entre os seis respondentes do Brasil, que optaram por essa mesma afirmativa, quatro negaram que o documento trate da retenção e manutenção dos periódicos e dois selecionaram a opção ‘Sim’.

Com os resultados, constatamos que a política, mesmo sendo um documento essencial para o planejamento e desenvolvimento das coleções, não é na prática elaborada pela maioria das bibliotecas. Corrobora-se a afirmação de Weitzel (2013, p. 9), de que não é habitual encontrar bibliotecas que tenham uma “política formal, com todos os recursos técnicos, para garantir o desenvolvimento balanceado das coleções”. Percebe-se que a falta de critérios próprios para as coleções de periódicos é ainda mais grave. Mesmo entre os participantes que disseram que sua biblioteca tem uma política, afirmam que ela não aborda os critérios, decisões, retenção e manutenção da coleção de periódicos. Sendo essa uma realidade das bibliotecas, como constatamos na literatura, ao decidir proceder com os projetos de desbaste, a biblioteca define os critérios que irão orientá-lo. Assim ocorreu com Thomas e Shouse (2012, p. 95), que criaram nove regras para desbastar a coleção de periódicos impressos, as quais abordam o envio dos volumes para armazenamento externo, os títulos que serão mantidos na coleção circulante e os que serão remanejados para as estantes compactas.

3.2.6. A biblioteca já realizou algum desbaste da coleção de periódicos impressos?

Saber se as bibliotecas executaram o processo de desbaste é o subsídio para podermos determinar as razões, as estratégias utilizadas e responder às hipóteses levantadas. O desbaste, como todos os processos que integram o desenvolvimento de coleções, deveria ocorrer de forma rotineira nas bibliotecas (Vergueiro, 1989, p. 18). Assim, indagámos os respondentes sobre a sua biblioteca já ter realizado o desbaste. 15 participantes de Portugal e 38 do Brasil informaram que ‘Não’. A opção ‘Sim’ foi a escolha de 17 respondentes de Portugal e 45 do Brasil. Observamos a seguir, na Figura 7, a distribuição de respostas por universidade.

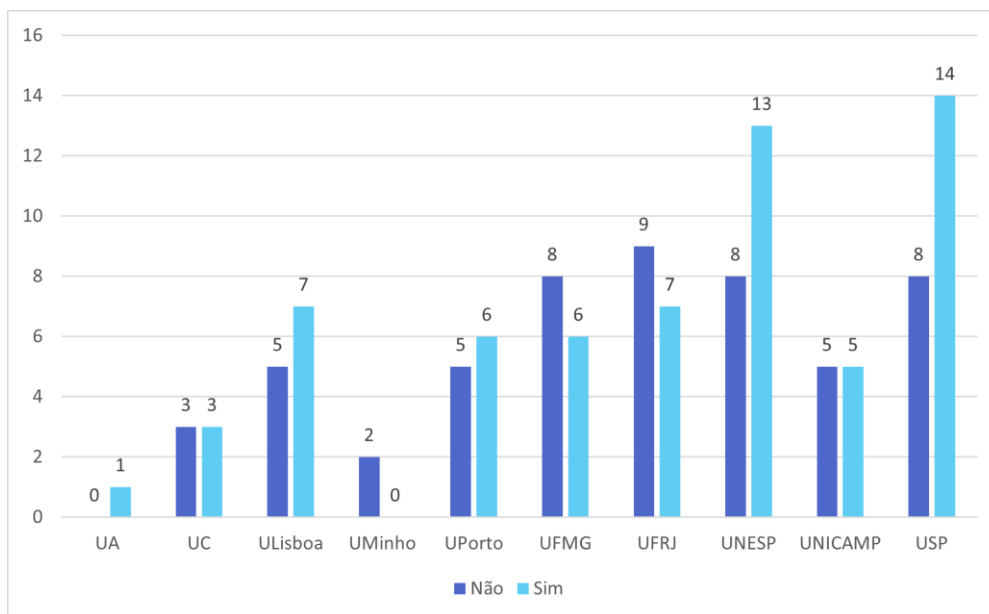


Figura 7 - Gráfico do quantitativo de respostas por universidades sobre a biblioteca já ter realizado o desbaste

Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

Sabemos que o desbaste não é a tarefa mais agradável, um processo em si carregado de conotações negativas, que toma tempo e envolve o emocional dos bibliotecários. Consideramos surpreendente o resultado obtido, pois mesmo com uma diferença de apenas nove indicações a mais, o número de bibliotecas que já procederam ao desbaste foi maior do que as que o não realizaram. A literatura oferece indícios de que esse pode ser um cenário cada vez mais concreto. Começando pelas ideias dos próprios estudiosos do campo, como Disher (2014), que não apenas apresenta as causas das bibliotecas para não realizar o desbaste, como habitualmente ocorre, mas as refuta, desconstruindo as habituais desculpas das bibliotecas. A que acresce a impossibilidade de as bibliotecas ampliarem seu espaço físico e as possibilidades oferecidas pela tecnologia. A visão da comunidade sobre a biblioteca manter as coleções impressas de periódicos tem-se alterado, como mostra o estudo de Sammonds e Housewright (2011). Estes fatores têm contribuído para que a fobia das bibliotecas ao desbaste comece a ser superada, e como consequência, as coleções de periódicos que se acumularam durante anos tornam-se um dos alvos preferidos para o desbaste.

Diante da perspectiva de a propensão das bibliotecas ao desbaste estar aumentando, pedimos aos 62 indivíduos, que sinalizaram a realização do desbaste pelas suas bibliotecas, que indicassem o ano em que ocorreu o primeiro desbaste. Nas respostas obtidas, 17 indicaram não ter a informação, as outras 45 informaram um período amplo

entre 1920 e 2021. No gráfico da Figura 8, vemos que para uma biblioteca em Portugal o primeiro descarte ocorreu em 1920; no Brasil a indicação do primeiro desbaste para seis bibliotecas ocorreu entre os anos de 1990 e 1996. A princípio pensávamos que o desbaste da coleção de periódicos, nessas bibliotecas, ocorria como uma rotina da biblioteca, uma vez que, neste período, não verificamos haver indícios de fatores motivadores ao desbaste. Contudo, ao verificarmos as respostas da ULisboa_6, UFMG_11, UNESP_2 e USP_3, 4, 12 e 19 à Questão 35, referente a como a biblioteca procede ao desbaste, percebemos que o desbaste é uma atividade de rotina na biblioteca da USP_4, que indica realizar o desbaste de modo contínuo, e nas bibliotecas da ULisboa_6 e na USP_19, que indicaram realizá-lo em um período específico, como as férias escolares. As demais indicaram a elaboração de um projeto com o objetivo de descarte da coleção. No Brasil, apesar de o Portal de Periódicos da Capes ser indicado como razão para descontinuação das assinaturas e do desbaste, o acesso por meio digital iniciou-se apenas nos anos 2000, pois antes os volumes impressos eram adquiridos por meio do Programa de Apoio à Aquisição de Periódicos (PAAP) (CAPES, [s.d.]). O que nos induz a crer que, até 1996, ele não seria uma motivação ao desbaste, ou no caso da resposta indicada, o descarte dos periódicos.

Apesar de nos apoiar em questões subsequentes, para buscar compreender as respostas, reconhecemos que seria necessário um estudo mais aprofundado, uma vez que pedimos aos participantes para informar a data do primeiro desbaste e não as motivações que o levaram a ocorrer. Dado que o desbaste pode ocorrer por motivos inerentes às atividades e serviços da biblioteca, como o esclarecido pela UNESP_2, que o desbaste ocorreu por volta de 1996, após um estudo do “fluxo de empréstimo entre as bibliotecas da Rede de Bibliotecas da Unesp e percebeu-se títulos que eram atendidos comutação de artigos para outras unidades em número maior do que consultados na própria biblioteca”, e títulos que não eram utilizados, por serem de áreas à qual a biblioteca se destinava e que atenderia a outras unidades da universidade (ver Apêndice M).

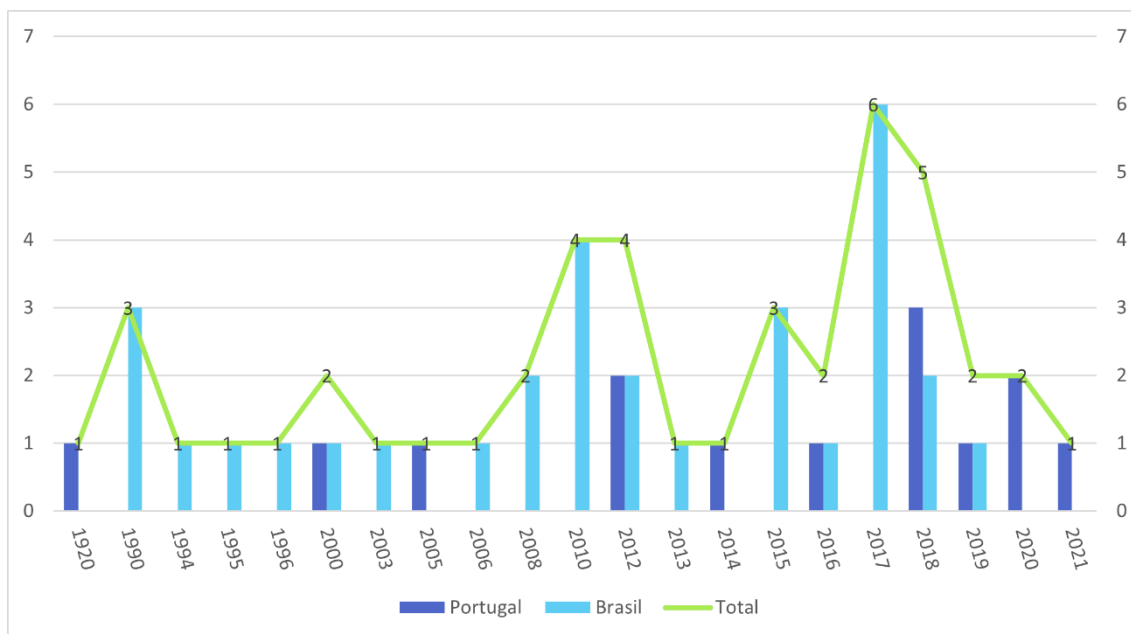


Figura 8 - Gráfico do ano indicado pelas bibliotecas para o primeiro desbaste executado.

Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

No início dos anos 2000, começamos a notar uma movimentação maior das bibliotecas em direção ao desbaste dos periódicos impressos e sua substituição pelo formato eletrônico. O relato de Dubicki (2005) nos dá uma visão das mudanças que vinham ocorrendo. A necessidade de fechar a área destinada aos periódicos, por um longo período, motivou a biblioteca a avaliar e desbastar a coleção de periódicos impressos e em microfimes, e a adquirem pacotes de assinaturas de editoras. No final da década, notamos que a propensão ao desbaste dos periódicos aumenta, levando Schonfeld e Housewright (2009) à publicação de um relatório em que demonstravam preocupação com a onda de descarte indiscriminado dos periódicos, que poderia resultar em perdas significativas de conteúdo, uma vez que ainda não se tinha a garantia da preservação dos volumes em formato digital. Não percebemos um aumento na quantidade de bibliotecas que indicaram iniciar o desbaste nessa década: entre os anos 2000 e 2008, há sete indicações, duas em Portugal e cinco no Brasil.

Existe um aumento no quantitativo de bibliotecas que indicaram a realização do primeiro desbaste entre 2010 e 2019, um total de 28 indicações, sendo oito em Portugal e 20 no Brasil. Sinaliza-se que o desbaste da coleção de periódicos impressos vem se intensificando. As bibliotecas vêm trabalhando em projetos de desbaste, seja no intuito de mover os volumes para programas de preservação colaborativa como WEST ou

WRCL, como descrito por Rogers (2015) e Reeves e Schmidt (2011), ou, destiná-los a locais de menor acesso, como procedeu Huhn e Harland (2014) e Thomas e Shouse (2012).

Aos 53 participantes que informaram que as suas bibliotecas não realizam o desbaste da coleção de periódicos impressos, perguntámos se há a intenção de executá-lo. Destes, 34 escolheram a opção ‘Não’ e 19 a opção ‘Sim’. Aos que afirmaram ter a intenção de desbastar a coleção, pedimos que expusessem as razões pelas quais o desbaste seria realizado. Dentre as respostas obtidas, conseguimos identificar dez motivos: ter acesso ao Portal de Periódico da Capes, ter acesso ao digital, ter acesso ao digital perpétuo, a falta de espaço físico, a falta de uso, a obsolescência, o remanejamento da coleção, a retirada das duplicatas, retirar o material danificado e ter acesso ao título em outras universidades (ver Apêndice G).

Manusear a coleção de periódicos em atividades que, fundamentalmente, não têm como intuito o desbaste, pode desencadear a execução deste processo. Como vimos, o projeto para restauração da coleção de periódicos, fomentou o desbaste da coleção na *Stephen B. Luce Library* (Williams, 2012). Assim, na expectativa de aferir se nas bibliotecas universitárias do Brasil e de Portugal o desbaste da coleção também se dá em decorrência de outras atividades, perguntámos se a biblioteca executa algum projeto relacionado com o desenvolvimento de coleção, que pode decorrer no desbaste da coleção de periódicos. Dos 115 respondentes, a maioria respondeu de forma negativa, 61.74%, sendo a opção ‘Sim’ indicada por 38.26% (Tabela 17).

Tabela 17 - Quantitativo de resposta a pergunta sobre a biblioteca executar atividades que podem desencadear o desbaste

Opções de resposta	BU_Portugal		BU_Brasil		Total	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
Não	17	53,13%	54	65,06%	71	61,74%
Sim	15	46,87%	29	34,94%	44	38,26%

Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

Pedimos aos participantes, que afirmaram que a biblioteca executa outras atividades cujo desfecho pode vir a ser o desbaste, para especificá-las. As Questões 29a e 30a são descritivas e optou-se por não fazer o direcionamento no questionário, apesar de ser destinada aos indivíduos que selecionaram a opção ‘Sim’ nas Questões 29 e 30. Essa foi a única questão de preenchimento não obrigatório no formulário. Como consequência, ocorram duas indicações da opção ‘Não’ com respostas na subquestão ‘a’

e não houve respostas de outros cinco participantes, que selecionaram a opção ‘Sim’. Desta forma, nas 41 respostas obtidas, identificámos duas atividades que podem levar ao desbaste das coleções de periódicos impressos: a encadernação e a reorganização do espaço da biblioteca. O controle bibliográfico, tal como colocado por Williams (2012), também foi citado, mas não na mesma perspectiva do ocorrido na *Stephen B. Luce Library*, que realizou o controle bibliográfico para ter conhecimento da coleção da biblioteca que, como colocado pelo autor, “era conhecida apenas pela experiência e conjeturas dos bibliotecários” (Williams, 2012, p. 362, tradução nossa). O controle bibliográfico na biblioteca UC_6 intenciona o descarte de duplicatas, o que entendemos como uma prática decorrente do desbaste.

A diversidade de respostas, em grande parte, que não atende ao objetivo da pergunta, revelou que a questão precisava ter sido melhor elaborada. Percebemos que a utilização do termo projeto não foi bem empregue; processo ou atividade, poderiam ser mais bem interpretados. Não deveria ter sido usado o exemplo de remanejamento do acervo, e sim reorganização, dado que o remanejamento ocorre em consequência do desbaste. Contudo, tivemos informações relevantes sobre o desbaste nas bibliotecas, como a ULisboa_7, que descreve o descarte por substituição do fascículo e a utilização da análise de uso para remanejar os volumes; as bibliotecas da UFMG_16 e da USP_16 abordam a questão de as bibliotecas estarem trabalhando em prol de remanejar as duplicatas na mesma universidade; a biblioteca USP_23 descreve o remanejamento da parte mais antiga da coleção para outro prédio; e a USP_1 faz uma descrição detalhada de implicações do desbaste, envolvendo a morosidade do processo, o trabalho de descartar os fascículos e a insegurança de descartar itens que tiveram investimento financeiro da biblioteca para compra e manutenção (ver Apêndice H).

3.3. Razões para o desbaste

Se não houver uma razão, as bibliotecas não executam o desbaste, que deveria ser uma atividade contínua e integrar naturalmente o processo de desenvolvimento de coleções. Uma prática benéfica para a biblioteca, que permite manter a coleção atualizada, libera espaço para armazenamento de novos itens e principalmente adequa a coleção aos seus usuários, pois irá ajustar “o acervo as necessidades e desejos da comunidade”

(Weitzel, 2013, p. 65). Entretanto, parece ser mais fácil identificar motivos que servem de empecilho, do que uma razão para executá-lo. Obstáculos, que conforme explica Larson (2012, p. 87), são colocados por bibliotecários que não se sentem seguros para realizar o desbaste. Desta forma, se o desbaste tem ocorrido, procurámos conhecer as suas razões. Para isso, elaborou-se o terceiro bloco de Questões, 31 a 34, que intencionam identificar a motivação principal e as secundárias que têm levado as bibliotecas a procederem ao desbaste. Seguiremos com a apresentação dos dados fornecidos pelos 70 inquiridos, os 62 que optam pela resposta ‘Sim’ na Questão 25 e os oito que, devido a falha na Questão 29, verificámos serem aptos a completarem esta etapa do estudo.

Como percebemos, o desbaste das coleções de periódicos impressos, apesar de necessário e de os bibliotecários terem consciência disso, normalmente ocorre quando surge uma motivação catalisadora, que leva a biblioteca a tomar de facto providências e executar o desbaste. Como vimos na seção *1.5 Razões para o desbaste da coleção de periódicos impressos*, a razão principal para desbaste advém da falta de espaço físico. O desbaste é responsável por desocupar o local que será destinado a outros propósitos, como espaço de estudo, para projetos, docentes, para outras coleções, etc. Desta forma, tentámos conhecer as razões que impulsionam as bibliotecas, no Brasil e em Portugal, a dar início ao processo de desbaste. Constatamos que a falta de espaço físico é o principal fator apontado pelas bibliotecas, que procederam ao desbaste, com um total de 41,43% das indicações, seguido pela baixa usabilidade da coleção, com 12,86%, e pela obsolescência do conteúdo, com 7,14% (Tabela 18).

Tabela 18 - Identificação da razão que levou as bibliotecas efetivamente ao desbaste

Opção de resposta	BU_Portugal		BU_Brasil		Total	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
Falta de espaço físico	10	50%	19	38%	29	41,43%
Baixa usabilidade	1	5%	8	16%	9	12,86%
Obsolescência do conteúdo	2	10%	3	6%	5	7,14%
Obsolescência do formato	0	0	0	0	0	0
Ter o acesso a versão digital (por assinatura do título e/ou em pacotes de agregadores, sem acesso perpétuo)	0	0	1	2%	1	1,43%
Ter acesso as coleções via B-on	3	15%	0	0	3	4,29%

Opção de resposta	BU_Portugal		BU_Brasil		Total	
Ter acesso as coleções via Portal de Periódicos da CAPES	0	0	3	6%	3	4,29%
A biblioteca adquiriu <i>backfiles</i> eletrônicos das coleções (em acesso perpétuo)	0	0	1	2%	1	1,43%
Outras razões	4	20%	15	30%	19	27,14%

Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

Ter o acesso via *B-on* ou pelo Portal de Periódicos da CAPES, obteve 4.29% das indicações. É compreensível que sejam indicados como motivações para o desbaste, visto que possibilitam o acesso a diversas bases de dados e a títulos de periódicos. Por serem iniciativas nacionais acreditamos que dão uma certa garantia aos bibliotecários de continuidade do acesso. Por outro lado, a aquisição de *backfiles* eletrônicos, que seria uma maneira segura de garantir o acesso, teve apenas 1.43% das indicações. Não ocorreu nenhuma indicação para a razão ‘obsolescência do formato’, ainda que se constate que o formato impresso vem sendo substituído pelo eletrônico, pois há a predisposição das bibliotecas para adquirir as assinaturas atuais em formato digital, e não em papel. Bem como adquirir os *backfiles* eletrônicos, para substituir as coleções impressas.

A opção ‘Outros’ teve um quantitativo alto de indicação pelos respondentes, sendo 4 em Portugal e 15 no Brasil. Ao analisarmos as respostas percebemos que, de modo geral, a utilização do campo ocorreu para informar sobre a junção de uma ou mais das demais opções, além da sugestão de poder selecionar mais de uma opção. Esta foi uma adversidade identificada no pré teste, tendo a questão sido reformulada, mas ainda não ficou clara o suficiente, para que o participante compreendesse que o objetivo da questão era identificar a razão que impulsionou o desbaste, levando a biblioteca realmente a executá-lo. Dentre os respondentes que descreveram apenas uma razão e que não foi apontada nas opções de respostas, encontramos três fatores indicados como motivações: as duplicatas (ULisboa_1 e 10, e USP_12), periódicos de conteúdo não científico (UFRJ_10) e dano à coleção por fatores externos (UFRJ_11 e UNESP_11) (ver Apêndice D). No caso dos dois primeiros, são critérios para o desbaste e não os categorizamos como razão, pois entendemos que os itens nessa condição foram mantidos na coleção, até que, por motivo de força maior, se realizou o desbaste, e então adotaram-se esses critérios que embasaram a avaliação. O dano à coleção por fator externo pode ser categorizado como uma razão que leva a biblioteca a agir para desbastar a coleção de periódicos. Para essa

razão, consideramos que existem “agentes físicos, químicos, biológicos e humanos” (Seripierri *et al.*, 2005, p. 23), que podem acarretar na inutilização ou avaria do fascículo, que o faça ser descartado ou remanejado. Levamos em consideração, além das respostas à Questão 33, as descrições informadas na Questão 38, em que, pela descrição das bibliotecas da UFRJ_11, UNESP_11 e 14, verificamos que a infiltração e infestação de pragas levaram as bibliotecas a executarem o desbaste. As informações das bibliotecas da UPorto_4 e USP_21, que relatam que o “mau estado de conservação” do título foi um motivo que contribuiu para que o desbaste ocorresse. Também o consideramos critério, tal como as duplicatas e o conteúdo não científico.

É evidente que a falta de espaço físico sobressai como fator mais relevante e incentivador do desbaste. Desta forma, quisemos saber a que se destina o espaço a ser desocupado. Como vimos, as finalidades podem ser diversas, de escritórios para os docentes, como referido por Grant (2016), a espaço para estudo na *Kraemer Family Library* (Glazier & Spratt, 2016). Dado que cada biblioteca universitária tem suas peculiaridades, pedimos aos participantes que indicaram esta motivação para nos informar a que o espaço liberado seria direcionado (Tabela 19).

Tabela 19 - Destinação do espaço físico liberado pelo desbaste da coleção de periódico

Opção de resposta	BU_Portugal		BU_Brasil		Total	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
Espaço para estudo.	0	0%	4	21,05%	4	13,79%
Para o crescimento da coleção monográfica.	5	50%	8	42,11%	13	44,83%
Para outras atividades da biblioteca (espaço de trabalho, sala de informática etc.).	1	10%	0	0%	1	3,45%
Solicitação de espaço para outras atividades da instituição (Ceder o espaço para atividade docente, projetos da universidade ou de cursos, etc.).	2	20%	3	15,79%	5	17,24%
Outros	2	20%	4	21,05%	6	20,69%

Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

Notamos que a principal destinação do espaço, que antes abrigava a coleção de periódicos, destina-se a alocar a coleção monográfica. Até mesmo entre as bibliotecas que indicaram a opção 'Outros', percebemos que a ULisboa_7 e UNICAMP_7, se referem

à acomodação das monografias. É interessante observar que as bibliotecas da ULisboa_3 e da USP_1 realizam o desbaste para armazenar os próprios periódicos (Tabela 20). Aos seis participantes que indicaram que o espaço foi destinado a outras atividades da biblioteca ou da instituição, pedimos que nos dissessem qual foi a atividade. Constatamos que será um projeto da faculdade e a criação de novas áreas na biblioteca (sem especificações), a ampliação da área de depósito e a construção de um ambulatório.

Tabela 20 - Respostas indicativas da necessidade de espaço e da atividade que motivou o desbaste

Respostas à opção outros da Questão 32: Qual tipo de necessidade de espaço motivou o desbaste?	
ULisboa_3	Para o crescimento da própria coleção de periódicos
ULisboa_7	Agregar novos títulos e conteúdos a coleção
UNESP_13	A tendencia do acervo de periódicos é crescer sempre e os arquivos deslizantes onde ficam acomodadas não cabem mais a coleção
UNICAMP_7	Espaço para os livros específicos dos assuntos da nossa área de atuação.
USP_1	Espaço para a própria coleção de revistas que cresce com doações e fascículos correntes.
USP_9	Junção dos acervos das bibliotecas setoriais
Respostas à Questão 33: Qual foi a atividade que motivou o desbaste?	
UPorto_4	Mau estado de conservação de alguns títulos e necessidade de ceder espaço para projeto da Faculdade
UPorto_7	Criação de novas áreas na Biblioteca e necessidade de libertar espaço em depósito.
UPorto_11	Investigação.
UNICAMP_8	Parte do prédio foi direcionado para um departamento da faculdade constituir um ambulatório.
UNICAMP_10	Falta de espaço físico
USP_21	mau estado de conservação de títulos informativos porque o papel não tem uma qualidade muito boa.

Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

Compreendemos que a decisão de realizar o desbaste ocorre devido a um conjunto de fatores que o tornam possível. Independente de uma necessidade extrema de espaço físico, se não existissem outras formas de proporcionar acesso a esse conteúdo ou se os usuários ainda o utilizassem frequentemente, seria quase impensável que o desbaste ocorresse. Por este motivo, tentámos determinar o grau de contribuição dos fatores a seguir para a execução do desbaste: a) A baixa utilização da coleção; b) A possibilidade de conseguir o fascículo emprestado ou cópia em outra biblioteca; c) A preferência dos usuários pelos artigos em versão digital; d) Aquisição de arquivos de *backfiles* eletrônicos; e) A coleção está disponível na *B-on*; f) A coleção está disponível no Portal de periódicos da CAPES; g) A possibilidade de armazenar os fascículos em depósito externo a instituição; h) Obsolescência do conteúdo; i) Obsolescência do formato; j) Falta de espaço físico.

Pedimos aos participantes que mensurassem a influência de cada um deles em uma escala numérica e referenciada da seguinte forma: 1. Não teve influência; 2. Contribuiu um pouco; 3. Contribuiu de modo significativo; 4. Foi um dos fatores que viabilizou o desbaste.

Como observamos na Figura 9, a baixa utilização da coleção (a) e a obsolescência do conteúdo (h) são os fatores mais indicados como motivações que viabilizaram o desbaste. Este resultado é compreensível, pois não faz sentido a biblioteca manter uma coleção que não atende à sua comunidade, nem que possui itens desatualizados. Como apontado por Kaplan *et al.* (2006, p. 392), o uso dos periódicos pelos investigadores sempre esteve vinculado à atualidade de seu conteúdo, sendo os fascículos mais utilizados os publicados nos últimos cinco anos.

Ter o acesso à coleção pela *B-on* (e) ou pelo Portal de Periódicos da Capes (f) foram opções bastante indicadas como um fator de viabilização do desbaste em seus respectivos países. O que não se esperava foi a ocorrência de respostas ‘contribuiu um pouco’ e ‘contribuiu de modo significativo’ para a *B-on*, no Brasil, e do Portal de Periódicos da Capes, em Portugal.

Percebeu-se que para as opções ‘preferência do usuário pelo artigo digital’ e ‘a possibilidade de conseguir o fascículo emprestado ou cópia em outra biblioteca’, as indicações ocorrem de forma mais distribuída entre os quatro indicadores. De certa forma, era expectável que ambos tivessem um bom percentual de indicações, constatando que são fatores relevantes e que contribuem na decisão de desbaste. A preferência do usuário

pelo digital vem sendo constantemente enfatizada, e constatada por Sammonds e Housewright (2011, p. 194), que aferiram que, com o tempo, cada vez mais usuários relatam a preferência dos formatos eletrônicos aos impressos. A possibilidade de ter uma cópia acessível em outras bibliotecas é um fator de segurança para o bibliotecário proceder ao desbaste (Larson, 2012).

A obsolescência do formato (i) também é assinalada com uma distribuição mais uniforme, mas percebemos que ambos os tipos de obsolescência não tiveram um percentual elevado de indicação pelos participantes como razão que efetiva o desbaste. Por outro lado, a falta de espaço físico (j) como fator de contribuição para o desbaste, teve mais indicações na opção um e dois, não se mostrando muito relevante como uma razão secundária. A possibilidade de aquisição de *backfiles* eletrônicos (d) e de armazenamento externo (g) são muito indicados como motivações que não influenciaram o desbaste. Diverge um pouco do esperado, principalmente no que tange aos *backfiles* eletrônicos. Como vimos, a aquisição da coleção nesse formato foi um dos fatores que viabilizaram o desbaste relatado por Thomas e Shouse (2012).

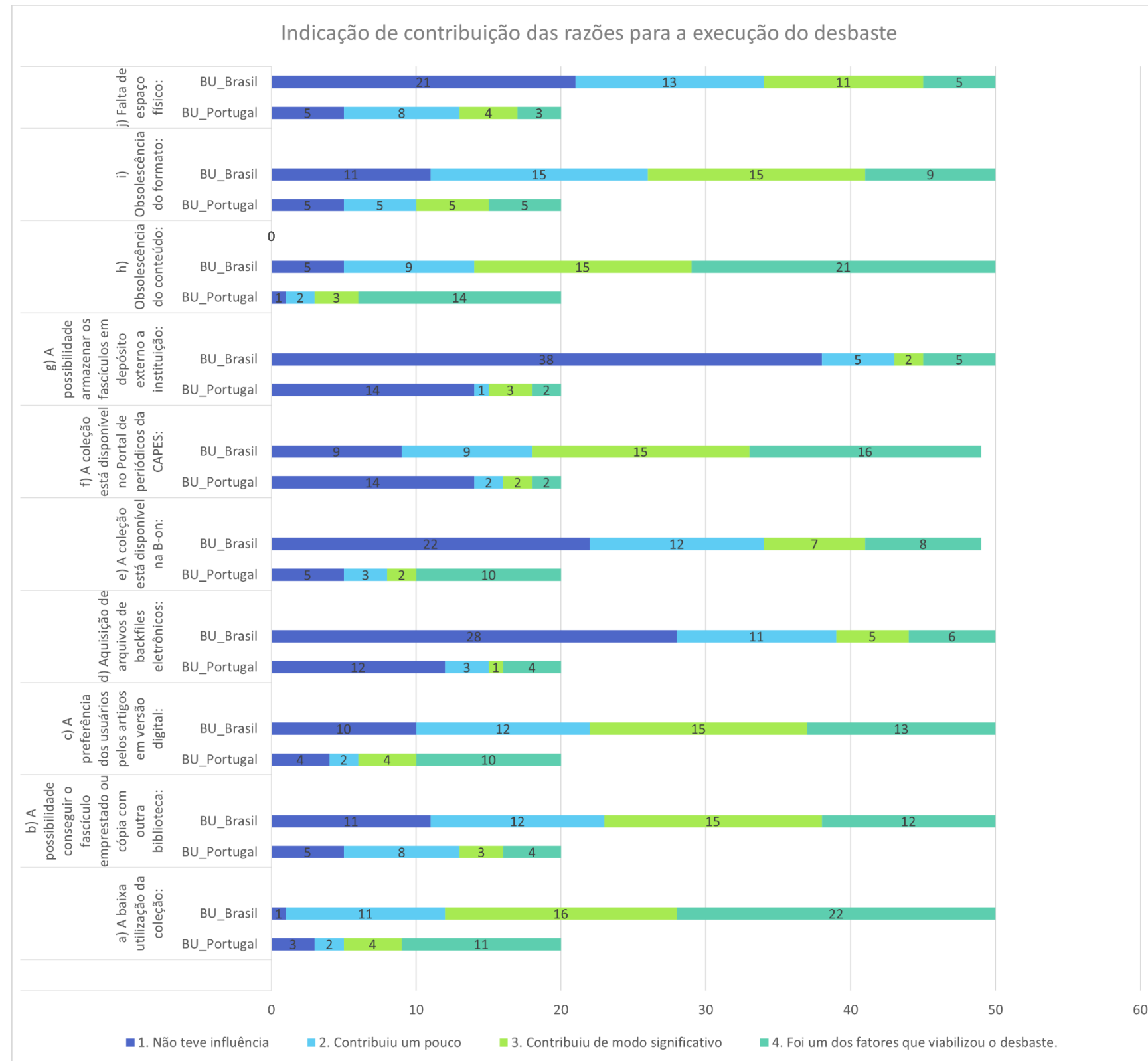


Figura 9 - Gráfico de indicação da contribuição das razões para a execução do desbaste.

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

3.4. Estratégias de desbaste

Se a biblioteca tem o objetivo de manter uma coleção de periódicos impressos, de conteúdo relevante, e que sirva a comunidade de usuários, ela está diante de um grande desafio. Para alcançá-lo, será necessário traçar uma estratégia, um plano específico para o desbaste, que lhe permitirá atingir seu objetivo. O plano estratégico irá propor as intenções futuras e orientar as decisões, ao passo que as táticas executadas irão determinar a estratégia padrão a ser seguida, ou seja, ações concretas executadas em um nível operacional, o terceiro nível, que irá concretizar o processo de desbaste. Assim, neste estudo fazemos uso do entendimento de estratégia como um padrão (Mintzberg *et al.*, 2007) e em terceiro nível (G. Johnson *et al.*, 2011). No sentido de identificar as ações operacionais, que irão fundamentar as estratégias identificadas nas bibliotecas universitárias investigadas, prosseguimos dispondo e analisando os dados do bloco quatro, Questões 35 a 38.

Para detectar as estratégias que as bibliotecas universitárias brasileiras e portuguesas implementaram para o desbaste, buscámos, inicialmente, verificar se os dois tipos de estratégia identificados na seção 1.6. *Estratégias adotadas no desbaste de periódicos impressos*, também se aplicam às bibliotecas da amostra. Primeiro, conferimos a forma que se realiza o desbaste, se o executam em um período determinado, como percebemos em Conyer (2019) e Huhn e Harland (2014), que determinaram períodos de retenção para o tipo de publicação ou áreas específicas. Esta foi a opção mais indicada pelos participantes, com um total de 42,86% (Tabela 21). Ou se o desbaste ocorre de maneira massiva, como os projetos descritos por Grant (2016) e Rogers (2015), que procederam ao descarte de coleções que tinham acesso perpétuo ou via JSTOR. Esta opção teve 25,71% do total das indicações. Como o ideal seria o processo de desbaste ocorrer de modo contínuo, como contesta Larson (2012, p. 87), se o bibliotecário tem tempo para a realizar a seleção, também deveria ter para o desbaste, sugere-se que incorpore a rotina da biblioteca, aplicando o modelo CREW que, como vimos, é mais focado na coleção de livros/monografias. Incluímos a opção de desbaste como parte da rotina da biblioteca, dado que o desbaste contínuo da coleção de periódicos é passível de ser realizado, e percebemos que 17,14% dos inqueridos fez esta opção.

Tabela 21 - Formas de realizar o desbaste

Opção de resposta	BU_Portugal		BU_Brasil		Total	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
Durante o período de inventário, férias ou em um período especificamente destinado a este fim.	7	35%	23	46%	30	42,86%
Realizou-se um projeto que tinha como intuito principal realizar o descarte das coleções.	6	30%	12	24%	18	25,71%
O desbaste da coleção de periódicos ocorre de modo contínuo, sendo uma atividade de rotina na biblioteca.	6	30%	6	12%	12	17,14%
Outros	1	5%	9	18%	10	14,29%

Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

Entre as respostas dos 14,29% que escolheu a opção ‘Outros’, aferimos que há bibliotecas que fazem o desbaste de mais de uma maneira, contínua e em períodos específicos como a UFMG_11. Na maioria das descrições, foi exposta a motivação que impulsionou o desbaste, nos levando a acreditar que foi um desbaste pontual, no qual se deu apenas em decorrência do evento e, depois, não se tornou uma tarefa de rotina na biblioteca (ver Apêndice H).

Prosseguimos questionando qual foi o direcionamento dados aos itens remanejados: a opção mais selecionada foi o remanejamento para depósito na própria biblioteca, com percentual total de 32%. Sendo indicado, na sequência, o remanejamento para local dentro da própria universidade (21,33%), para coleção de acesso restrito (13,33%) e para local fora do campo da universidade (8%) (Tabela 22). O remanejamento dentro da própria biblioteca é uma forma mais fácil de reaproveitar o espaço gasto com essas coleções, pois podem-se guardar os volumes de forma mais compacta e o material ainda estará próximo, caso solicitado (Evans & Saponaro, 2012, p. 148), ainda que a biblioteca terá de continuar a dispensar o local a essas coleções. O armazenamento externo, por outro lado, elimina a necessidade de destinar um local na biblioteca, mas permanece o custo de manutenção do local destinado ao armazenamento e o tempo que será dispensado para atender a demanda de solicitação dos fascículos.

Tabela 22 - Quantitativo de respostas a questão sobre a destinação dos itens remanejados

Opção de resposta	BU_Portugal		BU_Brasil		Total	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
Remanejar para coleção de acesso restrito.	4	17,39%	6	11,54%	10	13,33%
Remanejar as coleções para depósito local na própria biblioteca.	9	39,13%	15	28,85%	24	32%
Remanejar as coleções para depósito dentro da própria universidade.	3	13,04%	13	25%	16	21,33%
Remanejar as coleções para armazenamento em local fora do <i>campus</i> universitário.	4	17,39%	2	3,85%	6	8%
Outros	3	13,04%	16	30,77%	19	25,33%

Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

A opção ‘Outros’ foi bastante indicada pelos participantes, com 25.33%, principalmente os do Brasil. Verificou-se que a maioria das descrições expõem que o material foi doado, se enquadrando como descarte. A informação de que não remanejaram ou de que descartaram também foi relatada (ver Apêndice K). Destacamos o relato da USP_1, em que os itens de pouco uso e os aprovados para descarte foram transferidos para estantes temporárias. No relato da biblioteca da USP_1, conseguimos compreender que os volumes descartados foram oferecidos a outras instituições, mas ainda não conseguiram decidir o que fazer com os que não foram doados, sendo esse o provável motivo de ainda estarem na biblioteca (ver Apêndices H e L). Relata-se também a doação para bibliotecas na mesma universidade, contudo vemos indícios de que possa ser um remanejamento ou uma remoção entre as bibliotecas, visto que a UFMG_11 e a USP_16 informaram que está a ocorrer a centralização das coleções (ver Apêndice H).

Aferimos também qual a destinação dos fascículos descartados. O objetivo era identificar se os itens removidos permaneciam acessíveis para as bibliotecas, como os volumes encaminhados por Rogers (2015) a bibliotecas integrantes do WEST. Das opções oferecidas, três alternativas seguiam esta linha, que se refere à doação a um programa de preservação ou a um programa de colaboração, e às bibliotecas que integram o CCN. Apenas 3.97% indicou integrar um programa de colaboração e nenhum participante indicou a doação a um programa de preservação. Ao levantar os critérios para o desbaste da coleção, Johnson (2014, p. 197) coloca que devemos nos questionar se o

item que está a ser avaliado pode ser facilmente acessado em outro lugar. Encaminhar os fascículos que se irá descartar a projetos de preservação ou colaboração de que a biblioteca faz parte, é uma maneira de garantir esse acesso. No mesmo sentido, enviar os fascículos às bibliotecas que integram o CCN, opção que teve 1,98% de indicação (Tabela 23). Entretanto, as bibliotecas do CCN não possuem entre si um acordo para a preservação, portanto não garantem o acesso futuro, mas enquanto for localizada no catálogo, a cópia pode ser solicitada via COMUT. A opção de envio às bibliotecas que demonstrarem interesse foi a mais selecionada (41.58%) e, tal como o CCN não garante a preservação dos volumes, o fornecimento da cópia é decisão da biblioteca que tem a posse do fascículo.

Tabela 23 - Destinação dos volumes descartados

Opção de resposta	BU_Portugal		BU_Brasil		Total	
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%
Doação a bibliotecas que demonstraram interesse nos volumes.	10	33,33%	32	45,07%	42	41,58%
Doação oferecida a bibliotecas integrantes do Catálogo Coletivo Nacional (CCN).	0	0%	2	2,82%	2	1,98%
Doação a programa de preservação.	0	0%	0	0%	0	0%
Envio a programa de colaboração ao qual a biblioteca é integrante.	1	3,33%	2	2,82%	3	2,97%
Reciclagem	16	53,33%	22	30,99%	38	37,62%
Outros	3	10%	13	18,31%	16	15,84%

Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

O encaminhamento dos volumes para a reciclagem teve uma indicação alta, opção de 37.62% dos participantes, sendo que 18 selecionaram apenas esta opção. A reciclagem, como a doação à comunidade, como colocado pela maioria dos que utilizaram o campo ‘Outros’, não dá à biblioteca a possibilidade de conseguir o acesso. Em função disso, pode ser uma opção realizada com receio, como descreveu a biblioteca da UNICAMP_3, que selecionou a opção de enviar às bibliotecas que demonstrassem interesse e, na opção ‘Outros’, especificou que “a reciclagem foi a última alternativa”. Porém, quando a biblioteca ainda assegura uma cópia, deliberar pela reciclagem não acarreta peso à decisão de descarte, como vemos no relato da UNICAMP_10, que marcou a opção ‘Reciclagem’

e, na opção ‘Outros’, relatou que “reciclagem, pois o que foi retirado era duplicatas”. Percebe-se que uma destinação comum aos fascículos descartados é serem ofertados à própria comunidade da biblioteca, como relatado pela UC_1 e USP_12 (ver Apêndice L).

As questões apresentadas nesta seção tinham como objetivo principal possibilitar a compreensão das estratégias adotadas nas bibliotecas universitárias do Brasil e de Portugal, mas encontramos alguns obstáculos. Não foram todos os relatos do processo de desbaste, solicitado nas Questões 38 e 38.a (ver Apêndice M), que possibilitaram determinar as estratégias adotadas pelas bibliotecas, mesmo quando consideradas as informações colocadas nos campos descritivos das demais questões. As Questões 35 a 37, que determinariam a forma (período de realização do processo e o objetivo da ação) e as decisões quanto à destinação dos títulos a serem desbastados (descarte e/ou remanejamento), em alguns casos, divergem ou não certificam a breve explicação das Questões 38. Em outros casos, o participante selecionou mais de uma opção, não sendo esclarecedor.

Durante a análise, percebeu-se que os termos desbaste e descarte, por vezes, são utilizados como sinônimos. Verifica-se o uso do termo ‘descarte’ para referir-se ao processo de desbaste, e percebe-se que, apesar de empregar o termo ‘descarte’, a descrição do processo de avaliação dos títulos e a descrição de critério refere-se ao desbaste, tanto que ocorre a descrição de critérios para o descarte e para a retenção. Da mesma forma, ocorre o uso do termo ‘desbaste’ quando o participante está se referindo ao descarte dos fascículos, que são destinados a doação e/ou reciclagem. Curiosamente, verifica-se que os participantes de ambos os países, ao descreverem os critérios utilizados no desbaste (Questão 30a.), dividiram os critérios em desbaste e retenção, sendo este último o que irá determinar se o título irá permanecer no acervo circulante ou se será remanejado, portanto, parte dos critérios de desbaste. Esperava-se deparar com a utilização do termo de forma indiscriminada, pelas bibliotecas no Brasil, visto que aferimos haver confusão quanto ao conceito atribuído ao termo, como Maciel e Mendonça (2006, p. 25), que dão ao desbaste significado de remanejamento, e a definição atribuída por Cunha e Cavalcante (2008, p. 118), em que o termo desbaste é colocado como equivalente a descarte. Porém, em Portugal, tinha-se a expectativa de o conceito ser mais sólido, visto que autores como Santos (2011, p. 30) e Ferreira (2018, p. 34), fazem uso do conceito no sentido do desbaste, como uma atividade que pode resultar no remanejamento ou no descarte.

Um ponto a destacar sobre critérios para retenção, é a decisão da UC_6 de manter os títulos publicados pela universidade e da UPorto_4 de conservar os periódicos portugueses. Da mesma forma, a biblioteca UFMG_4 mantém, em caráter perpétuo, os títulos produzidos pela escola que abriga a biblioteca e a UNESP_4, que retém as publicações locais (ver Apêndice M). Não foram taxados como uma estratégia, pois, caracterizam-se como um dos tipos de estratégia de remanejamento já identificada. Porém, é uma forma de preservação das publicações nacionais, visto que as internacionais têm sido salvaguardadas por projetos que tencionam a preservação dos volumes impressos, como as cópias de segurança armazenadas pelo JSTOR e pelos arquivos de *backfiles* eletrônicos dos próprios editores. Pelo exposto, seguimos com a apresentação das estratégias identificadas.

3.4.1. Nas bibliotecas universitárias do Brasil

Notamos que, das cinco estratégias previamente indicadas, quatro delas são executadas nas bibliotecas universitárias do Brasil: o desbaste pontual conforme critérios de descarte e retenção, o desbaste massivo intencionando o descarte, o remanejamento para local na própria instituição e o remanejamento para local na própria biblioteca.

Estabelecer os critérios de descarte e retenção e realizar o desbaste de forma pontual, em períodos determinados, como férias escolares ou durante o inventário, é uma estratégia adotada pelas bibliotecas universitárias no Brasil. Como percebemos na UFRJ_10, que aproveitou o período de inventário para remanejar a coleção circulante, os títulos entendidos como não acadêmicos e informativos. A maioria das bibliotecas que enquadrámos como fazendo uso desta estratégia respondeu à Questão 35 - realizam o desbaste em uma época específica -; na Questão 36 optaram por uma forma de remanejamento; na Questão 37 apontaram as formas de descarte e descreveram critérios ou como procederam ao desbaste. A UFMG_9 relata que utilizaram os dados de consulta, o estado físico e a disponibilidade no Portal de Periódicos da CAPES ou da própria revista, destinando os fascículos para acesso restrito, doação ou reciclagem. A UNESP_8 avaliou os títulos avulsos e coleções incompletas, e remanejou os fascículos para completar coleções de outras unidades ou os descartaram, procedendo com a doação a outras bibliotecas que não pertencem à universidade.

Percebemos que as bibliotecas adotam a estratégia de realizar o desbaste massivo com a intenção de descarte, em sua maioria, pelo relato nas Questões 38 e 38.a, a indicação de terem realizado um projeto para descarte na Questão 35 e a destinação dos itens na Questão 37. Tivemos em consideração descrições na Questão 36, como "descartadas, pois, eram coleções adquiridas por doação sem conteúdo científicos" (USP_21) e "não remanejamos" (USP_12). É interessante o relato da UFMG_1, que informa que, se o título estava disponível no SciELO, a coleção era imediatamente descartada e da USP_5, que informa que a coleção era avaliada por duplas de bibliotecários, seguindo os critérios estabelecidos para descartar (ver Apêndice M).

As bibliotecas no Brasil também adotam o segundo tipo de estratégia, relacionada à destinação dos itens, procedendo com o remanejamento dos volumes para um depósito ou outra biblioteca na universidade. Com as informações descritas, vimos duas percepções deste tipo de remanejamento. Primeiro, a UFRJ_12, que procedeu com a transferência dos fascículos para um outro local próximo à biblioteca. Segundo, as bibliotecas da UNESP_8, 9 e USP_4, que enviaram os volumes para completar coleções de outras bibliotecas do *campus*. Da mesma forma, ocorre a estratégia de remanejamento para local nas instalações da própria biblioteca, como vemos na biblioteca da UFRJ_10, que removeu a coleção para um local de acesso restrito, a USP_1 remanejou o acervo avaliado para descarte para estantes temporárias e a USP_6, que remanejou a coleção que não era utilizada para um arquivo deslizante. As bibliotecas que praticam o remanejamento descreveram-no, de forma objetiva, na Questão 38 e indicaram o tipo de remanejamento na Questão 36 ou utilizaram o campo 'Outros' para esclarecê-lo, tal como a UFRJ_10, que relata: "Os títulos ou volumes foram remanejados para local próximo à biblioteca" e acrescentou, na Questão 37, que "As coleções ou volumes não foram descartados".

Dentre as respostas dos participantes, distinguimos o desbaste contínuo como uma estratégia, que está relacionada à forma como ocorre, tratando-se de uma atividade de rotina da biblioteca, cuja ação tem o propósito de avaliar os títulos para remanejamento ou descarte, enquadrando-se como uma estratégia do primeiro tipo. Reconhecemos sua aplicação pela exposição na Questão 38 sobre o desbaste, como observado na UFMG_4, que informa que o "descarte é feito de modo casual no processo de catalogação/atualização de todos os títulos da unidade", a USP_4 que descreve que as "avaliações e retiradas de títulos são realizadas frequentemente" e a USP_9 que relata que

o processo de desbaste "é contínuo, sempre que renovamos as assinaturas e verificamos a duplicidade ou quando fazemos a junção dos acervos das setoriais". No caso, da biblioteca UFMG_4, acreditamos que ocorreu o uso equivocado do termo 'descarte', uma vez que o participante sinalizou na Questão 36 o remanejamento para local na própria universidade e, além de critérios para o descarte, informou os de retenção (ver Apêndice M).

3.4.2. Nas bibliotecas universitárias de Portugal

Em Portugal também se percebeu a utilização de quatro estratégias das cinco previamente indicadas: o desbaste pontual conforme critérios de descarte e retenção, o desbaste massivo intencionando o descarte, o remanejamento para local na própria instituição e o remanejamento para local na própria biblioteca. Verificou-se a ocorrência da estratégia de desbaste contínuo, e a identificação do remanejamento para local fora da instituição.

Quanto ao desbaste pontual, conforme critérios de descarte e retenção, verificamos que há bibliotecas que realizam o inventário (UC_6) ou o levantamento anual (UC_3) dos periódicos, período utilizado para avaliá-los conforme os critérios que determinarão se os títulos serão remanejados ou descartados. O entendimento de um desbaste pontual também se deu pela indicação de a biblioteca ter selecionado essa opção na Questão 35 (ULisboa_5 e 10) e descrito os critérios adotados no remanejamento e/ou descarte na Questão 38 (ver Apêndices H e M).

Entendeu-se que o desbaste massivo intencionando o descarte ocorre em bibliotecas que descreveram o processo de descarte ao pedirmos para relatarem o desbaste (UA_1, UC_1, ULisboa_8 e 11, UPorto_1,5,7 e 11). Em conjunto com a indicação que realizaram um projeto que intencionava o desbaste, na Questão 35 e a seleção na Questão 37, por opções como doar os volumes a bibliotecas que tinham interesse, envio a reciclagem ou informações fornecidas na opção 'Outros', como a "oferta dos títulos a outra instituição" e a "doação ao exterior" (ver Apêndices H, J a M).

A estratégia de remanejamento para local na própria instituição foi determinada pelo relato das bibliotecas UC_1 e 6, sobre a remoção dos fascículos para outras bibliotecas da mesma universidade, que demonstrassem interesse em recebê-los (ver

Apêndice M). Compreendeu-se que ocorre o remanejamento para local na própria biblioteca, devido a relatos que indicam que o item é mantido ou remanejado para o depósito, conforme os critérios de retenção adotados, sejam eles a idade do item, a baixa usabilidade (ULisboa_5), por serem títulos de comprar ou pertinentes à área temática da biblioteca (UC_1 e ULisboa_10). É considerada também a indicação de remanejamento da coleção para local na própria biblioteca, na Questão 36.

Identificámos duas estratégias. A primeira, também vista nas bibliotecas do Brasil, está ligada à forma de desbaste, que ocorre de modo contínuo como tarefa de rotina da biblioteca. Como exposto pela biblioteca ULisboa_1, que diz realizá-lo "como tarefa do dia a dia e na altura do registro de um periódico", resultando no remanejamento ou descarte. A segunda, relaciona-se com a destinação dos títulos avaliados, a estratégia de remanejamento para local fora da instituição, em que os itens menos utilizados são transferidos para um local de armazenamento externo ao *campus* da universidade. Para defini-la, consideramos as informações descritas pela UA_1, de que os periódicos "que não eram consultados foram transferidos para um local de armazenamento" e, ao informar o tipo de remanejamento, optou pelo armazenamento em local fora do *campus* universitário (Questão 36). Outras três bibliotecas, UC_3, ULisboa_1 e UPorto_4, informam o mesmo tipo de armazenamento, mas não conseguimos deduzir que esta estratégia é utilizada por essas bibliotecas através das informações prestadas.

3.5. Aferição das hipóteses formuladas sobre o desbaste

Formularam-se duas hipóteses sobre as bibliotecas executarem ou não o desbaste das coleções de periódicos impressos: a primeira foi de que as coleções não estão sendo desbastadas; e a segunda de que o desbaste ocorre, mas não resulta em uma comunicação científica. Assim, colocamos no quinto bloco do questionário, perguntas para averiguar se as bibliotecas que procedem ao descarte, produziram e publicaram alguma comunicação científica sobre o assunto.

Ao questionar os 118 respondentes se suas bibliotecas já haviam executado algum desbaste da coleção de periódicos impressos, 62 das respostas foram afirmativas e das oito, que continuaram a responder o questionário, quatro efetivamente o realizam e as

outras quatro apresentam indícios de que irão executá-lo. O que nos leva a entender que, mesmo não sendo prática habitual a todas as bibliotecas, o desbaste é uma atividade presente.

Conforme colocado por Matlak (2010, p. 172) e aferido em artigos como o de Nelson *et al* (2020), Conyers (2019) e Dubicki (2005, 2008), as publicações que se referem ao desbaste das coleções são relatos obtidos em decorrência da prática das bibliotecas na execução deste processo. Contudo, verifica-se que essa não é uma conduta usual nas bibliotecas universitárias do Brasil e de Portugal. Dos 70 participantes que responderam a esse bloco de perguntas, 66 deram uma resposta negativa ao serem inquiridos se o processo de desbaste resultou em alguma comunicação científica. Dos quatro que afirmaram que o processo de desbaste resultou em um tipo de comunicação científica, a UNESP_4 informou que foi publicado na revista da FEBAB e a USP_6 informou a publicação de resumo nos Anais do Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias. A USP_7 disse ter submetido o artigo, mas não foi aceito pela revista, e a ULisboa_6 não preencheu as informações sobre o tipo de publicação. Desta maneira, aferimos que as publicações relatando o desbaste da coleção de periódicos ocorrem, mas em uma proporção muito baixa: dos 35 participantes que relataram o desbaste, um efetivamente publicou um artigo sobre o assunto.

4. ANÁLISE COMPARATIVA DO DESBASTE DA COLEÇÃO DE PERIÓDICOS IMPRESSOS, NO BRASIL E EM PORTUGAL

As bibliotecas são instituições que integram a sociedade e, conseqüentemente, adaptam-se para melhor atender aos seus usuários. Com isso, são similares quanto aos serviços prestados e às atividades executadas, ao mesmo tempo que tendem a ser divergentes na forma como prestam os serviços e como realizam suas atividades, uma vez que as comunidades atendidas são distintas e que o ambiente em que estão inseridas influenciam suas decisões. Um estudo comparativo tem por objetivo analisar e sintetizar semelhanças e diferenças e identificar padrões que possam existir entre contextos distintos (Goodrick, 2014, p. 1).

O desbaste é a atividade que visa a manutenção da coleção, que permite à biblioteca manter o seu acervo atual, para que possa enquadrar-se na sociedade contemporânea e sanar as suas demandas. Desta forma, com as bibliotecas diante do desafio de gerir suas coleções impressas de periódicos, em meio a um mundo cada vez mais digital, identificamos as razões que as levam ao desbaste e as estratégias que vêm adotando para executá-lo.

Assim, prosseguimos com a comparação entre os resultados encontrados com a aplicação do questionário e os dados coletados com a análise de conteúdo dos artigos, e entre as razões e as estratégias apuradas em cada país. Realiza-se a análise, primeiro, pelos tipos de motivação que levam ao desbaste; as principais e as secundárias. Na sequência, comparamos as estratégias adotadas no desbaste, pela tipologia: as relacionadas à forma, período e objetivo da ação de desbaste, e as que estão relacionadas com a destinação das coleções.

4.1. Razões para o desbaste

As razões que levam as bibliotecas a executarem o desbaste podem ser divididas em dois tipos; as catalisadoras que efetivamente fazem as bibliotecas se moverem para realizar o desbaste; e o segundo tipo, são razões favoráveis que auxiliam para que o

desbaste possa ocorrer. A falta de espaço físico é, sem dúvida, razão motriz para o desbaste. A privação de orçamento para ampliação das instalações e a demanda por um local para diversos motivos, levam as bibliotecas a executarem o desbaste da coleção de periódicos impressos. Premissa validada por relatos que demonstram o problema, como expõem a biblioteca da UPorto_11 “Quando foi preciso aquele espaço” e a da UFRJ_3 que “O imperativo foi a questão do espaço físico ou a falta dele”, ao apresentarem seus argumentos para as questões do desbaste.

A questão de não haver espaço físico disponível é a razão impulsionadora para a maioria das bibliotecas realizar o desbaste, em conformidade com o narrado por Conyer (2019), Glazier e Spratt (2016), Grant (2016), Huhn e Harland (2014), Rais *et al.* (2010), Reeves e Schmidt (2011), Rogers (2015) e Thomas e Shouse (2012); Nas bibliotecas universitárias do Brasil e de Portugal, é a principal razão indicada pelos participantes da pesquisa. Sobre o espaço físico, temos dois pontos de vista; o de Conyers (2019), em que a reforma diminuiu o espaço físico das instalações destinadas à coleção; e a necessidade de um lugar que será destinado a outras demandas.

A redução do espaço físico em decorrência da reforma, implica que houve alguma motivação que levou à reestruturação das instalações da biblioteca, além de uma mera manutenção. De outra forma, não haveria necessidade de redução da área destinada às coleções de periódicos impressos. Entretanto, Conyers (2019) não indica qual foi a motivação. Nessa perspectiva, a biblioteca da UFRJ_12 explica que o desbaste ocorreu como consequência da reforma, que foi planejada para modernizar a estrutura da biblioteca e incluiu um espaço mais confortável para estudo e leitura. Visto que não houve indicação de disponibilização de uma área, no mesmo local, além da existente nas bibliotecas à época, depara-se com a necessidade do desbaste. Assim, percebemos que a razão catalisadora foi a reforma, contudo, as estratégias adotadas são distintas Conyers (2019) opta pelo descarte e a UFRJ_12 pelo remanejamento para outro local.

A reforma levará ao segundo tipo de razão pelo qual o espaço físico é apontado como razão que desencadeia o desbaste, pois as demais atividades, projetos e coleções continuam a crescer. No que diz respeito à utilização desse espaço, vemos que as bibliotecas, no Brasil e em Portugal, o preenche de forma semelhante com o apontado na literatura, destinando-o à alocação das próprias coleções, espaço para estudo e outras atividades da biblioteca ou da instituição. Por exemplo, observamos que, tal como Thomas e Shouse (2012) liberaram espaço para o programa institucional STEPP e Grant

(2016) para alocar os docentes, as bibliotecas, no Brasil e em Portugal, depararam-se com situações semelhantes ao ceder espaço para projeto da faculdade, investigação e para um ambulatório.

Entre as bibliotecas do Brasil e de Portugal há dois pontos em que se difere quanto à destinação do espaço, não por serem distintos, mas por não serem identificados; o primeiro é que os participantes de Portugal não indicaram a designação para espaço de estudo, da mesma forma que não há indicação da reforma como razão para o desbaste; e o segundo, é que os respondentes do Brasil não assinalaram que o espaço foi ocupado por outras atividades da biblioteca.

Tal como a troca dos carpetes levou Sullenger (2010) a efetivamente executar o desbaste, e que Williams (2012) ao desenvolver outras atividades relativas às coleções, culminou no desbaste, vemos que, no Brasil e em Portugal, são apontadas outras motivações catalisadoras. A baixa usabilidade da coleção, a obsolescência do conteúdo, a biblioteca ter adquirido os *backfiles* eletrônicos em acesso perpétuo, ter acesso a versão digital e a *B-on* ou ao Portal de Periódicos da Capes, são razões para as quais os participantes não apresentaram descrições que pudéssemos diferenciá-las, para além do apresentado na seção 3.3 *Razões para o desbaste*, e do quantitativo e percentual demonstrado na Tabela 18.

O dano à coleção por fator externo foi uma razão identificada tanto em bibliotecas do Brasil, quanto de Portugal. É uma razão identificada como primária, ou seja, o agente catalisador para o desbaste nas bibliotecas do Brasil, como relatado pela UFRJ_11 e pela UNESP_11, que informam problemas de infiltração e goteiras que danificaram os fascículos, levando ao descarte dos itens irreparáveis (ver Apêndice I e M). A UNESP_14 aponta a ação de pragas e a definição de critérios que leva em consideração “Obras que estejam danificadas (molhadas, rasgadas, com fungos ou mofo etc.). Este critério ocorre, de forma semelhante, no Brasil e em Portugal, em que o mau estado de conservação dos títulos é apontado pela biblioteca da UPorto_4 e USP_21 (ver Tabela 22), junto às necessidades de espaço que motivaram o desbaste. Apesar de não estar identificado como razão, na Tabela 1, percebemos que é um evento esporádico que motiva o desbaste da coleção de periódicos impressos, em decorrência de um sinistro. Se ampliássemos o período de seleção dos artigos analisados, encontraríamos em Dubicki (2005), essa razão para o desbaste, pois, em decorrência de um vazamento de água, devido a problema com

o ar condicionado, gerou-se a disseminação de fungos na coleção de periódicos, e desencadeou-se um conjunto de ações que culminaram no desbaste.

As razões secundárias para o desbaste, inicialmente identificadas, são equivalentes às apontadas por participantes do Brasil e de Portugal (Tabela 24). Não aferimos a motivação, apontada por Sullenger (2010), no que se refere à redução do trabalho dispensado à coleção impressa, mas vimos que a biblioteca da USP_1 relata o quão trabalhoso é o processo de desbaste das coleções de periódicos (ver Apêndice E).

Tabela 24 - Razões secundárias para o desbaste

Razões que contribuem para o desbaste aferidas na Questão 34	Razões identificadas na Tabela 1
A baixa utilização da coleção.	Estatísticas de uso da coleção Baixa usabilidade da coleção
A possibilidade conseguir o fascículo emprestado ou cópia com outra biblioteca.	Disponibilidade do título em outras bibliotecas O título estar disponível em outra biblioteca.
A preferência dos usuários pelos artigos em versão digital.	A preferência do usuário pelo material online Preferência do usuário pelo material eletrônico Preferência dos usuários pelo conteúdo de periódicos eletrônicos
Aquisição de arquivos de <i>backfiles</i> eletrônicos.	Aquisição ou acesso a <i>backfiles</i> eletrônicos com acesso perpétuo Acesso a repositórios de conteúdo de periódicos on-line confiáveis Acesso perpétuo a periódicos eletrônicos por meio de consórcio Acesso perpétuo as publicações no formato digital Acesso perpétuo as publicações pelo JSTOR. Periódicos eletrônicos com acesso perpétuo Fascículos com acesso disponíveis em <i>backfiles</i>
A coleção está disponível na <i>B-on</i> A coleção está disponível no Portal de periódicos da CAPES.	O periódico está disponível na versão online Acesso a publicação online Títulos disponíveis online
A possibilidade armazenar os fascículos em depósito externo a instituição.	Possibilidade de armazenamento externo da coleção Participação em programas que garante que uma cópia impressa será preservada
Obsolescência do conteúdo	O periódico não atender a um programa de curso da faculdade Títulos que não apoiam mais os cursos da instituição

Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

Na pesquisa, as razões secundárias não foram aferidas de forma direta, pois pedimos aos participantes para mensurar o quanto os itens indicados influenciam a decisão de desbaste. Para podermos atribuímos um valor às indicações de grau de contribuição, utilizámos a média aritmética ponderada (Mp) em que multiplicámos a quantidade de indicações para cada uma das opções pelo seu peso, que corresponde ao próprio número atribuído na escala; e a representação, percentualmente, para que possamos comparar estes valores (Tabela 25). Desta forma, notamos que o grau de influência que cada uma das razões exerce para que o desbaste ocorra, nas bibliotecas do Brasil e de Portugal, assemelham-se. Da mesma forma, as razões consideradas mais significativas e as que contribuíram menos para efetivar o desbaste. Assim, percebemos que a baixa utilização e a falta de espaço físico são fatores que influenciam mais a decisão, enquanto a possibilidade de armazenamento externo e a aquisição de *backfiles* eletrônicos são apontados como fatores pouco relevantes.

Tabela 25 - Grau de contribuição das razões para a execução do desbaste

Opção de resposta	BU_Portugal		BU_Brasil	
	Mp	%	Mp	%
a) A baixa utilização da coleção.	6,30	14,09%	15,90	14,59%
b) A possibilidade conseguir o fascículo emprestado ou cópia com outra biblioteca.	4,60	10,26%	12,80	11,74%
c) A preferência dos usuários pelos artigos em versão digital.	6,00	13,42%	13,10	12,02%
d) Aquisição de arquivos de <i>backfiles</i> eletrônicos.	3,70	8,28%	8,90	8,17%
e) A coleção está disponível na B-on (Biblioteca do conhecimento online).	5,70	12,75%	9,90	9,08%
f) A coleção está disponível no Portal de periódicos da CAPES.	3,10	6,94%	13,60	12,48%
g) A possibilidade armazenar os fascículos em depósito externo a instituição.	3,30	7,38%	7,40	6,79%
h) Falta de espaço físico	7,00	15,66%	15,20	13,94%
i) Obsolescência do conteúdo	5,00	11,19%	12,20	11,19%
j) Obsolescência do formato	4,50	10,07%	10,00	9,17%

Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

Sobre as razões secundárias identificadas na literatura, percebemos que o acesso a arquivos eletrônicos seguros foi um fator que viabilizou o processo de desbaste. Percebe-se que a garantia de prover o acesso, subsidia as decisões de descartar, no sentido de desfazer-se do item de forma permanente ou o removendo para um programa que preserva as cópias impressas, bem como o remanejamento para locais não acessíveis aos usuários. Não é essa uma das razões apontadas como essenciais para que as bibliotecas, no Brasil e em Portugal, realizem o desbaste, pelo que compreendemos que as bibliotecas, de uma forma geral, não têm adquirido esse tipo de arquivo e não foram identificadas iniciativas, em ambos os países, no sentido de preservar as coleções impressas. O que se percebe é que o acesso a base de dados em pacote dos editores tem viabilizado, em algumas bibliotecas, o remanejamento da coleção para locais de acesso restrito.

4.2. Estratégias de desbaste

Das estratégias inicialmente identificadas na literatura, verifica-se que quatro delas são utilizadas nas bibliotecas do Brasil e nas de Portugal. Sobre a adoção das estratégias do primeiro tipo, o desbaste pontual, conforme os critérios de descarte e/ou retenção, e o desbaste massivo, intencionando o descarte, são estratégias aplicadas pelas bibliotecas de ambos os países. Os critérios para o desbaste pontual, em Conyers (2019) e Huhn e Harland (2014), foram determinados na altura em que surgiu a necessidade de desocupar o espaço destinado aos periódicos impressos. O que resultou no desbaste massivo e levou a biblioteca a determinar períodos de detenção dos títulos, que acarretará em futuros desbastes pontuais. No âmbito das bibliotecas do Brasil e de Portugal, vemos que a determinação de critérios para o desbaste em razão de um projeto que irá alavancar o processo, não é o mais usual. Pelo descrito por bibliotecas como a ULisboa_5 e da UFMG_9, que relatam realizar o desbaste durante o período do inventário, mesmo não existindo critérios em uma política formal, a biblioteca já tem essas diretrizes determinadas, ou utiliza instrumentos, como a relação de títulos consultados, para delimitar alguns dos critérios.

Em ambas as estratégias, a divergência está no tipo de item que está a ser desbastado. Percebe-se que o material, nos relatos em artigos, são títulos duplicados em

formato impresso e digital, ou seja, a biblioteca tem o periódico impresso e o acesso ao mesmo título em formato digital ou em coleções compartilhadas da qual é participante. Nas bibliotecas universitárias do Brasil e de Portugal, o desbaste refere-se, essencialmente, ao desbaste das duplicadas impressas e periódicos de conteúdo não científico ou informativo, sendo estes, na maioria dos casos, periódicos recebidos por doação.

Tyckoson (2014, p. 71) afirma que as bibliotecas realizavam a assinatura de itens impressos de forma duplicada, para terem uma cópia nas diversas unidades do *campus* ou para atender a cursos distintos aos quais a publicação era destinada. Todavia, com o formato impresso dos periódicos caindo em desuso, essa prática foi interrompida e, hoje, manter apenas uma cópia impressa na biblioteca ou em coleções compartilhadas, não significa perder a informação. Subentendemos que as bibliotecas, em contexto internacional, já passaram pela etapa de retirar os títulos que não eram de interesse e as duplicatas, não apenas as de doação, mas também as de aquisição por compra (assinaturas). No momento atual, estão retirando as duplicatas que existem em formatos diferentes, sendo o formato impresso destinado a completar coleções que visam preservar o impresso, tal como em iniciativas como o JSTOR e WRLC, que se iniciaram em 1994. Essa lógica, de realizar o desbaste resultando no descarte de duplicatas, de títulos adquiridos por compra, que são relevantes à área de estudo que a biblioteca atende, foi verificada apenas no relato da USP_3 “podemos considerar como primeiro desbaste de grande impacto, o referente a 418 títulos de compra duplicados”. Diferenciando-se do descarte de duplicatas impressas recebidas por doação, a ULisboa_7 procedeu com o descarte dos *abstracts* e a UFMG_4 desbastou os periódicos de cunho estatístico, como anuários e boletins, os remanejando para outras unidades ou descartando.

Para a estratégia de desbaste massivo, as garantias de ter o acesso perpétuo ao título ou acesso a cópia salvaguardada, foram identificadas como fundamentais, como em Grant (2016), Glazier e Spratt (2016) e Rogers (2015), que consideraram o acesso ao JSTOR, *backfiles* eletrônicos com acesso perpétuo e as coleções compartilhadas do WEST, como apoio para procederem com o descarte. No que se refere ao desbaste dos itens em que a biblioteca, no Brasil e em Portugal, tem acesso ao correspondente em formato digital, verifica-se que está relacionado com títulos em acesso aberto, devido à forma como é colocado pelos participantes: no SciELO, no site da própria revista ou simplesmente disponível *online* (ver Apêndice M), dando a entender que estes são

passíveis de serem descartados em massa, como a UFMG_1, que relata como critério para o descarte o título ter o acesso livre no SciELO.

Existem bibliotecas que apontam como critério para o desbaste e como razão para cancelar as assinaturas, o título estar duplicado em bases de dados assinadas pela universidade, estar acessível via *B-on* ou via Portal de Periódicos da Capes. Essas são cópias que, de uma perspectiva geral, não são seguras, pois tratam-se de pacotes fornecidos pelos editores, que podem ser considerados voláteis, sem garantia de que os títulos irão continuar a compor determinada coleção. O tipo de arquivo não é considerado para avaliação do desbaste, tanto nas bibliotecas que adotam a estratégia de desbaste pontual e, principalmente, nas que utilizam a estratégia de desbaste massivo intencionando o descarte. Nestes casos, a biblioteca procede com a aquisição dos arquivos em formato eletrônico em acesso perpétuo, como relata Huhn e Harland (2014, p. 51) e Thomas e Shouse (2012, p. 92). Atentamos para o facto de que as bibliotecas, em ambos nos países, não destacaram a compra de *backfiles* eletrônicos ou de títulos com acesso perpétuo de forma acentuada. Apenas a biblioteca da USP_6 indica que intenciona proceder ao descarte dos títulos que a instituição adquiriu os *backfiles* eletrônicos. Não é possível afirmar que todas as bibliotecas que participaram da pesquisa, realizam apenas o remanejamento, como a UC_1, que ao adotar o critério de “disponibilidade em base de dados” deixa claro que, se o título tiver sido comprado, deverá ser remanejado para o depósito.

Quanto à utilização destas estratégias, verifica-se que se assemelham no descartar das duplicatas, principalmente as recebidas por doação, mas, no caso das bibliotecas do Brasil, verifica-se um direcionamento maior em relação a centralizar as coleções, sendo relatado o descarte de títulos e fascículos em decorrência de ter uma cópia em outra unidade, remanejando os fascículos que faltam na coleção de biblioteca pertinente. Nas bibliotecas de Portugal ocorre a identificação das duplicatas no próprio acervo, que são destinadas ao descarte, e depois verifica-se se os fascículos a serem descartados, podem vir a completar a coleção de outra biblioteca da universidade.

Vejamos um trecho do relato da biblioteca da UC_6: “Inventariação dos títulos e números existentes, identificação de títulos duplicados, identificação de títulos sem interesse para a FLUC e que existam noutras bibliotecas da UC”; e comparemos com o da biblioteca da UFMG_11: “Foram retiradas todas as duplicatas de periódicos [...] A maioria do descarte se deu por tratar-se de duplicatas, em relação a coleção e outras

bibliotecas localizadas no mesmo *campus*". Nestes relatos, percebemos que ocorre a identificação do título em outra unidade, mas a UC_6 retira os títulos duplicados que não são do seu interesse e os encaminha a outras bibliotecas que tenham aquela coleção e, na UFMG_11, percebe-se que se identifica os itens duplicados em outras unidades e então os descartam, entendendo-se que pretendem formar uma coleção única para a universidade, sem duplicatas entre as bibliotecas, o que é validado pela resposta da UFMG_11 à Questão 30a.: "Centralização da coleção de periódicos de várias bibliotecas da mesma área". É a prática observada entre as bibliotecas da UFRJ, UNESP e USP.

Em relação ao desbaste massivo, com intenção de descarte, nota-se a mesma inquietação com o descarte de um item que pode vir a ser relevante, como a biblioteca da ULisboa_8, que informa descartar apenas os títulos repetidos e a UNICAMP_3, que enfatiza que os títulos referentes à área de estudo que a biblioteca atende não foram descartados. A única exceção é a UPorto_11, que informa que "os periódicos foram todos doados por falta de espaço".

Não se verificou a utilização da estratégia de remoção da coleção para armazenamento externo compartilhado e/ou arquivo ou repositório de impressão e/ou para projetos ou programas de preservação compartilhada em nenhuma das bibliotecas investigadas. Estratégia adotada por Rogers (2015) e Reeves e Schmidt (2011), ao removerem os volumes para as coleções do WEST e do WRLC, que armazenam e preservam as coleções de periódicos de forma compartilhada. É compreensível que não ocorra este tipo de ação nas bibliotecas investigadas, uma vez que não se encontrou na literatura nacional referência sobre estratégias de armazenamento de alta densidade, nem de formação de coleções compartilhadas, com o objetivo de preservar as cópias impressas.

Nesse sentido, a biblioteca da UA_1, pode estar próxima de executar uma estratégia semelhante, dado que remaneja e armazena as coleções em local fora do *campus* da universidade. Inicialmente, o WRLC destinava-se ao depósito das publicações, com as bibliotecas mantendo a posse dos itens armazenados, e tornou-se um repositório das publicações, com a política de manter uma cópia compartilhada (Reeves & Schmidt, 2011, p. 418). Entretanto, o estudo não recolheu dados suficientes para a compreensão profunda das condições deste armazenamento. No caso do Brasil, existe a questão de as bibliotecas fazerem a aferição se a coleção está disponível no CCN, para proceder com o descarte da coleção ou dos fascículos. Como ocorre na UNESP_4 e na

USP_3, que utilizam como critério o título constar no CCN, posto que a USP_3 frisa a segurança de fornecimento de cópia pelo Comut e a UNESP_4 descarta apenas se o título constar em pelo menos três bibliotecas do catálogo. Contudo, não há garantia que as coleções poderão ser acessada no futuro, uma vez que o CCN dá subsídio para o fornecimento de cópias pelo Comut, não existindo um acordo para preservação das coleções cadastradas no catálogo.

A terceira estratégia ligada ao primeiro tipo de desbaste, o desbaste contínuo, ocorre em simultâneo com as demais atividades da biblioteca. No Brasil e em Portugal, os participantes relataram sua utilização, em específico na ULisboa_1 e na UFMG_4. Percebemos que ocorre quando está se registrando o título ou incluindo os fascículos. É realizado também em momentos de renovação das assinaturas e de junção das coleções das bibliotecas setoriais ao acervo (USP_9). Quando interrogados sobre a forma em que o desbaste ocorre, obtivemos seis respostas que indicaram ser constante, mas não houve especificações suficientes para determinar as características desta estratégia. Desta forma, vemos que são similares nas bibliotecas de ambos os países, mas não conseguimos aferir distinções em suas práticas, ou padrões no mesmo país ou na universidade.

O segundo tipo de estratégia envolve a decisão em relação aos títulos, o remanejamento para local na própria instituição e remanejamento para local na própria biblioteca. No caso do remanejamento para local na própria universidade, foi uma estratégia utilizada por Huhn e Harland (2014), que remanejaram os volumes da *Webster Library* para a *Vanier Library* onde foram instaladas estantes compactas para esse fim. Ambas as bibliotecas são parte integrante da *Concordia University*, mas em *campi* diferentes. As bibliotecas utilizam este tipo de estratégia em duas perspectivas: a primeira é semelhante à executada por Huhn e Harland (2014), na qual ocorre a transferência de uma grande quantidade de volumes. Ocorreu com a UFRJ_12, que remanejou a coleção de periódicos para local próximo à biblioteca. Na segunda forma, não são remanejadas coleções inteiras, e sim, volumes e/ou fascículos para completar a coleção em outras bibliotecas da universidade. Por exemplo, a oferta e envio às bibliotecas da Universidade de Coimbra pela UC_1. Da mesma forma, as bibliotecas da UFRJ_1 e 14 relatam remanejar fascículos para completar as coleções das bibliotecas do Centro de Ciências da Saúde.

Sobre esta estratégia, que envolve a decisão de remanejamento para local de armazenamento na própria instituição, as bibliotecas a executam de forma parecida, ao

encaminharem volumes e/ou fascículos para completarem as coleções em outras unidades dentro da mesma universidade. Existindo distinção, conforme acima detalhado, no entendimento das bibliotecas em cada país, sobre essa prática ser um remanejamento ou um descarte, e a forma como interferem no processo de avaliação de cada biblioteca.

A estratégia de remanejamento da coleção para local na própria biblioteca pode envolver decisões locais da biblioteca, tornando-se uma estratégia peculiar, como a decisão de Reeves e Schmidt (2011) de remanejar e integrar os periódicos da área de belas artes na coleção de monografias, para formarem uma coleção especializada na temática. Por outro lado, existem medidas mais gerais, como armazenamento de coleções incompletas, sem acesso digital, de assinaturas vigentes com correspondente digital, etc. (Sullenger, 2010; Thomas & Shouse, 2012). A estratégia é praticada pelas bibliotecas investigadas, usualmente destinando a estes depósitos os títulos que, na avaliação de desbaste, se optou por manter e remanejar para um local de acesso restrito.

As bibliotecas de Portugal têm um conceito e prática mais acentuada, no que se refere a remanejar as publicações para o depósito. São encaminhados para esta instalação os títulos, cuja avaliação determinou que eles deveriam ser remanejados e armazenados nesse espaço. A UC_1 optou por manter no depósito os títulos de compra, independentemente de atenderem aos critérios de descarte. A ULisboa_5 remanejou os títulos que eram pouco utilizados. Nas bibliotecas do Brasil, ‘depósito’ não é um termo aplicado, apesar de selecionarem a opção de remanejar os títulos para depósito na Questão 36, utilizam na descrição estantes temporárias, arquivos deslizantes e local de acesso restrito. A USP_6 transferiu as coleções sem uso para um arquivo deslizante. Entretanto, nota-se que, por vezes, é utilizado com um espaço de armazenamento provisório, enquanto a biblioteca decide o que fazer com esses periódicos. A título de exemplo, a UFRJ_10 remanejou as coleções para local de acesso restrito, para avaliar a necessidade desses títulos permanecerem no acervo, e a USP_1 armazenou em estantes temporárias os títulos que foram selecionados para o descarte.

Por fim, as estratégias adotadas na literatura internacional aplicam-se ao contexto das bibliotecas do Brasil e de Portugal, mas em um nível diferente. As bibliotecas estrangeiras estão a remanejar e a descartar os títulos duplicados em formato digital e preocupam-se em salvaguardar fascículos impressos, de forma coletiva. No Brasil e em Portugal estão sobretudo a descartar duplicatas impressas, entretanto caminhando na mesma direção apontada pela literatura. Tem-se remanejado as cópias impressas, com

correspondente digital, ocorrendo o descarte de títulos disponíveis no SciELO ou no site da revista, e uma tendência para a centralização das coleções, no sentido de formar uma coleção única na universidade. Ocorre ainda a iniciativa de armazenar a coleção fora do *campus*.

Entre as bibliotecas universitárias do Brasil e de Portugal, nota-se que as estratégias adotadas no desbaste e os critérios adotados são similares. Contudo, divergem na forma como as decisões são tomadas. Em Portugal, com exceção da UA_1, que informou ter um sistema centralizado, percebe-se as bibliotecas mais isoladas e autónomas, mesmo que completem os fascículos faltantes, nas coleções das bibliotecas que integram a universidade, tomam decisões individuais. No Brasil, mesmo que nem todas as atividades sejam completamente coordenadas entre as bibliotecas, que integram os sistemas ou a coordenadoria de bibliotecas, existe mais cooperação, como por exemplo na elaboração da política de desenvolvimento de coleção para as bibliotecas do sistema e reuniões da comissão sobre o tema na UFMG.

A indicação das bibliotecas do Brasil, de centralizar as coleções, não se entendeu como uma estratégia para o desbaste, pois, o processo em si, envolve mais decisões do que apenas descartar, manter e/ou remanejar os volumes. É necessário compreender melhor como e o porquê de estarem sendo executadas, podendo vir a ser enquadradas, de forma mais precisa, como uma estratégia para o desenvolvimento da coleção de periódicos impressos dentro de cada universidade, o que irá envolver as atividades de seleção, aquisição, avaliação, preservação e, conseqüentemente, o desbaste.

CONCLUSÃO

Em conclusão, podemos afirmar que os objetivos foram cumpridos: identificámos as razões para o desbaste e as estratégias adotadas no processo, na literatura e no Brasil e em Portugal. Analisámos os dados de forma comparativa, verificando que as razões e as estratégias adotadas são semelhantes, ocorrendo distinções pontuais quanto ao tipo de item que está a ser desbastado, a forma como o processo é conduzido e os critérios adotados.

Sobre as razões para o desbaste, identificámos na literatura as motivações como sendo de dois tipos: a principal, catalisadora para que a ação de desbaste ocorra, e as secundárias, fatores que dão suporte às decisões de desbaste, que constatámos serem aplicadas às bibliotecas investigadas. Nesse sentido, aferimos que a razão principal que leva à ação de desbaste é a falta de espaço físico. A baixa usabilidade da coleção, a obsolescência do conteúdo, a biblioteca ter adquirido os *backfiles* eletrônicos em acesso perpétuo, ter acesso à versão digital e o acesso à *B-on* ou ao Portal de Periódicos da Capes, são indicadas em um grau menor. No Brasil, aferimos que a motivação pode-se dar em decorrência de dano causado às coleções por fatores externos, em que infiltrações e pragas danificam a coleção, exigindo providência no sentido de descartar ou remanejar os volumes. Quanto às razões secundárias identificadas são coerentes com a literatura e, entre as bibliotecas em cada país, os fatores indicados têm influência em proporção semelhante.

Identificámos cinco estratégias na literatura, duas relacionadas com o tempo e as ações do desbaste, e três que levam em consideração a decisão relativamente aos títulos desbastados, se são remanejados ou removidos. Nas bibliotecas do Brasil e de Portugal, verificámos que essas estratégias também são aplicáveis, sendo identificadas em ambos os países a estratégia de desbaste contínuo e, em Portugal, a estratégia de remanejamento para armazenamento externo. Com a análise comparativa, vimos que as quatro estratégias, identificadas na literatura, ocorrem nas bibliotecas investigadas, são semelhantes quanto ao processo, distinguindo-se sobre os itens e na forma como os critérios para a avaliação de desbaste ocorrem.

Desta forma, as estratégias que as bibliotecas universitárias públicas, no Brasil e em Portugal, têm desenvolvido no desbaste de suas coleções de periódicos impressos

podem ser relacionadas ao período de tempo e à decisão em relação ao desbaste. Podem realizá-lo de forma contínua ou pontual, tendo como objetivo o descarte ou remanejamento, em decorrência da avaliação do título; e a estratégia de desbaste massivo, em que a avaliação tem como objetivo o descarte dos volumes, sendo aplicada normalmente a títulos recebidos por doação, com duplicatas impressas e/ou disponibilidade de acesso *online*. Ocorre também a utilização de estratégias referentes à destinação que é atribuída ao título no processo de desbaste, constatando-se o remanejamento de três maneiras: para local na própria biblioteca, para local dentro do *campus* da universidade e o remanejamento para armazenamento externo, sendo este último evidenciado apenas em uma biblioteca de Portugal.

Apesar de termos atingido os objetivos propostos, são necessárias algumas ressalvas, pois não conseguimos determinar com precisão o período de tempo em que ocorre a execução de determinadas atividades de desbaste. Entendemos que, de modo geral, são semelhantes, mas o período em que ocorrem são diferentes. Como percebemos pela literatura, a substituição das assinaturas impressas pelas digitais, na década dos anos 2000, já era indicada como uma prática regular, que subsidiava o remanejamento das coleções impressas. Todavia, não conseguimos aferir quando as duplicatas impressas foram descartadas das coleções, visto que é provável que existiam, uma vez que havia a prática de realizar a assinatura de mais de um fascículo. No momento atual, infere-se que as bibliotecas têm estado a remover as coleções impressas em decorrência do acesso perpétuo a arquivos em formato eletrônicos ou pelo seu acesso em base segura como o JSTOR, e a remanejar e construir coleções compartilhadas de periódicos impressos, retendo uma cópia única em cada instalação destinada a esse fim. No Brasil e em Portugal, notamos que ainda estamos na fase de desbastar as duplicatas, e em concomitância, adquirindo as assinaturas digitais, sem o cuidado de nos atentarmos na questão de um acesso seguro no futuro. Entretanto, não se vê o descarte massivo das coleções de periódicos impressos, utilizando-se o acesso ao formato eletrônico como razão para o descarte, salvo o caso de publicações com acesso aberto. O acesso tem subsidiado as ações no sentido de remanejar as coleções, sendo mantidos os periódicos impressos adquiridos por compra.

O facto de os dados terem sido coletados por meio de um questionário, fundamentado na literatura, foi um fator limitante que não possibilitou conhecer melhor as especificidades das bibliotecas em cada um dos países, pois as respostas eram

condicionadas a um conhecimento pré-existente, fundamentado em realidade distinta à dos países estudados. Para as bibliotecas, o contexto social é um fator bastante relevante e isso influencia as suas atividades e serviços. Conseqüentemente, o desbaste é uma tarefa afetada pelo contexto social. O que não favoreceu uma análise comparativa de forma mais aprofundada, visto que o próprio instrumento de coleta de dados contribuiu para tornar as respostas homogêneas, levando a uma análise mais generalista.

Quanto às hipóteses verificou-se que a primeira e a segunda não são válidas. Sobre as bibliotecas universitárias, no Brasil e em Portugal, não executarem o desbaste, aferiu-se que, mesmo não sendo uma atividade que ocorre em todas as bibliotecas investigadas, o desbaste das coleções de periódicos impressos tem ocorrido. Quanto à inferência de que os bibliotecários que realizam o processo de desbaste não procedem com a publicação de uma comunicação científica sobre o tema, verificamos que ocorrem. Contudo, não é muito usual, dado que, em 70 participantes, apenas três submeteram trabalhos e dois efetivamente foram publicados.

Percebemos também que as bibliotecas universitárias, no Brasil e em Portugal, estão adotando estratégias para o desbaste, mas este ocorre de forma receosa no que toca ao descarte. As coleções que demandaram um investimento para aquisição são, em regra, mantidas. Não havendo segurança por parte das bibliotecas para realizar o descarte destes itens, atribuímos essa insegurança, na decisão e na ação de descarte, à falta de fatores que suportem essa prática. É o caso da garantia de acesso aos títulos, caso estes venham a ser procurados pelo usuário, como a aquisição dos arquivos em acesso perpétuo e iniciativas de preservação das coleções impressas, como averiguado na literatura. Notamos que, em certo ponto, as ações são contraditórias, pois ter acesso a coleções em bases de dados e acesso via *B-on* e via Portal de Periódico da CAPES, são motivos para cancelamento das assinaturas, mas não fundamentam a decisão e a ação de descarte. É um ponto positivo não descartar com base nestes recursos, considerados não seguros, mas fica a questão do acesso aos títulos que estão disponíveis apenas desta forma, se mudar o editor de um título ou a assinatura de uma base for interrompida, não existindo a garantia desse acesso.

O desbaste que ocorre por remanejamento desenvolve-se de forma mais fluida, principalmente em Portugal, que passa a ideia de uso de depósitos e que os volumes são, na medida do demandado, remanejados, enquanto no Brasil, tem-se a percepção de que precisa ocorrer a demanda de remanejamento, para que seja destinado um local de armazenamento.

Observamos que a terminologia adotada para o desbaste é, de facto, instável. O uso do termo desbaste é, por vezes, acompanhado de descarte, e o remanejamento utilizado para referir-se a doações efetuadas, que nem sempre ocorrem entre as bibliotecas da mesma universidade. Verifica-se também o uso do termo eliminação e abate como sinónimos para o descarte. A falta de padronização na aplicação dos termos foi um fator que, por vezes, dificultou a análise, pois a interpretação estava dependente do contexto em que o termo está a ser empregue, e nem sempre as descrições forneciam informações suficientes para julgar se o significado atribuído ao termo utilizado era coerente.

Este estudo, de carácter exploratório, permitiu ter uma perspectiva genérica de como o desbaste da coleção de periódicos está a decorrer no Brasil e em Portugal. Atendendo de forma satisfatória os objetivos propostos, permanecem dúvidas quanto às ações relacionadas com o desbaste das coleções de periódicos impressos, como a execução do remanejamento para local externo adotado pela biblioteca em Portugal e o processo de centralização das coleções nas universidades do Brasil. Ficam ainda questionamentos sobre quando as bibliotecas, relatadas na literatura, removeram suas duplicatas impressas; quando iniciaram a transição do armazenamento externo de alta densidade para a retenção em coleções de cópia única; quais foram os fatores que contribuíram para essa decisão; e como funcionam os acordos de preservação destas coleções de periódicos impressos. Subsiste, também, a indagação de até quando as bibliotecas universitárias, do Brasil e de Portugal, irão manter os títulos impressos adquiridos por compra; como e quando irão dar início ao processo de desbaste destes itens. As duplicatas adquiridas por doação estão a ser desbastadas, mas o espaço físico nas suas instalações ainda é limitado.

A gestão das coleções, aqui utilizada como ponto de vista sobre as bibliotecas universitárias, permite antever um conjunto de mudanças em curso, para as quais os profissionais e os cientistas de informação necessitam encontrar respostas. Procurámos aqui ajudar a construir um olhar mais informado sobre a problemática das coleções de periódicos impressos, recursos fundamentais para a produção e disseminação do conhecimento científico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Albarello, L. (1997). Recolha e tratamentos quantitativos dos dados de inquiridos. In L. Albarello, G. Digneffe, J.-P. Hiernaux, C. Maroy, D. Ruquoy, & P. Saint-Georges, *Práticas e métodos de investigação em ciências sociais* (p. 48–83). Gradiva.
- Alonso, M. D. L. (1988). Descarte. *Revista de biblioteconomia*, 16(2), 191–206. <https://brapci.inf.br/index.php/article/download/17666>
- Baker, D. (2004). Strategic technology management. In D. Baker, *The strategic management of technology* (p. 1–43). Chandos Publishing. <https://doi.org/10.1016/B978-1-84334-041-6.50009-7>
- Barstow, S., Macaulay, D., & Tharp, S. (2016). How to build a high-quality library collection in a multi-format environment: Centralized selection at University of Wyoming Libraries. *Journal of library administration*, 26(7), 790–809. <https://doi.org/10.1080/01930826.2015.1116336>
- Biblioteca Geral da Universidade Portucalense. (2014). *Política de gestão e desenvolvimento de coleções*. <http://hdl.handle.net/11328/3113>
- Björk, B.-C. (2017). Scholarly journal publishing in transition: From restricted to open access. *Electron markets*, 27, 101–109. <https://doi.org/10.1007/s12525-017-0249-2>
- Brasil. (2020). *Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior: Cadastro e-MEC*. <https://emec.mec.gov.br/>
- Campenhoudt, L. van, Marquet, J., & Quivy, R. (2019). *Manual de investigação em ciências sociais*. Gradiva.
- CAPES. ([s.d.]). *Histórico*. Portal de Periódicos da Capes. Recuperado 27 de maio de 2021, de https://www-periodicos-capes-gov-br.ezl.periodicos.capes.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=66&Itemid=122
- Carlson, S. (2002). Students and faculty members turn to online library materials before printed ones, study finds. *The chronicle of higher education*, oct. 3.
- Conyers, D. G. (2019). Rethinking print periodicals holdings Retention policy in small academic libraries. *Serials review*, 45(1/2), 1–6. <https://10.1080/00987913.2019.1610143>
- Creswell, J. W. (2010). *Projeto de pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto* (3º ed). Artmed.
- Creswell, J. W. (2014). *Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: Escolhendo entre cinco abordagens* (3º ed). Penso.
- Creswell, J. W., & Plano Clark, V. L. (2013). *Pesquisa de métodos mistos* (2º ed). Penso.
- Cunha, M. B. da, & Cavalcanti, C. R. de O. (2008). *Dicionário de biblioteconomia e arquivologia*. Briquet de Lemos.
- Demas, S., & Miller, M. E. (2012). Rethinking collection management plans: Shaping collective collections for the 21st century. *Collection management*, 37(3/4), 168–187. <https://doi.org/doi.org/10.1080/01462679.2012.685415>

- Díaz Jatuf, J. (2011). *¿Desarrollar ó gestionar colecciones en bibliotecas?: Abordaje terminológico*. Encuentro de Bibliotecarios de la Provincia de Córdoba, 5.. 2011, Villa Carlos Paz, Argentina.
- Dina, Y. (2015). Collection development/ managemen. In *Law librarianship in aAcademic libraries*. Chandos Publishing.
- Disher, W. (2014). *Crash course in collection development*. Libraries Unlimited.
- Docampo, D. (2013). Reproducibility of the Shanghai academic ranking of world universities results. *Scientometrics*, 94, 567–587. <https://doi.org/10.1007/s11192-012-0801-y>
- Dubicki, E. (2005). Surviving the loss of aces to print periodicals. *Technical Services Quarterly*, 23(2), 1–17. https://doi.org/10.1300/J124v23n02_01
- Dubicki, E. (2008). Weeding: Facing the fears. *Collection building*, 27(4), 132–135. <https://doi.org/10.1108/01604950810913689>
- Escola de Ciência da Informação da UFMG. (2010, março 26). *Base PERI*. Biblioteca Prof^a Etelvina Lima. <http://biblio.eci.ufmg.br/produtos-e-servicos/bases-de-dados-eci/base-peri/>
- Evans, G. E. (1979). *Developing library collections*. Libraries Unlimited. <https://archive.org/details/developinglibrar00evan/mode/1up>
- Evans, G. E. (2000). *Developing library and information center collections*. Libraries Unlimited. <https://archive.org/details/developinglibrar0004evan/page/17/mode/1up>
- Evans, G. E., & Saponaro, M. Z. (2005). *Developing library and information center collections*. Libraries Unlimited.
- Evans, G. E., & Saponaro, M. Z. (2012). *Collection management basics* (6^o ed). Libraries Unlimited.
- Faísca, C. M. dos S. A. F. (2010). *Uma política de desbaste para a Biblioteca do ICS/UL* [Relatório de Estágio, Universidade Nova de Lisboa]. <http://hdl.handle.net/10362/9078>
- Ferreira, N. M. de M. (2018). *Gestão da coleção da Biblioteca Municipal da Lourinhã: Estudo de caso* [Dissertação, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa]. <http://hdl.handle.net/10451/36667>
- Figueiredo, N. M. (1982). Seleção de livros. *Estudos avançados em biblioteconomia e ciência da informação*, 1, 1–48.
- Figueiredo, N. M. (1993). *Desenvolvimento e avaliação de coleções*. Rabiskus.
- Flick, U. (2013). *Introdução à metodologia de pesquisa: Uma introdução para iniciantes*. Penso.
- Glazier, R., & Spratt, S. (2016). Space case: Moving from a physical to a virtual journal collection. *The serials librarian*, 70(1/4), 235–2332. <https://doi.org/10.1080/0361526X.2016.1157011>.
- Goodrick, D. (2014). *Comparative case studies* (Vol. 9). UNICEF. https://www.unicef-irc.org/publications/pdf/brief_9_comparativecasestudies_eng.pdf

- Grant, M. (2016). A Serials weeding project at the MillsapsWilson Library. *Mississippi Libraries*, 79(2), 43–46.
- Held, T. (2018). Curating, not weeding. *Technical services quarterly*, 35(2), 133–143. <https://doi.org/10.1080/07317131.2018.1422882>
- Hino, S. (2009). *O pensamento Toyota: Princípios de gestão para um crescimento duradouro*. Bookman.
- Huhn, K., & Harland, A. (2014). Making space: How one academic library dealt with its print journal collection. *Argus*, 42(3), 49–52.
- Imai, M. (1986). *Kaizen (Ky'zen), the key to Japan's competitive success*. McGraw-Hill. <https://archive.org/details/kaizen00masa/page/9/mode/1up>
- Johnson, G., Scholes, K., & Whittington, R. (2011). *Fundamentos de estratégia*. Bookman.
- Johnson, P. (2009). *Fundamentals of collection development and management* (2^o ed). American Library Association.
- Johnson, P. (2014). *Fundamentals of collection development and management* (3^o ed). American Library Association.
- Kaplan, R., Steinberg, M., & Doucette, J. (2006). Retention of retrospective print journals in the digital age: Trends and analysis. *Journal of the Medical Library Association*, 94(4), 387–393.
- Kremer, J. M., & Caldeira, P. da T. (1997). Em busca de uma política de descarte nas bibliotecas da UFMG. *Perspectivas em Ciência da Informação*, 2(1), 109–127. <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/28>
- Lancaster, F. W. (1996). *Avaliação de serviços de bibliotecas*. Briquet de Lemos.
- Lankes, R. D. L. (2011). Collection development. In *The atlas of new librarianship*. MIT Press.
- Larson, J. (2012). *CREW: a weeding manual for modern libraries*. Texas State Library and Archives Commission. <https://www.tsl.texas.gov/sites/default/files/public/tslac/ld/ld/pubs/crew/crewmethod12.pdf>
- Lee, M. (2009). Weeding is not just for gardeners: A case study on weeding a reference collection. *Community & Junior College Libraries*, 15(3), 129–135. <https://doi.org/10.1080/02763910902979460>
- Liu, N. C., & Cheng, Y. (2005). The Academic Ranking of World Universities. *Higher education in Europe*, 30(2), 127–136. <https://doi.org/10.1080/03797720500260116>
- Maciel, A. C., & Mendonça, M. A. R. (2006). Funções na fase de formação e desenvolvimento e organização de coleções. In *Bibliotecas como organizações* (p. 16–31). Interciência.
- Maiorana, Z., Bogus, I., Miller, M. E., Nadal, J., Risseeuw, K., & Teper, J. H. (2019). Everything not saved will be lost: Preservation in the age of shared print and withdrawal projects. *College and research libraries*, 80(7), 945–972. <https://crl.acrl.org/index.php/crl/article/view/23612/30925>

- Martin, J., Kamada, H., & Feeney, M. (2013). A systematic plan for managing physical collections at the University of Arizona Libraries. *Collection management*, 38(3), 226–242. <https://doi.org/10.1080/01462679.2013.797376>
- Martins, G. de A., & Theóphilo, C. R. (2016). *Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas* (3º ed). Atlas.
- Matlak, J. (2010). Weeding older social sciences journals. *Behavioral & social sciences librarian*, 29(3), 196–183. <https://doi.org/10.1080/01639269.2010.498762>.
- Mayrink, P. T. (1984). Expurgo de publicações em bibliotecas especializadas. *Revista da Escola da Biblioteconomia da UFMG*, 13(1), 108–122. <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/73657>
- McCaslin, D. (2013). Collection building through patrons: Caltech Library's kindle program. *Collection management*, 38(3), 172–191. <https://doi.org/10.1080/01462679.2013.792308>
- McHale, C., Egger-Sider, F., Fluk, L., & Ovadia, S. (2017). Weeding without walking: A mediated approach to list-based deselection. *Collection management*, 42(2), 92–108. <https://doi.org/10.1080/01462679.2017.1318729>
- Mintzberg, H., Ahlstrand, B., & Lampel, J. (2010). *Safári de estratégia: Um roteiro pela selva do planejamento estratégico* (2º ed). Bookman.
- Mintzberg, H., Lampel, J., Quinn, J. B., & Ghoshal, S. (2007). *O processo da estratégia: Conceitos, contextos e casos selecionados* (4º ed). Bookman.
- Miranda, A. B. de. (1981). Seleção, aquisição e descarte de livros: Um texto para principiantes. *Cadernos de biblioteconomia*, 4(1), 57–69. <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/62200>
- Miranda, A. C. C. de. (2016). Desafios para a gestão de coleções de periódicos científicos. *Folha de Rosto*, 2(1), 26–38. <https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/view/82>
- Miranda, A. C. C. de. (2017). Desenvolvimento de coleções: Uma visão para o planejamento nas bibliotecas jurídicas brasileiras. *Páginas a&b*. S.3, 8, 35–54. <https://doi.org/10.21747/21836671/pag8a4>
- Moghaddam, G. G., & Moballegghi, M. (2007). The importance of aggregators for libraries in the digital era. *Interlending & document supply*, 35(4), 222–225. <http://dx.doi.org/10.1108/02641610710837536>
- Molina-Azorin, J. F. (2010). Mixed methods research in strategic management: Impact and applications. *Organizational research methods*, 15(1), 33–56. <https://doi.org/10.1177/1094428110393023>
- Moreira, J. M. (2004). *Questionários: Teoria e prática*. Almedina.
- Nelson, G. M., Goates, M. C., Pixton, D. S., & Broadbent, D. (2020). Collection weeding: Innovative processes and tools to ease the burden. *The journal of academic librarianship*, 46(5). <https://doi.org/10.1016/j.acalib.2020.102139>
- Nisonger, T. E. (1998). *Management of serials in libraries*. Libraries Unlimited.
- Pagell, R. A. (2014). Bibliometrics and university research rankings demystified for librarian. In C. Chen & R. Larsen, *Library and information sciences: Trends and*

research (HD; p. 137–160). Springer. <https://doi.org/10.1007/978-3-642-54812-3>

- Pinheiro, L. V. (2017). *O desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias na perspectiva dos desafios da pós-modernidade: Diretrizes sob o olhar da teoria da complexidade e da análise do domínio* [Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação]. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/174452>
- Porter, M. E. (2009). O que é estratégia? In M. E. Porter, *Competição on competition* (Revista e ampliada, p. 36–72). Campus.
- Portugal. (2020). *Direção-Geral do Ensino Superior*. <https://www.dges.gov.pt/pt>
- Póvoa, M. C. de O. (2008). *A arte de esculpir a coleção: O desbaste* [Dissertação, Universidade Aberta]. <http://hdl.handle.net/10400.2/1376>
- Rais, S., Arthur, M. A., & Hanson, M. J. (2010). Creating core title lists for print subscription retention and storage/weeding. *The serials librarian*, 58(1/4), 244–249. <https://doi.org/10.1080/03615261003625984>
- Ranganathan, A. R. (2009). *A cinco leis da biblioteconomia*. Briquet de Lemos.
- Reeves, R. K., & Schmidt, K. (2011). *Radical relocation: Adapting print collections to an E-Centric World*. 61(3/4), 412–429. <https://doi.org/10.1080/0361526X.2011.580424>
- Reitz, J. M. (2004). *ODLIS: online dictionary for library and information science*. ABC-CLIO Corporate. https://www.abc-clio.com/ODLIS/odlis_about.aspx
- Revez, J. M. R. (2019). *O papel das bibliotecas na investigação científica: Percepções, comportamento informacional e impacto*. Universidade de Coimbra.
- Rice, B. A. (1977). The development of working collections in university libraries. *College and research libraries*, 38(4), 309–312. https://doi.org/10.5860/crl_38_04_309
- Rodrigues, M. C., & Barros, C. A. das N. de. (2018). O descarte de materiais bibliográficos nas bibliotecas públicas gaúchas: Análise do documento de orientação do SEBP/RS. *Ciência da informação em revista*, 5(2), 106–117. <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/36413>
- Rogers, T. (2015). Dispersing the serials collection and measuring paper: Cooperative storage efforts and legacy journals management in a university library. *Serials Review*, 41(2), 69–76. <https://doi.org/10.1080/00987913.2015.1035579>
- Sammonds, L. I., & Housewright, R. (2011). Print collections management in the wake of digitalization. *The serials librarian*, 61(2), 193–195. <https://doi.org/10.1080/0361526X.2011.591039>
- San Jose Montano, B. (2011). *La gestión de la colección cooperativa en las bibliotecas universitarias a comienzos del siglo XXI* [Tese de doutorado]. Universidad Carlos III de Madrid.
- San Jose Montano, B. (2014). The new paradigm of collection management in university libraries: From crisis to revolution. *Collection building*, 33(3), 90–97. <https://doi.org/10.1108/CB-02-2014-0012>

- Santos, L. F. R. dos. (2011). *Gestão de coleções nas bibliotecas públicas Portuguesas: Da teoria à prática. Sugestões para um guia de procedimentos* [Dissertação, Universidade da Beira Interior]. <https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/2029/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Lu%C3%ADs%20Filipe%20Santos.pdf>
- Schneider, S., & Schmitt, C. J. (1998). O uso do método comparativo nas ciências sociais. *Cadernos de sociologia*, 9, 49–87.
- Schonfeld, R. C., & Housewright, R. (2009). *What to withdraw? Print collections management in the wake of a digitalization*. Ithaca S+R. https://sr.ithaka.org/wp-content/uploads/2015/08/What_to_Withdraw_Print_Collections_Management_in_the_Wake_of_Digitization.pdf
- Segal, J. A. (1986). Journal deselection: A literature review and an application. *Science & technology libraries*, 6(3), 25–42. http://dx.doi.org/10.1300/J122v06n03_03
- Seripierri, D., Borges, E. R., Paletta, F. A. C., Calherani, I. C., Odina, M. I. N. da S., Yamashita, M. M., & Cardoso, V. L. M. A. (2005). *Manual de conservação preventiva de documentos: Papel e filme*. Edusp.
- Shanghai Ranking Consultancy. (2020). *Academic Ranking of World Universities*. <http://www.shanghairanking.com/index.html>
- Silva, C. A. R. G., Amaral, R. M. do, & Pajeú, H. M. (2018). Desenvolvimento de coleção na perspectiva da alteridade bakhtiniana: O descarte na biblioteca universitária. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, 14(1), 126–151.
- Silva, M. R., Castro Filho, C. M., & Quirino, P. O. (2012). Desbastes e descarte em Bibliotecas Universitárias mapeamento da produção científica. *Brazilian Journal of Information Science*, 6(2), 49–64. <https://doi.org/10.36311/1981-1640.2012.v6n2.04.p46>
- Slote, S. J. (1997). *Weeding library collections: Library weeding methods* (4^o ed). Libraries Unlimited.
- Sullenger, P. (2010). Closed Stacks” for current periodicals. *Serials review*, 36(1), 19–22. <https://doi.org/10.1080/00987913.2010.10765273>.
- Sun Tzu. (2013). *A arte da guerra* (4^o ed). 11x17.
- Thomas, W. J., & Shouse, D. L. (2012). Rules of thumb for deselecting, relocating, and retaining bound journals. *Collection building*, 31(3), 92–97. <https://doi.org/10.1108/01604951211243470>
- Tyckoson, D. A. (2014). Perspectives on weeding in academic library collections. In B. Albitz, C. Avery, & D. Zabel, *Rethinking collection development and management* (p. 59–76). Libraries Unlimited.
- Vergueiro, W. (1987). Estabelecimento de políticas para o desenvolvimento de coleções. *Revista de biblioteconomia*, 15(2), 193–202. <https://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/17628>
- Vergueiro, W. (1989). *Desenvolvimento de coleções*. Polis.
- Vergueiro, W. (1993). Desenvolvimento de coleções: Uma nova visão para o planejamento de recursos informacionais. *Ciência da informação*, 22(1), [13-21]. <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/512>

- Vieira, S. (2009). *Como elaborar questionários*. Atlas.
- Weitzel, S. da R. (2013). *Elaboração de uma política de desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias* (2.ed.). Interciência.
- Williams, J. A. (2012). At sea: Reclaiming a serials collection at a small specialized library. *The serials librarian*, 63, 359–369.
<https://doi.org/10.1080/0361526X.2012.701381>

GLOSSÁRIO

Avaliação da coleção – Consiste em analisar e julgar a coleção da biblioteca como um todo, determinar as áreas que precisam ser ampliadas, atualizadas, desbastadas, em consonância com as demandas da comunidade, de modo a manter o equilíbrio da coleção; e indicar a necessidade de ações no sentido de promover a preservação e a conservação da coleção.

Desbaste - Um processo que envolve a avaliação item a item e a decisão sobre qual será sua destinação, manter o item como está, descartar ou remanejar. Como parte do processo de desenvolvimento de coleção, caracteriza-se como uma atividade ligada à manutenção do acervo. Utiliza-se também: desbastamento.

Descarte – Atividade de exclusão de um item, de modo permanente, do acervo da biblioteca. Podendo o material descartado ser doado, removido e/ou destinado a ser reciclado. Decorre da decisão tomada na avaliação do processo de desbaste. Utiliza-se também: eliminação, expurgo, abate.

Desenvolvimento de coleção – Refere-se à parte operacional da gestão da coleção, constituído por atividades/tarefas que irão culminar na formação e manutenção dos materiais no acervo. É um processo dinâmico e contínuo, que inclui as atividades de seleção, aquisição, avaliação, desbaste, conservação e a elaboração de políticas e procedimentos específicos para cada atividade.

Formação da coleção – Refere-se às atividades realizadas no intuito de construir as coleções, ou seja, incluir itens no acervo da biblioteca. Composta pela integração entre as atividades de seleção e de aquisição. É um subprocesso do desenvolvimento de coleção.

Gestão da coleção - Consiste em planejar todas as ações inerentes às coleções das bibliotecas, buscando administrar a coleção de forma efetiva, eficaz e eficiente, tendo em vista atender os objetivos da instituição à qual a biblioteca está vinculada e as demandas da comunidade de usuários na qual a biblioteca está inserida. Abrange o planejamento e a gestão dos recursos (humanos, financeiros, tecnológicos, etc.), a elaboração de orientações e diretrizes gerais, que irão dar suporte ao processo de desenvolvimento da coleção.

Manutenção da coleção – Refere-se às atividades que têm como objetivo manter a coleção atualizada, útil, equilibrada e garantir o bom estado dos itens. Constituída pelas atividades de avaliação, desbaste e conservação. Caracteriza-se como um subprocesso do desenvolvimento de coleção.

Remanejamento – Atividade de deslocar os materiais da coleção para outro local de armazenamento, na própria biblioteca, na mesma instituição ou para local externo a instituição. Tem como característica que a biblioteca mantém a posse dos itens, que permanecem integrando a sua coleção. Decorre da decisão tomada na avaliação do processo de desbaste. Utiliza-se também: transferência.

Remoção – Utilizado neste trabalho para referir os títulos que foram avaliados e enviados a instalações de armazenamento, os quais integram coleções que a biblioteca mantém acessíveis, mas não tem posse dos volumes. Caracteriza-se como uma forma de descarte, pois os volumes são retirados com caráter permanente do acervo da biblioteca.

APÊNDICE A – Lista das bibliotecas selecionadas

UA - Universidade de Aveiro

Biblioteca da UA (Universidade de Aveiro)
Biblioteca da Escola Superior e Tecnologia de Águeda*
Biblioteca do Centro de Recursos em Conhecimento da Escola Superior Aveiro Norte*
Biblioteca Domingos Cravo (ISCA) *

UC - Universidade de Coimbra

Biblioteca da Faculdade de Direito
Biblioteca da Faculdade de Economia
Biblioteca da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação
Biblioteca da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física
Biblioteca das Ciências da Saúde
Biblioteca de Física e Química (FCTUC)
Biblioteca do Departamento de Arquitetura (FCTUC)
Biblioteca do Departamento de Ciências da Vida (FCTUC)
Biblioteca do Polo II - Engenharias e Ciências da Terra (FTUC)
Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra
Biblioteca Matemática (FCTUC)
Centro de Estudos Sociais - Biblioteca NorteSul
Serviços de Biblioteca e Documentação da Faculdade de Letras

ULisboa - Universidade de Lisboa

Biblioteca da Faculdade de Arquitetura
Biblioteca da Faculdade de Belas-Artes
Biblioteca da Faculdade de Ciências
Biblioteca da Faculdade de Direito
Biblioteca da Faculdade de Farmácia
Biblioteca da Faculdade de Letras
Biblioteca da Faculdade de Medicina
Biblioteca da Faculdade de Medicina Dentária
Biblioteca da Faculdade de Medicina Veterinária
Biblioteca da Faculdade de Motricidade Humana
Biblioteca da Faculdade de Psicologia
Biblioteca do Instituto de Ciências Sociais
Biblioteca do Instituto de Educação
Biblioteca do Instituto Dom Luiz
Biblioteca do Instituto Superior de Agronomia
Biblioteca do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas
Biblioteca do Instituto Superior de Economia e Gestão

Biblioteca do Instituto Superior Técnico
Biblioteca e Mapoteca do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território

UMinho - Universidade do Minho

BCC - Biblioteca do campus de Couros
BCE - Biblioteca de Ciências de Educação
BD - Biblioteca de Direito
BGUM - Biblioteca Geral da Universidade do Minho
Biblioteca da Unidade de Arqueologia
Biblioteca de Assessoria Jurídica
Biblioteca de Ciências da Terra
Biblioteca de Engenharia Biológica
Biblioteca de Geografia e Planeamento
Biblioteca do Centro de Matemática (Azurém)
Biblioteca do Centro de Matemática (Gualtar)
Biblioteca Vítor Aguiar e Silva
BNP - Biblioteca Nuno Portas
BPG - Biblioteca da Universidade do Minho no Campus de Azurém
BPM - Biblioteca Prof. Joaquim Pinto Machado

UPorto - Universidade do Porto

Biblioteca da Faculdade de Arquitetura
Biblioteca da Faculdade de Belas Artes
Biblioteca da Faculdade de Ciências
Biblioteca da Faculdade de Ciências da Nutrição e Alimentação
Biblioteca da Faculdade de Desporto
Biblioteca da Faculdade de Direito
Biblioteca da Faculdade de Economia
Biblioteca da Faculdade de Engenharia
Biblioteca da Faculdade de Letras
Biblioteca da Faculdade de Medicina
Biblioteca da Faculdade de Medicina Dentária
Biblioteca da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação
Biblioteca da Porto Business School
Biblioteca do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar / Faculdade de Farmácia
Biblioteca do Instituto de Investigação e Inovação em Saúde

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

Biblioteca Central
Biblioteca da Escola de Arquitetura
Biblioteca da Escola de Belas Artes

Biblioteca da Escola de Ciência da Informação
Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Biblioteca da Escola de Engenharia
Biblioteca da Escola de Música
Biblioteca da Escola de Veterinária
Biblioteca da Faculdade de Ciências Econômicas
Biblioteca da Faculdade de Direito
Biblioteca da Faculdade de Educação
Biblioteca da Faculdade de Farmácia
Biblioteca da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Biblioteca da Faculdade de Letras
Biblioteca da Faculdade de Odontologia
Biblioteca do Campus Saúde
Biblioteca do Departamento de Física
Biblioteca do Departamento de Química
Biblioteca do Instituto de Ciências Agrárias
Biblioteca do Instituto de Ciências Exatas
Biblioteca do Instituto de Geociências

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Biblioteca Alberto Nepomuceno da Escola de Música - BAN
Biblioteca Aloisio Teixeira do Núcleo em Ecologia e Desenvolvimento Socioambiental de Macaé – NUPEM
Biblioteca Asdrubal Costa do Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira – IPPMG
Biblioteca Carvalho de Mendonça da Faculdade Nacional de Direito - FND
Biblioteca Central do Centro de Ciências da Saúde - CCS
Biblioteca Central do Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza - CCMN
Biblioteca Central do Centro de Filosofia e Ciências Humanas - CFCH
Biblioteca Central do Centro de Tecnologia - CT
Biblioteca da Escola de Enfermagem Anna Nery - EEAN
Biblioteca da Faculdade de Farmácia – FF
Biblioteca da Xistoquímica
Biblioteca de Recursos Instrucionais do Núcleo de Tecnologia Educacional para Saúde – NUTES
Biblioteca Dirceu de Alencar Velloso - BPDVAV
Biblioteca do Campus Duque de Caxias - CDC
Biblioteca do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho - HU
Biblioteca do Instituto de Estudos em Saúde Coletiva - IESC
Biblioteca do Instituto de Ginecologia – IG
Biblioteca do Instituto de Neurologia Deolindo Couto - INDC
Biblioteca do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional - IPPUR
Biblioteca Eugênio Gudim do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas - CCJE

Biblioteca Francisca Keller do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – PPGAS
Biblioteca João Ferreira da Silva Filho do Instituto de Psiquiatria - IPUB
Biblioteca Jorge de Rezende da Maternidade Escola - ME
Biblioteca José de Alencar da Faculdade de Letras - FL
Biblioteca Lúcio Costa da Faculdade de Arquitetura - FAU
Biblioteca Marina São Paulo de Vasconcellos do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais – IFCS
Biblioteca Paulo Geyer da Escola de Química - EQ
Biblioteca Plínio Sussekind Rocha do Instituto de Física - IF
Biblioteca Prof. Agrícola Bethlem do Instituto de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração – COPPEAD
Biblioteca Professor Alfredo Galvão da Escola de Belas Artes - EBA
Biblioteca Professor Carlos Alberto Hemais do Instituto de Macromoléculas - IMA
Biblioteca Professor Jorge de Abreu Coutinho do Instituto de Química – IQ
Biblioteca Professor Leopoldo Nachbin do Instituto de Matemática – IM
Biblioteca Professor Maurício de Almeida Abreu do Programa de Pós-graduação em Geografia – PPGG
Biblioteca Professor Sílio Vaz do Observatório do Valongo – OV
Biblioteca do Campus UFRJ Macaé Professor Aloisio Teixeira
Biblioteca do Instituto de Microbiologia Professor Paulo de Góes – IMPG
Biblioteca do Núcleo de Computação Eletrônica – NCE
Biblioteca Pedro Calmon do Fórum de Ciência e Cultura - BPC*

UNESP - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"

Biblioteca - Câmpus de Botucatu
Biblioteca Instituto de Química - Câmpus de Araraquara
Biblioteca "Acácio José Santa Rosa" - Faculdade de Ciências e Letras - Câmpus de Assis
Biblioteca "Prof. Dióres Santos Abreu" - Faculdade de Ciências e Tecnologia - Câmpus de Presidente Prudente
Biblioteca "Prof. Dr. Mauro Donizeti Tonasse" - Cursos de Engenharia Agrônômica e Engenharia de Pesca - Câmpus de Registro
Biblioteca da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias - Câmpus de Jaboticabal
Biblioteca da Faculdade de Ciências e Engenharia - Câmpus de Tupã
Biblioteca da Faculdade de Engenharia - Câmpus de Ilha Solteira
Biblioteca da FCAT - Faculdade de Ciências Agrárias e Tecnológicas - Câmpus de Dracena
Biblioteca da FCLAr - Faculdade de Ciências e Letras - Câmpus de Araraquara
Biblioteca da FEG - Faculdade de Engenharia de Guaratinguetá - Câmpus de Guaratinguetá
Biblioteca da FFC - Faculdade de Filosofia e Ciências - Câmpus de Marília
Biblioteca de Ciências Farmacêuticas - Câmpus de Araraquara
Biblioteca do câmpus de Bauru

Biblioteca do Câmpus Experimental de Itapeva
Biblioteca do Câmpus Experimental de Ourinhos
Biblioteca do Câmpus Experimental de Rosana
Biblioteca do Ibilce - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas - Câmpus de São José do Rio Preto
Biblioteca do Instituto de Artes - Câmpus de São Paulo
Biblioteca do Instituto de Biociências - Câmpus de Rio Claro
Biblioteca do Instituto de Ciência e Tecnologia - Câmpus de Sorocaba
Biblioteca do IPPRI - Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais - Câmpus de São Paulo
Biblioteca do Lageado - Faculdade de Ciências Agrônômicas - Câmpus de Botucatu
Biblioteca Engenheiro José Hugo Leal Ferreira - Instituto de Física Teórica - Campus de São Paulo
Biblioteca Faculdade de Ciências Humanas e Sociais - Câmpus de Franca
Biblioteca Faculdade de Odontologia - Câmpus de Araçatuba
Biblioteca FMVA - Faculdade de Medicina Veterinária - Câmpus de Araçatuba
Biblioteca ICT - Instituto de Ciência e Tecnologia - Câmpus de São José dos Campos
Biblioteca Instituto de Biociências - Câmpus do Litoral Paulista
Biblioteca SJBV - BJB - Câmpus de São João da Boa Vista
Diretoria Técnica de Biblioteca e Documentação - Faculdade de Odontologia - Câmpus de Araraquara

UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas

Biblioteca Central - Difusão da Informação
Biblioteca da Área de Engenharia e Arquitetura
Centro de Engenharia Biomédica
Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência
Faculdade de Ciências Aplicadas
Faculdade de Ciências Médicas
Faculdade de Educação
Faculdade de Educação Física
Faculdade de Engenharia de Alimentos
Faculdade de Odontologia de Piracicaba
Faculdade de Tecnologia
Instituto de Artes
Instituto de Biologia
Instituto de Economia
Instituto de Estudos da Linguagem
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Instituto de Física Gleb Wataghin
Instituto de Geociências
Instituto de Matemática, Estatística e Computação Científica
Instituto de Química

USP - Universidade de São Paulo

Cebimar – Centro de Biologia Marinha
Cena – Centro de Energia Nuclear na Agricultura
CQ – Conjunto das Químicas
EACH – Escola de Artes, Ciências e Humanidades
ECA – Escola de Comunicações e Artes
EE – Escola de Enfermagem
EEFE – Escola de Educação Física e Esporte
EEL – Escola de Engenharia de Lorena - Biblioteca Universitária
EEL – Escola de Engenharia de Lorena - Biblioteca Especializada em Engenharia de Materiais
EESC – Escola de Engenharia de São Carlos
EESC – Escola de Engenharia de São Carlos - Biblioteca do Centro de Recursos Hídricos e Ecologia Aplicada
EP – Escola Politécnica - Biblioteca Central
EPBS – Escola Politécnica - Biblioteca de Engenharia de Petróleo*
EPECP – Escola Politécnica - Biblioteca de Engenharia Civil e Produção*
EPEL – Escola Politécnica - Biblioteca de Engenharia Elétrica*
EPMI – Escola Politécnica - Biblioteca de Engenharia de Minas*
EPMN – Escola Politécnica - Biblioteca de Engenharia Mecânica Naval e Oceânica*
EPMT – Escola Politécnica - Biblioteca de Engenharia Metalúrgica*
EPQI – Escola Politécnica - Biblioteca de Engenharia Química*
ESALQ – Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz - Biblioteca
ESALQ – Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz - Biblioteca Setorial do Departamento de Economia, Administração e Sociologia
FAU – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
FAU (Maranhão) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - Pós-Graduação*
FD – Faculdade de Direito
FDRP – Faculdade de Direito de Ribeirão Preto
FE – Faculdade de Educação
FEA – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade
FFLCH – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
FM – Faculdade de Medicina
FM – Faculdade de Medicina - Biblioteca do Departamento de Radiologia
FMVZ – Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia
FO – Faculdade de Odontologia
FOB – Faculdade de Odontologia de Bauru
FSP – Faculdade de Saúde Pública
FZEA – Faculdade de Zootecnia e Engenharia de Alimentos
HU – Hospital Universitário
IAG – Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas
IAU – Instituto de Arquitetura e Urbanismo

IB – Instituto de Biociências
ICB – Instituto de Ciências Biomédicas
ICMC – Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação
IEE – Instituto de Energia e Ambiente
IF – Instituto de Física
IFSC – Instituto de Física de São Carlos
IGC – Instituto de Geociências
IME – Instituto de Matemática e Estatística
IMT – Instituto de Medicina Tropical de São Paulo
IO – Instituto Oceanográfico
IP – Instituto de Psicologia
IQSC – Instituto de Química de São Carlos
IRI – Instituto de Relações Internacionais
PUSP-RP – Prefeitura do Campus USP de Ribeirão Preto - Biblioteca Central USP
Ribeirão Preto
PUSP-SC – Biblioteca da Prefeitura do Campus USP de São Carlos

* Bibliotecas que foram desconsideradas do total da amostra após informação dos respondentes que eram bibliotecas que as decisões sobre o desbaste eram centralizadas ou que a coleção era de obras históricas, raras e/ou especiais.

APÊNDICE B - Questionário

Bloco 1: Identificação:

1. Nome:

2. Email de contato:

3. Selecione sua biblioteca: (ver apêndice A)

Bloco 2: Questões gerais:

4. A biblioteca possui ou já possuiu coleção de periódicos impressos?

Não, a biblioteca nunca teve periódicos impressos no acervo. – [Ir para questão 5](#)

Sim - [Ir para questão 6](#)

5. Selecione o ano em que a biblioteca foi fundada.

Ano: _____

- **FIM**

6. A biblioteca tem o controle de uso ou realiza estatística, estudo de uso da coleção de periódicos impressos?

Não

Sim - [Ir para questão 7](#)

7. Como a biblioteca faz o controle de uso ou realiza estatística ou estudo de uso da coleção de periódicos impressos?

8. Quantos títulos de periódicos impressos a biblioteca possui na coleção?

9. Qual o tamanho da coleção de periódicos da biblioteca? (fascículos/exemplares)

Menos de 5 mil

De 5 a 10 mil

-
- De 10 a 50 mil
- De 50 a 100 mil
- De 100 a 250 mil
- De 250 a 500 mil
- Mais de 500 mil
- Não é possível mensurar.
-

10. A biblioteca possui assinaturas de periódico vigente?

- Não – [Ir para questão 12](#)
- Sim – [Ir para questão 11](#)
-

11. Quantos títulos a biblioteca assina atualmente?

_____ [– Ir para questão 16](#)

12. Por qual motivo a biblioteca não realiza assinatura de periódicos?

13. Como a biblioteca interrompeu as assinaturas?

- Foram interrompidas de modo progressivo. - [Ir para questão 14](#)
- Foram interrompidas a partir de um ano específico. - [Ir para questão 15](#)
-

14. Indique o ano que deu início a interrupção das assinaturas e o ano em que a última assinatura foi interrompida: (ex: 2000-2010)

_____ [- Ir para questão 19](#)

15. Selecione o ano em que as assinaturas foram interrompidas:

Selecione o ano: _____

- Não temos a informação

_____ [- Ir para questão 19](#)

16. Qual o formato das assinaturas vigentes?

-
- Impressa – Ir para questão 19
 - Digital – Ir para questão 18
 - Impressa e digital – Ir para questão 17
-

17. Por qual motivo é realizada a assinatura de ambos os formatos?

- Realizamos a assinatura de todos os títulos no formato impresso e digital.
- Assinamos em formato impresso apenas os títulos que não têm versão digital.
- Realizamos a assinatura digital independente da garantia de acesso perpétuo.
- Procedemos com a assinatura do formato digital quando temos a garantia do acesso perpétuo, quando não optamos pela versão impressa do título.
- Outros, especifique: _____

(possível selecionar mais de uma opção)

18. Como a biblioteca realiza a assinatura dos títulos digitais?

- Título a título
- Adquire a assinatura de um pacote de títulos dos editores.
- Participamos de consórcio com outras bibliotecas da nossa universidade para adquirir pacotes de títulos dos editores.
- Participamos de consórcio com bibliotecas de outras instituições para adquirir pacotes de títulos dos editores.
- Outros, especifique: _____

(possível selecionar mais de uma opção)

19. A biblioteca inclui na coleção fascículos recebidos por doação e/ou permuta?

- Não – Ir para questão 20
 - Sim – Ir para questão 21
-

20. Por qual razão a biblioteca não inclui os fascículos de doação e /ou permuta?

21. A biblioteca tem algum acordo para preservação e/ou é depositária dos títulos que recebe doação?

Não Sim

22. Sua biblioteca tem uma política ou documento em que é registrado, de modo formal as diretrizes para gestão da coleção?

Não – Ir para questão 25

Sim – Ir para questão 23

23. A política aborda questões relacionadas a coleção de periódicos, os critérios e as tomadas de decisão quanto ao seu desbaste?

Não

Sim, aborda a coleção de periódicos

Sim, mas não traz os critérios e as tomadas de decisão quanto ao seu desbaste

24. A política especifica quais os critérios para retenção/manutenção de uma coleção e/ou parte de uma coleção de periódicos impressos?

Não Sim

25. Sua biblioteca já realizou algum desbaste da coleção de periódicos impressos?

Não – Ir para questão 27

Sim – Ir para questão 26

26. Selecione o ano em que o primeiro desbaste da coleção periódicos foi realizado.

Selecione o ano: _____

Não temos a informação

– Ir para questão 30

27. A biblioteca intenciona realizar o desbaste da coleção de periódicos impressos?

Não - [Ir para questão 29](#)

Sim - [Ir para questão 28](#)

28. Por qual motivo a biblioteca intenciona realizar o desbaste da coleção de periódicos impressos?

[- Ir para questão 29](#)

29. A biblioteca executa algum projeto relacionado ao desenvolvimento de coleção que pode como consequência resultar no desbaste da coleção de periódicos? (Remanejamento do acervo, restauração, controle bibliográfico etc.)

Não – **FIM** Sim – [Ir para questão 29 a.](#)

29 a. Se a resposta a questão 29 foi sim, por favor, especifique a atividade executada pela biblioteca que pode resultar no desbaste.

- FIM

30. A biblioteca executa algum projeto relacionado ao desenvolvimento de coleção que pode como consequência resultar no desbaste da coleção de periódicos? (Remanejamento do acervo, restauração, controle bibliográfico etc.)

Não Sim – [Ir para questão 30 a.](#)

30 a. Se a resposta a questão 30 foi sim, por favor, especifique a atividade executada pela biblioteca que pode resultar no desbaste.

Bloco 3: Motivações:

31. Qual a foi a motivação que levou efetivamente a ação de desbaste da coleção de periódicos impressos?

Falta de espaço físico – [Ir para questão 32](#)

Baixa usabilidade

Obsolescência do conteúdo

-
- Obsolescência do formato
- Ter o acesso a versão digital (por assinatura do título e/ou em pacotes de agregadores, sem acesso perpétuo)
- Ter acesso as coleções via B-on
- Ter acesso as coleções via Portal de periódicos da CAPES
- A biblioteca adquiriu *backfiles* eletrônicos das coleções (em acesso perpétuo)
- Outro: Qual? _____

Demais opções – [Ir para questão 34](#)

32. Qual tipo de necessidade de espaço motivou o desbaste?

- Espaço para estudo
- Para o crescimento da coleção monográfica
- Para outras atividades da biblioteca (espaço de trabalho, sala de informática etc.) - [Ir para questão 33](#)
- Solicitação de espaço para outras atividades da instituição (Ceder o espaço para atividade docente, projetos da universidade ou de cursos, etc.). - [Ir para questão 33](#)
- Outro: Qual? _____

Demais opções – [Ir para questão 34](#)

33. Qual foi a atividade que motivou o desbaste?

34. Qual o grau de contribuição dos itens abaixo para tomar a decisão realizar o desbaste: 1. Não teve influência; 2. Contribuiu um pouco; 3. Contribuiu de modo significativo; 4. Foi um dos fatores que viabilizou o desbaste.

A baixa utilização da coleção:

- 1 2 3 4

A possibilidade conseguir o fascículo emprestado ou cópia com outra biblioteca:

- 1 2 3 4

A preferência dos usuários pelos artigos em versão digital:

- 1 2 3 4
-

Aquisição de arquivos de *backfiles* eletrônicos:

1 2 3 4

A coleção está disponível na B-on:

1 2 3 4

A coleção está disponível no Portal de periódicos da CAPES:

1 2 3 4

A possibilidade armazenar os fascículos em depósito externo a instituição:

1 2 3 4

Obsolescência do conteúdo:

1 2 3 4

Obsolescência do formato:

1 2 3 4

Falta de espaço físico:

1 2 3 4

Bloco 4: Estratégias:

35. De que maneira se procedeu com o desbaste da coleção de periódicos?

Durante o período de inventário, férias ou em um período especificamente destinado a este fim.

Realizou-se um projeto que tinha como intuito principal realizar o descarte das coleções.

O desbaste da coleção de periódicos ocorre de modo contínuo, sendo uma atividade de rotina na biblioteca.

Outro, especifique: _____

36. Quanto aos títulos ou volumes remanejados, qual foi a destinação lhes dada?

Remanejar para coleção de acesso restrito.

-
- Remanejar as coleções para depósito local na própria biblioteca.
- Remanejar as coleções para depósito dentro da própria universidade.
- Remanejar as coleções para armazenamento em local fora do campus universitário.
- Outro, especifique: _____

(possível selecionar mais de uma opção)

37. Selecione as opções que reflete a destinação dada as coleções ou volumes, descartados:

- Doação a bibliotecas que demonstraram interesse nos volumes.
- Doação oferecida a bibliotecas integrantes do Catálogo Coletivo Nacional (CCN)
- Doação a programa de preservação.
- Envio a programa de colaboração ao qual a biblioteca é integrante.
- Reciclagem
- Outro, especifique: _____

(possível selecionar mais de uma opção)

38. Faça um breve relato de como ocorreu o processo de desbaste da coleção de periódicos impressos, podendo incluir; a estratégia e táticas adotadas; as decisões tomadas; se houve casos especiais, como as coleções de belas-artes em que a qualidade das imagens é relevante; entre outras informações sobre a execução do desbaste que julgar ser importante para que o processo tenha ocorrido com êxito e que não esteja abordado em questões anteriormente respondidas.

38 a. Especifique quais os critério considerado para desbaste e/ou retenção das coleções:

Bloco5: 2ª hipótese

39. O processo de desbaste resultou em algum tipo de comunicação científica?

- Não – **FIM** Sim
-

40. Qual tipo de comunicação?

- Artigo em revista científica
- Artigo em anais de congresso
- Resumo em congresso
- Pôster em evento
- Capítulo de livro
- Livro
- Outro, qual? _____

(possível selecionar mais de uma opção)

41. O artigo foi publicado em qual(is) periódico(s), anais etc.?

- FIM

APÊNDICE C – Respostas sobre o controle de uso da coleção

Respostas à Questão 7: Como a biblioteca faz o controle de uso ou realiza estatística ou estudo de uso da coleção de periódicos impressos?

Bibliotecas que utilizam o registro de uso local dos fascículos

AU_1	Na rede de Bibliotecas UA o controle é realizado na altura da arrumação. Cada Biblioteca tem uma lista impressa onde regista os fascículos arrumados.
UC_1	Registando os títulos e nºs utilizados em cada dia (Doc Excel)
UC_3	Pelo número de vezes que cada periódico é utilizado. No fim de ano faz-se uma lista dos 20 periódicos mais consultados.
ULisboa_2	Estatística diária de periódicos consultados na sala de leitura, indicando o título do periódico, nº e ano.
ULisboa_10	Registo num módulo específico da utilização dos periódicos impressos na sala de leitura
ULisboa_12	registo diário das revistas consultadas na sala de leitura
UPorto_2	Fazemos a contabilização manual dos títulos consultados no final do dia, antes da arrumação na estante.
UPorto_5	Pela procura e utilização de periódicos pelos utilizadores
UFMG_8	Contabilização manual feito diariamente
UFMG_14	Através de estatística de utilização dos periódicos.
UFRJ_5	planilha de estatística mensal
UFRJ_9	O controle é feito pelo serviço de circulação que anota as solicitações de uso do periódico impresso na biblioteca.
UFRJ_15	A estatística é feita manualmente através de planilha de Excel
UNESP_7	Manual
UNESP_13	O controle é feito por meio da leitura do código de barras dos periódicos consultados durante o dia, na plataforma Aleph. Não sabemos ainda se será possível prosseguir na plataforma Alma
UNESP_16	Manual com controle em Excel
UNESP_17	Contando os itens usados que são deixados nas mesas de devolução.
UNESP_18	Realiza o controle de uso/estatística via planilha alocada em serviço de nuvem.

UNESP_19	Registrando o 'uso de consulta local' no sistema/software de gestão das Bibliotecas da Rede
UNESP_20	Coleta manual de dados
UNICAMP_2	Coleta de tombos por meio de leitor de coleta de dados e após, importamos para o nosso Software de Gestão de Acervo, o SophiA. O sistema gera dados automatizados de consulta. Além disso, temos controle manual para coletar dados de usuários (tipos, categorias.)
UNICAMP_3	Manualmente através de coleta nas mesas e estantes, quando o fascículo é retirado do local de guarda
UNICAMP_4	Por não serem materiais que circulam, usamos cards com nomes dos periódicos e uma caixa (tipo urna) para que os usuários incluam o card referente ao material consultado na caixa. Os cards são contabilizados semanalmente e os dados inseridos em uma planilha compartilhada com a equipe. Devido à pandemia o acervo se encontra fechado.
UNICAMP_7	A estatística de uso é feita em um formulário que temos de circulação de materiais bibliográficos
UNICAMP_8	Registramos o uso por meio de código de barras no sistema de gestão de bibliotecas, sempre que o usuário utiliza é orientado a deixar o exemplar com um funcionário.
UNICAMP_9	Através do seu código em planilha excel
USP_10	O controle de uso de 2004 a 2020 é realizado em planilhas do Excel e paralelamente em 2020 no Aleph.
USP_11	Estatística diária de uso
USP_13	Inclui o código de barras no sistema de circulação, funcionalidade consultas.
USP_16	Por meio de estatística em formulário de guarda do material.
USP_18	Controle feito pelos exemplares fora da estante, uma vez que a biblioteca não faz empréstimo de periódicos.
USP_19	Diariamente
USP_23	No momento da guarda do material é feita estatística de uso e nos relatórios de circulação do módulo Aleph.

Bibliotecas que utilizam o registro de empréstimo dos fascículos

UC_2	Através do registro de todo o material pedido em arquivo.
------	---

UC_4	Os periódicos só são emprestados aos Docentes do Departamento. Anualmente efetua-se a contagem dos empréstimos de fascículos efetuados.
ULisboa_8	O controle de uso é feito pela contagem dos números de revista ou de artigos de periódicos que são solicitados para consulta ou digitalização
ULisboa_3	Através do controlo das fichas de requisição dos materiais em depósito
ULisboa_5	Mediante registo dos pedidos de consulta
UMinho_2	Através de registo de requisições
UFMG_1	Através de sistema automatizado.
UFMG_12	Através do software de gestão da biblioteca Pergamum
UFRJ_6	Realiza estatística de uso através de formulário de empréstimo especial, onde o usuário é autorizado a sair com o fascículo apenas para retirar cópia, deixando seu documento de identidade no Setor de Referência. A biblioteca não faz empréstimo domiciliares da coleção de periódico.
UFRJ_7	Por meio de um formulário preenchido pelo bibliotecário que atende o usuário.
UFRJ_11	Realiza a estatística de empréstimo por tipo de material.
UFRJ_13	Pela referencia (título, volume, número, paginas e data); Data de solicitação e solicitante
UFRJ_14	Através do módulo circulação da base Minerva.
UNESP_1	Anualmente, ou quando necessário, através do software gerenciador de biblioteca
UNESP_3	Com empréstimo local na conta de consulta da biblioteca, antes de repor os exemplares nas estantes
UNESP_4	O controle é feito por meio do empréstimo manual ou pelo sistema da biblioteca
UNESP_14	Efetuamos a estatística das obras utilizadas em empréstimo e solicitações de fotocópias
UNESP_15	É realizado através de relatório gerado pelo sistema
USP_6	Via registro dos códigos individuais dos fascículos no ILS Aleph.
USP_7	Através do banco de dados Dedalus. Todos os periódicos estão cadastrados no sistema.

USP_12 Emprestamos pelo sistema Aleph em um registro provisório, pois nossos periódicos ainda não estão cadastrados no sistema de recuperação, mas conseguimos saber quais são os mais emprestados

Bibliotecas que utilizam o registro de uso local dos fascículos e empréstimos

UPorto_7 Através do número de empréstimos e pedidos de consulta.

UFMG_3 Relatórios de empréstimo do sistema Pergamum e também consultas internas

UFMG_5 Formulário impresso para empréstimo e estatística das consultas feitas no local.

UFRJ_10 Através de estatística de uso/ empréstimo de acervo disponível no setor de atendimento.

UFRJ_12 O controle de uso é realizado através do empréstimo domiciliar e consulta local.

UFRJ_17 Através dos dados obtidos com os exemplares emprestados e consultados.

UNESP_2 A Biblioteca realiza controle de uso do acervo, incluindo periódicos impressos por meio de relatórios de empréstimo e consulta pelo sistema.

UNESP_5 Através dos empréstimos registrados no sistema ou das consultas presenciais

UNESP_9 através do serviço de comut, pela plataforma de empréstimos e anotações de consulta

UNESP_12 Tiramos relatórios do sistema Alma (antigo Aleph) anualmente dos periódicos emprestados e consultados.

UNESP_21 Estatística dos fascículos que são emprestados e também dos que são apenas consultados

UNESP_22 Os que saem pra empréstimos tiramos relatório pelo sistema mensalmente e os que são consultados na Biblioteca são anotados numa planilha antes de voltar pro acervo

UNICAMP_1 Registro manual de consulta e empréstimo

UNICAMP_5 Através de coleta de uso diário consulta controle manual e empréstimo via sistema

USP_1 O controle é feito pelo sistema de empréstimo e pelo sistema de controle de uso das revistas na biblioteca. Neste caso, fazemos a leitura do código de barras das revistas que foram manuseadas dentro da biblioteca. A coleta desses códigos de barras é recente, faz uns 4 anos que começou.

- USP_4 O controle de empréstimos é feito pelo sistema automatizado Aleph. A consulta local é feita manualmente, no momento da guarda. Seria possível fazer esse controle também pelo sistema de empréstimos, mas é mais rápido fazer manualmente.
- USP_9 Os dados de consulta e empréstimo são coletados pelo Dedalus (Aleph -Ex-Libris)

Bibliotecas que não foi possível determinar

- ULisboa_1 Google analytics
- ULisboa_6 Através de plataforma online criada para o efeito e disponível no site da Biblioteca
- UMinho_1 A consulta é acompanhada e as revistas não podem sair da Biblioteca
- UFRJ_16 São registrados os quantitativos pesquisados
- UNICAMP_6 Banco de dados local em Access
- UNICAMP_10 Sim

Bibliotecas que não realizam o controle

- ULisboa_9 Não se faz estatística do uso de periódicos, nem nenhum controle de pedido de periódicos
- UFMG_2 O acervo de periódicos da biblioteca da física foi transferido para a biblioteca central, o controle é realizado lá, mas pelo sistema pergamum

APÊNDICE D – Respostas à Questão 12

Respostas à Questão 12: Por qual motivo a biblioteca não realiza assinatura de periódicos?

- | | |
|------------|---|
| UC_2 | Apenas usamos a B-on |
| ULisboa_4 | A Biblioteca só assina bases on-line |
| ULisboa_6 | Decisão que se desconhece |
| ULisboa_11 | Há cerca de 5 anos a assinatura de periódicos passou a ser efetuada pelos Departamentos, paga pelos Departamentos |
| UMinho_1 | Trabalha com permutas o ofertas |
| UMinho_2 | Financiamento insuficiente |
| UPorto_5 | Porque não se justifica pela quantidade de periódicos que existem online em bases de dados que a Biblioteca e a Universidade do Porto assinam e pelo consórcio B-ON |
| UPorto_6 | Razões de gestão |
| UPorto_11 | Ausência de orçamento. |
| UFMG_1 | Desde que a Universidade passou a fazer parte do Portal de Periódicos Capes, não fazemos mais assinatura de periódicos. |
| UFMG_2 | Não é de interesse, pois estão disponíveis no Portal da capes. |
| UFMG_3 | Principalmente por falta de verba específica |
| UFMG_4 | Verba cortada pelo governo federal |
| UFMG_5 | Por falta de verbas para assinaturas, por possuímos acesso aos periódicos via Portal de Periódicos Capes e por meio de cooperação entre bibliotecas. |
| UFMG_6 | A Instituição tem acesso ao Portal da Capes |
| UFMG_7 | Pela Instituição contar com o Portal de Periódicos da Capes |
| UFMG_8 | As necessidades dos usuários de periódicos correntes são atendidas pelo Portal Capes |
| UFMG_9 | Sem verba e a maioria dos títulos das bibliografias já está no portal Capes. |
| UFMG_10 | Limitação orçamentária desde 2014 com ênfase em convênios para atender demandas. Tendência para investimentos em acervos digitais, contudo situação agravada pela limitação orçamentária uma vez que TI e acervos digitais precisaria de orçamento significativo por estarmos tratando de áreas complexas e valores agregados aos produtos. |

UFMG_11	As assinaturas são realizadas de forma centralizada para atender todas as bibliotecas do Sistema de Bibliotecas da UFMG, através do Portal de Periódicos CAPES.
UFMG_12	Em grande maioria, estão contempladas no portal de periódicos da capes
UFMG_13	Temos assinatura do portal de periódicos capes
UFMG_14	Falta de verba.
UFRJ_1	As publicações de interesse estão disponíveis online.
UFRJ_2	setorial
UFRJ_3	Utilizamos bases de dados onde encontram-se os periódicos científicos que utilizamos no IESC
UFRJ_5	falta de verba
UFRJ_6	Particularmente, não sei o motivo. As aquisições são planejadas pelo sistema de bibliotecas, portanto o sistema é responsável pelas assinaturas dos periódicos. Bibliotecas que detêm assinaturas, são aquelas que um instituto ou a decania faz a assinatura e biblioteca é somente a depositária dos fascículos.
UFRJ_7	Falta de verba e falta de interesse do corpo docente.
UFRJ_8	Não estamos com espaço para acomodá-los, desde o incêndio de 2016, no Prédio da Reitoria, onde ficava a coleção. O novo espaço é metade do que tínhamos, assim, priorizamos o acervo geral, e a coleção de periódicos, em sua maioria, está disponível no Portal da CAPES, acessado pela comunidade acadêmica da UFRJ.
UFRJ_9	Pois temos acesso ao Portal de Periódicos da Capes
UFRJ_10	Passou a utilizar o Portal de periódicos da Capes.
UFRJ_11	A biblioteca possui a assinatura do Portal Capes e Bases de Dados.
UFRJ_12	Por questões administrativas da instituição e por ter acesso ao Portal de Periódicos da CAPES.
UFRJ_13	Devido a criação do Portal de Periódicos da Capes
UFRJ_14	O portal Capes tem atendido a demanda da unidade.
UFRJ_15	A coleção de periódicos da Biblioteca de Ginecologia da UFRJ é feita por doação de nossos usuários. Infelizmente nosso Instituto não destina verba específica para compra de acervo.
UFRJ_16	Não temos verba
UFRJ_17	verba

- UNESP_2 As assinaturas eram mantidas pela Reitoria e sofreram corte de verbas há uns 4 ou 5 anos
- UNESP_3 Corte nos orçamentos já tem alguns anos
- UNESP_6 Há a assinatura de periódicos DIGITAIS, feita pela Central, não pela Biblioteca
- UNESP_8 As assinaturas são feitas pela universidade para acesso online.
- UNESP_17 Falta de verba para compra e muitos estão online.
- UNESP_18 Utilização maciça dos periódicos eletrônicos pela comunidade
- UNESP_19 A instituição tem priorizado a assinatura de títulos virtuais (a CGB - Coordenadoria Geral de Bibliotecas assina 22 títulos, além das bases), pois o uso dos impressos tem caído gradativamente. Além disso, muitos editores também deixaram de publicar a versão impressa, ficando somente com a eletrônica
- UNESP_22 Porque a maioria dos periódicos relevantes da área encontram-se no formato eletrônico na CAPES
- UNICAMP_2 Substituímos por títulos eletrônicos, principalmente por falta de espaço físico.
- UNICAMP_7 Atualmente, a maioria das consultas aos periódicos são os periódicos digitais, que estão em bases de dados no site do Sistema de Bibliotecas da Unicamp.
- UNICAMP_8 Por política da universidade não adquirimos mais periódicos impressos devido ao limite de espaço de armazenagem.
- USP_8 Verba
- USP_12 Pois parte de nosso acervo está na Biblioteca da EESC, inclusive os periódicos e eles fazem o controle das assinaturas dos títulos dos periódicos, mas participamos do processo de renovação, manutenção e assinatura de novos títulos. O IAU foi um dia Departamento da EESC, como ainda não temos espaço na biblioteca, ainda continuam lá.
- USP_15 Priorização de assinatura de periódicos digitais/online.
- USP_20 Os periódicos da área são online e a assinatura é feita de forma centralizada pelo SIBi/USP.

APÊNDICE E – Respostas à Questão 17

Respostas a opção 'Outros' da Questão 17: Por qual motivo é realizada a assinatura de ambos os formatos?

- UC_4 a opção pelo formato a assinar depende dos custos de cada formato para cada periódico + das garantias de acesso perpétuo dos editores
- ULisboa_5 Quando a publicação possui embargo
- ULisboa_8 Porque a editora não dá alternativa. A nossa opção seria apenas digital
- ULisboa_10 Assinaturas impressas com oferta do digital
- UPorto_2 A perda de acesso ao documento digital com o passar dos anos torna a assinatura impressa apelativa. Muitas vezes, o valor da assinatura em ambos os formatos fica muito ligeiramente acima da assinatura em versão digital pelo que optamos pelos dois formatos.
- UPorto_10 A opção pelo formato papel ou eletrónico tem em conta o fator preço e a perenidade da informação em matérias em que tal se revele mais importante
- UNESP_1 idem reposta anterior
- UNESP_15 Realizamos a assinatura em formato impresso das revistas que não oferecem acesso multiusuário
- UNESP_20 Assinatura de alguns títulos impressos, são algumas solicitações pontuais de interesse apenas de uma ou outra disciplina
- UNESP_21 Quem controla as assinaturas é a Coordenadoria Geral de Bibliotecas
- UNICAMP_1 Suspendemos a assinatura do impresso quando surge o digital
- UNICAMP_5 A política de assinaturas é determinada pela Biblioteca Central da Unicamp
- USP_1 Na FAU ainda era forte a cultura da revista impressa e essa tem sido a formal preferencial, pelo menos até 2019. Os títulos em formato digital são assinados de forma coletiva pela universidade. Nem todos os títulos que a FAU precisa existem em formato digital ou em formato digital que oferece acesso remoto para múltiplos usuários. Não sei se a universidade prioriza assinar com editores/bases de dados que garantem o acesso perpétuo.
- USP_2 variações de acordo com valores e com a disponibilidade de cada publicação (modelo de negócios)
- USP_6 Há modelos de negócio que fornecem o conteúdo concomitantemente em formato impresso e digital.
- USP_19 Alguns títulos são assinados por outras bibliotecas da USP
- USP_23 AGUIA-USP tem critérios para este tipo de assinatura

APÊNDICE F – Respostas à Questão 18

Respostas a opção 'Outros' da Questão 18: Como a biblioteca realiza a assinatura dos títulos digitais?

- ULisboa_1 Concurso público
- ULisboa_9 Reitoria
- UPorto_2 A FADEUP assina diretamente os 30 títulos mencionados anteriormente, contudo, tem acesso a milhares de títulos disponíveis pela aquisição de bases de dados através da Universidade do Porto
- UPorto_10 Assinamos bases, individualmente ou em conjunto com a Universidade, que contêm coleções de publicações periódicas de interesse para a comunidade
- UNESP_1 idem reposta anterior
- UNESP_9 A CGB - Coordenadoria Geral de Bibliotecas que faz a assinatura
- UNESP_15 Assinaturas realizadas pela Coordenadoria Geral de Bibliotecas para a Rede de Bibliotecas e também acesso ao Portal de Periódicos Capes
- UNESP_20 As assinaturas dos periódicos digitais são realizadas por nossa Coordenadoria Geral de Bibliotecas (CGB) da UNESP.
- UNESP_21 Não temos acesso ao controle de assinaturas, quem realiza é a Coordenadoria Geral de Bibliotecas
- UNICAMP_5 A política de assinaturas é determinada pela Biblioteca Central da Unicamp
- USP_9 a assinatura é centralizada na USP e adquirimos títulos e pacotes
- USP_16 Consorcio CAPES
- USP_18 Também assinamos com verba da unidade
- USP_23 AGUIA tem condições de responder esta pergunta

APÊNDICE G – Respostas à Questão 28

Respostas a Questão 28: Por qual motivo a biblioteca intenciona realizar o desbaste da coleção de periódicos impressos?

Respostas		Motivos identificados	
ULisboa_1	Periódicos repetidos	Retirar as duplicatas	
ULisboa_7	Melhor gestão do espaço físico, uma vez garantido o acesso digital	Espaço físico	Acesso digital
UFMG_6	Deseja manter somente os periódicos que não estão disponíveis na Internet	Acesso digital	
UFMG_7	Otimizar espaço da Biblioteca para novas obras	Espaço físico	
UFMG_13	Periódicos que são recebidos por doação e que já estão no portal capes,	Acesso ao Portal de Periódico da Capes	
UFRJ_7	Otimização de espaço físico baseado no documento Política de Desenvolvimento de Coleção.	Espaço físico	
UFRJ_8	Não temos espaço e, em sua maioria estão acessíveis digitalmente pelo portal da CAPES	Espaço físico	Acesso ao Portal de Periódico da Capes
UFRJ_13	Obsolescência, desatualização, material danificado e espaço	Obsolescência	Retirar o material danificado Espaço físico
UFRJ_15	Quando fizermos o remanejamento do acervo teremos que desbastar a coleção de periódicos, pois nosso espaço físico é pequeno.	Espaço físico	
UNESP_1	Melhoria do espaço físico	Espaço físico	

UNESP_18	Uso inexpressivo da totalidade dos títulos da coleção, em sua maioria disponíveis também de forma on-line	Falta de uso	Acesso digital		
UNESP_19	Combinação de alguns fatores como: falta de espaço físico, necessidade de remanejamento de coleções, desuso de alguns títulos, disponibilidade da versão on-line	Espaço físico	Remanejamento de coleção	Falta de uso	Acesso digital
UNESP_21	Otimizar espaço no acervo de títulos sem nenhum uso dando lugar aos títulos bastante utilizados.	Espaço físico	Falta de uso		
UNICAMP_3	A biblioteca possui títulos duplicados com outras bibliotecas. Sendo os títulos de coleção básica a biblioteca intenciona deixar com as outras bibliotecas títulos que não são específicos da área.	Retirar as duplicatas			
UNICAMP_5	Títulos que estão em formato digital (Assinaturas perpétuas), títulos obsoletos, títulos danificados	Acesso digital perpétuo	Obsolescência	Retirar o material danificado	
USP_6	Devido à diminuição do uso do impresso; à garantia de acesso eletrônico perpétuo para boa parte dos títulos; à gestão do espaço físico; e estabelecimento da real coleção nuclear.	Falta de uso	Acesso digital perpétuo	Espaço físico	
USP_8	Espaço físico	Espaço físico			
USP_16	Devido há várias coleções repetidas na universidade. Títulos com acesso perpétuo pela CAPES ou Universidade.	Ter acesso em outras universidades	Acesso ao Portal de Periódico da Capes		
USP_23	Falta de espaço físico para armazenar os periódicos impressos	Espaço físico			

APÊNDICE H – Respostas às Questões 29a. e 30a.

Respostas às Questões 29a e 30a: Se a resposta a questão 29/30 foi sim, por favor, especifique a atividade executada pela biblioteca que pode resultar no desbaste.

AU_1	São tido em conta vários critérios, nomeadamente: consulta/empréstimo, oferta, o assunto é de interesse para a comunidade UA e existe online do site do proprietário da revista.
UC_1	Reestruturação do espaço da sala de periódicos para criar mais lugares para os/as utilizadores/as.
UC_3	Ver quais os periódicos mais usados anualmente; que áreas científicas são mais procuradas bem como os anos de publicação dos títulos, etc.
UC_6	Controle bibliográfico (eliminação de duplicados e de títulos que existem noutras bibliotecas da UC e que não têm interesse para os SBD)
ULisboa_1	existirem números repetidos
ULisboa_3	Reorganização dos depósitos
ULisboa_6	Contratação de uma empresa que faça a restauração/preservação do documento
ULisboa_7	Sé são registados no máximo 3 exemplares de cada item. Podemos abater algum, caso se receba uma oferta de outro em melhor estado / Análise do uso e fazer a coleção passar para arquivo intermedio
ULisboa_8	Controle da utilização da coleção (estatística de empréstimo, número de cópias e de digitalização)
ULisboa_10	Reorganização do arquivo e nova classificação pós-coordenada
ULisboa_11	A maioria das publicações encontram-se online. O Depósito da Biblioteca não tem espaço suficiente para albergar todas as coleções
UPorto_1	Processos de arrumação de exemplares, gestão das doações
UPorto_3	Faz a encadernação
UPorto_4	Reorganização do espaço onde se encontram os periódicos. Deterioração após inundação.
UPorto_7	Reordenação de espaço físico.
UFMG_1	Caso o periódico impresso esteja disponível (livre acesso) em na plataforma Scielo, já é descartado.
UFMG_10	Atualmente fazemos somente a rotina de registro dos itens.
UFMG_11	ventralização da coleção de periódicos de várias bibliotecas da mesma área.

UFMG_12	Remanejamento do acervo
UFRJ_15	Quando executarmos o remanejamento do acervo teremos que desbastar a coleção de periódicos, pois nosso espaço físico é pequeno.
UNESP_8	Remanejamento de acervo para outras unidades da Universidade, doação de duplicatas de obras não relacionados aos cursos de graduação para bibliotecas públicas da região.
UNESP_9	remanejamento do acervo, controle bibliográfico
UNESP_12	Analizamos se tem o periódico impresso em pelo menos uma das bibliotecas da Rede unesp ou do Brasil (via CCN) e se tem também disponível online.
UNESP_13	Estamos desenvolvendo o instrumento que regula o desenvolvimento das coleções da Biblioteca
UNESP_17	Remanejamento do acervo
UNICAMP_2	Remanejamento de Acervo para Biblioteca de Obras Raras Fausto Castilho. O Prédio foi estruturado e possui equipamentos adequados para preservação dos nossos títulos de periódicos especiais.
UNICAMP_3	Através de relatórios de uso da coleção
UNICAMP_8	Remanejamento de acervo para readequação do espaço interno do prédio.
UNICAMP_10	Retirada de duplicatas e estamos estudando a realocação para um facility
USP_1	Na verdade não trata-se de um projeto no rigor da palavra, mas nos últimos 10 anos a falta de espaço tornou-se um grande problema e há 5 anos vimos analisando alguns títulos de periódicos para desbaste. O processo é lento porque ninguém sente muita segurança em descartar mesmo que os títulos selecionados não sejam específicos para as áreas de atuação da FAU, afinal houve investimento de verba para compra, encadernação e manutenção. Professores foram envolvidos no processo para auxiliar na análise e mesmo aprovado o descarte, feitas todas as comunicações necessárias, divulgação para outras bibliotecas o volume é grande, é trabalhoso dar baixa na coleção, preparar o material para tirar da biblioteca e descobrir o que fazer com as revistas (fascículos e volumes encadernados) que as outras instituições não quiseram receber. Não temos espaço de reserva para deixar o material descartado até conseguir dar o destino final.
USP_3	Qualquer atividade relacionada a Avaliação do Acervo, poderá resultar em desbaste, que é o processo pelo qual se retira do acervo títulos e/ou exemplares, parte de coleções, quer para remanejamento ou para descarte. Deve ser um processo contínuo e sistemático, que visa obter maior espaço físico para a coleção em uso e a manutenção da qualidade do acervo.

- USP_4 Há desbastes quando são identificados títulos desatualizados, sem uso ou itens que completam a coleção de outra biblioteca do Campus, onde o título é mais pertinente.
- USP_5 Remanejamento de acervo com otimização de espaço físico, desdobramento de coleções de periódicos antigas no banco de dados da Universidade e encadernação
- USP_6 Estamos consultando quais títulos se encontram em formato digital, com acesso perpétuo ou em acesso aberto (com preservação em dark archives).
- USP_9 Remanejamento do acervo
- USP_13 Política de desenvolvimento de coleções em elaboração.
- USP_16 Estudo com biblioteca da USP da mesma área caso Física. Cada biblioteca ficaria com parte do acervo comum e o restante seria doado o descartado.
- USP_18 Material pertinente ao assunto, quando existe em outro acervo da própria universidade, remanejamento de acervo.
- USP_19 Remanejamento de acervo e espaço físico (baseado nos itens menos consultados)
- USP_21 Remanejamento do acervo, identificação de títulos de conteúdo informativo e relatório de divulgação de instituições afins que não trazem conteúdo científico.
- USP_23 Remanejamento do acervo para outro prédio pois as coleções de periódicos mais antigos e sem uso ocupam muito espaço e este foi remodelação para atender outras demandas como salas de estudo para usuários. / Remanejamento de coleções antigas para outro prédio visando liberar espaço para salas de estudo. A chefia da Biblioteca pretende realizar um estudo para o desbaste da coleção ainda em 2021.

APÊNDICE I – Respostas à Questão 31

Respostas à opção ‘outros’ da Questão 31: Qual a foi a motivação que levou efetivamente a ação de desbaste da coleção de periódicos impressos?

UC_1	À exceção das ultimas duas opções, todas as mencionadas se aplicaram aos vários projetos de desbaste.
ULisboa_1	números repetidos
ULisboa_5	Coleções sem uso e incompletas; fascículos duplicados
ULisboa_10	Elevado número do mesmo exemplar e/ou duplicação do título
UFRJ_3	Praticamente todas as opções acima, inclusive falta de espaço e baixa usabilidade, acesso ao Portal Capes
UFRJ_10	O conteúdo não era acadêmico ou científico.
UFRJ_11	Infiltração na biblioteca causando danos em alguns fascículos da coleção de periódicos.
UFRJ_12	Falta de espaço físico e baixa usabilidade.
UNESP_5	Falta de espaço físico. Baixa usabilidade.
UNESP_9	Muitos fascículos faltantes, existe em outra biblioteca da rede da Unesp, ter no formato digital (cruza-se diversos critérios para desbaste)
UNESP_11	Tivemos um problema com goteiras na área de periódicos, o que causou danos irreparáveis em alguns fascículos
UNESP_16	Critérios como: circulação, data de publicação, quantidade de exemplares, obsolescência do conteúdo, periódico disponível on-line, entre outros.
UNICAMP_2	Junção de três fatores: Falta de espaço físico, Ter o acesso a versão digital (por assinatura do título e/ou em pacotes de agregadores, sem acesso perpétuo) e a biblioteca adquiriu backfiles eletrônicos das coleções (em acesso perpétuo)
UNICAMP_3	Uma junção dos itens acima
USP_4	Dependendo do título avaliado, todas as razões pode ser consideradas.
USP_6	Essa pergunta deveria permitir mais de uma resposta, pois não uma única motivação. Baixa usabilidade, falta de espaço físico, obsolescência do formato e acesso via backfiles são as principais motivações.
USP_12	Dependendo do título avaliado, todas as razões pode ser consideradas.
USP_16	Falta de espaço físico, Baixa usabilidade, Ter acesso portal CAPES,
USP_23	Falta de espaço físico, baixa usabilidade e obsolescência do conteúdo

APÊNDICE J – Respostas à Questão 35

Respostas à opção 'Outros' na Questão 35: De que maneira se procedeu com o desbaste da coleção de periódicos?

- UPorto_11 Quando foi preciso aquele espaço.
- UFMG_3 Durante um período de alteração do leiaute da Biblioteca que possibilitou verificar o acervo de modo mais eficaz.
- UFMG_4 Coleção encontrada ocasionalmente no acervo, cujo conteúdo foi considerado obsoleto e/ou de área de conhecimento irrelevante para o público-alvo da unidade
- UFMG_11 Durante períodos de inventário, em alguns anos, e de maneira contínua em outros períodos.
- UFRJ_11 Foi realizado após ter ocorrido o incidente da infiltração na biblioteca.
- UFRJ_12 Após a reforma da biblioteca.
- UNESP_6 doações a interessados, de forma contínua
- UNESP_11 Foi um evento pontual, depois de identificado os danos da coleção
- UNESP_13 Foi realizado antes da minha admissão na UNESP
- USP_23 ainda não foi executado

APÊNDICE K – Respostas à Questão 36

Respostas à opção 'Outros' na Questão 36: Quanto aos títulos ou volumes remanejados, qual foi a destinação lhes dada?

- ULisboa_11 Oferta dos títulos a outra instituição
- UPorto_5 Desmaterialização
- UPorto_11 Doação ao exterior.
- UFMG_1 Doação.
- UFRJ_2 doação a outra universidade
- UFRJ_12 Os títulos ou volumes foram remanejados para local próximo à biblioteca.
- UNESP_6 doações a interessados
- UNESP_8 Foram transferidos para outras unidades da Universidade ou doados para outras instituições.
- UNESP_9 Doação para outras bibliotecas da Unesp
- UNESP_11 Não houve remanejamento, apenas descarte
- UNESP_13 Não tenho essa informação, estaria em arquivos físicos e estou em home office
- USP_1 Não temos espaço extra para guarda na biblioteca, no prédio ou fora. Alguns itens de pouco uso ou que foram aprovados para descarte foram removidos do acervo circulante para estantes "temporárias" para abrir espaço para itens correntes que estavam fora do alcance dos usuários. Mas não há como fazer um grande remanejamento.
- USP_4 Quando algum título é avaliado e retirado do acervo, é imediatamente doado a outras instituições.
- USP_9 Descarte
- USP_12 não remanejamos
- USP_16 Ainda não concluímos o estudo.
- USP_17 Doação para outras Unidades e Instituições
- USP_18 Permaneceram no acervo da biblioteca
- USP_21 descartadas, pois, eram coleções adquiridas por doação sem conteúdos científicos

APÊNDICE L – Respostas à Questão 37

Respostas à opção 'Outros' na Questão 37: Selecione as opções que reflete a destinação dada as coleções ou volumes, descartados:

UC_1	Colocar no espaço de ofertas à comunidade
UC_6	Doação à comunidade académica da FLUC
ULisboa_3	Doação aos leitores da biblioteca
UFMG_3	Doação para outras bibliotecas e usuários.
UFMG_4	Alocação na área de doação para usuários; descarte
UFRJ_10	Não foi descartada.
UFRJ_12	As coleções ou volumes não foram descartados.
UNESP_6	doações a interessados
UNESP_13	Não tenho essa informação
UNICAMP_3	A reciclagem foi a última alternativa
UNICAMP_8	Departamentos interessados
UNICAMP_10	Reciclagem, pois o que foi retirado era duplicatas
USP_1	Os títulos aprovados para descarte foram oferecidos para outras bibliotecas da própria universidade. Algumas pediram coleções inteiras ou volumes para completar suas coleções. Todos os outros itens ainda estão nas estantes sem saber para onde vamos enviá-los. Algumas bibliotecas costumam doar para instituições de caridade que acabam vendendo o material, mas isso exige um cuidado maior ao remover os itens da coleção por causa de carimbos, etiquetas e exlibris.
USP_12	Reciclagem, quando haviam muitas duplicatas, distribuímos para alunos e docentes
USP_16	Ainda não concluímos o estudo
USP_23	ainda não foi executado desbaste mas pretende-se doar a bibliotecas integrantes do CCN

APÊNDICE M – Respostas às Questões 38 e 38a.

Respostas às Questões 38 e 38.a:

38. Faça um breve relato de como ocorreu o processo de desbaste da coleção de periódicos impressos, podendo incluir; a estratégia e táticas adotadas; as decisões tomadas; se houve casos especiais, como as coleções de belas artes em que a qualidade das imagens é relevante; entre outras informações sobre a execução do desbaste que julgar ser importante para que o processo tenha ocorrido com êxito e que não esteja abordado em questões anteriormente respondidas.

38.a) Especifique quais os critério considerado para desbaste e/ou retenção das coleções:

AU_1

Estrategicamente só foram abatidos os Periódicos, obtidos por oferta, que não se enquadram nas temáticas de estudo/investigação da UA. Os que não eram consultados foram transferidos para um local de armazenamento.

A estratégia compreende o interesse dos mesmos para os objetivos da UA, nas suas dimensões de ensino, investigação e cooperação (onde se inclui a componente cultural).

PLANO – DESCARTAR REVISTAS/PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS OBSOLETAS

I – Fundo Geral

1. Selecionar dos Dossiers de Arquivo (Cinzentos) do Fundo Geral – A a Z os títulos que se consideram obsoletos.
2. Caso haja relevância temática, mantém-se o título no Depósito e adiciona-se a hiperligação ao Escaparate de Publicações Periódicas da BNS.
3. Caso sejam títulos adquiridos por compra: Manter, mesmo quando transferido para o Depósito.
4. Completar o expurgo do fundo geral, sem movimentar os títulos nas estantes.
5. Verificar se os títulos selecionados para expurgo existem noutras bibliotecas da UC.
 - a. Se tiverem faltas coloca-los de parte para “oferecer” às bibliotecas detentoras dos títulos.os números/volumes em falta .
 - b. Se não existirem noutras bibliotecas, ponderar a sua manutenção no acervo, dependendo da relevância.

6. Encomendar o carimbo com a seguinte informação: DESCARTADO

Carimbar os itens na página onde se encontra a identificação da instituição, de preferência sobrepondo a mesma.

II – Biblioteca NORTE/SUL (em Depósito)

1. Selecionar dos Dossiers (Amarelos) do Arquivo da BNS – A a Z os títulos que se considerem obsoletos
2. Proceder de acordo com os pontos 2. a 6. Das instruções do Fundo Geral

III – Biblioteca Norte/Sul – Sala de periódicos

1. Prosseguir de acordo com as instruções em I e II.. Deixar os títulos relevantes nas estantes da sala e retirar para Depósito os títulos menos relevantes.
2. Integrar todos os títulos numa coleção apenas, seguindo a organização de A a Z e integrar a fichas nos Dossiers Amarelos.
3. Anotar na Ficha de Título “Em Depósito” para todos os títulos transferidos para o mesmo.
4. Para os títulos mais relevantes: manter a o formato impresso na BNS.
5. Para os títulos mais relevantes, se houver hiperligação, pedir ao Gabinete de Tecnologia e Informatica para adicionar/criar um ponto de acesso no Escaparate de Publicações Periódicas da BNS.

UC_1

Obsolescência, Disponibilidade em bases de dados, disponibilidade em outras bibliotecas.

UC_3

As questões anteriores são as bases que consideramos serem importantes no "desbaste" da coleção de periódicos.

1. Uso
2. Periodicidade do título
3. Conteúdo
4. Espaço

UC_6	Inventariação dos títulos e números existentes, identificação de títulos duolicados, identificação de títulos sem interessa para a FLUC e que existam noutras bibliotecas da UC, identificação de títulos online	Existe mais do que uma coleção do mesmo título na FLUC? Fica apenas uma e se for um título publicado pela UC ou muito consultado ficam duas coleções, uma para consulta outra para preservação. O título não tem interesse para a FLUC e existe noutra biblioteca da UC? Oferecemos os números que temos para que essa biblioteca completa a sua coleção? O título existe online, com garantia de acesso e a coleção que possuímos está incompleta ou possuímos poucos números? Eliminação dos títulos e números existentes. Relativamente aos números que resultam deste desbaste, faz-se uma lista dos mesmos que é enviada às bibliotecas a UC que manifestam o seu interesse ou não neles. O que sobra é colocado à disposição da comunidade académica da FLUC. O que não for escoado é entregue para reciclagem.
ULisboa_1	Realizado como tarefa do dia a dia e na altura do registo de um periódico	Existência de números repetidos
ULisboa_3	O essencial foi observar fascículos duplicados, percorrendo toda a coleção de A a Z e tendo atenção a manter a integridade e completude das coleções	Duplicados (documentos existentes), critérios temáticos e estado de conservação (documentos a incorporar)
ULisboa_4	Através de lista de acessos online perpétuos	Acessos online
ULisboa_5	Por nunca ter existido uma PDC, ao longo dos anos foram acumulados (através doações) alguns periódicos sem relevância para as temáticas lecionadas na Faculdade ou obsoletos, e por esse motivo foram descartados. Outros títulos foram retirados para o depósito dada a fraca utilidade que apresentavam para os utilizadores, mas que respondiam a algumas temáticas lecionadas.	Descartar/eliminar apenas os títulos adquiridos por doações e não relevantes para o curso. Deslocar para depósito títulos com bastante idade e não usados pelos utilizadores.
ULisboa_6	Orientações superiores	Orientações superiores
ULisboa_7	Xx	xx
ULisboa_8	A principal ação de desbaste ocorreu com os títulos repetidos. Verificaram-se todos os números de um título, constituiu-se uma coleção completa e os restantes números repetidos foram reciclados. Outro critério foi reciclar os títulos muito genéricos, não enquadrados nas áreas científicas da instituição.	Critério principal para desbaste: coleções de periódicos repetidos

ULisboa_10	Processo integrado num dos objetivos do serviço e colaboração com outras bibliotecas congéneres	Desbaste - duplicação de títulos e/ou exemplares; Retenção - títulos da área das ciências farmacêuticas e/ou saúde
ULisboa_11	Houve iniciativa por parte da Direção da Instituição para se proceder ao desbaste	As publicações encontram-se online; não há solicitação dos utilizadores
ULisboa_12	títulos sem continuidade regular, pouco ou nada utilizados	sem utilização
UPorto_1	A lista dos exemplares foram partilhadas com outras bibliotecas universitárias portuguesas e enviados os exemplares indicados como pretendidos por estas. Houve ainda exemplares que foram enviados para bibliotecas de outros países (nomeadamente CPLP) no âmbito de parcerias da FEUP. O que não teve manifestação de interesse foi enviado para reciclagem (através do Banco Alimentar)	Duplicados e conteúdos não prioritários para a FEUP
UPorto_3	Oferta ao utilizador é a melhor forma de desbaste.	Oferta ao utilizador
UPorto_4	O processo de desbaste foi feito em conjunto com todos os colaboradores da Biblioteca e com o Arquivo. Foi feito um estudo minucioso a cada título, nomeadamente a sua antiguidade, o uso, a origem, o grau de conservação a sua raridade e o acesso on-line. Foi elaborado um fluxograma com vários parâmetros. Decidiu-se logo de início que os periódicos portugueses iriam ser todos conservados.	Antiguidade, o uso, o seu estado, língua, origem
UPorto_5	Eliminação de todas os títulos que estavam disponíveis online, de títulos que não eram revistas científicas e existiam poucos exemplares de cada um.	Já respondi acima.
UPorto_7	Não havendo ainda política de gestão das coleções, foi apresentada à Direção da Faculdade uma proposta de abate de "abstracts" (publicações periódicas impressas que contém apenas citações e resumos, de três áreas, ocupando cerca de 200 metros lineares); foram indicadas para reciclagem; foi feito um auto de abate.	Estatísticas de uso e reordenação do espaço físico.
UPorto_11	Os periódicos foram todos doados por falta de espaço.	Nenhum.
UFMG_1	O desbaste da coleção de periódicos impressos surgiu de um projeto de atualização da Política de Desenvolvimento do Acervo do Sistema de Bibliotecas da UFMG. Foram feitas reuniões do Grupo de Desenvolvimento de Acervo, e a partir de relatos de todas as bibliotecas, se formou uma só política para o Sistema.	É verificado se o periódico está com acesso livre no Portal Scielo, imediatamente é descartado. Mas também é verificado se o periódico é raro ou especial, conforme a unidade de informação, este é mantido no acervo.

UFMG_3	O processo de desbaste foi iniciado e não se deu andamento. Naquele ano de 2012 as possibilidades eram diferentes das atuais.	Verificamos que boa parte do acervo impresso deve ser preservado e ser de uso restrito, pois não há acesso digital.
UFMG_4	O descarte é feito de modo casual no processo de catalogação/atualização de todos os títulos da unidade, onde todos os títulos são analisados por ordem alfabética. Ao se encontrar um título de conteúdo meramente informativo ou de dados estatísticos (boletins, anuários estatísticos etc.), o título é repassado para a chefia da biblioteca para análise e, se a chefia autorizar o desbaste, nós do setor de periódicos excluímos os títulos do Catálogo de busca online da instituição e solicitamos à Ana Lúcia do Ibict a retirada dos títulos do Portal CCN. Depois verificamos o interesse de outra unidade da UFMG de área do conhecimento mais pertinente da área do título a ser descartado, e caso não ocorra interesse de nenhuma unidade, deixamos os fascículos numa área destinada à doação de usuários. Se não houver interesse por parte dos usuários depois de algumas semanas, os exemplares são descartados.	DESBASTE: obsolescência - assunto impertinente - exemplar em fase avançada de deterioração ou quase impossível seu uso de forma completa devido a maioria de páginas arrancadas; RETENÇÃO: coleção de obras raras produzidas por antigos professores da própria instituição, títulos produzidos pela própria Escola de Engenharia de onde faz parte nossa biblioteca
UFMG_9	Tínhamos uma planilha de títulos consultados. Então, nos baseamos nessa planilha e tbm no estado físico dos exemplares. Além de verificar se o título constava do catálogo do Portal Capes ou site próprio da revista.	Acima mencionados
UFMG_11	Foram retiradas todas as duplicatas de periódicos, menos em caso de fascículos que continham publicações de congressos e seminários (neste caso, manteve-se , no mínimo, dois exemplares de cada fascículo). Periódicos que traziam informações que se tornaram obsoletas em dois anos (ex. boletins da área de informática,) foram descartados, ano a ano, até serem eliminados em sua totalidade. A maioria do descarte se deu por tratar-se de duplicatas, em relação a coleção e outras bibliotecas localizadas no mesmo campus.	obsolescência, duplicidade, acesso liberado através do Portal Capes.
UFMG_12	Antes de enviar os materiais para o desbaste fizemos uma reunião com a Comissão da Biblioteca para avaliar e aprovar a sua realização.	desbaste: periódicos não correntes e que não apresentem demanda; periódicos de divulgação geral; periódicos recebidos em duplicata
UFRJ_1	A biblioteca precisava de espaço para estudos e os periódicos não eram utilizados, em sua maioria. A coleção era basicamente de doação de exemplares duplicados recebidos por uma biblioteca maior, a do Centro de Ciências da Saúde. Antes de realizar o desbaste fizemos uma avaliação dos títulos e se os nossos números estariam em falta em alguma outra biblioteca. Informamos às bibliotecas do CCS e repassamos o que era de interesse. O que não foi aproveitado estava disponível online e destinamos para reciclagem mantendo apenas	Assunto de interesse, disponibilidade online.

uma coleção que é publicada pelo instituto. A nossa decisão foi comunicada e aprovada pela direção local.

UFRJ_2	doação a outra biblioteca de outro estado	pouco uso
UFRJ_3	O imperativo foi a questão do espaço físico ou a falta dele.	Obsolescência
UFRJ_10	Durante o inventário da coleção de periódicos, identificamos pequenas coleções não acadêmicas, de conteúdo apenas informativo. Retiramos da coleção de periódicos para outro local, restrito ao usuário a fim de avaliar posteriormente a necessidade do mesmo permanecer no acervo.	Periódicos de conteúdo não acadêmico e não relacionado a área de interesse da Biblioteca, mas que estavam no acervo de periódicos por muitos anos.
UFRJ_11	Não sei dizer de fato como ocorreu o desbastamento da coleção, pois a biblioteca não possui um documento do processo de desbastamento. Apenas quando fui trabalhar na biblioteca (2012), tomei conhecimento verbalmente que tinha havido uma infiltração na biblioteca e foi preciso descartar alguns fascículos por estarem degradados.	O critério que pode ser adotado é o fascículo está disponível em algum suporte eletrônico.
UFRJ_12	A biblioteca passou por reforma em 2017 onde o espaço físico foi modernizado e incluído espaço confortável de estudo e leitura para os usuários. Com isso, houve a necessidade de se remanejar a coleção de periódicos e outras coleções para local próximo à biblioteca. Acrescentamos que essas questões de desbaste e descarte, entre outras, serão incluídas na política de formação e desenvolvimento de coleções da biblioteca, em construção.	Foram considerados para o desbaste das coleções os critérios de falta de espaço físico e baixa usabilidade.
UFRJ_14	Verificação de exemplares repetidos. Completeza da coleção para outras bibliotecas. Remanejamento ao CCS.	Exemplares iguais
UNESP_2	O único desbaste de periódicos ocorreu por volta de 1996. Na época foi estudado o fluxo de empréstimo entre as bibliotecas da Rede de Bibliotecas da Unesp e percebeu-se títulos que eram atendidos comutação de artigos para outras unidades em número maior do que consultados na própria biblioteca. Também alguns títulos que não tinham consulta/empréstimo na unidade pois o assunto não era específico e podiam atender outras unidades.	Baixa utilização, assunto geral e desatualizado, acesso por outras formas (on-line, Portal da Capes - atualmente)

UNESP_4	O processo de desbaste foi motivado pela necessidade de liberar mais espaço para estudo aos alunos. O processo de avaliação foi muito cuidadoso, buscando preservar os títulos/fascículos que deveriam ser mantidos na coleção. O primeiro critério de avaliação para o desbaste foi o número de empréstimos efetuados. Foram remanejados todos os títulos com ZERO empréstimo no período de 2013 a 2017. Esses periódicos ficaram armazenados em salas fora do espaço da biblioteca pelo período de 2 anos. No entanto, alguns títulos, mesmo com zero empréstimo, não foram incluídos nessa seleção por serem publicações locais ou por serem coleções exclusivas do acervo de Botucatu. Esses foram mantidos no acervo.	1- Título com ZERO empréstimo no período de 2013 a 2017 2- Se a coleção é exclusividade BBO; 3- Se publicação local; 4- Estatística de empréstimo; 5- Se disponível online (se sim, ter coleção impressa em, ao menos, mais duas bibliotecas para comutação); 6- Se a coleção está disponível em mais de três bibliotecas do CCN, além de BBO; 7- Manter os fascículos disponíveis somente em BBO.
UNESP_5	N	Sem uso, desatualização do conteúdo, estado de conservação (fungo, etc.), falta de espaço
UNESP_6	doações a interessados	usabilidade, qualidade, outros
UNESP_8	A necessidade de espaço foi o principal motivo do desbaste. O espaço da Biblioteca é muito pequeno e a coleção de livros estava sem espaço para crescimento, além do espaço restrito para atuação da equipe.	Periódicos avulsos ou com poucos exemplares cujos títulos estavam em coleções disponíveis em outras bibliotecas da Universidade foram transferidos ou doados.
UNESP_9	Desbaste acontece pouco, geralmente a doação para outras unidades da Unesp. Apenas quando o material não tem mais condições físicas de manter, neste caso é digitalizado e guardado internamente o formato digital	Material danificado, ter em formato digital, ter impresso em outra unidade da Unesp
UNESP_11	Tivemos vários problemas de goteiras na biblioteca. Depois de solucionado o problema (reforma do telhado do prédio), fizemos uma varredura para identificar quais obras foram danificadas. Separamos os materiais e fizemos o possível para repará-los. O material que teve dano permanente foi enviado para reciclagem, pois não tinha condições para uso (mofo e páginas coladas).	Separamos o material que não seria possível restaurar e verificamos que outras bibliotecas da Rede Unesp e do convênio com o Comut possuíam o material. Assim, optamos por realizar o descarte.
UNESP_12	Analisamos relatórios de uso, o espaço físico, se tinha a coleção em outra biblioteca que faz parte do sistema de comutação do Ibict (CCN) e se existiam assinaturas no formato online	O mesmo da questão 38.
UNESP_13	Não tenho essa informação	Não tenho essa informação
UNESP_14	Tínhamos diversos títulos sem nenhum uso e que estavam deterioradas com a ação das pragas (brocas, etc). Também obras que não eram especificamente periódicos científicos. Quando surgiu a lei que descaracterizava os periódicos como material permanente, como	Obras que estejam danificadas (molhadas, rasgadas, com fungos ou mofo, etc.), com conteúdo fora do escopo para a comunidade

	sendo material de consumo, foi efetuado o desbaste da coleção com todo critério de uso, estado da obra, etc.	atendida ou que estejam desatualizadas e não possuam valor histórico
UNESP_15	Todo o processo foi abordado em questões anteriormente respondidas.	<p>Obsolescência Inadequação Condições físicas Duplicatas Pouco ou nenhum uso</p> <p>Gerenciado por bibliotecário, responsável pela metodologia, operacionalização, controle e manutenção das atividades técnicas, a organização do acervo obedece a critérios internacionais de padronização. E compete ao processamento técnico, preparar e organizar os documentos bibliográficos e colocá-los a disposição do usuário. Para desbaste do acervo seguimos critérios como: circulação, data de publicação, quantidade de exemplares, obsolescência do conteúdo, periódico disponível on-line, entre outros. Posteriormente, são oferecidas para outras universidades através de listagem, havendo interesse estas são enviadas para as mesmas, caso não haja interesse são disponibilizadas para os usuários.</p>
UNESP_16	Gerenciado por bibliotecário, responsável pela metodologia, operacionalização, controle e manutenção das atividades técnicas, a organização do acervo obedece a critérios internacionais de padronização. E compete ao processamento técnico, preparar e organizar os documentos bibliográficos e colocá-los a disposição do usuário. Para desbaste do acervo seguimos critérios como: circulação, data de publicação, quantidade de exemplares, obsolescência do conteúdo, periódico disponível on-line, entre outros. Posteriormente, são oferecidas para outras universidades através de listagem, havendo interesse estas são enviadas para as mesmas, caso não haja interesse são disponibilizadas para os usuários.	Gerenciado por bibliotecário, responsável pela metodologia, operacionalização, controle e manutenção das atividades técnicas, a organização do acervo obedece a critérios internacionais de padronização. E compete ao processamento técnico, preparar e organizar os documentos bibliográficos e colocá-los a disposição do usuário. Para desbaste do acervo seguimos critérios como: circulação, data de publicação, quantidade de exemplares, obsolescência do conteúdo, periódico disponível on-line, entre outros. Posteriormente, são oferecidas para outras universidades através de listagem, havendo interesse estas são enviadas para as mesmas, caso não haja interesse são disponibilizadas para os usuários.
UNESP_17	Nada	Nada
UNESP_22	Não tenho nada pra informar a mais do que já foi respondido	para o desbaste foi considerado praticamente os periódicos que não eram usados
UNICAMP_2		
UNICAMP_3	Foi feito um estudo pra avaliar a retirada dos periódicos do acervo, o estudo durou mais de 6 meses. Foram feitos levantamentos através de relatórios gerenciais, discussão com a Comissão de bibliotecas, estudo e análise da Instrução da Universidade, estratégia de como seria enviada as listas tanto internamente como externamente, houve envolvimento de toda a equipe. O desbaste ocorreu somente em periódicos que eram da área básica. Os títulos de	Duplicidade de títulos com outras unidades da Universidade; Acesso online; acesso via Portal da Capes; Títulos da área básica; área para convívio dos usuários da biblioteca.

	periódicos que eram específico da área de Odontologia permaneceram, não foram retirados um títulos sequer.	
UNICAMP_7	O desbaste ocorreu com os exemplares que não possuíam mais relevância na biblioteca, e alguns que estavam disponíveis em plataformas digitais. Não fizemos um projeto, mas readequamos um período do nosso dia a dia para trabalharmos com o desbaste. Foi comunicado a coordenação do Centro e, posteriormente, fizemos uma planilha com os títulos e exemplares a serem remanejados. Divulgamos para as outras bibliotecas do campus os exemplares e, as que manifestaram interesse, fizemos a doação. Os outros títulos foram para a reciclagem do campus.	Coleções obsoletas e coleções que já estavam em plataformas digitais.
UNICAMP_8	Os especialistas foram convidados para avaliar quais títulos seriam descartados.	Foram indicados para descarte os títulos com coleções incompletas, e dentre estas, foram retidas aquelas que os especialistas indicaram para continuar na coleção.
UNICAMP_9	Neste momento estamos redigindo os procedimentos para balizar estas ações. Toda ação de desbastamento no acervo tem a participação da Comissão de Biblioteca que possui um representante de cada Departamento, que verifica com sua área a possibilidade de não ter determinado periódico na Biblioteca. Como exemplo temos a área de História da Ed. Física, que para eles não há obsolescência. Sempre temos este amparo.	Os critérios estão sendo estudados neste momento
UNICAMP_10	Foi um trabalho meticuloso, pois tivemos que analisar títulos e tb checar nas estantes	Retiradas das duplicatas nas estantes bem como na insutuição
USP_1	Quando eu assumi a coleção de periódicos em 2016 recebi a tarefa de "resolver" a falta de espaço, mas isso não existe sem apoio institucional. Há 3 anos conseguimos que o conselho coordenador da biblioteca analisasse a lista de 110 títulos que bibliotecárias experientes que não estavam mais na FAU tinha identificado como potenciais descartes. A maioria dos títulos foram aprovados porque não são específicos das áreas de estudo da FAU, existem em outras bibliotecas da universidade (por muitos anos todas recebiam alguns títulos em comum mesmo sendo de assuntos alheios). Na lista apresentada constava também o espaço ocupado por cada coleção, ou seja, o espaço que seria liberado para títulos correntes ou mais importantes que estavam muito apertados ou sem espaço para crescer.	O principal critério foi a temática pouco relacionada à FAU ou muito específica a outra faculdade, por exemplo as revistas sobre cimento.

USP_3	<p>Apesar de ter tido sempre desbaste de jornais e revistas de divulgação, podemos considerar como primeiro desbaste de grande impacto, o referente a 418 títulos de compra duplicados. Na ocasião, além da Biblioteca Central, havia mais 3 Bibliotecas Setoriais, e os títulos duplicavam entre elas. A partir daí foram feitas diversas avaliações de acervo: de títulos de referência, onde foram descartados diversos abstracts, de títulos recebidos através de doação e de permuta. Em todas as avaliações de acervo, foi formada uma equipe interdisciplinar, onde foram definidas as atribuições dos integrantes, e a partir daí, foi elaborado um Cronograma de Atividades. Esta ferramenta foi fundamental para o acompanhamento das ações e dos prazos, de modo que qualquer eventualidade que por ventura surgisse pudesse ser revista e reajustada sem prejuízo para a meta do trabalho. Os critérios e a metodologia foram definidos previamente, na etapa do planejamento. O próximo passo foi identificar os possíveis riscos e proceder a sua análise, de modo que problemas futuros fossem antecipados e medidas preventivas fossem sugeridas para que tais interferências não prejudicassem o andamento do trabalho. Os títulos descartados foram disponibilizados para outras bibliotecas que manifestaram interesse. A avaliação proporcionou maior qualidade e adequação do acervo, considerando a relevância do assunto e as condições do material, impactando assim positivamente na agilidade dos serviços de atendimento ao cliente. Em relação à contribuição ao uso dos recursos públicos, foi previsto uma economia futura que se faria na manutenção das coleções impressas, quanto à preservação (encadernação, restauro e higienização), o uso de fitas magnéticas e compra de estantes. A colaboração, a pró-atividade e o comprometimento de toda equipe foram fatores determinantes para os resultados positivos alcançados nestas avaliações de acervo!</p>	<p>Seguem abaixo os critérios considerados para desbaste ou descarte, utilizados em conjunto:</p> <ul style="list-style-type: none"> • títulos de periódicos não pertinentes ao núcleo básico da coleção; • coleções não correntes e com falhas; • títulos de periódicos que não apresentem demanda; • periódicos de divulgação e/ou de interesse temporário; • títulos de periódicos disponíveis online; • periódicos recebidos em duplicata; • títulos de periódicos existentes em outras bibliotecas da USP ou no CCN, com garantia de acesso compartilhado (COMUT); • condições físicas inadequadas, sem interesse/disponibilidade de recuperação; • idioma inacessível; • sem ranqueamento – QUALIS/CAPES e sem Fator de Impacto - JCR.
USP_4	<p>As avaliações e retiradas de títulos são realizadas frequentemente, sempre baseadas na obsolescência e pouco uso do título. Todos os títulos importantes das áreas de interesse da instituição são mantidos na coleção. Não há desbaste para acomodar títulos em outros espaços. São retirados de coleção somente quando é caso de descarte.</p>	<p>Conforme a resposta da questão acima, são mantidos na coleção todos os títulos impressos considerados importantes para as áreas de interesse da instituição. Somente no caso de periódicos assinados, cancela-se a assinatura para manter a versão online, se houver.</p>
USP_5	<p>Eu participei do projeto, que foi coordenado por bibliotecária que aposentou-se. Eram duplas de bibliotecários que analisavam as coleções com os critérios estabelecidos para descartar. A partir das seleções para descarte, o grupo se reunia para fazer nova triagem.</p>	<p>Ser de interesse temático para a área da saúde, duplicidade com outra biblioteca da Universidade, estado físico, tamanho da coleção (completa ou não), tipo de periódico, por exemplo, bibliografias que fazem parte de bases de dados bibliográficas digitais foram descartadas</p>

USP_6	A primeira fase do desbaste foi o remanejamento de coleções que não tinham uso há mais de 10 anos para um arquivo deslizante. Na fase atual estamos planejando o descarte do material que se encontra disponível em dark archives, ou que a instituição tenha adquirido os backfiles.	Acredito que essa pergunta tenha sido respondida ao longo de todo o questionário.
USP_7	Fizemos um projeto para estudo do acervo, criamos critérios para avaliação e submetemos esses critérios o os resultados à comissão de biblioteca da unidade	Pertinência para o acervo, coleções históricas para a unidade, se possuíam produções dos nossos docentes, idade da coleção, se existiam no CCN ou em outras unidades USP.
USP_9	O processo é contínuo, sempre que renovamos as assinaturas e verificamos a duplicidade ou quando fazemos a junção dos acervos das setoriais	Quando outra biblioteca da USP tinha a coleção impressa, são títulos de interesse geral que está disponível online
USP_11	Feito o levantamento das coleção que eram Doações, passamos pela Comissão de Biblioteca , Congregação, CTA e oferecemos para Doações a outras entidades.	Ser doação, coleção incompleta, deterioração, sem uso ou pouco uso, pertinente a área ou não, ter em outra unidade da USP.
USP_12	Tinhamos muitos títulos de doação, os quais não tinham a ver com o acervo e havia em outras bibliotecas da USP ou estavam disponibilizados online, e como não havia continuação das coleções por assinatura, tiramos do acervo. Tiramos também todas as coleções que estão em duplicata no acervo da Biblioteca da EESC, a qual é curadora de parte de nossa coleção e administra as assinaturas, pois quando fomos adquirir essa coleção para o acervo, não teremos duplicatas.	títulos de difícil localização em outras bibliotecas e internet e de muito uso
USP_13	O último desbaste ocorreu durante a reforma da biblioteca, foi realizado apenas com os fascículos duplicados e outros títulos que tinham sido doados no passado e nunca foram incorporados como periódicos correntes no acervo. A doação foi oferecida primeiramente para a própria USP e posteriormente para universidades públicas.	Fascículos duplicados, sem periodicidade, desgaste do material físico e assinatura perpétua da versão online aliada à baixa procura pela versão impressa.
USP_15	Envio de itens deteriorados para reciclagem após consulta às Bibliotecas (doação) para liberação da área devido obra/reforma no local.	Desbaste: itens/coleções disponíveis em outras Bibliotecas e/ou acesso digital/online; usabilidade da coleção; deterioração dos itens; Retenção: itens/coleções não disponíveis em outras Bibliotecas e/ou acesso digital/online; usabilidade da coleção.

USP_16	O objetivo é liberar espaços para outros projetos que tornem a biblioteca mais atrativa para os alunos principalmente da graduação, uma vez que os títulos estão disponíveis em outras bibliotecas e ou online.	Disponibilidade em outras bibliotecas da USP e online.
USP_17	Além de algumas coleções disponíveis em formato eletrônico pela própria Universidade e CAPES, um outro critério adotado foi o desbaste de títulos de assuntos de pouca pertinência para a área da Psicologia, ou que outra Biblioteca da Universidade também possuía a mesma coleção com maior completeza.	Para o desbaste, a disponibilidade no formato eletrônico, disponibilidade em outras bibliotecas com maior completeza, baixa relevância para a área, estado de conservação ruim.
USP_18	Levou-se em consideração o assunto pertinente aos cursos da FEA/USP, se havia mesma coleção em outra unidade dentro do campus Cidade Universitária, se era doação e se já existe a coleção online desde que de acesso permanente.	Avaliação feita pelo Conselho de Biblioteca e Bibliotecários responsáveis
USP_19	A bibliotecária responsável pelo setor elaborou um plano de trabalho.	Periódicos com muita relevância e de maior procura pelos usuários.
USP_21	Temos um acervo formado ao longo de 40 anos, nessa formação foram acrescentados muitos títulos informativos ou seja, sem conteúdos científicos, conteúdos informativos não precisa de armazenamento perpétuo. Também, foram descartados coleções recebidas por doações, que contém apenas conteúdo informativos. e, outras que pereceram porque a qualidade do papel era muito ruim.	revistas com conteúdos informativos e recebidas em doação com publicação há mais de 30 anos. Preservou-se todas as revistas com conteúdos científicos.
USP_23	Ainda não foi executado o desbaste.	ainda não foi realizado o desbaste mas pretende-se utilizar os critérios mencionados como:baixa usabilidade, possibilidade de armazenar em outro prédio dentre da Universidade, preferencia dos usuários por versão digital,

Observação: Não há resposta visível para a biblioteca UNICAMP_2, nas questões nº.38 e n.38a, não conseguimos identificar a falha. A Questão 38 era de preenchimento obrigatório, deveria ter registro de algum tipo de caractere. Ao aferirmos as resposta preenchidas no formulário do google, há o indicativo de seis respostas, entretanto apenas cinco estão visíveis.